



ESCOLA SUPERIOR DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE

ECOLOGIA DO ENCANTAMENTO
De Canções com Crianças ao Abraço no Planeta

Por

MARCO AURÉLIO FARIA COELHO
(QUERUBIM)

NAZARÉ PAULISTA, 2025



ESCOLA SUPERIOR DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE

ECOLOGIA DO ENCANTAMENTO
De Canções com Crianças ao Abraço no Planeta

Por

MARCO AURÉLIO FARIA COELHO
(QUERUBIM)

COMITÊ DE ORIENTAÇÃO

PROF^a. DR^a. SUZANA MACHADO PADUA
PROF. DR. MARCOS AFFONSO ORTIZ GOMES
PROF. DR. FABIO RUBIO SCARANO

TRABALHO FINAL APRESENTADO AO PROGRAMA DE MESTRADO
PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE E DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL COMO REQUISITO PARCIAL À OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

IPÊ – INSTITUTO DE PESQUISAS ECOLÓGICAS
NAZARÉ PAULISTA, 2025

Ficha Catalográfica

Coelho, Marco Aurélio Faria (Querubim)

Ecologia do Encantamento – De Canções com Crianças ao Abraço no Planeta, 2025. 325 pp.

Trabalho Final (mestrado): IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas

1. Ecologia do Encantamento
2. Arte-Educação
3. Educação Socioambiental
4. Abraço no Planeta
- I. Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade, IPÊ

BANCA EXAMINADORA

LOCAL E DATA

Prof^a. Dr^a. Suzana Machado Padua

Prof. Dr. Marcos Affonso Ortiz Gomes

Prof. Dr. Fabio Rubio Scarano

*Como cuidar do que não se ama,
como amar o que não se conhece?*

AGRADECIMENTOS

HONRO E AGRADEÇO A TODAS E TODOS QUE ACREDITARAM E ACEITARAM MEUS CONVITES PARA PROMOVER O ENCANTAMENTO E O AMOR PELA VIDA. HONRO E AGRADEÇO A TODAS E TODOS POR QUEM FUI CONVIDADO E/OU APOIADO NESSA JORNADA. OS NOMES QUE NÃO COUBERAM NESSA PÁGINA HABITAM MEU CORAÇÃO, ONDE TODAS E TODOS ESTÃO.

ADALCINO FERREIRA ADOLFO FIGUEIREDO ALEXANDRE UEZU ALINE FERREIRA ALINE MIGUEL AMANDA BIMBATTI ANA BAREZI ANA CAROLINA FERREIRA ANA CECÍLIA TONACO ANA CRISTINA ANDRÉ ANA CRISTINA F. COELHO ANA FLÁVIA MARTINS ANA LOPEZ ANA PAULA J. PEREIRA ANA PAULA RABELO ANDRÉ JABUR ANDRÉ SALOMÃO ANDREA PEÇANHA ANDREA PUPO ANDRÉIA SZORTYKA ANDRESSA ZAPATERRA ANTONIO CARLOS GOMES DA COSTA ANTÔNIO PEIXOTO COELHO AUGUSTO JATOBÁ BEATRIZ SANTOMAURO CARLA BARBOSA CARLA LOPES CARLIM RIBEIRO CARLOS HENRIQUE F. COELHO CARLOS JÚNIOR CAROLINA TOFOLLI CELSO ADOLFO CHAYENE COTRIN CLAUDIO PADUA CLEUSA BERNARDES CRISTIANA SADDY CRISTIANE PRIZIBISCZKI CRISTIANE ROCHA DANIELA GOMES DANIELA TOMAZINI DÁRIO CARDOSO JR DAVHI PINHEIRO DEFERSON MELO DÉRCIO MARQUES DIEGO MARTINS ELIANE GARCIA EMERSON ALMEIDA ENZO BANZO FABIO SCARANO FABRÍCIO PENHA FÁTIMA BEZERRA FERNANDA CRAVO FRANCIELE DINIZ FRANCINE REZENDE GEISA BARBOSA GIANCARLO FRANÇA GILSON MIRANDA GIRIDHARI DAS GIULIA DELLA MONICA GLÁUCIO HENRIQUE CHAVES GRACIELLA TONACO GUILHERME ALVES HENRIQUE VIEIRA IARA DINIZ IOLEIDES CABRAL Ir. CONCEIÇÃO FERREIRA Ir. MARGARIDA LINS Ir. MARISTELA SOUZA ISABELA DE ABREU IVAN MARQUES IVAN RIBEIRO IVENE VIEIRA IZAURA DE RESENDE COELHO JANAINÉ LONGHI JOÃO PASSARIM JOSÉ DE CASTRO JOSÉ SANTANA JULIANA ABREU JULIANA DELA NOCE JUSCELINO MARTINS KADU CABRAL KAINÃ BRAGIOLA KAREN KRISTINA SILVA KÁTIA QUEIROZ KAYAMI SATOMI LEONARDO BOFF LINDA-MAR PEIXOTO LUCIANO RODRIGUES LUCIENE ANDRADE LUDMILA MONTEIRO LUIZ SALGADO LUIZA MONTOYA MACIEL VASCONCELOS MAÍRA DE ÁVILA MARCELO BANZAI MARCELO BRANCO MARCELO MAMEDE MARCO TÚLIO MORAIS MARCOS CABRAL MARCOS ORTTIZ MARCUS PATENTE MARIA DAS GRAÇAS SOUZA MARIA TERESINHA FARIA COELHO MARIA TOBIAS DE FARIA MARIAH RANGEL MARIANA RODRIGUES MARIANA SILVESTRE MARIANE DE ÁVILA MARINA HIDEKO MARINA VARGAS MARIO LEONARDO MARJORIE AZEVEDO MEIRE MAGALHÃES MICHELE BORGES MILTON NASCIMENTO MIRTES JÚLIA FERREIRA MÔNICA MACHADO MONICA PICAVÊA NÁDIA CRISTINA SANTOS NATALÍCIA MARIA DE JESUS NAYARA FERNANDES NEIRIMAR DA SILVA NEIVA COELHO OLEGÁRIO ALVES DE FARIA PABLO MENDONÇA PATRÍCIA RIBEIRO PAULO DIAS Pe. HÉLIO SOARES Pe. ROGÉRIO ALVES PEDRO CARVALHO PEDRO TELES PENA BRANCA POLIANA DINIZ PRISCILA ROCHA RAFAEL JACK RAFAEL MICHALICHEM RAFAEL MILANEZ RAMIRO ÁVILA REGINALDO JORDÃO RENATA RIBEIRO RIBERTO DE SOUSA JR RICARDO CAMPOS ROBERTA LIZ ROBERTA WATANABE RODRIGO CRESPO RODRIGO FERREIRA RODRIGO OLIVEIRA RONAN VAZ ROSANE CARRIJO ROSANGELA SILVA ROSIANE CARRIJO RUBEM ALVES SÂMELA JANNIE SIBÉLIA ZANON SILVIA SANT'ANA SIMENE GONÇALVES SIMONE MEDEIROS SÔNIA ABREU SÔNIA FAGUNDES SUELY ROSA SUZANA PADUA TACIANA MEDEIROS THAÍS FERREIRA THIAGO CORRÊA TIÃO ROCHA VALÉRIA SILVA VÂNIA FIGUEIREDO VILMAR ANTÔNIO COELHO VITAL FARIAS VIVALDO JÚNIOR VIVIANE RODRIGUES WALTUIR ALVES YOHANA MELLO YONE CORRÊA YUJI KODATO ZEZÉ ZAKIA

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	v
LISTA DE FIGURAS.....	4
LISTA DE ABREVIACÕES.....	7
RESUMO.....	9
ABSTRACT.....	10
APRESENTAÇÃO.....	11
TEM UMA CRIANÇA ALI DENTRO DAQUELA PESSOA.....	11
POR UMA <i>ECOLOGIA DO ENCANTAMENTO</i>	17
1 INTRODUÇÃO.....	17
2 JUSTIFICATIVA.....	22
3 OBJETIVOS.....	22
3.1 Objetivo geral.....	22
3.2 Objetivos específicos.....	22
4 METODOLOGIA.....	23
4.1 A Perspectiva Ecologista de Educação e a Pesquisa Narrativa.....	24
4.2 A metodologia de análise.....	28
5 REFERENCIAL TEÓRICO.....	30
5.1 Para onde vai o mundo?.....	30
5.2 E se o paraquedas não abrir?.....	40
5.3 Para onde estamos caminhando na educação?.....	43
5.4 Olhar em volta.....	53
5.5 Uma trilha por 4 Pilares, 7 Saberes, 3 Ecologias e Uma Ética Planetária.....	56
5.5.1 O Paradigma do Desenvolvimento Humano.....	57
5.5.2 A Educação Interdimensional e os Quatro Pilares da Educação..	59
5.5.3 <i>Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro</i>	65
5.5.3.1 As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão.....	66
5.5.3.2 Os princípios do conhecimento pertinente.....	66

5.5.3.3 Ensinar a condição humana.....	67
5.5.3.4 Ensinar a identidade terrena.....	68
5.5.3.5 Enfrentar as incertezas.....	70
5.5.3.6 Ensinar a compreensão.....	71
5.5.3.7 A ética do gênero humano.....	73
5.5.4 <i>As Três Ecologias</i> e a estratégia micropolítica da ecosofia.....	76
5.5.4.1 Ecologia ambiental.....	78
5.5.4.2 Ecologia social.....	79
5.5.4.3 Ecologia mental (ou subjetiva).....	79
5.5.4.4 Ecosofia: uma nova ética para o futuro.....	80
5.5.4.5 Micropolítica e experimentação.....	81
5.5.5 Uma ética planetária de amor e cuidado com a vida.....	83
5.5.5.1 <i>A Carta da Terra</i>	83
5.5.5.2 A ótica do cuidado: ética planetária e ética biofílica.....	85
5.6 Alfabetização ecológica.....	93
5.7 A potência dos encontros e a dinâmica do encantamento.....	101
5.7.1 Por uma nova educação que nos leve ao encantamento e ao amor pela vida.....	101
5.7.2 Criança e arte, planeta por toda parte.....	105
6 RESULTADOS.....	108
6.1 Agir em volta.....	108
6.2 Parte I - <i>A Pedagogia do Encantamento</i> (1996 a 2011).....	110
6.2.1 Surgimento e sistematização.....	110
6.2.2 <i>Pedagogia do Encantamento: Vivência e Criação Artística</i>	118
6.2.2.1 Experiência artística e desenvolvimento humano.....	122
6.2.2.2 Etapas.....	125
6.2.3 <i>Pedagogia do Encantamento: Cultura do Brincar</i>	131
6.2.3.1 Brincar e fazer arte.....	134

6.2.4 A Revolução da Alegria, do Encantamento e do Viver para o Ser	136
6.3 Parte II - O Abraço no Planeta e a Ecologia do Encantamento (2012 a 2025).....	146
6.3.1 Expandindo uma cosmovisão.....	150
6.3.2 Cosmoação: um chamado da cosmovisão.....	167
7 PRODUTO.....	185
7.1 A Oficina Ecologia do Encantamento e o Guia Parte da Gente: por uma Ecologia do Encantamento.....	185
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	206
REFERÊNCIAS.....	213
APÊNDICES.....	226
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIDO.....	227
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO - OFICINA ECOLOGIA DO ENCANTAMENTO.	229
APÊNDICE C – RELATÓRIO DE ATIVIDADES E METAS – EDUCADOR DO AMANHÃ.....	257
APÊNDICE D – GUIA PARTE DA GENTE: POR UMA ECOLOGIA DO ENCANTAMENTO.....	279

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imagem do aluno Marco Aurélio Querubim sob o pórtico da entrada do Parque Estadual do Morro do Diabo, em trabalho de campo na disciplina Biologia da Conservação, ministrada pelo professor Cláudio Pádua em agosto de 2024, na cidade de Teodoro Sampaio, Pontal do Paranapanema, SP. O aluno aponta para as palavras conhecer e conservar por dialogarem com a frase que representa a instigação que o levou ao mestrado da ESCAS em 2023: “Como cuidar do que não se ama, como amar o que não se conhece?”	16
Figura 2: Gráfico mostra os 9 <i>Limites Planetários</i> que definem até onde o desenvolvimento humano pode chegar sem afetar de forma irreversível a capacidade regenerativa da Terra.....	31
Figura 3: “Mudanças observadas (1900-2020) e projetadas (2021-2100) na temperatura da superfície global (em relação a 1850-1900), que estão ligadas a mudanças nas condições e impactos climáticos, ilustram como o clima já mudou e mudará ao longo do período de vida de três gerações representativas (nascidas em 1950, 1980 e 2020)”.....	33
Figura 4: Diferentes enfoques para a atividade humana Economia, considerando a sociedade e o meio ambiente.....	36
Figura 5: Concepção simplista da sequência de fatos: passado, presente, futuro, linearmente.....	37
Figura 6: Concepção complexa da sequência de fatos.....	38
Figura 7: Quadro “Uma visão do todo”	63
Figura 8: Lacunas a serem observadas e aprofundadas entre o ideal da Educação Interdimensional — voltada para o encantamento com a vida — e um sistema de educação tradicional	104
Figura 9: Álbuns musicais, livros e produções audiovisuais do Grupo EMCANTAR, envolvendo crianças, jovens e educadores participantes de projetos artísticos e educacionais do EMCANTAR Social entre 1999 e 2024	113
Figura 10: Produção artístico-literária de crianças e jovens participantes de projetos artísticos e educacionais do EMCANTAR Social entre 2007 e 2022	113
Figura 11: 1) Primeiros encontros 2) Ensaio para primeira apresentação 3) Apresentação em escola - Imagens: Acervo EMCANTAR / 4) Lançamento CD EMCANTAR - Imagem: Beto Oliveira / 5) 100ª apresentação EMCANTAR 6) Pena Branca e Marco Aurélio Querubim - Imagens: Eugenio Pacelli.....	117

Figura 12: Diagrama da metodologia <i>Vivência e Criação Artística</i>	120
Figura 13: Espetáculo <i>Escutatória</i>	122
Figura 14: <i>Banners</i> de espetáculos musicais do repertório do Grupo EMCANTAR ...	130
Figura 15: Imagens de oficinas do EMCANTAR Social nas linguagens de Artes Cênicas, Música, Literatura, Audiovisual e Brincadeiras Populares	131
Figura 16: Diagrama da metodologia <i>Cultura do Brincar</i>	133
Figura 17: Imagens de infância do aluno, que representam, no contexto desta pesquisa, o ‘Seo Minino’	149
Figura 18: Captura de tela do <i>Documentário Roda a Roda</i>	170
Figura 19: Imagem da página do aplicativo Strava, usado para registro de atividades e percursos	171
Figura 20: <i>Print</i> do perfil do autor no Instagram	172
Figura 21: Momento da <i>live</i> de lançamento da <i>Pedagogia do Encantamento</i>	174
Figura 22: Capturas de telas das Aulas 3, 4, 5 e 6 do <i>Curso Online Pedagogia do Encantamento</i>	176
Figura 23: Capa do álbum <i>Abraço no Planeta</i>	178
Figura 24: Capa do álbum <i>O Desenho das Coisas do Mundo</i>	178
Figura 25: <i>Prints</i> de telas: A) Espetáculo Musical <i>Abraço no Planeta</i> e B) Gravação do álbum <i>O Desenho das Coisas do Mundo</i>	179
Figura 26: A) <i>Espetáculo Musical Abraço no Planeta - Melhores momentos em Uberlândia</i> ; B) <i>Espetáculo Musical Abraço no Planeta - Melhores momentos em Uberaba</i> , com <i>print</i> de tela apresentando a espectadora mencionada no texto	181
Figura 27: <i>Print</i> de tela do <i>Espetáculo Abraço no Planeta – Íntegra em Uberaba – MG</i>	182
Figura 28: A) <i>Print</i> de tela da <i>Mostra Artística - Educador do Amanhã 2024</i> ;) <i>Print</i> de tela do documentário do processo.....	184

Figura 29: Composição de imagens que ilustram diferentes acontecimentos interrelacionados que consolidam a jornada epistêmica-ética-estética empreendida pelo autor, dando origem a uma abordagem dinâmica denominada Tríade do Envolvimento, que é base para o <i>Guia Parte da Gente: por uma Ecologia do Encantamento</i> , cujo itinerário foi vivenciado na <i>Oficina Ecologia do Encantamento</i>	185
Figura 30: Imagens da <i>Oficina Ecologia do Encantamento</i> – Parque do Sabiá – 16 maio 2025	188
Figura 31: Registro dos participantes da oficina, após a atividade de encerramento .	201
Figura 32: Resumo do roteiro da <i>Oficina Ecologia do Encantamento</i> em tópicos	201
Figura 33: <i>Print</i> de tela com momentos da <i>Oficina Ecologia do Encantamento</i>	204
Figura 34: <i>Print</i> da tela do <i>site</i> do Grupo EMCANTAR, com a imagem do <i>Guia Parte da Gente</i> disponível para <i>download</i> gratuito, pelo <i>link</i> https://www.emcantar.org/guia-parte-da-gente	205

LISTA DE ABREVIACÕES

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEMEPE	Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz
CMI	Capitalismo Mundial Integrado
COP	Conferência das Partes
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EDS	Educação para o Desenvolvimento Sustentável
GA	Grande Aceleração
IAMAR	Instituto Alair Martins
IAR	Instituto Algar
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPCC	Intergovernmental Panel on Climate Change (Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima)
IPÊ	Instituto de Pesquisas Ecológicas
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
OMM	Organização Meteorológica Mundial
ONU	Organização das Nações Unidas
OSC	Organização da Sociedade Civil
PDH	Paradigma do Desenvolvimento Humano
PEE	Perspectiva Ecologista de Educação
PIB	Produto Interno Bruto

PNE	Plano Nacional de Educação
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PNUMA	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
RDH	Relatório de Desenvolvimento Humano
RSE	Responsabilidade Social Empresarial
SRC	Stockholm Resilience Centre
SYR	Relatório Síntese do IPCC
TE	Tecnologia Educacional
UNDP	United Nations Development Programme
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

RESUMO

Resumo do Trabalho Final apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre

ECOLOGIA DO ENCANTAMENTO De Canções com Crianças ao Abraço no Planeta

Por

Marco Aurélio Faria Coelho (Querubim)

Agosto 2025

Comissão orientadora: Prof^a. Dr^a. Suzana Machado Padua, Prof. Dr. Marcos Affonso Ortiz Gomes, Prof. Dr. Fabio Rubio Scarano.

Em um momento marcado por uma crise ambiental antropogênica de proporções inéditas, esta dissertação tem como objetivo sistematizar a *Ecologia do Encantamento* como uma estratégia de educação socioambiental que articula arte, cultura, ciência e ética. A pesquisa parte da premissa de que o encantamento com a vida e o mundo natural pode ser um caminho potente para despertar a consciência ecológica, fomentar o conhecimento e promover transformações comportamentais rumo a uma cidadania planetária. O percurso metodológico delineou-se por realizar uma abordagem qualitativa, articulando revisão da literatura, pesquisa narrativa e análise documental da experiência artístico-pedagógica da Cia. Cultural EMCANTAR, cuja prática inspirou a formulação da Tríade do Envolvimento. Tal enfoque compreende a vivência integrada de três dimensões complementares: a Estética (sensibilidade), que promove a abertura à experiência sensorial e emocional por meio da arte e da natureza; a Epistêmica (compreensão), que amplia a visão de mundo com o conhecimento científico e os saberes ancestrais; e a Ética (ação), que convoca ao compromisso com valores e práticas de cuidado e responsabilidade socioambiental. A partir dessa sistematização, amalgamada com a jornada criativa de canções autorais que originaram o álbum e o espetáculo musical *Abraço no Planeta* (Abraço [...], 2023a), foi elaborado como produto final o *Guia Parte da Gente – por uma Ecologia do Encantamento*, cuja aplicabilidade foi testada em uma oficina de formação com educadores. A experiência demonstrou a viabilidade da proposta, revelando conexões afetivas, reflexões críticas e disposição para a ação pedagógica. Os relatos espontâneos dos participantes confirmaram a potência transformadora do encantamento como via educativa e indicaram a possibilidade de incorporação da abordagem em contextos diversos. Os resultados da avaliação qualitativa e quantitativa evidenciaram que o itinerário da oficina, proposto no guia, é acessível, inspirador e aplicável a diferentes realidades educativas em favor de um afetivo e amoroso abraço no planeta.

Palavras-chave: Ecologia do Encantamento; Arte-Educação; Educação Socioambiental; Abraço no Planeta.

ABSTRACT

Abstract do Trabalho Final apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre

ECOLOGY OF ENCHANTMENT From Songs with Children to Embracing the Planet

By

Marco Aurélio Faria Coelho (Querubim)

August 2025

Advisors: Prof^a. Dr^a. Suzana Machado Padua, Prof. Dr. Marcos Affonso Ortiz Gomes, Prof. Dr. Fabio Rubio Scarano.

At a time marked by an unprecedented anthropogenic environmental crisis, this dissertation aims to systematize the Ecology of Enchantment as a socio-environmental education strategy that combines art, culture, science, and ethics. The research is based on the premise that enchantment with life and the natural world can be a powerful path to awakening ecological awareness, fostering knowledge, and promoting behavioral transformations toward planetary citizenship. The methodological approach was outlined by a qualitative approach, combining a literature review, narrative research, and documentary analysis of the artistic-pedagogical experience of the Cia. Cultural EMCANTAR, whose practice inspired the formulation of the Triad of Engagement. This approach encompasses the integrated experience of three complementary dimensions: Aesthetics (sensitivity), which promotes openness to sensory and emotional experience through art and nature; Epistemics (understanding), which broadens the worldview with scientific knowledge and ancestral wisdom; and Ethics (action), which calls for commitment to values and practices of care and socio-environmental responsibility. From this systematization, combined with the creative journey of original songs for the album and the musical show “Embrace the Planet” (Abraço [...], 2023a), a final product was made: the guide “Part of Us - for an Enchantment Ecology”, whose applicability was tested at an educator's workshop. The experience demonstrated the viability of the proposal, revealing affective connections, critical reflections, and a willingness to engage in pedagogical action. Participants' spontaneous accounts confirmed the transformative power of enchantment as an educational pathway and indicated the possibility of incorporating the approach into diverse contexts. The results of qualitative and quantitative evaluation showed that the workshop itinerary recommended in the guide is accessible, inspiring, and applicable to different educational realities for a more affective and lovely way to embrace the planet.

Keywords: Ecology of Enchantment; Art Education; Socio-Environmental Education; Hug on the Planet.

APRESENTAÇÃO

TEM UMA CRIANÇA ALI DENTRO DAQUELA PESSOA

Nasci ao meio-dia de um dia chuvoso no meio de março. Sou filho de Maria Teresinha, professora de Filosofia da Educação no Magistério, e Vilmar Antônio, professor de Literatura e Português no Ensino Médio e Fundamental, ambos aposentados da rede pública de ensino de Minas Gerais. Sou neto de Izaura e Antônio, Maria Tobias e Olegário, gente simples que nasceu e viveu na roça, no sertão do cerrado mineiro. Pessoas do campo que migraram da zona rural para a cidade de Araguari, onde nasci. Quando criança, o cerrado predominava, cedendo espaço para o gado e lavouras pequenas. Não demorou muito para ver o café, a soja, o milho e o eucalipto se espalharem por lavouras de monocultura a perder de vista. Parecia que o mundo estava aumentando...

Nascer não foi uma tarefa fácil. Quase não nasci, não sei se por mim — talvez não quisesse chegar — ou por minha mãe, que sofreu por mais de 24 horas tentando me empurrar até a exaustão de suas forças. Mas consegui chegar, a fórceps!

Sempre senti, no mais profundo de mim, que estou numa jornada incessante de descobertas sobre quem sou, onde estou, o que quero e o que devo fazer, enquanto vivencio essa fricção existencial do que significa estar vivo e me saber um ser autoconsciente em um corpo. O corpo é uma coisa sensacional, uma maravilha de tecnologia da vida, um milagre na Terra e um mistério no Cosmos, uma unidade existencial autônoma que sente, deseja, pensa, age e se multiplica na linha do tempo, no território habitado.

Em minha primeira e segunda infância brinquei tudo o que pude, sem economizar o quintal, a imaginação e a criatividade. E desde os meus cinco anos que me percebo dentro de mim, com olhos, boca, nariz e ouvidos em uma cabeça, braços e mãos, pernas e pés, coração, pulmão e outros órgãos que me fazem funcionar como indivíduo, no caso, um ser humano, uma pessoa. Com o passar do tempo, fui percebendo tudo isso e que, para existir nesse lugar, é preciso comer, beber, dormir,

abrigar-se, brincar, exercer necessidades fisiológicas, aprender e agir; enfim, realizar a mim mesmo na medida em que conheço a mim e ao mundo que habito. Sempre soube que existo em um planeta. E desde criança fui me descobrindo portador de etiquetas, como cientista, filósofo, cantor, compositor, esportista, iogue, artista, inventor, estudante, educador, poeta, empreendedor, gestor etc. “Cientista é quem tem (cons)ciência do estado das coisas” – como diz o menino da Apresentação do livro *Escutatória* (2012a, p. 7).

Pois bem, nasci em 1972, a três meses da Conferência de Estocolmo (ONU, 1972), o primeiro evento global sobre o que se convencionou chamar de “Meio Ambiente”, promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU), 27 anos depois de seu surgimento em 1945, ao fim da Segunda Guerra Mundial. Cheguei então quando, pela primeira vez na história humana, grande parte das nações que representam os povos desse planeta se reuniu num esforço multilateral para debater sobre o seu impacto no planeta e o futuro da civilização.

Apesar de esses fatos históricos marcarem a narrativa da minha chegada a esse mundo, eles só se tornaram conscientes, importantes e determinantes para a minha jornada após os meus 25 anos. Somando a minha idade naquele momento e a idade da ONU, meio século já havia se passado desde a Segunda Guerra, período que se configurou como a *Grande Aceleração* (GA), marcando o início do *Antropoceno*, expressões sobre as quais falarei mais adiante. Nesse período, o desenvolvimento econômico se acentuou pela crescente industrialização e pelo consumismo desenfreado, provocando impactos globais sem precedentes na história em tão curto espaço de tempo.

Lá se vão 53 anos e o primeiro chamado mundial — que começou a ecoar em nível global a partir do ano em que nasci — ainda não alcançou a ressonância necessária para alterar a mentalidade humana em geral e, por consequência, o curso da história até os dias atuais. Nesse sentido, os grandes temas mundiais do contexto em que já me encontro com mais de meio século de vida são emergência climática, aquecimento global, perda de biodiversidade, desequilíbrio dos ecossistemas, desastres ambientais, desigualdade social, intolerância à diversidade étnica e cultural, pobreza, miséria, crise civilizatória etc. Como sujeito histórico e cidadão planetário, faço

parte de tudo isso. Recebi uma herança compulsória que veio acompanhada do chamado contido na definição de Desenvolvimento Sustentável do *Relatório Nosso Futuro Comum* (ONU, 1987): que tenho o dever desafiante de deixar o planeta às próximas gerações de seres vivos igual ou melhor do que o encontrei. Essa herança não é só minha, mas de todas as pessoas que coexistem nesta mesma época, coabitando este mesmo planeta.

Ao longo da minha jornada de insaciável aprendiz de mim mesmo e do que me envolve, venho constatando que, se tenho controle de algum aspecto da realidade, esse controle se exerce de dentro para fora. Começa pela autoconsciência e de uma abertura à humilde e transformadora percepção da interdependência e interconexão em que me encontro com os demais seres vivos e ecossistemas na teia da vida. Voltando-me para dentro, reconheço desde a infância uma crescente inclinação a um olhar ecológico de encantamento e reverência para com a diversidade da vida nas belezas naturais. Em meio a tudo isso, testemunho minha mínima e gradativa compreensão sobre a grandiosidade e o funcionamento do sistema terrestre.

Assim, quanto mais me envolvo e (re)conheço, mais me encanto e sinto um amor profundo. Desse amor e do conhecimento vem um querer cuidar, compartilhar com mais gente, agir promovendo o convite ao encantamento, ao conhecimento e à ação comprometida com uma ética de cuidado e amor à vida. Dizendo um pouco mais sobre esse amor, identifico nele a ressonância com o que me despertaram pessoas e textos os quais fizeram sentido em meu eu mais profundo e me instigaram a viver a práxis: a amorosidade ética de Paulo Freire, o amor delicado de Rubem Alves, o amor cuidado de Leonardo Boff, o amor biofílico de Antonio Carlos Gomes da Costa, o amor radical de Satish Kumar e o amor mais radical de Irmã Dorothy, Madre Teresa, Gandhi, São Francisco... São alguns dos meus referenciais de amor à vida como um todo interligado e ao planeta como pátria, ou melhor, mátria comum.

Daí, mais uma vez olhando para dentro, vim a identificar potencialidades capazes de servir a esse propósito comum e foi assim que há quase 30 anos me pus a descobrir, desenvolver e conjugar habilidades humanas de pensador, artista, empreendedor e educador por meio de um fazer artístico e pedagógico voltado a uma ética planetária.

A canção *A Minha Língua é Cantar* (A Minha [...], 2023), do amigo e artista Enzo Banzo, foi gravada no álbum *Abraço no Planeta* (Abraço [...], 2023b) e vem expressar o olhar dessa criança interior que me integra vividamente e impulsiona o meu caminhar numa jornada de fazer arte e encantar pessoas ao lado de outras parcerias valiosas com quem tenho construído a trajetória da Cia. Cultural EMCANTAR.

A MINHA LÍNGUA É CANTAR

Enzo Banzo

tinha uma criança ali
dentro daquela pessoa
que quando olhava pro mundo
de fora do mundo dela
com gente desencantada
sem fé sem brilho e sem cor

sonhava um super-herói
desses de superpoderes
empunhando algum brinquedo
um botãozinho, uma lâmpada

que lançasse pelo ar
luzes espalhafatosas
e cada rosto tocado
no rumo daquele raio
seria um rosto encantado
todo alegre e todo prosa

mas logo desanimava
pois herói não existia
muito menos um brinquedo
de luz mais forte que o dia

até que um dia a pessoa
acordou de olho fechado
porque viu que aquele herói
herói que tanto sonhava
nascia de dentro dela
ela mesma que criava

esse herói era a criança
que dentro dela morava
espantada com o mistério
travou a falar consigo

menino, quem é você?
menino, fale comigo!

como faço pra espalhar
o encanto, a luz e o brilho
pro rosto de cada gente
que aparece em meu caminho?

e a criança de voz mansa
com voltas em melodia
revelou como surgia:
a minha língua é cantar!

Fonte: A minha [...] (2023).

Após 15 anos de vivência em projetos e produções artístico-pedagógicas coletivas, envolvendo milhares de crianças, jovens, artistas e educadores, sem que eu soubesse, começava um novo ciclo despretensioso a convite dessa minha criança interior cuja língua é cantar. Um convite para um projeto em solitude: pedalar em até dez anos o equivalente a uma volta no planeta. Estava eu com 40 anos e a *Pedagogia do Encantamento* (Querubim, 2020) já era uma realidade amplamente vivenciada e sistematizada, vindo a ser aplicada por mais uma década antes de se tornar livro em 2020, quando completei de bicicleta o meu *Abraço no Planeta*. Dois anos antes do prazo, percorri a distância de 40.070 quilômetros. Coincide com esse período a decisão de meditar diariamente e não mais comer animais, tornando-me vegetariano e passando a pular até as carreiras de formigas que atravessam meu caminho nas estradas de chão.

Abraço no Planeta foi um projeto pessoal, poético e ecológico, extraordinário e singular, mas conectado a tudo que eu já havia vivido, e cheio de potências, de novas possibilidades. Partiu da alegria do movimento numa jornada criativa de composição de canções em cima da bicicleta, fluindo como um *Rio que Voa*¹ (Rio [...], 2023). E de volta ao ninho da coletividade, pela feitura de vários corações e mentes do Grupo EMCANTAR, das canções nasceu o álbum *Abraço no Planeta* (Abraço [...], 2023b) e, em 2024, o espetáculo musical com o mesmo nome.

O álbum musical *Abraço no Planeta* (Abraço [...], 2023b) é um gesto e uma declaração de amor à vida e à nossa casa comum, a mãe Terra. Sua chegada ao

¹ Uma das canções do álbum *Abraço no Planeta* (Abraço [...], 2023b), criada a partir de uma pedalada de 120 km dentro da floresta amazônica no estado do Pará e após conhecer o fenômeno dos Rios Voadores.

mundo em 2023 coincide — não por acaso — com a minha chegada no mestrado da ESCAS, pois em ambos os casos a mesma inquietação: “*Como cuidar do que não se ama, como amar o que não se conhece?*”.

E assim, com o desejo de fomentar o conhecer, o amar e o cuidar, uma proposta de ação: a partir da experiência de quase três décadas de vivência da *Pedagogia do Encantamento* (Querubim, 2020), sistematizar a *Ecologia do Encantamento* como uma abordagem de educação socioambiental sensível e de ampla aplicabilidade ao mesclar experiências estéticas a conhecimentos e comportamentos individuais responsáveis e sustentáveis.

Realizar um mestrado não estava em minhas pretensões. No final da graduação em Filosofia [2003], foram três convites de meus professores para essa empreitada, mas naquele momento eu só pensava em consolidar e identificar as reais contribuições do EMCANTAR para o mundo ao meu redor. Se isso acontecesse, talvez um dia valesse a pena dedicar-me a esse intento. A imagem da Figura 1, vinte anos após aqueles convites e uma longa história de feitos e fatos, evidencia: chegou a hora.



Figura 1 - Imagem do aluno Marco Aurélio Querubim sob o pórtico da entrada do Parque Estadual do Morro do Diabo, em trabalho de campo na disciplina Biologia da Conservação, ministrada pelo professor Claudio Padua em agosto de 2024, na cidade de Teodoro Sampaio, Pontal do Paranapanema, SP. O aluno aponta para as palavras **conhecer** e **conservar** por dialogarem com a frase que representa a instigação que o levou ao mestrado da ESCAS em 2023: “*Como cuidar do que não se ama, como amar o que não se conhece?*”.

Fonte: Arquivo pessoal do autor. Foto de Rodrigo Crespo (2024).

POR UMA ECOLOGIA DO ENCANTAMENTO

1 INTRODUÇÃO

Na manhã de 15 de dezembro de 1996, um domingo, na pequena cidade mineira de Araguari, aconteceu um encontro singelo e extraordinário, entre um jovem de 24 anos e um grupo de crianças. Um encontro que tinha como objetivo apresentar um convite aos integrantes do coral infantil da Igreja Rainha da Paz: cantar músicas populares, algumas pouco conhecidas, uma ideia inspirada no disco *Amigo* (Nascimento, 1995), em que a voz de Milton Nascimento se misturava a um coral de pequenos e pequenas. A resposta veio em olhinhos brilhantes, com sorrisos acesos e radiantes. Não sabíamos, mas ali nascíamos.

Do convite aceito formou-se um grupo inicial: um adulto ainda muito jovem e 13 crianças e adolescentes, com idade entre oito e treze anos. Como uma coisa puxa a outra na teia das relações, o que era para ser uma sequência de ensaios e uma única apresentação tornou-se um crescente círculo virtuoso de convites e mais apresentações. Para atender àqueles pedidos que nos enchiam de entusiasmo, era preciso um nome, que nunca imaginamos ser outro: EMCANTAR. Era assim mesmo, com "m", para juntar em uma só palavra aquilo que descobríamos na potência dos nossos encontros: o prazer em cantar e encantar, a reunião entre o canto e o encantamento.

Quando estávamos juntos, não nos limitávamos a ensaiar. Sempre dispostos em roda, conversávamos sobre os conteúdos das canções, especialmente aquelas que escolhíamos para gerar reflexões capazes de sensibilizar e cultivar uma consciência de que todos somos parte da natureza e estamos interconectados na complexa teia da vida. Todos os seres são interdependentes e têm o direito de existir nas suas respectivas jornadas. A letra de *Parte da Gente* (Parte [...], 2003), uma das canções do nosso segundo álbum – *Mutirão* (Mutirão, 2003) –, expressa essa visão de mundo compartilhada com crianças, jovens, artistas, agentes culturais e educadores, na medida que se aproximavam desse movimento artístico-pedagógico que começou a

despertar o interesse da comunidade, de famílias e de profissionais da cultura e da educação:

PARTE DA GENTE

Marco Aurélio Querubim

ser árvore
ser bicho
ser gente
ser água
ser rio corrente

ser terra que acolhe a semente
ser mente
ser gente, ser parte da vida
servida
parte da gente
parte da vida

ser pétala
ser pelo
ser pele
ser seiva
ser sangue latente

ser chuva que faz a nascente
ser fonte
ser fogo que aquece e faz noite
ser dia
ser harmonia

ser pássaro
ser voo
ser vento
ser canto
ser tarde poente

Fonte: Parte [...] (2003).

Para nós, educação e cultura sempre estiveram interligadas. Por isso, estruturamo-nos como Cia. Cultural EMCANTAR, uma organização voltada a duas frentes de ação, que colaboram entre si: o *Grupo EMCANTAR*, um trabalho artístico profissional que lança produtos e apresenta espetáculos voltados ao público infantojuvenil e às famílias; e o *EMCANTAR Social*, que realiza projetos de formação em arte-educação com crianças, adolescentes, educadores, artistas, arte-educadores e

outros públicos. A visão que une essas duas frentes é a mesma: “A arte encanta e inspira as pessoas a vivenciarem seus potenciais”.

A ideia sempre foi provocar um senso de encantamento em públicos diversos. Para isso, é preciso despertar, especialmente em crianças e jovens, a capacidade de contemplar e se encantar com essa beleza capaz de nos conectar com a gente mesmo, com a vida em suas variadas formas de manifestação e com o planeta, nossa Casa Comum. Observando a natureza, podemos aprender a reconhecer e a reverenciar o caráter sagrado da vida que anima a matéria, especialmente a vida humana, portadora de inteligência, capaz de construir significado e interferir na realidade, produzir cultura e fazer história.

CANTIGA DE ENCANTAR

Enzo Banzo / Cleusa Bernardes /
Marco Aurélio Querubim

vem ouvir meu canto
deixa eu te encantar
deixa por enquanto
e vem se entregar

sem quebrar o encanto
deixa eu te embalar
há em cada canto
sentido em cantar

canta de alegria
canta de tristeza
canta a alforria
canta a singeleza
canta as maravilhas
da Mãe Natureza
canta a sinfonia
canta a alegoria
da plena beleza

vamos reunindo
gente pra cantar
e num mesmo canto
a gente se encantar

celebrar a vida
ver nosso lugar
como quem no mundo
vem participar

Fonte: Cantiga [...] (1999).

Manter viva a chama do canto e do encantamento nos levou à busca pelo conhecimento técnico, científico, pedagógico e artístico, assim como ao desenvolvimento de uma série de habilidades e competências necessárias para que nossa utopia se materializasse em projetos de vida em torno de um empreendimento sem fins lucrativos e economicamente capaz de se sustentar.

Após 25 anos vivenciando essa jornada, ocorreu em 2022 um encontro inspirador com Suzana Padua e Claudio Padua no *I Seminário de Educação Interdimensional do Instituto Alair Martins*, em Uberlândia-MG. A palestra de Suzana, sobre educação, encantamento e amor à vida, provocou em mim uma identificação instantânea com a visão de mundo compartilhada. Desse encontro, surgiu o interesse em conhecer mais sobre o IPÊ - Instituto de Pesquisas Ecológicas, a sua Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade (ESCAS) e, por consequência, meu ingresso neste mestrado. Na condição de aluno da ESCAS-IPÊ (9ª turma), mas antes um ser humano encantado pelo mundo e apaixonado pela vida, busquei esse mestrado por acreditar que tenho uma boa história para contar no campo do trinômio cultura-educação-ecologia e uma entrega útil para fazer ao mundo.

Em quase 30 anos de atuação, essa história se constituiu a partir de processos/projetos conscientes e compartilhados de idealização e modelagem de resultados desejados-construídos individual e coletivamente. Portanto, poder contar uma significativa parte dessa história — seus pressupostos e suas contribuições como forma de produção de conhecimento válido — e sistematizar um método e um produto a serviço da vida, encontram respaldo e acolhida no potencial e na função política e pedagógica das narrativas como percurso metodológico de produção científica. Isso é possível na medida em que as narrativas dão sentido à experiência dos fatos vivenciados, dos fatos registrados, dos fatos aleatórios ou multicausais da/na vida cotidiana (Corrêa; Bezerra, 2023). Assim identificadas, as narrativas configuram-se como “[...] um espaço diferente de criação para oferecer possibilidades de conhecimento de quem assim quiser” (Cardoso, 2022, p. 26).

Por tal relevância, a Pesquisa Narrativa se constitui como eixo metodológico deste trabalho de natureza científica e função social (ética-estética-epistêmica-ecológica-educativa-existencial-espiritual). Uma narrativa que vai adotando estilos

diversos, conforme as partes da dissertação vão contando essa história: Referencial Teórico, Resultados Parte I - 1996 a 2011, Resultados Parte II - 2012 a 2025, Produto: Oficina e Guia, Considerações Finais. Uma narrativa na qual se podem observar fatos e acontecimentos à luz de uma visão de mundo em permanente construção e expansão, assim como no cosmos. Nesse sentido, a partir de 1996, elementos que constituíam essa visão de mundo – cosmovisão – compartilhada orientaram a formação de mentalidades reunidas em uma coletividade e uma cultura organizacional capazes de conduzir um conjunto de ações no mundo – cosmoação. Nesse contexto, o que neste trabalho irá se denominar por ‘**cosmoação**’ é o conjunto de ações alinhadas a uma visão de mundo – cosmovisão. Portanto, o raciocínio aqui exposto se desenvolve no sentido de que uma cosmoação é reflexo de uma mentalidade nutrida por uma cosmovisão.

Ecologia do Encantamento – de Canções com Crianças ao Abraço no Planeta, um título que expressa um movimento, uma jornada, vidas e arte entrelaçadas com o planeta, aprendizados, fatos e acontecimentos, produções, resultados e impactos pessoais e socioambientais, nutridos por uma visão de mundo que se retroalimenta e aqui se expressa em diferentes formas no conteúdo desta pesquisa, do Título ao Produto Final.

As letras de canções, com suas melodias e ritmos, associadas à observação da natureza e suas dinâmicas de funcionamento, podem ser poderosas e eficientes estratégias para estimular a sensibilidade e contribuir na formação de visões de mundo. Para além da sensibilidade e do encantamento, o exercício de aprofundar-se deve vir acompanhado de leituras, reflexões, debates de textos, filmes e obras que ampliam a visão despertada pelo encantamento e contribuem para um necessário letramento científico democrático e urgente aos dias atuais. Por consequência, a objetivação de compromissos e os novos hábitos que cada pessoa é capaz de assumir em sua realidade podem expressar a coerência de novas mentalidades com ações conscientes no tempo e no território habitado.

Esse é o propósito de formação e transformação socioambiental deste trabalho: uma possível *Ecologia do Encantamento* que se materializa pelo exercício da Tríade do Envolvimento, uma abordagem pedagógica dinâmica que conjuga experiências

estéticas, epistêmicas e éticas, que será devidamente aprofundada no desenvolvimento da pesquisa nessa dissertação.

2 JUSTIFICATIVA

Mediante o panorama da crise ambiental em que a humanidade, o planeta e a biodiversidade se encontram, no que diz respeito às questões socioambientais e às mudanças climáticas em toda a sua complexidade, a sistematização da *Ecologia do Encantamento* se faz relevante, pois se propõe a despertar a **consciência** por meio da **experiência estética**, promover o **entendimento** através do **acesso ao conhecimento** e produzir **comportamentos** socioambientalmente responsáveis para os dias atuais. Diante disso, esta pesquisa se encaminha no sentido de refletir e responder a uma pergunta central: “*Como despertar o sentido de pertencimento à comunidade planetária e o exercício de uma ética biofílica por meio de uma Ecologia do Encantamento?*”.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Sistematizar e propor a *Ecologia do Encantamento* como uma estratégia de educação socioambiental fundada numa abordagem que integra arte, cultura, ciência e ética.

3.2 Objetivos específicos

- Realizar uma revisão da literatura com autores que dialogam com os pressupostos da *Ecologia do Encantamento*, a fim de respaldar a abordagem da Tríade do Envolvimento nas experiências Estética, Epistêmica e Ética.
- Relatar a experiência pedagógica da Cia. Cultural EMCANTAR de forma sistemática, demonstrando a aplicabilidade da *Ecologia do Encantamento*.

- Desenvolver um produto educacional em formato de guia para uma prática pedagógica de ampla aplicabilidade, que sensibiliza pelo encantamento com a arte e a natureza, instrui pelo conhecimento científico e os saberes ancestrais e transforma pelo comportamento.

4 METODOLOGIA

“Navegar é preciso, viver não é preciso.”
Fernando Pessoa

O percurso metodológico desta pesquisa começa por uma abordagem qualitativa, tendo como principal procedimento a pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (1999), é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Nesse sentido, o referencial teórico adotado se configura como arcabouço epistêmico e axiológico de pressupostos sobre os quais uma história, baseada na práxis de uma coletividade, se constituiu e se mantém.

Nos aspectos históricos que caracterizam a segunda parte deste trabalho, de acordo com Reigota (2010), a pesquisa se guiará pela Perspectiva Ecologista de Educação, adotando como metodologia a Pesquisa Narrativa com procedimentos da Bio:grafia em diálogo com o Referencial Teórico. Conforme Delory-Momberger (2008), como está baseada na experiência vivida, a Pesquisa Narrativa se situa no desbravamento de uma abordagem qualitativa, tendo como objeto de estudo a própria experiência, analisada e expressa também de modo narrativo. Nesse sentido, o trabalho é enriquecido pela pesquisa documental com referências de textos e canções, fotos e imagens, depoimentos e registros audiovisuais, relatórios e publicações de álbuns musicais, livros e vídeos.

Por fim, na terceira e última parte, como resultado tangível da pesquisa, será entregue com a dissertação deste mestrado o seu Produto Final: o *Guia Parte da Gente: por uma Ecologia do Encantamento*, criado a partir da pesquisa, da sistematização e da vivência da trilha do guia em uma oficina com educadores, havendo aplicação de questionário e análise de resultados.

4.1 A Perspectiva Ecologista de Educação e a Pesquisa Narrativa

Adentrando um pouco mais no desenvolvimento da segunda parte, a pesquisa adota como eixo metodológico a articulação entre teoria e prática orientada pelos estudos do pesquisador brasileiro Marcos Reigota, que desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento e na divulgação da Perspectiva Ecologista de Educação² (PEE). Conforme Fiuza *et al.* (2023), ao fundar essa perspectiva, Reigota baseia-se principalmente na pedagogia freireana, em que estão em evidência a noção de ética e cidadania, de respeito às diferenças, de amorosidade e de solidariedade.

Em 1998, quando ingressou no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, o Prof. Dr. Marcos Reigota liderou a criação de um grupo de estudos para discutir as mudanças significativas que ocorriam na Teoria das Representações Sociais e a sua aproximação com os Estudos Culturais. Abordando tal assunto, Reigota (2010, p. 114) explica:

Nosso grupo adotou a denominação Perspectiva Ecologista de Educação em 2000 após a publicação dos meus livros “Ecologista” (1999) e “a Floresta e a escola: Por uma educação ambiental pós-moderna” (1999) e após a pesquisa realizada no Japão, com bolsa da Fundação Japão, sobre a memória das bombas lançadas pelos EUA sobre a população civil de Hiroshima e Nagasaki, na cultura, na educação e no cotidiano japonês. Os livros citados (e outros livros e artigos do período de 1998 a 2000) e a pesquisa no Japão foram fundamentais para que o grupo redefinisse suas prioridades teóricas e metodológicas, assim como para estabelecer as relações da educação ambiental com o cotidiano escolar e vice-versa.

Para Reigota (2014 *apud* Corrêa; Bezerra, 2023), o ecólogo, na maioria das vezes, foca as inter-relações entre os organismos e seus ambientes, ou seja, a ecologia. Por sua vez, o ecologista (que pode ser um ecólogo ou alguém advindo de outras áreas) “[...] parte dos princípios da ecologia, tendo uma forte relação e

² “O movimento ecologista internacional conhecido como eco-pacifista e a consequentemente perspectiva pedagógica que o acompanha praticada com as mais diversas camadas da população está basicamente voltada para a eliminação das armas nucleares (e de tantas outras), da violência, da injustiça e do desrespeito com as mais diferentes formas de vida e particularmente com as mais frágeis tanto do ponto de vista biológico, como do ponto de vista social. Trata-se também de práticas pedagógicas cotidianas que recorrem com frequência aos textos literários, aos depoimentos e memória dos sobreviventes e às obras artísticas de forma geral como o cinema, a música, a poesia, o teatro, as artes plásticas, as histórias em quadrinhos (mangá) e a dança” (Reigota, 2014).

entendimento sobre as ciências da natureza”, mas também uma “[...] dimensão política das suas práticas cotidianas, essa dimensão política que lhe dá sua identidade” (Corrêa; Bezerra, 2023, p. 16).

Nesse sentido, Reigota (2014, p. 1) afirma: “Essa vertente da educação ambiental tem o seu ponto de partida no questionamento da produção, uso e consequências para a humanidade e todas as outras formas de vida”.

Em seu artigo *Grupo de Pesquisa: Perspectiva Ecologista de Educação* (PEE), Reigota (2010) destaca quatro relevantes tópicos que representam os problemas, as questões de pesquisas e objetivos gerais das investigações em PEE:

- A) A educação ambiental definida como educação política pode ser entendida como uma filosofia da educação e colaborar com os projetos políticos e pedagógicos das práticas cotidianas?
- B) Como que as práticas pedagógicas cotidianas que não reivindicam a denominação de educação ambiental podem contribuir com a ampliação e definição da perspectiva ecologista de educação?
- C) Como que nossas práticas sociais colaboram para que se (re) defina o compromisso político das práticas pedagógicas que se identificam como educação ambiental?
- D) A educação ambiental definida como educação política pode contribuir para a desconstrução de práticas sociais e pedagógicas autoritárias, injustas e ecologicamente insustentáveis? (Reigota, 2010, p. 115).

No mesmo artigo, o professor doutor e pesquisador ainda descreve um conjunto de autores com os quais as pesquisas dialogam e coloca o referencial teórico, metodológico e cultural da PEE na corrente pós-moderna de educação. Apresenta como suas possíveis metodologias: produtos culturais variados (arte, música, filmes, literatura e afins), além da etnografia, das narrativas ficcionais e das biografias. Nesse sentido, a PEE se posiciona como “[...] um grande olhar para a existência e para os modos de olhar, conceber, sentir e analisar o cotidiano e os processos formativos, uma vez que é a partir do cotidiano que estudamos o que se manifesta nos fenômenos e na consciência” (Corrêa; Bezerra, 2023, p. 5).

Em conformidade com os mesmos autores, esse grande olhar, diverso e atento, dirige-se às “[...] práticas pedagógicas cotidianas nos diferentes níveis de ensino, investigamos as possibilidades e alternativas de construção de conceitos, fundamentos

e processos políticos-pedagógicos relacionados com a trans-formação humana” (Corrêa; Bezerra, 2023, p. 5).

Com foco no desempenho dos ecologistas por todo o globo, Reigota (1999) busca apontar elementos relacionados a aspectos pessoais e à militância desses profissionais sem, no entanto, intervir em metodologias ligadas às ciências humanas, como entrevistas, questionários e relatos etnográficos. Desse modo, Reigota (1999, p. 50) propõe como metodologia as “narrativas ficcionais”:

Com as narrativas ficcionais, pretendo trazer ao espaço público, principalmente aos locais de debate, de formação profissional e política, e de elaboração de alternativas que possibilitem a concretização de um estilo de vida mais ecológico, pacífico, justo e prazeroso, momentos privados, de ideias, experiências e sentimentos que estão caracterizando a época em que vivemos.

Assim, a organização da mensagem e a busca de sentido para os leitores encontra-se no modo lógico de construir textos coesos e coerentes como uma forma de produzir ciência maleável que se (trans)forma em “espaços de inteligibilidade” (Gonzalez-Rey, 2005).

Segundo Bezerra (2022), ao produzir uma representação teórica da realidade investigada, a pesquisa narrativa ficcional busca emergir e elucidar perspectivas existenciais, ontológicas e epistemológicas do pesquisador em seu contexto vivente, a partir dos seus níveis de produção de sentidos ou de constituição da realidade pela leitura do mundo e das letras.

Trata-se de se procurar elucidar a natureza rigorosa da pesquisa qualitativa, a partir da atitude existencial e epistemológica do pesquisador em seu contexto de vida, segundo seus diversos níveis de constituição e de realidade, percebidos e elucidados na autocompreensão e na compreensão compartilhada de sua condição histórica – sua gênese como indivíduo, sociedade e espécie – seu ser-aí como dado e seu ser-outro como acontecimento volátil aberto no tempo instante (Galeffi, 2009, p. 15).

Baseados em Bezerra (2022), Corrêa e Bezerra (2023) expõem que, enquanto itinerário metodológico, a narrativa toma contornos, fases e formas como arte de pesquisar, conjugando: “(Des)encontros nos microlugares; Leituras das teorias e de outros achados; Recortes, embaralhamento e agrupamento dos achados por temáticas;

Elaboração de narrativas ficcionais por meio do exercício de capacidades inventivas e criativas” (Corrêa; Bezerra, 2023, p. 120); e ainda Episódios Narrativos; e a Bio:grafia [bio – dois pontos – grafia] (Corrêa; Bezerra, 2023).

“A ‘bio’ (vida) é a relação existencial, político, social, profissional entre outras dos sujeitos, e a ‘grafia’ é a escrita narrada na/com a presença do sujeito no mundo na relação ‘eu-tu-nós de ação-reflexão-ação’” (Bezerra, 2022, *apud* Corrêa; Bezerra, 2023, p. 124-125).

Nessa mesma direção, Reigota e Prado (2008, p. 129) ponderam que

O uso das bio:grafias pode ser uma possibilidade metodológica pois, [...] seu conteúdo pautado nas trajetórias pessoais relacionadas prioritariamente com a temática ambiental, nos seus aspectos culturais, políticos, sociais, econômicos e ecológicos, e por serem resultantes de processos pedagógicos [...] expressam representações sociais [...] e conhecimentos obtidos da observação e vivências cotidianas. Dessa forma, favorecem a visibilidade de “zonas desconhecidas” e são um convite para adentrarmos à intimidade e privacidade com cumplicidade e abertura ao diálogo entre autor/a e leitor/a. Para isso, as bio:grafias precisam refletir a veracidade dos fatos e sentimentos narrados. Por último, as bio:grafias permitem a presença de “múltiplas vozes” no espaço público sobre temáticas, conhecimentos, vivências e aspectos do cotidiano de locais específicos através dos relatos de seus cidadãos e cidadãs [...].

Dessa forma, as narrativas e as bio:grafias assumem um rastro que precisa ser difundido como estratégia técnica das pesquisas em ciências humanas. A escolha pelas narrativas visibiliza várias vozes que (des)constroem os discursos hegemônicos e coloniais, que emergem histórias e vivências as quais foram silenciadas ou que se fizeram silenciar por se encontrarem às margens da legitimação acadêmica (Bezerra, 2022), também e (re)constroem os argumentos situados à margem que se legitimam nos direitos universais da construção científica (Corrêa; Bezerra, 2023).

Fiuzza *et al.* (2023) afirmam que, como método de investigação, a Pesquisa Narrativa se desenvolve promovendo relações de interação entre investigador e participantes da experiência. Delory-Momberger (2008, p. 37) corrobora essa afirmação, ao observar que:

[...] é a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela, enfim, que dá uma história à nossa vida: não fazemos a narrativa

de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida.

Essa perspectiva valoriza a particularidade com que cada participante observa, experimenta e analisa a realidade materializada nos fenômenos sociais e, de forma particular, os fenômenos educativos (Fiuza *et al.*, 2023). Assim, esta pesquisa vem refletir uma experiência concreta, segundo uma concepção da complexidade (Morin, 2010), forjada por/entre pessoas em diálogo com os pressupostos de um referencial – filosófico, científico, político, cultural, artístico, lúdico, pedagógico, entre outros – de autores e obras. Um arcabouço epistêmico de fundamentos e inspirações criadores das bases para a edificação de um empreendimento cultural por meio de fricções existenciais [individuais e coletivas] produtoras de acontecimentos e aprendizados. Esses movimentos em suas dinâmicas deram origem à Cia. Cultural EMCANTAR, uma Organização da Sociedade Civil (OSC), resultante de uma práxis artístico-pedagógica construída a várias mãos, por vários corações e mentes.

Da experiência de quase três décadas de atuação da Cia. Cultural EMCANTAR, deriva a *Pedagogia do Encantamento*, uma tecnologia educacional constituída de duas metodologias elaboradas a partir de acertos, erros, tentativas e aperfeiçoamentos na alquimia criativa de conjugar arte, cultura, educação e meio ambiente. Em tais bases teórico-práticas surge e fundamenta-se a proposta da *Ecologia do Encantamento*, que se efetiva pelo dinamismo da Tríade do Envolvimento e da concepção da oficina em que foi aplicado e validado o roteiro do guia. Por esses motivos, a primeira parte da Pesquisa Narrativa irá se debruçar sobre os primeiros quinze anos da práxis artístico-pedagógica do EMCANTAR, nos quais se edificou e foi exercida sistematicamente a *Pedagogia do Encantamento*.

4.2 A metodologia de análise

Na terceira e última parte da pesquisa, com o intuito de avaliar a aplicabilidade do produto *Guia Parte da Gente: por uma Ecologia do Encantamento*, ao final da *Oficina Ecologia do Encantamento* foi aplicado um questionário de avaliação com questões fechadas e abertas. A metodologia de análise adotada no relatório

consolidado combina abordagens quantitativas e qualitativas para obter uma compreensão abrangente da avaliação da oficina. As questões fechadas, com respostas predefinidas (Sim/Não, Múltipla Escolha, Escala Likert), foram analisadas quantitativamente.

A análise dos dados foi conduzida por meio de estatística descritiva, alinhada com a abordagem sugerida por Gerhardt e Silveira (2009), quando propõem tal modalidade estatística como um processo fundamental no campo da pesquisa científica. Segundo as autoras, essa análise normalmente utiliza técnicas de cálculos matemáticos para gerar os resultados, os quais podem ser apresentadas por meio de gráficos e/ou tabelas para melhor compreensão e interpretação adequada e precisa. Dessa forma, é possível apresentar os dados de forma concisa.

O questionário em si é uma ferramenta de Pesquisa Survey, um método comum para coletar dados quantitativos de um grupo de pessoas. Foi utilizado o próprio *software* do Google Forms de pesquisa *online* e sua respectiva planilha eletrônica de resultados como base para o tratamento tanto dos dados quantitativos, quanto da organização dos comentários abertos aos respondentes.

As questões abertas, que permitiam aos participantes fornecerem comentários e reflexões textuais, foram analisadas qualitativamente. Isso envolveu a leitura atenta das respostas, a identificação de temas e padrões recorrentes e a extração de *insights*. A Análise de Conteúdo, que foi a principal técnica utilizada para analisar os dados qualitativos, envolve a identificação sistemática de categorias e temas nos dados textuais. Os comentários foram codificados, o que significa que foram atribuídos rótulos ou categorias para representar os principais temas ou ideias. Após a Codificação, os dados foram sintetizados e interpretados para identificar os principais *insights* e conclusões. A análise de questões abertas se enquadra na metodologia de Pesquisa Qualitativa, a qual se concentra na compreensão profunda e detalhada de experiências e percepções. A Análise Temática é uma forma específica de análise qualitativa que busca identificar e analisar temas ou padrões nos dados (Bardin, 2011; Creswell, 2014).

O relatório, apresentado no Apêndice B deste volume, utiliza uma Abordagem Mista, combinando dados quantitativos e qualitativos. Isso permite uma visão mais

completa e rica da avaliação da oficina. Tal abordagem reconhece o valor de combinar diferentes tipos de dados e métodos para responder a perguntas de pesquisa complexas. Os dados quantitativos e qualitativos podem ser usados para Triangulação, o que significa que as descobertas de um tipo de dado podem ser comparadas e contrastadas com as descobertas de outro tipo de dado para validar e enriquecer a análise.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 Para onde vai o mundo?

“Séculos e séculos, e só agora as coisas acontecem.”
Jorge Luis Borges

O poeta Borges ironiza, mas o cenário é desolador, a ciência exata o demonstra. A mesma ciência, que já evoluiu o bastante para demonstrar o horizonte de devastação da vida e de autoaniquilação humana que se desenvolve como obra em progresso, também aponta formas ainda possíveis de ajustar a rota para contornar o abismo no qual a humanidade se precipita levando consigo uma extinção em massa³.

De um lado, o conjunto das ciências exatas se baseia na regularidade dos fatos para a investigação sistêmica das relações de causa e efeito no mundo natural, podendo construir afirmações, cenários e soluções para a realidade. De outro lado, essa mesma ciência, útil, exata e fragmentada, tem se demonstrado insuficiente/impotente em face da realidade global produzida pelas relações políticas, econômicas e socioculturais que moldam um acelerado percurso predatório de toda a comunidade da vida e dos povos do planeta.

Em 2009, um grupo de 28 cientistas liderado por Johan Rockström, do Stockholm Resilience Centre (SRC), identificou nove dos chamados “Limites

³ No livro *A Sexta Extinção* (Kolbert, 2015), o jornalismo científico brilhante de Elizabeth Kolbert proporciona uma visão panorâmica sobre as cinco grandes extinções em milhões de anos e de como o ser humano alterou a vida no planeta de modo que uma nova extinção em curso seria o legado final da humanidade.

Planetários”, os quais são processos inter-relacionados reguladores da estabilidade e da resiliência do sistema terrestre. Essas barreiras ou “Fronteiras Planetárias” constituem os limites seguros para a pressão humana sobre os nove processos críticos que, juntos, mantêm uma Terra estável e resiliente. A atualização do estudo, publicado em setembro de 2023 (Richardson *et al.*, 2023), revelou que seis dos nove limites foram transgredidos: Mudança Climática; Integridade da Biosfera (biodiversidade); Entidades Novas (microplásticos, poluentes etc.); Mudanças no Uso da Terra; Uso de Água Doce e Fluxos Bioquímicos (ciclos de nitrogênio e fósforo impactados fortemente pelo agronegócio e pela indústria globais) (Figura 2).

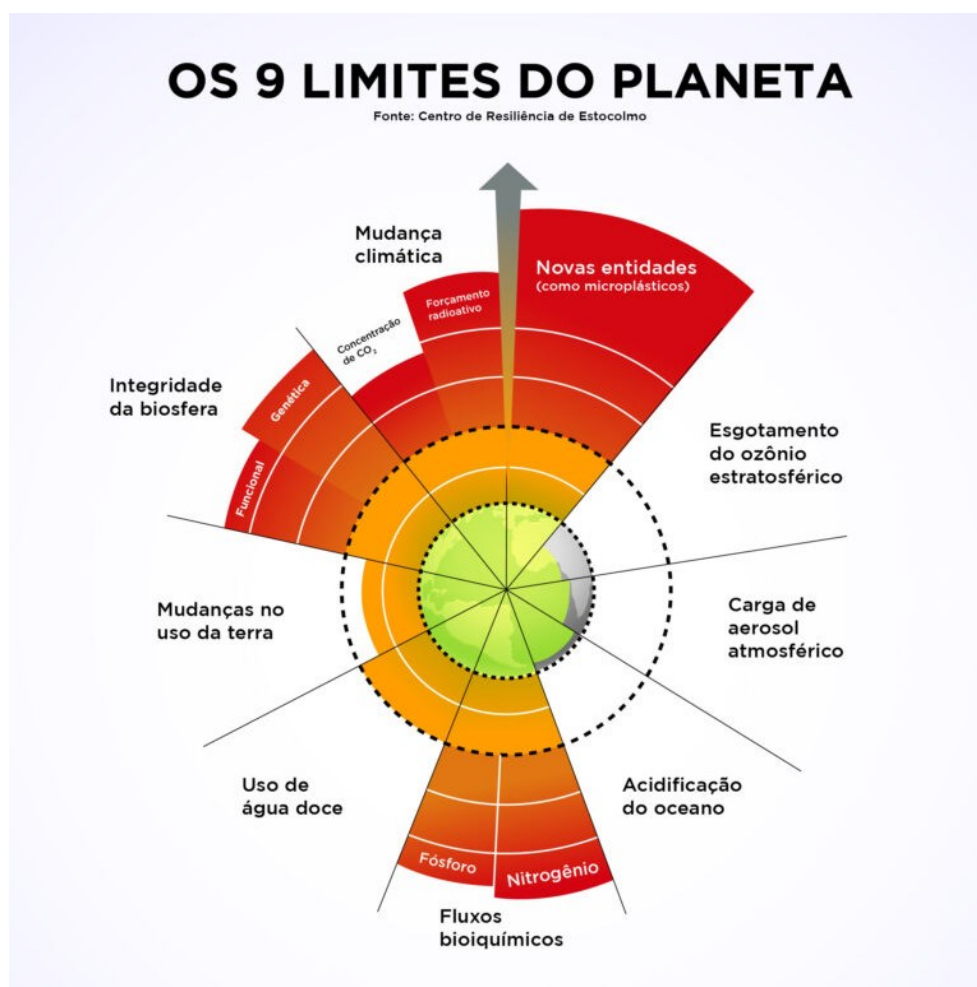


Figura 2 - Gráfico mostra os 9 *Limites Planetários* que definem até onde o desenvolvimento humano pode chegar sem afetar de forma irreversível a capacidade regenerativa da Terra.
Fonte: Richardson *et al.* (2023). Imagem em português: Germano (2023), licenciado sob CC BY-NC-ND 3.0, Stockholm Resilience Centre.

Os resultados do estudo do SRC foram levados às telas em um documentário com o título *Rompendo Barreiras: nosso planeta* (2021), disponível na Netflix. Um documentário científico, didático e propositivo, em que David Attenborough e o cientista Johan Rockström analisam o colapso da biodiversidade na Terra e apresentam possíveis soluções para reverter a crise atual. E, desde setembro de 2024, o Instituto Potsdam de Pesquisa de Impacto Climático produz uma atualização anual da estrutura dos 9 Limites, chamada *Planetary Health Check* [Verificação da Saúde Planetária] (Caesar *et al.*, 2024).

Outro panorama científico atual, didático e de âmbito global, voltado às Mudanças Climáticas, é o mais recente relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (IPCC, 2023). O IPCC é um órgão intergovernamental estabelecido em 1988 pela Organização Meteorológica Mundial (OMM) e pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA). Desde então, vem fornecendo aos formuladores de políticas as avaliações científicas e técnicas mais confiáveis e objetivas do campo em nível internacional. “A partir de 1990, essa série de Relatórios de Avaliação, Relatórios Especiais, Documentos Técnicos, Relatórios Metodológicos e outros produtos do IPCC se tornaram obras de referência padrão” (IPCC, 2023, p. 7) para todos os envolvidos com mudança do clima no meio acadêmico, no governo e no setor em todo o mundo. O *Relatório Síntese* (SYR) do IPCC é o quarto elemento do *Sexto Relatório de Avaliação do IPCC* [AR6], *Mudança do Clima 2021/2023*, no qual trabalharam mais de 800 especialistas internacionais. No *Sumário para Formuladores de Políticas* (IPCC, 2023, p. 20-21), sobre o aquecimento e suas causas, bem como as mudanças e impactos observados, o documento afirma:

A.1- As atividades humanas, principalmente através das emissões de gases de efeito estufa, inequivocamente causaram o aquecimento global, com a temperatura da superfície global atingindo um valor 1,1°C mais alto entre 2011-2020 do que no período de 1850-1900. As emissões globais de gases de efeito estufa continuaram a aumentar, com contribuições históricas e contínuas desiguais decorrentes do uso insustentável de energia, do uso da terra e da mudança no uso da terra, dos estilos de vida e dos padrões de consumo e produção entre regiões, entre países e dentro deles, e entre indivíduos.

A.2 - Ocorreram mudanças generalizadas e rápidas na atmosfera, oceano, criosfera e biosfera. A mudança do clima causada pelo homem já está afetando muitos extremos climáticos e meteorológicos em todas

as regiões do mundo. Isto vem resultando em impactos adversos generalizados, e perdas e danos relacionados, à natureza e às pessoas. Comunidades vulneráveis que menos contribuíram historicamente para a mudança atual do clima são afetadas de forma desproporcional.

“Até que ponto as gerações atuais e futuras viverão em um mundo mais quente e diferente, depende das escolhas feitas agora e no curto prazo” (IPCC, 2023, p. 24). Como se vê na Figura 3, o cenário exige mudanças urgentes da humanidade, em nível planetário.

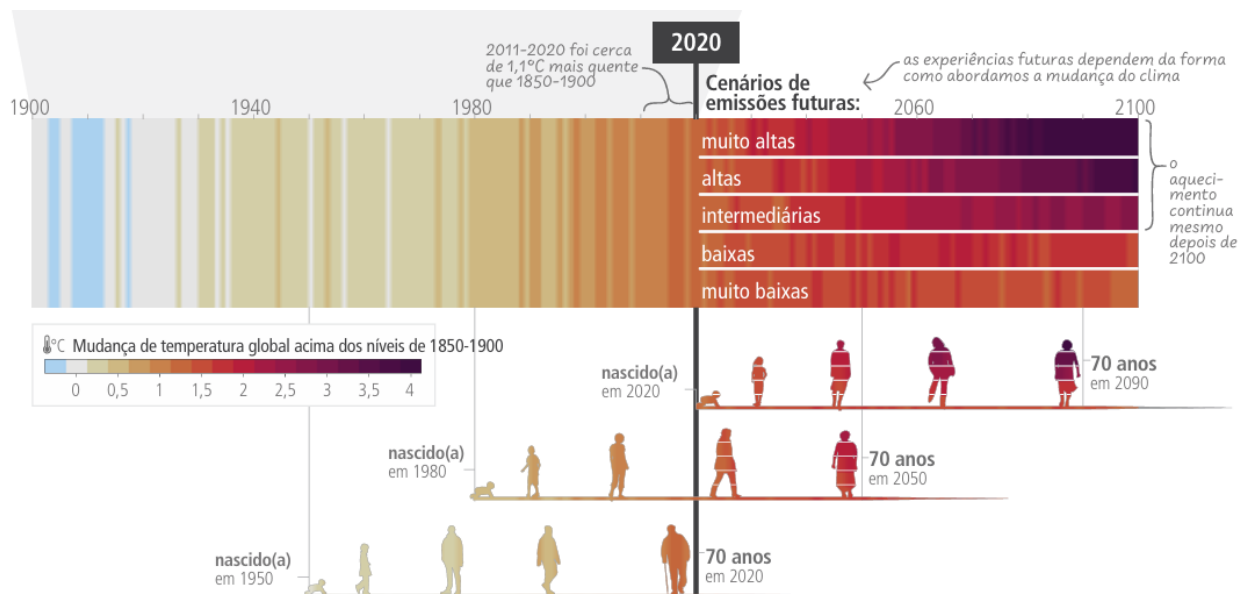


Figura 3 – “Mudanças observadas (1900-2020) e projetadas (2021-2100) na temperatura da superfície global (em relação a 1850-1900), que estão ligadas a mudanças nas condições e impactos climáticos, ilustram como o clima já mudou e mudará ao longo do período de vida de três gerações representativas (nascidas em 1950, 1980 e 2020)”.

Fonte: IPCC (2023, p. 23).

Assim, para começar a responder à pergunta-título que abre este tópico do referencial teórico [Para onde vai o mundo?], elegemos dois retratos objetivos, panorâmicos e sistêmicos oferecidos pelas ciências naturais sobre a crise ambiental contemporânea, suas razões e suas prospecções: *Os 9 Limites Planetários*, do SCR (Richardson *et al.*, 2023), e o *Relatório Síntese Mudança do Clima 2023* (IPCC, 2023). Em ambos os retratos, não é difícil concluir a sentença de uma tragédia anunciada pelos alertas da ciência e da movimentação institucional das Nações Unidas já nas últimas décadas do século XX.

A fim de avançar na busca por compreender uma perspectiva de “para onde vai o mundo”, vamos adentrar o entendimento da realidade em diálogo com outros vieses, como a análise dos rumos do mundo pós-Segunda Guerra a partir das contribuições das ciências sociais e humanas. Nelas podemos encontrar, além de razões científicas de um outro caráter, valores comuns e universais que se configurem como motivos para comportamentos capazes de impactar o mundo positivamente.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial [1945], é criada a Organização das Nações Unidas (ONU) e, três anos depois, a *Declaração Universal do Direitos Humanos* (ONU, 1948). A partir desses anos, começa um período conhecido como *Grande Aceleração*,

[...] marcado por explosão demográfica, industrialização crescente, incremento vertiginoso do PIB (Produto Interno Bruto) global, aumento do consumo de água e de fertilizantes de origem fóssil, além de outros resultados causados pela atividade humana. Não por acaso, também é nessa época que se consolida o poder econômico e, conseqüentemente, a capacidade de impacto e influência das empresas sobre a sociedade em geral e o meio ambiente. [...] é nele que emerge o que muitos têm chamado de primeira grande utopia desse período: o desenvolvimento sustentável (Branco, 2023, p. 38).

Segundo Monzoni e Carreira (2022, p. 6), “Até 60 anos atrás, a incorporação de questões ambientais, sociais e de governança em tomadas de decisão era um não-assunto”. Padua (2004, p. 41) nos conta que “O final dos anos 1960 e a década de 1970 foi um período marcado pela consciência de que o modelo desenvolvimentista predominante precisava ser repensado”. A partir desse período,

[...] começaram a brotar os ativismos socioambientais e uma agenda internacional de estudos, conferências, convenções, acordos multilaterais, pactos setoriais, normas e conceitos que buscavam dar conta de um debate que viríamos a chamar, em 1987, de Relatório Nosso Futuro Comum, sobre desenvolvimento sustentável [...] e uma série de outros marcos históricos, como a Rio 92 e a Rio+20; o lançamento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), que em 2015 foram substituídos pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e sua Agenda 2030; além da Convenção Quadro de Mudanças Climáticas e as famosas Conferências das Partes (COP) (Monzoni; Carreira, 2022, p. 7).

O *Relatório Nosso Futuro Comum* (ONU, 1987), também conhecido como *Relatório Brundtland*, apresenta o conceito de “Desenvolvimento Sustentável” como

“[...] aquele que atende às necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem às suas necessidades e aspirações” (ONU, 1987, p. 46).

Conforme Belink (2021), mesmo sendo bem interligados, os conceitos de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável são díspares e entender isso é essencial. O desenvolvimento sustentável é um processo por meio do qual os recursos existentes são utilizados e transformados pela sociedade, um processo que deve ser guiado por um imperativo ético de modo que possa ser mantido perpetuamente, de geração em geração. Nesse sentido, o propósito do Desenvolvimento Sustentável visa alcançar um estado de Sustentabilidade para a sociedade como um todo e para o planeta. Assim, a sustentabilidade pode ser vista como o objetivo final, a visão a que se deseja chegar, enquanto o Desenvolvimento Sustentável, como a estratégia que levará a essa visão.

Considerando, de um lado, esse resumo histórico da “evolução” de uma consciência ambiental em nível planetário nos últimos 60 anos e, de outro, os dois retratos científicos apresentados no início deste capítulo a fim de ilustrar para onde está indo o mundo, será mesmo possível alcançar uma sustentabilidade planetária com uma população de oito bilhões de pessoas vivendo em uma economia predominantemente dominada pela exploração dos recursos naturais, no consumo desenfreado e no acúmulo de capital?

Numa breve análise da Figura 4 sobre modelos econômicos, podemos observar que o paradigma da Economia Clássica nos trouxe até aqui e ainda predomina. Os dois retratos científicos apresentados deixam claro que os limites à sociedade e, em última instância, à economia, são dados pelo meio ambiente, uma vez que o planeta é um sistema fechado e seus recursos são finitos ou dependem de ciclos renováveis, cujo prazo de regeneração é ditado pelas dinâmicas naturais – físicas, bioquímicas, geológicas, hidrológicas, climáticas, atmosféricas – que estabelecem o equilíbrio do sistema terrestre como um todo.

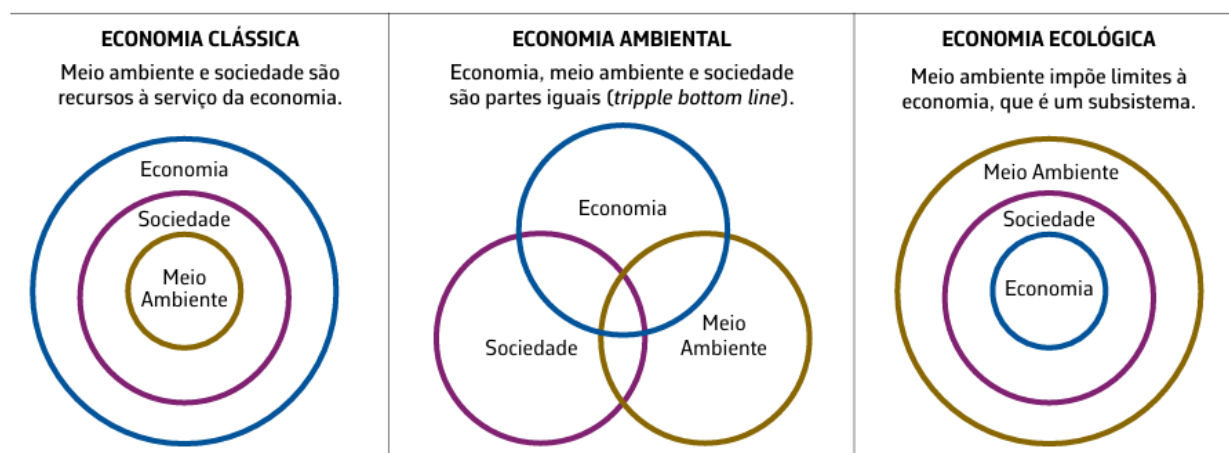


Figura 4 – Diferentes enfoques para a atividade humana Economia, considerando a sociedade e o meio ambiente.

Fonte: Monzoni; Carreira (2022, p. 5), adaptado de Kurucz; Colbert; Marcus (2014).

Analisando o exposto, haveria algum impedimento lógico para identificar qual desses modelos de economia tem mais condições de corresponder a um Desenvolvimento — verdadeiramente — Sustentável, que nos conduza a um estado de Sustentabilidade para a comunidade da vida e o planeta como um todo? Embora a resposta possa parecer simples, a realidade é composta de uma complexidade histórica que nos deu outros caminhos. As ideias de progresso e desenvolvimento, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, levaram o mundo em outra direção, na qual tais ideias parecem não mais corresponder àqueles ideais perante os grandes problemas da atualidade.

Não por acaso, o título deste tópico é uma pergunta: “Para onde vai o mundo?”. Pergunta instigante que intitula um denso livreto de Edgar Morin, em cujas primeiras páginas o autor afirma que nossa “[...] maior ilusão é crermos conhecer o presente só porque vivemos nele” (Morin, 2010, p. 13). O autor acrescenta que, de certo modo, o intento do livro está na complexidade de se desenhar a fisionomia do momento presente, uma vez que, se o futuro vem a partir do presente, o desafio inicial de se refletir sobre o futuro é refletir sobre o presente.

A prospectiva dos anos sessenta afirmava que o passado era arqui-conhecido, que o presente era evidentemente conhecido, que o alicerce de nossas sociedades era estável, e que, sobre estes fundamentos assegurados, o futuro se forjaria *no* e *pelo*

desenvolvimento das tendências dominantes da economia, da técnica e da ciência. Dessa forma, o pensamento tecnoburocrático acreditava que podia prever o futuro. Ele acreditava, inclusive, em seu otimismo frágil, que o século XXI iria colher os frutos maduros do progresso da humanidade (Morin, 2010, p. 11).

O panorama demonstrado pelas ciências naturais, acentuado nas duas primeiras décadas do século XXI, revela que aquele suposto futuro — que é hoje o nosso presente —, ancorado nas ideias de progresso e desenvolvimento, não é capaz de se sustentar.

Segundo Morin (2010), para conceber o vir a ser histórico, é necessário substituir a predominante concepção simplista da realidade por uma concepção complexa, a qual deve levar em conta a interrelação, o entrelaçamento e a interdependência entre passado/presente/futuro. Numa concepção simplista, passado e presente são conhecidos, assim como os fatores de evolução e de uma causalidade linear e mecânica são suficientes para conduzir à predição do futuro (Figura 5).

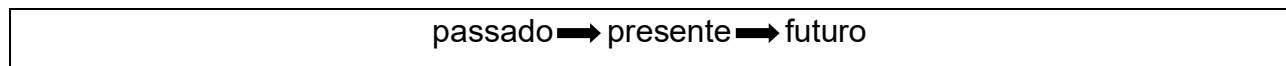


Figura 5 – Concepção simplista da sequência de fatos: passado, presente, futuro, linearmente.
Fonte: Morin (2010, p. 14).

A concepção complexa identifica a realidade social como algo de muitas dimensões, abrangendo elementos geográficos, econômicos, técnicos, políticos e ideológicos que exercem dominâncias distintas e rotativas num jogo de “inter-retro-ações”. Desse modo, tudo o “[...] que é evolutivo obedece a um princípio multicausal”, em que “[...] as inter-retro-ações se combinam e se combatem” numa espiral dialética de entrelaçamentos em fluxo dinâmico e constante numa perspectiva de tridimensionalidade do tempo. Seus elos estão em perpétuo movimento, produzindo causalidades próprias e podendo sofrer determinações exteriores – “[...] o jogo do vir a ser é de uma prodigiosa complexidade”, na qual o conhecimento do presente é necessário para o conhecimento do futuro que, por sua vez, é necessário para o conhecimento do presente. Assim, há uma interdependência de conhecimentos e lacunas em que “[...] o conhecimento do passado está subordinado ao presente, cujo

conhecimento está subordinado ao futuro” (Morin, 2010, p. 15-17), como se pode visualizar na Figura 6.



Figura 6 – Concepção complexa da sequência de fatos.

Fonte: Morin (2010, p. 14).

Nessa concepção complexa da evolução histórica, não há fator que possa ser considerado duravelmente estável, constante, isolável na averiguação concreta do vir a ser. Isso faz com que nada possa ser predito categoricamente e tudo deva ser conjecturado condicionalmente. Em decorrência, o futuro pertence cada vez mais ao improvável, sobretudo se a evolução continua de forma tão acelerada e múltipla como a que testemunhamos em nossos dias. Para Morin (2010), isso significa afirmar que há um princípio irredutível de que o futuro enche de incerteza(s) o presente. Tal reconhecimento deve nos trazer a incerteza como resposta às nossas atuais certezas e nos levar a (re)pensar nosso presente:

O grande progresso trazido pela década de 1970 tem sido o reconhecimento da incerteza. Este é o primeiro sentido que encerra o termo “crise”: o aparecimento da incerteza lá onde tudo parecia seguro, regrado, regulado e, portanto, predicável. Os economistas e sociólogos “burgueses” dos anos 1960 acreditavam que a sociedade “industrial”, depois “pós-industrial, repousava em alicerces seguros, que estávamos praticamente no fim da história, no momento quase derradeiro da coroação da “sociedade ideal”, aquela que traz paz, segurança e bem-estar a todos os seus dependentes, e que o futuro, em suma, não seria senão a continuação de um presente afetado por uma taxa de crescimento estável (Morin, 2010, p. 19).

Investigar a realidade sob diversos aspectos. Quanto mais nos debruçamos numa compreensão da complexidade de forma compartilhada, melhores as nossas chances de enxergar o real em sua totalidade e ainda encontrar respostas disruptivas para os modelos dominantes que o determinam. A concepção complexa da evolução histórica considera, portanto, o entrelaçamento entre passado/presente/futuro. Daí, prever é explorar o sentido das turbulências do presente, não se tratando mais de

desejar controlar o futuro, mas de velar, espreitar *na* e *com* a incerteza. “Como trabalhar com esta incerteza? Interrogando o século anterior” (Morin, 2010, p. 20), ao longo do qual a *megamorte* apareceu, com duas guerras mundiais que mataram milhões de pessoas.

Para o autor, a crise civilizatória não aparece como um acidente em nossas sociedades, mas como seu modo de ser, não sendo ela o contrário do desenvolvimento, mas a sua própria forma, cujo movimento acelerado carrega consigo destruições/desorganizações econômicas, sociais, políticas, ecológicas e espirituais que interagem e se potencializam. Essa condição revela tanto a vulnerabilidade dos sistemas modernos quanto o esgotamento dos paradigmas de progresso ilimitado, racionalidade técnica e crescimento econômico desenfreado.

Não é absolutamente certo, apenas provável, que nossa civilização se encaminhe para uma autodestruição, e, se houver autodestruição, o papel da política, da ciência, da tecnologia e da ideologia será capital, ao passo que a política, a ciência, a tecnologia, a ideologia, se houvesse um tomada de consciência, poderiam nos salvar do desastre e transformar as condições do problema (Morin, 2010, p. 32).

Enquanto isso, ou seja, enquanto a humanidade não desperta o suficiente para conter a morte que avança, mais urgente “[...] se torna o problema da mudança necessária para salvar a vida” (Morin, 2010, p. 62). Mudança que exige transformações radicais dos indivíduos, das relações interpessoais, das nações, a fim de fazer emergir a fundação de uma nova Humanidade capaz de resistir, mudar e salvar a vida.

Nesse sentido, nos tópicos finais que encerram a obra, é feito um apelo ético e político enraizado em sua concepção de responsabilidade individual dentro da complexidade global. Ao afirmar que “Cada qual, onde quer que se encontre... está na luta toda” (Morin, 2010, p. 64), o autor transmite a ideia de que não existe lugar neutro ou indiferente diante das múltiplas crises do mundo contemporâneo. Trata-se de uma convocação ao engajamento existencial e político individual no vir a ser das relações, mesmo que em escalas aparentemente locais ou modestas.

Para o autor, cada pessoa age e interage no vir a ser do mundo, assim como está entregue a si mesma diante deste problema. De acordo com ele, “Sabemos que toda resistência faz apelo à autonomia de cada um e à sua responsabilidade pessoal.

Sabemos que toda crise necessita das qualidades individuais de inteligência e inventividade” (Morin, 2010, p. 64).

Tal perspectiva está diretamente relacionada ao conceito de cidadania planetária, que percorre a obra como um todo. Esse chamado à ação individual não é individualista, mas está inserido em uma visão complexa das interdependências: o local está inserido no global, o micro influencia o macro e cada gesto ético ou solidário de agir localmente com consciência global possui uma potência transformadora.

Por fim, Morin (2010) reafirma o núcleo ético de sua proposta civilizacional formulando o princípio *espermático* da ação política como um ato de fecundação, em que o compromisso com a vida, mesmo em tempos sombrios, passa pelo gesto cotidiano, pela consciência global e pelo cultivo do afeto. O título do último tópico, *Semear – Amar-se*, remete simultaneamente à ação transformadora e ao cuidado consigo, com o outro e com o planeta:

Semear a vida, para nós, é despendar esforços inumeráveis, é produzir embriões sem número, mas, ao mesmo tempo, semear pode coincidir com amar-se, isto é, com o amor que transfigura dois seres e encontra sua finalidade em seu êxtase de comunhão. E eis o símbolo, que cada qual pôde e pode viver, desta identidade complexa entre o acasalamento de dois seres e o cumprimento cego de uma função vinda das profundezas dos tempos e que se dirige a um horizonte infinito: retrocedemos àquilo que já sabíamos antes de todo o conhecimento e toda consciência, plenamente de acordo com tudo aquilo que todo conhecimento e toda consciência nos mandam realizar e fazer florir: semear – amar-se (Morin, 2010, p. 70).

A conclusão vem com uma aposta do autor na capacidade de resiliência e criatividade humana, afirmando que, embora vivamos sob a ameaça de regressões e colapsos, também vivemos a possibilidade de renascimentos — e cada um pode ser semente fecunda nesse renascimento.

5.2 E se o paraquedas não abrir?

*“Por que nos causa desconforto
a sensação de estar caindo?
A gente não fez outra coisa nos últimos tempos
senão despencar.”
Ailton Krenak*

Depois de tudo o que vivi e aprendi até aqui, em especial na jornada deste mestrado, a imagem que me vem como metáfora sobre o momento que estamos vivendo no planeta é a de uma queda livre, com um paraquedas que não quer abrir. O que fazer quando o paraquedas — que existe para preservar a vida de uma espécie em queda livre — não funciona e ainda provoca a morte de milhares de outras espécies, animais e vegetais?

Nessa metáfora, a velocidade da queda representa o “desenvolvimento” e o “progresso” na perspectiva do crescimento econômico, que nos fazem estar comendo, devorando a Terra, como alerta Ailton Krenak (Krenak, 2020a). O paraquedas é o dispositivo criado e ativado pela humanidade para salvar a vida.

A educação, em sentido amplo nas formas que se realiza e não restrita à escola, é o nosso meio para ensinar e aprender tudo o que a cultura abarca de conhecimento humano através da história. Educação como meio e cultura como recheio cultivam mentalidades que se expressam no vir a ser do mundo, na história diária de cada pessoa em seu sentir, pensar, querer e agir.

A mentalidade predominante — o famoso *mindset* —, produto da educação e da cultura, ainda não foi capaz de atuar o bastante para nos salvar da queda. O paraquedas ainda não abriu. Salvar-nos da queda seria saber pensar certo e saber fazer certo diante da análise de princípios objetivos que regem a evolução histórica, conforme Morin (2010). Assim, mesmo que um grande contingente populacional do planeta saiba ou tenha potencial para pensar certo e fazer certo (Freire, 1996), o “pensar certo” dos tomadores de decisão sobre os rumos do mundo, em grande parte, não corresponde ao que deveria ser fazer o certo para o bem de todos.

Enquanto a ciência demonstra e aponta, enquanto organizações internacionais procuram caminhos de diálogo e de cooperação multilateral, lá se foram 29 COPs e as lideranças mundiais ainda não chegaram a acordos concretos que alterem a rota em tempo hábil, sem falar nos acordos internacionais que não foram cumpridos e aqueles descumpridos por evasões políticas.

Na primeira carta do presidente da COP30, publicada em março de 2025, o embaixador brasileiro André Corrêa do Lago afirma:

[...] a COP30 marcará 20 anos da entrada em vigor do Protocolo de Quioto e 10 anos da adoção do Acordo de Paris. Muito foi aprendido ao longo das três décadas de nosso regime multilateral. Entre conquistas e impasses, a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC) tem sido um espelho das maiores qualidades e limitações da humanidade, mostrando como nossas sociedades, economias e políticas deveriam funcionar – e como elas funcionam na prática. [...] Entramos em 2025 com a confirmação de que 2024 foi o ano mais quente já registrado globalmente e o primeiro em que a temperatura média global ultrapassou 1,5°C acima de níveis pré-industriais. Logo em seguida, janeiro de 2025 marcou o mês mais quente já registrado. [...] Temos conhecimento científico sobre o assunto há mais de 35 anos, consolidado desde o primeiro relatório de avaliação do IPCC, de 1990 (Lago, 2025).

Associando os temas meio ambiente e educação, se tomarmos como referência dois documentos consultados nessa pesquisa – *Relatório Nosso Futuro Comum* (ONU, 1987) e *Educação: um tesouro a descobrir* (Delors *et al.*, 2010) –, podemos observar dois legados intimamente relacionados que se espalharam culturalmente pelo mundo já desde o fim do século XX: a definição de Desenvolvimento Sustentável e os Quatro Pilares da Educação.

Cientes do que tratam esses documentos, assim como os diagnósticos e prognósticos dos *9 Limites Planetários* (Richardson *et al.*, 2023) e do IPCC (IPCC, 2023) apresentados anteriormente, poderíamos calcular o quanto a mentalidade provocada pela difusão desse arcabouço cultural realizou do seu ideário para a humanidade e o planeta nesse primeiro quarto de século? Na velocidade em que estamos caindo, quantas gerações seriam necessárias para que o abrir do paraquedas resultasse de uma mentalidade coletiva de bem comum, cultivada por uma educação e uma cultura de valores universais e de democratização do conhecimento? Pelas perspectivas apresentadas, não é difícil constatar que “desenvolvimento” e “envolvimento” se movem em velocidades nitidamente desproporcionais na espiral dialética da história, em um mundo claramente determinado pelo interesse econômico e a lógica do mercado. Ainda assim, por ilusão ou utopia, muitos de nós são movidos pela convicção de uma esperança ativa na mudança que podemos desencadear por meio da educação.

5.3 Para onde estamos caminhando na educação?

Na última década do século XX, o regime multilateral das Nações Unidas deixou dois documentos como grandes legados que ficaram estabelecidos como marcos a orientarem a história mundial da educação. Primeiramente, em 1990, a *Declaração Mundial de Educação para Todos*, aprovada pela Conferência de Jontiem (UNESCO, 1990). Com um caráter de inclusão quantitativa, o relatório prevê a satisfação das necessidades básicas de aprendizagem de todas as pessoas frequentarem a escola e o compromisso político firmado entre os países-membros da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

Já em 1996, o relatório *Educação: um tesouro a descobrir*, da Comissão Mundial para a Educação no Séc. XXI, coordenado por Jaques Delors (Delors *et al.*, 2010) e, por isso, também conhecido como *Relatório Delors*, configura-se como um salto de qualidade ao estabelecer novos fundamentos para que a educação passasse a desempenhar o papel estratégico de impulsionar o desenvolvimento em bases profundamente humanas, mesmo em um mundo cada vez mais dominado pelo mercado. Para dar sentido e rumo a essa nova missão educacional, o relatório instaurou quatro pilares fundamentais: “Aprender a Ser, Aprender a Conhecer, Aprender a Conviver e Aprender a Fazer” (Delors *et al.*, 2010). Assim, essas quatro aprendizagens foram imediatamente difundidas nos principais circuitos mundiais de educação e cultura, dando origem a novos estudos, reflexões, inovações pedagógicas e debates públicos que abriram as portas do novo século visando um ideal de ser humano para os novos tempos e passando a integrar os eixos norteadores das políticas educacionais, inclusive no Brasil.

Somando-se ao conteúdo que desejamos elencar neste tópico, temos José Manuel Moran, renomado educador, pesquisador e professor naturalizado brasileiro, uma das referências nos assuntos sobre a transformação da educação no Brasil. Reflexões do seu livro *A Educação que Desejamos: novos desafios e como chegar lá*, publicado em 2012, são pertinentes para o enriquecimento deste trabalho. Na referida obra são abordadas questões fundamentais sobre a educação contemporânea.

A educação é como um caleidoscópio. Podemos enxergar diferentes realidades: podemos escolher mais de uma perspectiva de análise e cada uma terá sua lógica, seu fundamento, sua defesa, porque projetamos na educação nosso olhar, nossas escolhas, nossas experiências. Se queremos provar que a educação é um desastre e que a escola está atrasada, temos inúmeras estatísticas e experiências que a comprovam. [...] Se pelo contrário, quisermos mostrar que estamos avançando, que está havendo uma revolução silenciosa em escolas inovadoras, que há muitos grupos profissionais competentes e de alunos realizando experiências fantásticas, que a escola está mudando aos poucos com novos projetos e uso criativo de tecnologias, também encontraremos bons exemplos para comprová-lo. Tudo está acontecendo ao mesmo tempo, burocracia, atraso e inovação. É importante ter uma visão realista e não desesperançada ou destrutiva [...] Estamos diante de uma tarefa imensa, histórica e que levará décadas: propor, implementar e avaliar novas formas de organizar os processos de ensino-aprendizagem, em todos os níveis de ensino, que atendam às complexas necessidades de uma nova sociedade da informação e do conhecimento (Moran, 2012, p. 13).

Cabe aqui mencionar também o *Relatório de Monitoramento Global da Educação 2024*, divulgado pela UNESCO, o qual revela a estagnação e/ou diminuição de indicadores educacionais em todo o mundo, conforme destacado pela Diretora-Geral Adjunta de Educação da mencionada agência da ONU, Stefania Giannini:

[...] A educação tem o poder de transformar nosso mundo e é o principal impulsionador do progresso em todos os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), além de crucial para enfrentar os desafios globais [...] No entanto, enfrentamos crises urgentes de equidade e financiamento. Hoje, pedimos uma liderança decisiva para enfrentar essas crises entrelaçadas e aumentar drasticamente o investimento em educação (Brasil, 2024a).

O relatório, disponível no portal do Ministério da Educação (MEC), apresenta dados relevantes para o debate educacional contemporâneo. Alguns resultados importantes para o cenário geral da educação frente aos ODS:

A pesquisa demonstra que 110 milhões de crianças e adolescentes entraram na escola desde que o ODS 4 foi estabelecido, em 2015. Hoje, há mais crianças na escola do que nunca. As taxas de conclusão também estão aumentando: em comparação com 2015, mais de 40 milhões de jovens concluem o ensino médio atualmente. Entretanto, a população fora da escola foi reduzida em apenas 1% nos últimos dez anos. Atualmente, 251 milhões de crianças e jovens não estão na escola em todo o mundo, enquanto 650 milhões abandonam a escola antes da conclusão do ensino médio [...] De 2012 a 2018, a proporção

de estudantes proficientes em matemática aumentou 2 pontos percentuais, mas caiu 8 pontos, para 36%, em 2022. Um declínio de longo prazo pode estar acontecendo desde 2009. A COVID-19 pode ter acelerado essa queda e mascarado outros fatores estruturais (Brasil, 2024a).

Na mesma página, encontram-se as seguintes informações:

O Observatório de Financiamento da Educação 2024, da Unesco e do Banco Mundial, confirma que os gastos com educação por criança permaneceram praticamente os mesmos desde 2010. Segundo o mesmo relatório, quatro em cada dez países gastam menos de 15% do total de suas despesas públicas e menos de 4% de seu Produto Interno Bruto (PIB) em educação (os dois padrões de referência acordados) (Brasil, 2024a).

Nos últimos anos, a região da América Latina e Caribe, onde está localizado o Brasil, passou de uma média de investimento de 4,6% do PIB em educação em 2010 para 4,2% em 2022 (Brasil, 2024a). No Brasil, o cenário não é mais promissor. Embora o Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024) estabelecesse como meta investir 10% do PIB em educação até o fim de sua vigência, esse objetivo ainda está longe de ser alcançado. Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), vinculados ao MEC, apontam que “[...] o Brasil gasta 21,1% do PIB com previdência, educação, saúde e assistência social. Desse bolo, 7% é previdência social (geral), 4,3% é aposentadoria do setor público e 4,05% é educação” (IPEA, [2009?], p. 116).

Ainda que brevemente, compreender o panorama macro da educação é essencial para contextualizar os desafios enfrentados no cotidiano escolar, especialmente no “chão” da sala de aula. Em realidades marcadas pela desigualdade social, como a brasileira, a precariedade da educação torna-se ainda mais evidente diante da estagnação dos investimentos públicos.

Como afirma Moran (2012), com base no relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), divulgado em julho de 2004:

[...] apesar do PIB por habitante no Brasil ser semelhante ao de alguns países de alto desenvolvimento humano, 20% da população mais pobre do Brasil têm acesso a apenas 2% da renda ou do consumo, e os 20% mais ricos detêm 64,4% da riqueza (Moran, 2012, p. 68).

Essa desigualdade impacta diretamente as condições educacionais, aprofundando as disparidades e limitando as oportunidades de aprendizagem, especialmente na rede pública, que depende majoritariamente dos investimentos do governo para sua manutenção. A escassez de recursos como falta de infraestrutura adequada, falta de materiais, pouco investimento em formação de professores, acesso limitado a tecnologias, ou até o número reduzido de profissionais inviabiliza uma educação de qualidade.

Com base na máxima de Freire (1996), quando afirma que a educação não transforma o mundo, a educação muda as pessoas e as pessoas transformam o mundo, é possível interpretar os dados globais como reflexo da negligência de lideranças políticas com a educação. Tal negligência compromete o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e crítica, dificultando e/ou, em alguns casos, impedindo que a escola cumpra seu papel emancipador.

A baixa prioridade atribuída à educação compromete, ainda, a formação de cidadãos capazes de enfrentar os desafios contemporâneos, incluindo aqueles relacionados à crise climática e aos impactos do modelo econômico vigente. Kumar (2023), ao discutir os vínculos entre consumo, crescimento econômico e educação ecológica, chama atenção para a necessidade de repensar urgentemente os objetivos fundamentais das nações:

A produção e consumo sem fim, a busca de lucro para gerar crescimento econômico, progresso, e desenvolvimento se tornaram os objetivos mais valorizados da moderna ordem mundial [...] O crescimento econômico infinito, em um planeta finito, não é alcançável [...] O objetivo final deve ser sempre o bem-estar das pessoas e a integridade do planeta. Se a produção, o consumo, e o crescimento destroem o planeta e exploram as pessoas, então essas atividades econômicas devem ser suspensas imediatamente. A produção e o consumo são necessários. Entretanto, a partir de uma visão de mundo ecológica, respeitando o equilíbrio natural do planeta. [...] A Economia depende da Ecologia (Kumar, 2023, p. 74).

Essa temática mostra-se especialmente relevante no contexto das discussões sobre o desenvolvimento mundial e o papel da educação. O *Relatório de Monitoramento Global da Educação 2024*, da UNESCO (Brasil, 2024a), também

evidencia que a mudança climática impõe desafios significativos à infraestrutura escolar e à atualização dos currículos escolares. De acordo com o referido documento:

Em todo o mundo, quase 1 em cada 4 escolas primárias não tem acesso básico à água potável, saneamento e higiene, mas os governos também devem realizar investimentos mais amplos para oferecer aos estudantes e às escolas mais proteção relativa ao aumento das temperaturas e dos desastres naturais. [...] Um novo indicador que monitora o conteúdo da educação verde, ou seja, a educação para o desenvolvimento sustentável (EDS), mostra que é preciso oferecer mais educação sobre a mudança climática nas séries iniciais e em mais disciplinas além de ciências (Brasil, 2024a, p. 5).

Corroborando os dados de precariedade e falta de acesso a recursos básicos para uma educação de qualidade, apontados pela UNESCO, o *Censo Escolar da Educação Básica 2023* (Brasil, 2024b) — pesquisa anual coordenada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em parceria com as secretarias estaduais e municipais de educação — aponta indicadores preocupantes na mesma perspectiva:

Na educação infantil, a infraestrutura tecnológica é abrangente na rede privada de ensino, com a presença de internet em 98,6% das escolas particulares, enquanto na rede municipal o percentual é de 85,1%. A presença de internet banda larga é de 89,9% na rede privada e de 70,5% nas escolas municipais. [...] Em relação à infraestrutura, 46,6% das escolas municipais de educação infantil têm banheiro adequado à educação infantil, enquanto nas escolas particulares esse percentual chega a 84,8%. [...] Quanto à existência de materiais socioculturais ou pedagógicos em uso na escola para o desenvolvimento de atividades de ensino, verifica-se um elevado percentual na rede privada de brinquedos para educação infantil, de jogos educativos e de materiais para atividades culturais e artísticas com 93,0%, 90,8% e 65,4%, respectivamente. Já na rede municipal, esses percentuais são menores, respectivamente com 65,9%, 79,5% e 31,9% (Brasil, 2024b, p. 71).

Tais recursos são insumos básicos, indispensáveis para que a escola e os professores possam desempenhar adequadamente seu papel e promover uma transformação na organização do ensino e da aprendizagem. A ausência de condições minimamente adequadas e de recursos estruturais compromete diretamente a implementação de propostas educativas inovadoras frente aos desafios atuais. Freire (1996), ao refletir sobre as condições estruturais da prática docente, já alertava:

O professor tem o dever de dar suas aulas, de realizar sua tarefa docente. Para isso, precisa de condições favoráveis, higiênicas, espaciais, estéticas, sem as quais se move menos eficazmente no espaço pedagógico. Às vezes, as condições são de tal maneira perversas que nem se movem. O desrespeito a este espaço é ofensa aos educadores, aos educandos e à pátria pedagógica (Freire, 1996, p. 65).

Os dados da UNESCO revelam uma realidade preocupante: os investimentos globais em educação estão estagnados há mais de uma década, com variações mínimas e muito aquém das metas estipuladas tanto no plano internacional quanto no Plano Nacional de Educação brasileiro (Brasil, 2024a). Esse cenário evidencia o descompasso entre o discurso e a necessidade de transformar o modelo educacional e as condições reais de sua viabilização.

Diante dos dados apresentados pelos relatórios do INEP e da UNESCO, constata-se uma significativa disparidade na disponibilidade de recursos tecnológicos e de infraestrutura entre as redes de ensino no Brasil. Tal desigualdade, por sua vez, acentua os desafios estruturais da educação nacional e reforça a necessidade urgente de investimentos e de políticas públicas que assegurem equidade no acesso a recursos pedagógicos e tecnológicos, com vistas a garantir uma educação de qualidade, inclusiva e transformadora.

Com base nos dados divulgados pelo MEC, em agosto de 2024, por meio do portal *Todos pela Educação*, observam-se os resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2023, que refletem os avanços e retrocessos ocorridos nas redes de ensino nos últimos anos:

Nas redes municipais de ensino, 2.030 apresentaram queda no Ideb dos Anos Iniciais entre 2019 (período pré-pandemia) e 2023; 399 permaneceram estagnadas e 2.620 registraram avanços. Já nos Anos Finais, 1.006 redes municipais retrocederam, 280 estagnaram e 1.641 avançaram no mesmo período. Nas redes estaduais, quatro apresentaram queda no Ideb dos Anos Finais e três registraram estagnação entre 2019 e 2023. No Ensino Médio, cinco redes retrocederam e seis estagnaram. Considerando o universo das escolas públicas (estaduais e municipais), observando os Anos Iniciais, houve redução ou estagnação do Ideb em 49% dos municípios, o que corresponde a aproximadamente 60% das matrículas da rede pública nessa etapa da Educação Básica (Todos Pela Educação, 2024).

Sendo o caminho da educação indispensável para o avanço na direção apontada pelos ODS, o cenário apresentado, que se revela dramático e desafiador, suscita reflexões sobre entraves estruturais, culturais e políticos que precisam ser enfrentadas com urgência e seriedade. A análise dos dados apresentados evidencia que, em vez de avanços consistentes e contínuos, há indícios de estagnação e, em alguns indicadores, até mesmo retrocessos, como o aumento do número de crianças e jovens fora da escola e a queda nos índices de qualidade da aprendizagem. Como alerta Moran (2012, p. 2), “As mudanças demorarão mais do que alguns pensam, porque nos encontramos em processos desiguais de aprendizagem e evolução pessoal e social”.

Se o panorama demonstrado até aqui não revela um cenário promissor no âmbito da educação mundial e nacional, para o recorte desta pesquisa a perspectiva é ainda mais crítica, uma vez que a proposta deste trabalho une a arte à educação ambiental – duas áreas de conhecimento historicamente pouco valorizadas e, ao mesmo tempo, de fundamental importância para um enfrentamento sensível, criativo e pedagógico em face da crise civilizatória e da emergência climática que o mundo contemporâneo atravessa. Nas palavras de Ana Mae Barbosa, pioneira em Arte-Educação no Brasil,

A Arte na Educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (Barbosa, 2012, p. 19).

O ensino da arte no Brasil foi incluído no currículo escolar pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1971, a Lei nº 5.692 (Brasil, 1971), com o título de Educação Artística. Porém, era considerada apenas uma “atividade educativa”, e não uma disciplina: “Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus [...]” (Brasil, 1971).

A LDB de 1996, Lei nº. 9.394 (Brasil, 1996), estabeleceu que o ensino da arte constituísse “[...] componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

Embora as diretrizes de 1996 tornem obrigatório o ensino de artes em toda a educação básica, ainda é um grande desafio torná-la de qualidade. Muitas vezes seu espaço do currículo é o mínimo necessário para o cumprimento da legislação. O trabalho de arte educadores vem conseguindo através de árdua luta e constante pesquisas, ampliar este espaço e conquistar melhores condições de aplicação, mas o atual contexto político oferece grande desafio à educação e às artes, pois a censura volta a ser aplicada, e o acesso à cultura dificultado, por meio do aumento de impostos e corte de verbas (Lawall; Rueda; Herbrith, 2022, p. 9).

Entre 2017 e 2018, é homologada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) para os Ensinos Infantil, Fundamental e Médio, tornando-se um referencial obrigatório para a construção dos currículos de todo o país nos anos seguintes, segundo uma nova visão de educação estabelecida pelo documento. Conforme colocado em sua introdução:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento [...]. Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar [...] e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (Brasil, 2018, p. 7).

Se, por um lado, a parte geral da BNCC oferece uma orientação mais firme para currículos e docências do país, a parte específica é menos clara. Nesse sentido, a arte não encontra orientações específicas, tendo de adaptar sua atuação às expectativas atribuídas ao itinerário.

Dando continuidade ao processo histórico que confere importância e lugar ao ensino da arte na educação desde a LDB de 1971 (Brasil, 1971), na BNCC podemos identificar que

A Arte, enquanto área do conhecimento humano, contribui para o desenvolvimento da autonomia reflexiva, criativa e expressiva dos estudantes, por meio da conexão entre o pensamento, a sensibilidade, a intuição e a ludicidade. Ela é, também, propulsora da ampliação do conhecimento do sujeito sobre si, o outro e o mundo compartilhado. É na aprendizagem, na pesquisa e no fazer artístico que as percepções e compreensões do mundo se ampliam e se interconectam, em uma perspectiva crítica, sensível e poética em relação à vida, que permite aos sujeitos estar abertos às percepções e experiências, mediante a capacidade de imaginar e ressignificar os cotidianos e rotinas. [...] No decorrer desses processos, os estudantes podem também relacionar, de forma crítica e problematizadora, os modos como as manifestações artísticas e culturais se apresentam na contemporaneidade, estabelecendo relações entre arte, mídia, política, mercado e consumo. Podem, assim, aprimorar sua capacidade de elaboração de análises em relação às produções estéticas que observam/vivenciam e criam (Brasil, 2018, p. 482).

Embora seja perceptível uma evolução no discurso do Estado e das instituições democráticas na construção das políticas públicas, no sentido de adequação à realidade de cada época, Benites (2021) afirma que

Os quase 500 anos de história da arte e do ensino no Brasil trouxeram avanços e conquistas, mas os principais desafios da disciplina e do arte-educador continuam sendo os mesmos: driblar o preconceito, a desvalorização e as insistentes crises no currículo, contornar a falta de recursos e infraestrutura adequadas em nome da aprendizagem do aluno, e obviamente os demais problemas que todos os educadores das escolas públicas enfrentam: salas superlotadas, sucateamento da educação, cortes de recursos materiais, falta de incentivo na formação de professores e ainda a exigência diante da configuração da polivalência curricular frente as diversas linguagens que a arte possui (Benites, 2021, p. 48).

Ainda que o ensino da arte tenha sido historicamente negligenciado e o panorama atual revele poucos avanços nesse território de ação educativa, ao educador que trabalha com arte cabe uma nobre missão tecida de esperança ativa: dedicar-se a construir uma Educação Básica mais sensível, humana e sonhada, em que a arte floresça como parte essencial do aprender para se reinventar.

Mas esperança ativa não é apenas esperar que algo aconteça. Como já dito anteriormente, “pensar globalmente e agir localmente” é uma premissa que guia a realização deste trabalho e da realidade que o sustenta. Jane Goodall, primatóloga, etóloga e antropóloga britânica, conhecida mundialmente por sua atuação em defesa

da sustentabilidade e da educação ambiental, compartilha em *O Livro da Esperança: um guia de sobrevivência para tempos difíceis* (Goodall; Abrams, 2023), uma visão otimista e inspiradora sobre um futuro possível. A obra aborda os desafios ambientais e sociais contemporâneos e enfatiza o papel da esperança como aliada da ação. Assim a autora se posiciona:

Acredito que ainda temos uma janela de tempo durante a qual podemos começar a curar o mal que causamos ao planeta, mas essa janela está se fechando. Se nos importamos com o futuro dos nossos filhos e netos, se nos importamos com a saúde da natureza, devemos nos unir e agir. Agora, antes que seja tarde demais. E o que é essa “esperança” na qual ainda acredito, que me motiva a continuar lutando? A esperança é um conceito frequentemente mal compreendido. As pessoas tendem a acreditar que ela não passa de um pensamento passivo, um desejo vão: eu tenho a esperança de que algo vai acontecer, mas não ajo para que aconteça. Na verdade, esse é o exato oposto da verdadeira esperança, que requer ação e engajamento. Muitos percebem o estado desesperador em que se encontra o planeta, mas nada fazem, porque se sentem perdidos e desesperançados. [...] pretendo ajudar as pessoas a perceberem que suas ações, não importa quão pequenas possam parecer, realmente fazem a diferença. O efeito cumulativo de milhares de ações éticas, pode ajudar a salvar e curar o nosso planeta para as gerações futuras (Goodall, Abrams, 2023, p. 13).

Pois bem, arte e educação ambiental, uma combinação de encantamento, esperança, criatividade e beleza em diálogo e ação com a beleza da vida, do planeta e do cosmos, para fora e para dentro de nós. Uma dialética de transformação guiada por uma ética de cuidado e amor à vida. Essa é uma resposta de esperança ativa em curso há 29 anos e proposta por este trabalho perante as grandes questões tratadas nos três textos que iniciam este referencial teórico de forma provocativa: “Para onde vai o mundo?; E se o paraquedas não abrir?; Para onde estamos caminhando na educação?”.

Esses três textos evidenciam o descompasso entre um mundo desejado — objetivado com a criação das Nações Unidas e os desdobramentos de suas iniciativas até os dias atuais — e um mundo real, cuja ideia de desenvolvimento sustentável revela-se cada vez mais como um mito contemporâneo inventado para acreditarmos que é possível conciliar desenvolvimento econômico acelerado com sustentabilidade planetária.

Ainda assim, é interessante notar e destacar que relevantes pensadores com os quais dialogamos neste referencial [alguns já mencionados e outros vindo na sequência do texto], como Edgar Morin, Félix Guattari, Fritjof Capra, Jane Goodall, Leonardo Boff, Marcos Reigota, Paulo Freire, Suzana Padua, dentre outros, demonstram claramente depositar sua esperança em cada sujeito histórico como agente de transformação da dura realidade em que nos encontramos.

A realização deste trabalho e da realidade que o sustenta — 29 anos de práxis artístico-pedagógica da Cia. Cultural EMCANTAR — inspira-se nesse modo de pensar e agir, fazendo coro com esses que acreditam em um futuro possível pela via de uma esperança ativa.

5.4 Olhar em volta

Como já dito anteriormente, o EMCANTAR surge em meados da década de 1990, inspirado no potencial artístico e pedagógico de canções da música popular brasileira e suas contribuições em aspectos relacionados ao desenvolvimento humano e ao desenvolvimento sustentável. À medida que o ‘olhar para dentro’ de ações e vivências de formação se dirigia ao desenvolvimento de crianças, jovens e educadores para além da experiência artística e do canto coletivo, podia-se gradativamente olhar em volta e identificar no macroambiente reflexos dos esforços mundiais das Nações Unidas em favor da convergência de conceitos e práticas do campo dos Direitos Humanos com aqueles do desenvolvimento econômico, social e ambiental.

Dessa convergência, surge um novo horizonte de pensamento e ação que tem, na busca do desenvolvimento humano e do desenvolvimento sustentável, eixos que impulsionaram o envolvimento e a participação do setor empresarial nas causas da educação e do meio ambiente em todo o mundo. Por consequência, a partir da década de 1990, pode-se observar o crescimento e a visibilidade do Terceiro Setor no Brasil, assim como o movimento desencadeado pela chamada Responsabilidade Social Empresarial (RSE). Evidências desse advento podem ser constatadas com a criação de Organizações da Sociedade Civil (OSC) e institutos empresariais voltados a causas da educação, da cultura, do meio ambiente, da responsabilidade social entre outras.

Abaixo, alguns exemplos que influenciaram diretamente o campo de formação e atuação das lideranças do EMCANTAR no mesmo período que coincide com sua gênese e consolidação institucional (1996 a 2006):

- Instituto Ayrton Senna (1994);
- GIFE - Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (1995);
- Instituto Ethos (1998);
- Instituto Akatu (2001);
- Instituto Algar (2002);
- Organização para a Proteção Ambiental - OPA (2003);
- Instituto Alair Martins (2005).

Essa lista de exemplos é suficiente para expormos que os acontecimentos desencadeados por organizações como essas, entre outras dessa natureza, afetaram profundamente as cenas nacional, regional e local por meio de eventos, publicações, congressos, seminários e palestras em todo o Brasil. Toda essa movimentação se constituiu como um importante vetor cultural para a difusão de conceitos e práticas relacionados ao desenvolvimento humano e ao desenvolvimento sustentável.

Nesse contexto histórico, em que o EMCANTAR se consolidava como empreendimento e se constituía como OSC, não foram poucas as oportunidades de conhecer de perto, ouvir, ler, conversar e dialogar com pensadores, autores e obras influentes na cocriação da práxis artístico-pedagógica dos profissionais e, por consequência, dos participantes das nossas ações.

Esse conjunto de referências é muito bem representado por pensadores e autores como o professor Antonio Carlos Gomes da Costa, Paulo Freire, Rubem Alves, José Pacheco [Escola da Ponte – Portugal], Ana Mae Barbosa, Elvira Souza Lima, Teresinha Guerra, Tião Rocha [Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD)], Leonardo Boff, Kaká Werá Jecupé, Edgar Morin, Bernardo Toro, Amartya Sen, Fritjof Kapra, Félix Guattari, Murray Schafer entre outros.

Já no campo da arte e da produção cultural, também merecem destaque autores que representam fontes de encantamento, fruição e inspiração. Tais influências

criativas, culturais e artísticas nutriram e orientaram a mescla de tradição e inovação, ideias e ideais que fundaram os repertórios de canções adotadas pelo EMCANTAR, assim como das produções artísticas autorais impulsionadas por essas trocas.

Em caráter amplo e genérico, destaca-se primeiramente a diversidade da cultura popular em suas formas de manifestação que expressam a gênese de um Brasil profundo e plural nas suas origens e tradições, com ênfase na região do Triângulo Mineiro, em que predominam o Congado, a Capoeira, as Folias de Reis e as Festas Juninas.

Em caráter específico, não podem deixar de ser citados artistas como Milton Nascimento, Fernando Brant, Márcio Borges, Ronaldo Bastos, Adolfo Figueiredo, Chico Buarque, Tavinho Moura, Enzo Banzo, Cleusa Bernardes, Dércio e Doroty Marques, Celso Adolfo, Juraíldes da Cruz, João Bá, Fernando Guimarães, Thyaga, Bia Bedran, Rubinho do Vale, Diana Pequeno, Daniela Lasalvia, Denise Emmer, Augusto Jatobá, Pena Branca e Xavantinho, Marlui Miranda, Mercedes Sosa, Violeta Parra, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Paulinho Pedra Azul, Vital Farias, Saulo Laranjeira, Geraldo Azevedo, Elomar, Xangai, Nilson Chaves, Pereira da Viola, Zé Côco do Riachão, Tom Zé, Luiz Salgado, dentre outros mais.

E ainda grupos como Trem das Gerais, Ponto de Partida, Uakti, Anima, Palavra Cantada, Galpão, Corpo, Meninos de Araçuaí, Coral Trovadores do Vale, Coral das Lavadeiras de Almenara, Mawaca, Boca Livre, Tarancon, Quinteto Armorial, Raízes de América, Tabinha, Quarteto Vagamundo, Barbatuques, dentre tantos.

Com todas essas pessoas e grupos, entrelaçamentos de gente com repertórios culturais, conhecimentos e saberes que atravessam historicamente as fronteiras do tempo e do espaço, recriando a história.

Tais pensadores e suas obras, assim como tais criadores e suas produções artísticas, representam, portanto, o referencial teórico, cultural e artístico, fundadores da base epistêmica sobre a qual edificamos a atuação sociocultural, ambiental e educativa do EMCANTAR, contribuindo para a origem e a sistematização da *Pedagogia do Encantamento* (Querubim, 2020) como Tecnologia Educacional (TE) resultante da experiência dos primeiros 15 anos do empreendimento.

5.5 Uma trilha por 4 Pilares, 7 Saberes, 3 Ecologias e Uma Ética Planetária

De acordo com a proposta mundial da UNESCO contida no *Relatório Educação: um tesouro a descobrir* (Delors *et al.*, 2010), os Quatro Pilares da Educação representam quatro dimensões de aprendizagem fundamentais ao ideal pedagógico para o século XXI. Ao mesmo tempo, como busca e efetivação, esse ideal se propõe como direito e dever de todas as nações a orientar o desenvolvimento humano sustentável com eixos norteadores para a política educacional, visando uma educação integral do ser humano.

De forma estruturada, *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro* (Morin, 2001) surgem em consonância com os Quatro Pilares da Educação na vida de cada pessoa, levando em conta *As Três Ecologias* (Guattari, 2012) nas relações consigo, com os outros e com o planeta. Por fim, uma práxis ecosófica vem orientar o caminho metodológico da ação em estágios de conhecimento, consciência, coerência e consistência prática na mudança da realidade mediante uma Ética Planetária de cuidado e amor à vida (biofilia).

Se houver aqui espaço para a utopia, uma formação capaz de garantir esse arcabouço epistêmico às pessoas em geral seria a melhor resposta para aquietar a instigação que me trouxe a este mestrado: *“Como cuidar do que não se ama, como amar o que não se conhece?”*.

E se também houver espaço para o esperar, ainda que pareça estarmos muito distantes dessa utopia, nunca fez tanto sentido pensarmos globalmente e agirmos localmente. Uma vez que o acesso ao conhecimento e à história tem nos ensinado sobre o progresso vagaroso das mudanças necessárias em larga escala — pelas mãos do Estado e dos poderes econômico e político daqueles que decidem os rumos do mundo —, cada pessoa tem relativos e razoáveis poderes dentro de seus territórios de ação para exercer o que entender estar ao seu alcance.

5.5.1 O Paradigma do Desenvolvimento Humano

No ano de 1990 foi lançado o primeiro *Relatório de Desenvolvimento Humano* (RDH) pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (UNDP, 1990), representando um marco na área do Desenvolvimento Humano. Inspirada nos trabalhos do economista indiano Amartya Sen, cujo olhar estava voltado às capacidades e liberdades do ser humano em ser e fazer o que desejar, a abordagem desse tema no relatório foi concebida pelo economista paquistanês Mahbub ul Haq.

Segundo o relatório, o desenvolvimento humano é

[...] um processo de ampliação das escolhas das pessoas. [...] essas escolhas podem ser infinitas e mudar ao longo do tempo. Mas, em todos os níveis de desenvolvimento, os três essenciais são: que as pessoas tenham uma vida longa e saudável, adquiram conhecimento e tenham acesso aos recursos necessários para um padrão de vida decente. Se essas escolhas essenciais não estiverem disponíveis, muitas outras oportunidades permanecerão inacessíveis. [...] Escolhas adicionais, altamente valorizadas por muitas pessoas, variam da liberdade política, econômica e social a oportunidades para ser criativo e produtivo, e desfrutar de autorrespeito pessoal e direitos humanos garantidos. O desenvolvimento humano tem dois lados: a formação de capacidades humanas — como melhoria da saúde, conhecimento e habilidades — e o uso que as pessoas fazem de suas capacidades adquiridas — para lazer, propósitos produtivos ou para serem ativas em assuntos culturais, sociais e políticos. [...] O desenvolvimento deve, portanto, ser mais do que apenas a expansão de renda e riqueza. Seu foco deve ser as pessoas (UNDP, 1990, p. 10, tradução nossa).

A obra *Desenvolvimento como Liberdade*, de Amartya Sen (Sen, 2000), é uma das principais referências teóricas para a compreensão dos conceitos de capacidade, liberdades reais e o Paradigma do Desenvolvimento Humano (PDH) (UNDP, 1990). Conforme Sen (2000, p. 18):

O desenvolvimento requer que se removam as principais fontes de privação de liberdade: pobreza e tirania, carência de oportunidades econômicas e destituição social sistemática, negligência dos serviços públicos e intolerância ou intervenção excessiva de Estados repressivos. Apesar de aumentos sem precedentes na opulência global, o mundo atual nega liberdades elementares a um grande número de pessoas.

Para o autor, o desenvolvimento deve estar relacionado “[...] com a melhoria da vida que levamos e da liberdade que desfrutamos”, pois,

Expandir as liberdades que temos razão para valorizar não só torna nossa vida mais rica e mais desimpedida, mas também permite que sejamos seres sociais mais completos, pondo em prática nossas volições, interagindo com o mundo em que vivemos e influenciado esse mundo (Sen, 2000, p. 29).

Nesse contexto, o pedagogo e renomado educador brasileiro Antonio Carlos Gomes da Costa — autor de várias obras e um dos redatores do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) —, evidenciou os princípios do PDH quanto à importância das oportunidades e a preparação para escolhas na vida de crianças e adolescentes. Ao longo de sua trajetória de vida devotada à educação, o referido professor sempre buscou enfatizar o papel central da educação no desenvolvimento humano.

Para ele, enquanto saúde, alimentação, dignidade, respeito, integridade física, psicológica e moral são condições para a efetivação da ação educativa, a educação é o único processo capaz de transformar o potencial das pessoas em competências, capacidades e habilidades (Costa, 2006, p. 55). Segundo informações do PDH, amplamente difundido pelo autor em palestras e publicações:

Toda pessoa nasce com um potencial e tem direito de desenvolvê-lo. Para desenvolver o seu potencial as pessoas precisam de oportunidades. O que uma pessoa se torna ao longo da vida depende de duas coisas: as oportunidades que tem e as escolhas que fez. Além de ter oportunidades as pessoas precisam ser preparadas para fazer escolhas ((UNDP, 1990 *apud* Costa, 2006, p. 55).

Para Costa (2008), a escola como a conhecemos — herdeira do Iluminismo e da razão analítico-instrumental —, tem se demonstrado incapaz de superar os desafios impostos pela crise civilizatória dos tempos atuais. De acordo com o autor, a modernidade, que trouxe consigo o desenvolvimento da razão, da ciência e da técnica, mostra-se impossibilitada de realizar os compromissos de liberdade, igualdade e fraternidade que surgiram nos seus primórdios (Costa, 2008). Não é necessário muito esforço para reconhecer o quanto a civilização moderna tem se afastado dos ideais contidos em tais promessas que marcaram a sua constituição e dos quais nos afastamos progressivamente.

5.5.2 A Educação Interdimensional e os Quatro Pilares da Educação

Em concordância com o professor Antonio Carlos Gomes da Costa, a escola tradicional, configurada como território do *logos* (racionalidade), tem sido insuficiente para “[...] fazer propostas de (des)fragmentação do conhecimento, buscar novas formas de relacionamento entre as disciplinas e trazer os enfoques multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar” (Costa, 2008, p. 20).

Assim, à luz do ideal de formação humana da Paideia grega em diálogo profundo e sistemático com o Paradigma do Desenvolvimento Humano (UNDP, 1990) e os Quatro Pilares da Educação (Delors *et al.*, 2010), o autor propõe a Educação Interdimensional como uma nova forma de educar, capaz de reequilibrar, de forma inteligente e harmônica, as relações com as demais dimensões ontológicas do humano, a saber: o *logos* (racionalidade); o *pathos* (afetividade / sensibilidade), o *eros* (corporeidade) e o *mytho* (espiritualidade) (Costa, 2008).

Para o supracitado professor, não se trata de desvalorizar ou colocar de lado a razão analítico-instrumental, que nos legou a ciência, a técnica e o enfoque interdisciplinar. Esse último “[...] não dá conta da inteireza e da complexidade do desafio educacional de integrar as quatro dimensões co-constitutivas do humano. É preciso desenvolver um enfoque interdimensional” (Costa, 2008, p. 21). Nesse sentido, o autor desenvolve sua proposta de uma possível Educação Interdimensional a partir do horizonte descortinado pelos Quatro Pilares da Educação, os quais, segundo ele, “[...] apontam na direção de um ensino capaz de superar suas próprias tendências e se abrir para práticas e vivências de sentido existencial, social, produtivo e cognitivo, de impacto mais abrangente e profundo” (Costa, 2008, p. 21).

Como já mencionado, o relatório publicado pela UNESCO em 1996, intitulado *Educação: um tesouro a descobrir* (Delors *et al.*, 2010), elaborado pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, sob a presidência de Jacques Delors, propõe uma concepção ampliada e humanista da educação. Estruturado em torno do princípio da educação ao longo da vida, o documento defende que o processo educativo deve transcender os limites da escolarização formal, abrangendo todas as fases da existência humana.

Na abertura do documento, o presidente da citada comissão intitula a educação como “[...] a utopia necessária” que “[...] surge como um trunfo indispensável para que a humanidade tenha a possibilidade de progredir na consolidação dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social” (Delors, 2010, p. 5). Nesse sentido, a educação se constitui como uma via “[...] a serviço de um desenvolvimento humano mais harmonioso e autêntico, de modo a contribuir para a diminuição da pobreza, da exclusão social, das incompreensões, das opressões, das guerras...” (Delors, 2010, p. 5).

Ao tratar das decepções do progresso econômico e socioambiental, esse autor afirma que:

[...] o crescimento econômico a qualquer preço não pode ser considerado como a via mais adequada para permitir a conciliação entre progresso material e equidade, entre respeito pela condição humana e pelo capital natural que temos obrigação de transmitir, em bom estado, às gerações vindouras (Delors, 2010, p. 7).

Nesse sentido, na sequência do texto, o relatório *Educação: um tesouro a descobrir* apresenta uma visão ampla e humanista com o conceito de educação ao longo da vida como sendo a chave para abrir as portas do novo século e eliminar “[...] a distinção tradicional entre educação formal inicial e educação permanente” (Delors *et al.*, 2010, p. 32). Além disso, converge para o conceito da “sociedade educativa” como aquela “[...] na qual tudo pode ser uma oportunidade para aprender e desenvolver os talentos” (Delors *et al.*, 2010, p. 32). Sendo assim, conforme esse grupo de autores, os quatro pilares fundamentais que devem guiar todos os sistemas educativos no século XXI são apresentados como: “Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer, Aprender a Conviver e Aprender a Ser”.

Embora as formulações dessas quatro aprendizagens apresentadas no documento sejam bastante genéricas, a proposta central é a de que “Essa perspectiva deve no futuro inspirar e orientar as reformas educacionais, seja na elaboração dos programas ou na definição de novas políticas pedagógicas” (Delors *et al.*, 2010, p. 32). Assim, no capítulo 4, com o subtítulo de *Pistas e Recomendações*, os Quatro Pilares são definidos da seguinte forma:

- Aprender a conhecer, combinando uma cultura geral, suficientemente ampla, com a possibilidade de estudar, em profundidade, um número reduzido de assuntos, ou seja: aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo da vida.
- Aprender a fazer, a fim de adquirir não só uma qualificação profissional, mas, de uma maneira mais abrangente, a competência que torna a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. Além disso, aprender a fazer no âmbito das diversas experiências sociais ou de trabalho, oferecidas aos jovens e adolescentes, seja espontaneamente na sequência do contexto local ou nacional, seja formalmente, graças ao desenvolvimento do ensino alternado com o trabalho.
- Aprender a conviver, desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências — realizar projetos comuns e preparar-se para gerenciar conflitos — no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.
- Aprender a ser, para desenvolver, o melhor possível, a personalidade e estar em condições de agir com uma capacidade cada vez maior de autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal. Com essa finalidade, a educação deve levar em consideração todas as potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se (Delors *et al.*, 2010, p. 31).

Antes de retomarmos a proposta de Educação Interdimensional de Antonio Carlos Gomes da Costa (Costa, 2008) como estratégia educativa em diálogo com os Quatro Pilares da Educação, vale destacar nossa elaboração a respeito de alguns aspectos que demonstram a estreita sintonia entre a proposta educativa do *Relatório Delors* (Delors *et al.*, 2010) e a concepção de Amartya Sen e Mahbub ul Haq que fundamenta o Paradigma do Desenvolvimento Humano:

- a centralidade do ser humano como sujeito e finalidade do desenvolvimento;
- o “aprender a ser” como desenvolvimento de **capacidades** relacionadas à formação integral do indivíduo, sua autonomia, dignidade e potencial de **escolha**;
- o “aprender a conviver” relacionado às **liberdades** promovidas por Sen, como a liberdade política, a participação cidadã e a segurança humana, vistas como componentes indispensáveis para sociedades democráticas e inclusivas;
- a educação ao longo da vida como estratégia para a expansão contínua das **oportunidades** humanas, elemento-chave do desenvolvimento como liberdade.

Assim, os Quatro Pilares da Educação e o PDH convergem ao enfatizar que o desenvolvimento verdadeiro não reside apenas no crescimento econômico, mas na ampliação de escolhas, capacidades e liberdades das pessoas.

Segundo Costa (2008), a Educação Interdimensional poderá contribuir de modo significativo no enfrentamento à crise ontológica contemporânea, dada a sua capacidade de formar seres humanos mais aptos à tarefa essencial de construção de uma sociedade e um mundo baseado no Paradigma do Desenvolvimento Humano (UNDP, 1990).

Uma vez que a formulação inicial dos Quatro Pilares da Educação no *Relatório Delors* (Delors *et al.*, 2010) é genérica e apresenta apenas quatro grandes esferas de aprendizagem, Costa (2008, p. 22) afirma que:

O caminho que vai da aprendizagem até sua aplicação prática passa pelo desenvolvimento de competências, pela adoção de atitudes e pela aquisição de habilidades, que são as mediações necessárias nesse processo.

Assim, a aprendizagem possui um caráter interativo e aquisitivo que Costa (2008, p. 22) define como sendo “[...] o processo por meio do qual o educando interage, assimila, incorpora, compreende, significa e domina um conteúdo”.

Já as competências dizem respeito à capacidade de aplicação daquilo que se aprendeu em âmbitos e contextos específicos da atividade humana, pois “[...] não se reporta ao processo de aquisição do conteúdo aprendido, mas à sua utilização por parte daquele que o detém” (Costa, 2008, p. 22).

As atitudes, por sua vez, “[...] referem-se ao modo básico como a pessoa se posiciona frente às diversas situações, dimensões e circunstâncias concretas de sua vida” (Costa, 2008, p. 22). Portanto, são ações relacionadas à compreensão do contexto na realidade em que a pessoa está inserida.

Por fim, o referido educador define habilidades no campo do “[...] domínio, por parte do educando, do processo de produção dos atos necessários para a realização de uma atividade, a consecução de uma tarefa, o desempenho de um determinado papel interpessoal, social e produtivo” (Costa, 2008, p. 22).

Dessa forma, esse autor desdobra, a partir dos Quatro Pilares da Educação apontados por Delors *et al.* (2010), isto é, das quatro aprendizagens, quatro

competências seguidas de quatro atitudes com exemplos de habilidades correspondentes que, numa visão de conjunto, podem ser observadas na Figura 7.

Quatro aprendi- zagens	Quatro conjuntos de competências	Quatro atitudes	Exemplos de habilidades
Aprender a ser	Competências pessoais	Autodesenvolvimento (Voltado para si mesmo)	• Autoconhecimento • Autoconceito • Auto-estima • Autoconfiança • Autonomia • Etc.
Aprender a conviver	Competências relacionais	Alterdesenvolvimento (Voltado para o outro)	• Habilidades de relacionamento inter- pessoal e social. • As várias dimensões do cuidado.
Aprender a fazer	Competências produtivas	Desenvolvimento das circunstâncias (Voltado para a realidade econômica, ambiental, social, política ou cultural)	Trabalhabilidade: • Autogestão • Co-gestão • Heterogestão
Aprender a conhecer	Competências cognitivas	Desenvolvimento intelectual (Voltado para a gestão do conheci- mento)	Habilidades metacog- nitivas*: • Autodidatismo • Didatismo • Construtivismo

** Metacognição: aprender o aprender, ensinar o ensinar, conhecer o conhecer.*

Figura 7 - Quadro “Uma visão do todo”.

Fonte: Costa (2008, p. 23).

Após a apresentação sucinta e didática do ideário da Educação Interdimensional em consonância com o PDH e os Quatro Pilares da Educação, Costa (2008, p. 23) sinaliza um caminho de “[...] superação da hegemonia do *logos* na educação”,

afirmando que, nas melhores escolas de países desenvolvidos, “[...] o ensino da arte começa a ocupar, nas propostas curriculares, um lugar semelhante àquele reservado às línguas, às ciências e às matemáticas”. O autor reflete sobre esse acontecimento mediante o valor que tem sido conferido à *criatividade* no contexto pós-industrial em três áreas: das relações interpessoais; da vida cívica – referindo-se à cidadania; e do aspecto produtivo. Segundo ele,

A resignificação da educação pela arte é um exemplo perfeito de como as dimensões do *logos*, do *pathos*, do *eros* e do *mytho* podem entrar na formação integral do educando, pois esse modelo de educação tem a capacidade de trabalhar conhecimentos, métodos, técnicas e também sentimentos, desejos, crenças, valores, significados e sentidos existenciais profundos, sem que qualquer dessas dimensões recalque e oprime as demais (Costa, 2008, p. 24).

A Educação Interdimensional proposta por esse pensador da educação promove essa formação integral por meio da criação de oportunidades educativas que favorecem aos educandos envolvimento com o fazer e produzir arte, com a fruição e a apreciação de obras e manifestações artísticas, “[...] de modo a desenvolver o seu senso estético e a sua criatividade nessa e em outras esferas do agir humano” (Costa, 2008, p. 24).

Assim como a estética é a teoria das formas e a ética é a teoria da ação, o autor defende que o desenvolvimento do senso estético proporciona a ampliação da capacidade do educando de ampliar seus recursos internos a fim de “[...] dar forma a si mesmo e ao mundo”, criando condições para que, além de uma habilidade, a criatividade “[...] torne-se uma atitude básica diante da vida” (Costa, 2008, p. 24). E cita o escritor russo Máximo Gorki, com a sua célebre afirmação de que “A estética é a ética do futuro”. Nesse sentido, “[...] a estética, como ética, nos remete à possibilidade de o ser humano adotar uma atitude básica, uma postura, um posicionamento criativo diante da vida” (Costa, 2008, p. 25).

Como ser de relações aberto em todas as direções, esse novo ser humano está sendo chamado, portanto, à ação ética-estética de dar novas formas a si e ao mundo, transformando suas próprias formas de relacionar-se consigo, com os outros, com a natureza e com a dimensão transcendente da vida. Para Costa (2008, p. 24), “Isso ocorre na medida em que compreendemos a necessidade de assumir uma atitude de

cuidado com a dignidade da vida em todas as suas dimensões”. Os desdobramentos sobre as dimensões desse *cuidado* ao qual o autor se refere serão desenvolvidos em sua abordagem da Ética Biofílica, que traremos ao final deste referencial teórico.

5.5.3 Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro

A obra *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*, de Edgar Morin, publicada originalmente em 1999 a pedido da UNESCO, apresenta uma análise crítica das deficiências estruturais do sistema educacional contemporâneo e propõe um novo paradigma para o ensino: “[...] sete saberes ‘fundamentais’ que a educação do futuro deveria tratar em toda sociedade e em toda cultura, sem exclusividade nem rejeição, segundo modelos e regras próprias a cada sociedade e a cada cultura” (Morin, 2001, p. 13).

O texto argumenta que a educação tradicional está ancorada em uma fragmentação excessiva do conhecimento, limitando a compreensão da complexidade do mundo e impossibilitando a formação de indivíduos aptos a lidar com os desafios do século XXI. Nesse sentido, a viabilidade da educação depende do quanto ela se propõe a ser integral e transdisciplinar, dirigindo-se à totalidade aberta do ser humano.

O autor sustenta que a educação precisa transcender a abordagem disciplinar compartimentada e adotar um pensamento complexo, capaz de integrar diferentes áreas do saber e considerar as interconexões entre fenômenos naturais, sociais, culturais e históricos. Ele enfatiza que a realidade é marcada pela incerteza, pela imprevisibilidade e pela interdependência global, aspectos que devem ser incorporados à formação dos indivíduos.

Morin (2001) defende que o conhecimento, ao mesmo tempo que ilumina a realidade, também está sujeito a erros e ilusões. Portanto, a educação deve ensinar a reconhecer os limites da cognição humana. Além disso, destaca a necessidade de desenvolver uma consciência planetária, superando visões nacionalistas e etnocêntricas, de modo a formar cidadãos capazes de compreender sua condição humana e sua responsabilidade ética perante o destino comum da humanidade.

A proposta dos sete saberes fundamentais que devem orientar a educação do futuro aborda desde a necessidade de um conhecimento mais crítico e interdisciplinar até a formação de uma ética baseada na solidariedade e na compreensão entre os povos. Para além de uma reflexão teórica sobre os desafios da educação, o autor apresenta diretrizes práticas para uma reforma educacional que prepare os indivíduos a fim de enfrentarem as complexidades e as incertezas do mundo contemporâneo.

5.5.3.1 As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão

O conhecimento humano é inerentemente falível e está sujeito a erros, ilusões e distorções cognitivas. Essas falhas podem decorrer de fatores biológicos, culturais, psicológicos e epistemológicos, levando à construção de concepções equivocadas sobre a realidade. O autor aponta que, ao longo da história, muitos paradigmas científicos e filosóficos foram considerados verdades absolutas até serem refutados por novas descobertas. Assim, ele propõe que a educação não deve apenas transmitir conhecimentos, mas também desenvolver nos indivíduos a capacidade de questionar e refletir criticamente sobre as informações recebidas e aprender a conhecer o que é conhecer (Morin, 2001, p. 14).

É fundamental que a escola estimule o pensamento autônomo e a consciência sobre os próprios limites da cognição. Para isso, o ensino deve promover a análise das falácias lógicas, das distorções ideológicas e das formas de manipulação da informação que permeiam tanto a ciência quanto a sociedade. “Trata-se de armar cada mente no combate vital rumo à lucidez” (Morin, 2001, p. 14). Nesse aspecto, não deixa de chamar atenção o que o mundo se tornou em termos de redes sociais e *fake news* cerca de vinte anos após a publicação dessa obra.

5.5.3.2 Os princípios do conhecimento pertinente

Para o autor em foco, um dos maiores desafios da educação contemporânea é a desagregação do conhecimento, que impede o entendimento dos fenômenos em sua

totalidade. O modelo disciplinar tradicional isola as áreas do saber, dificultando a percepção das conexões entre os diferentes campos do conhecimento. Na obra lemos o argumento de que a realidade não pode ser compreendida de forma reducionista, pois os fenômenos naturais e sociais são complexos e interdependentes, enquanto os saberes “[...] estão desunidos, divididos, compartimentados” e “[...] as realidades ou problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários” (Morin, 2001, p. 36).

Assim, a educação deve fomentar um pensamento sistêmico e transdisciplinar, capaz de integrar diferentes perspectivas e contextualizar as informações, como “[...] o contexto, o global, o multidimensional, o complexo” (Morin, 2001, p. 36). A ênfase no conhecimento pertinente implica não apenas a aquisição de conteúdos específicos, mas também no desenvolvimento de habilidades cognitivas que permitam a análise crítica e a síntese de múltiplas abordagens que possam, por exemplo, identificar as relações entre o todo e as partes.

5.5.3.3 Ensinar a condição humana

Seguindo sua exposição de ideias, o autor enfatiza a necessidade de uma educação que permita ao indivíduo compreender sua própria existência em toda a sua complexidade, “[...] totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano” (Morin, 2001, p. 15). “O ser humano é um ser racional e irracional, capaz de medida e desmedida; sujeito de afetividade intensa e instável” (Morin, 2001, p. 59). A condição humana não pode ser reduzida a uma visão biológica ou sociológica, mas deve ser abordada de maneira integrada, considerando suas dimensões psicológicas, históricas, culturais, filosóficas e estéticas:

[...] é necessário promover grande remembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo, dos conhecimentos derivados das ciências humanas para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas, bem como integrar (na educação do futuro) a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas

também **a literatura, a poesia, as artes...** (Morin, 2001, p. 48, grifo nosso).

Assim, esse autor sugere que a escola deve proporcionar um ensino que favoreça a reflexão sobre o que significa ser humano, explorando questões como identidade, subjetividade, emoções e interações sociais. Compreender a si mesmo é essencial para que o indivíduo possa interagir de forma mais consciente e empática com os outros. Além disso, essa abordagem educativa deve enfatizar a história da humanidade, a história da Terra e a condição cósmica, mostrando como as diferentes civilizações se desenvolveram e se influenciaram mutuamente ao longo do tempo no planeta. Isso ajuda a construir uma cosmovisão mais ampla da humanidade em sua condição cósmica e terrestre, promovendo um sentimento de pertencimento e responsabilidade coletiva.

Em confluência com *As Três Ecologias*, de Félix Guattari (Guattari, 2012), também discutidas amplamente por Leonardo Boff (2002) em suas proposições sobre uma ética planetária, Morin (2001, p. 55) afirma que

A complexidade humana não poderia ser compreendida dissociada dos elementos que a constituem: todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana.
[...] somos um elemento da diáspora cósmica, algumas migalhas da existência solar, um diminuto broto da existência terrena.

5.5.3.4 Ensinar a identidade terrena

Nas afirmações de Morin (2001, p. 15), “[...] o destino planetário do gênero humano é outra realidade-chave até agora ignorada pela educação. [...] e o reconhecimento da identidade terrena” deveria ser “[...] um dos principais objetos da educação”. Para o autor, convém ensinar a história da era planetária.

Há cerca de cem mil anos,

A história humana começou por uma diáspora planetária que afetou todos os continentes, em seguida entrou, nos tempos modernos, na era

planetária da comunicação entre os diversos fragmentos da diáspora humana.

A diáspora da humanidade não produziu nenhuma cisão genética: pigmeus, negros, amarelos, índios, brancos vêm da mesma espécie, possuem os mesmos caracteres fundamentais de humanidade. Mas ela levou à extraordinária diversidade de línguas, culturas, destinos, fontes de inovação e de criação em todos os domínios. A riqueza da humanidade reside na sua diversidade criadora, mas a fonte de sua criatividade está em sua unidade geradora (Morin, 2001, p. 65).

A globalização e os desafios ambientais demonstram que a humanidade compartilha um destino comum. Nesse sentido, o texto da obra em análise argumenta que a educação deve fomentar uma identidade planetária, ajudando os indivíduos a compreenderem sua interdependência com o meio ambiente e com outras sociedades. Os problemas ecológicos, as desigualdades econômicas e os avanços tecnológicos exigem uma abordagem coletiva, capaz de transcender fronteiras nacionais e interesses particulares. A escola deve estimular nos alunos a percepção de que fazem parte de um todo maior e que suas ações têm impacto global.

Essa perspectiva planetária é fundamental para a construção de uma ética ecológica e social, baseada na cooperação e na sustentabilidade. Para Morin (2001, p. 64),

O que agrava a dificuldade de conhecer o nosso Mundo é o modo de pensar que atrofiou em nós, em vez de desenvolver, a aptidão de contextualizar e de globalizar, uma vez que a exigência da era planetária é pensar sua globalidade, a relação do todo-partes, sua multidimensionalidade, sua complexidade.

Nesse sentido, de acordo com o Capítulo II – *Os princípios do conhecimento pertinente* –, o ensino deve preparar os indivíduos para enfrentar os desafios globais mediante uma reforma do pensamento que conceba o contexto, o global, o multidimensional e o complexo,

Conforme o autor, o planeta e uma educação do futuro exigem da humanidade um pensamento policêntrico nutrido das culturas do mundo em favor de uma consciência de cidadania terrena de responsabilidade e solidariedade para com os filhos da Terra. Uma consciência antropológica que reconhece a unidade na (bio)diversidade e uma consciência ecológica de habitar o mundo coexistindo com

todos os seres mortais que vivem em união consubstancial com a biosfera. Diante disso, podemos afirmar que

Estamos comprometidos, na escala planetária, na obra essencial da vida, que é resistir à morte. Civilizar e solidarizar a Terra, transformar a espécie humana em verdadeira humanidade torna-se o objetivo fundamental e global de toda educação que aspira não apenas ao progresso, mas à sobrevivência da humanidade (Morin, 2001, p. 78).

5.5.3.5 Enfrentar as incertezas

Com as célebres e milenares palavras do poeta grego Eurípedes, abre-se a discussão sobre esse quinto saber, que trata das incertezas: “[...] o esperado não se cumpre, e ao inesperado um deus abre o caminho” (Eurípedes, *apud* Morin, 2001, p. 79). A história humana foi e continua a ser uma aventura desconhecida, pois, ao mesmo tempo que as ciências permitiram a aquisição de certezas, elas revelaram que o século XX descobriu a perda do futuro no que constitui sua imprevisibilidade. Por isso, “É preciso aprender a navegar em um oceano de incertezas em meio a arquipélagos de certeza” (Morin, 2001, p. 16).

A história é um complexo de ordem, desordem e organização. Obedece ao mesmo tempo a determinismos e aos acasos em que surgem incessantemente o “barulho e o furor”. Ela tem sempre duas faces opostas: civilização e barbárie, criação e destruição, gênese e morte... (Morin, 2001, p. 83).

A incerteza é uma característica fundamental da vida e da história. Assim sendo, em suas palavras o autor argumenta que o futuro nunca pode ser plenamente previsto, pois está sujeito a fatores imprevisíveis, como descobertas científicas, mudanças climáticas, crises políticas e transformações sociais. “Toda evolução é fruto do desvio bem-sucedido cujo desenvolvimento transforma o sistema onde nasceu: desorganiza o sistema, reorganizando-o” (Morin, 2001, p. 82). Desse modo, vemos estabelecer-se, portanto, a incerteza do real: nossa realidade não é outra, senão nossa ideia de realidade, o que evidencia que “[...] é preciso saber interpretar a realidade antes de reconhecer onde está o realismo (Morin, 2001, p. 85).

Além disso, ao tratar sobre a incerteza do conhecimento, vemos ser retomado o primeiro saber, na afirmativa de que o conhecimento também é “[...] uma aventura incerta que comporta em si mesma, permanentemente, o risco de ilusão e de erro” (Morin, 2001, p. 86). Nesse sentido, o autor reflete sobre a *ecologia da ação*, uma vez que a intenção de qualquer ação está sujeita à perda de controle por parte de quem a empreende, ou seja, na medida que uma ação é realizada, ela entra em um universo de interações aleatórias e sujeitas ao acaso no meio ambiente, cujos resultados podem contrariar a intenção inicial. A *ecologia da ação* implica, portanto, considerar a complexidade que ela supõe, pois a evolução da vida e o progresso da história não ocorrem de forma linear, mas se constituem de ações consecutivas de ordem, desordem e organização. Conforme Morin (2001, p. 89), fins e meios nem sempre têm relação, pois

A ação não corre apenas o risco de fracasso, mas de desvio ou de perversão de seu sentido inicial, e pode até mesmo voltar-se contra seus iniciadores.

Assim, a fim de preparar os indivíduos para lidarem com o inesperado, desenvolvendo sua capacidade de adaptação, criatividade para desenvolver estratégias e resiliência, é necessário que todos os que se ocupam da educação constituam a vanguarda ante as incertezas de nossos tempos, incluindo em seus currículos “[...] o ensino das incertezas que surgiram nas ciências físicas (microfísicas, termodinâmica, cosmologia), nas ciências da evolução biológica e nas ciências históricas” (Morin, 2001, p. 16). Isso significa estimular a reflexão sobre o papel do acaso e da indeterminação na vida e na história, ajudando os alunos a compreenderem que a incerteza não deve ser vista como uma ameaça, mas como um elemento inerente à existência humana.

5.5.3.6 Ensinar a compreensão

O mundo enfrenta uma crise de intolerância e incompreensão entre os povos, necessitando, portanto, de compreensão mútua em todos os sentidos. Como consequência, pode-se observar cada vez mais sintomas como o egocentrismo, o

etnocentrismo, o sociocentrismo e tantos outros 'ismos' causadores de crueldades e barbáries.

A incompreensão é a um só tempo meio e fim da comunicação humana e “[...] o desenvolvimento da compreensão pede a reforma das mentalidades”, devendo ser essa a grande “[...] obra para educação do futuro” (Morin, 2001, p. 17). Embora possamos testemunhar o desenvolvimento tecnológico presente nas mais diversas formas de interação e comunicação, a incompreensão torna-se cada vez mais generalizada.

O autor defende que a educação deve priorizar o ensino da empatia e do respeito à diversidade cultural, promovendo o diálogo intercultural e a cooperação entre as nações, assim como buscando compreender “[...] as causas do racismo, da xenofobia, do desprezo”, a fim de constituir uma das bases seguras para “[...] a paz, à qual estamos ligados por essência e vocação” (Morin, 2001, p. 17). Para ele, “[...] a missão propriamente espiritual da educação” é “[...] ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade” (Morin, 2001, p. 93). Em suas palavras,

Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade (Morin, 2001, p. 95).

Para ensinar a compreensão, a educação deve enfrentar alguns obstáculos e dificuldades, como o “ruído” na comunicação, repleta de desentendimentos; os vários sentidos (ou polissemia) de uma noção; a ignorância dos ritos e costumes do outro; a incompreensão dos valores imperativos propagados entre culturas diferentes; a incompreensão dos imperativos éticos de cada cultura; a impossibilidade de compreensão das ideias ou dos argumentos de outra visão de mundo; e a impossibilidade de compreensão de uma estrutura mental em relação a outra (Morin, 2001).

Assim, a escola deve ensinar a ética da compreensão, a fim de combater preconceitos, estereótipos e intolerâncias, incentivando o “bem pensar”, a introspecção, o pensamento autocrítico e a valorização das diferenças, pois, segundo Morin (2001, p.

100), “Se descobrirmos que somos todos seres falíveis, frágeis, insuficientes, carentes, então podemos descobrir que todos necessitamos de mútua compreensão”.

Por fim, o autor afirma que, se desejamos construir sociedades mais pacíficas e democráticas, em que o entendimento mútuo se torna um pilar fundamental das relações humanas, “Devemos relacionar a ética da compreensão entre as pessoas com a ética da era planetária, que pede a mundialização da compreensão” (Morin, 2001, p. 102). Para isso, faz-se necessário desenvolver uma abertura subjetiva (simpática) em relação ao outro, lançando mão das artes, como por exemplo o cinema e a literatura, para o cultivo da empatia, da compaixão e da comiseração em nossa humanidade.

5.5.3.7 A ética do gênero humano

No sétimo saber, é enfatizada a necessidade de uma ética baseada na consciência da unidade da humanidade. “A educação deve conduzir à ‘antropo-ética’, levando em conta o caráter ternário da condição humana, que é ser ao mesmo tempo *indivíduo/sociedade/espécie*” (Morin, 2001, p. 17).

A cultura, no sentido genérico, emerge das interações entre indivíduos, os quais “[...] produzem a sociedade e esta retroage sobre os indivíduos”, reunindo e conferindo valor a tais interações. Desse modo, os elementos “[...] *indivíduo/sociedade/espécie* são inseparáveis e coprodutores um do outro”, sendo ao mesmo tempo, cada um, “[...] meio e fim dos outros”. A consciência surge da essência desta tríade complexa e “[...] qualquer concepção do gênero humano significa desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do senso de pertencimento à espécie humana” (Morin, 2001, p. 105-106).

Assim, a base para o ensino da antropo-ética encontra-se na ética do encadeamento dessa tríade, da qual “[...] emerge nossa consciência e nosso espírito propriamente humano”, compreendendo “[...] a esperança na completude da humanidade, como consciência e cidadania planetária” (Morin, 2001, p. 106). “Nesse sentido, a ética indivíduo/espécie necessita do controle mútuo da sociedade pelo indivíduo e do indivíduo pela sociedade, ou seja, a democracia [...]” (Morin, 2001, p. 17).

Para o autor, a democracia não pode ser definida de modo simples. Ele reconhece a fragilidade das democracias, que vivem conflitos capazes de fazê-la submergir. Mas também afirma que a democracia é um sistema político que “[...] favorece a relação rica e complexa *indivíduo/sociedade*, em que indivíduos e sociedade podem ajudar-se, desenvolver-se regular-se e controlar-se mutuamente” (Morin, 2001, p. 107). Entretanto, é necessário que a maioria dos cidadãos acredite na democracia e compreenda sua complexidade, uma vez que, ao mesmo tempo que ela requer consenso, também necessita de diversidade e antagonismos:

[...] todas as características importantes da democracia têm um caráter dialógico que une de modo complementar termos antagônicos: consenso/conflito, liberdade/igualdade/fraternidade, comunidade nacional/antagonismos sociais e ideológicos. Enfim, a democracia depende das condições que dependem de seu exercício (espírito cívico, aceitação da regra do jogo democrático) (Morin, 2001, p. 109).

O autor reconhece a não generalização da democracia em um planeta que ainda comporta ditaduras, resíduos e germes de totalitarismo, ao mesmo tempo em as democracias existentes são incompletas, inacabadas, não estão concluídas ou retrocedem. “Nessas últimas, a regeneração democrática supõe a regeneração do civismo, que supõe a regeneração da solidariedade e da responsabilidade, ou seja, o desenvolvimento da antro-po-ética” (Morin, 2001, p. 112).

Essa antro-po-ética deve ser construída a partir do reconhecimento da interdependência entre os seres humanos e da necessidade de cooperação para enfrentar os desafios do século XXI. A escola, portanto, deve formar indivíduos que, para além do conhecimento técnico, desenvolvam um senso profundo de responsabilidade ética e social, promovendo valores como a solidariedade e a justiça, assim como incentivando-os a atuarem como cidadãos autoconscientes de seu destino comum e comprometidos com ele, enquanto comunidade terrestre.

Morin (2001, p. 113) relata que

Kant já dizia que a finitude geográfica de nossa terra impõe a seus habitantes o princípio de hospitalidade universal, que reconhece ao outro o direito de não ser tratado como inimigo. A partir do século XX, a comunidade de destino terrestre impõe de modo vital a solidariedade.

Assim, essa comunidade de destino planetário permite assumir e cumprir esta parte de antro-po-ética entre indivíduo singular e espécie humana ameaçada de autodestruir-se em sua casa comum, a Terra, “[...] uma Pátria em perigo”. Em sua aventura de autodestruição, o imperativo é salvar a Humanidade, realizando-a no sentido de que somente a consciência de uma comunidade planetária pode conduzi-la a uma comunidade de vida. Sendo assim, realizar a Humanidade é, cada vez mais daqui em diante uma noção ética: é o que deve ser realizado por todos e em cada um, pois “A Humanidade deixou de ser uma noção apenas biológica” para poder se reconhecer “[...] em sua inclusão indissociável na biosfera [...]” (Morin, 2001, p. 114).

A aventura humana, movida pelo desenvolvimento técnico-econômico, conduziu a Humanidade a um ponto insustentável, inclusive o chamado desenvolvimento sustentável. Para o autor, “É necessária uma noção mais rica e complexa do desenvolvimento, que seja não somente material, mas também intelectual, afetiva, moral... O século XX não saiu da idade de ferro planetária; mergulhou nela” (Morin, 2001, p. 69-70).

Além de apresentar, ao longo da obra, uma crítica contundente ao modelo educacional vigente e aos exageros da sociedade do conhecimento, Edgar Morin propõe uma nova abordagem para a formação de indivíduos com mentalidades cultivadas no pensamento complexo e na consciência planetária. Ele nos lembra de que, em um mundo de rápidas mudanças e desafios globais, é fundamental formar indivíduos capazes de compreender a si mesmos, os outros e o planeta como um todo. Para isso, é necessário reformular profundamente os sistemas educacionais, tornando-os mais humanistas e integradores. Nesse sentido, *Os Sete Saberes* abordam temas fundamentais para a educação contemporânea, geralmente ignorados ou marginalizados nos debates sobre política educacional, assim como oferecem diretrizes fundamentais para uma educação mais integrada, crítica e ética, sensível e estética, potencialmente capaz de preparar as futuras gerações para os desafios do século XXI.

5.5.4 As Três Ecologias e a estratégia micropolítica da ecosofia

Publicado originalmente em 1989 e tendo sua 21ª edição em 2012, *As Três Ecologias*, do filósofo, psicanalista e ativista francês Félix Guattari (Guattari, 2012), constitui uma crítica contundente ao paradigma tecnocrático, capitalista e antropocêntrico dominante nas sociedades contemporâneas. O texto inicia com a seguinte afirmação:

O planeta Terra vive um período de intensas transformações tecnocientíficas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a vida em sua superfície. Paralelamente a tais perturbações, os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração (Guattari, 2012, p. 7).

A obra propõe uma reformulação radical da maneira como se concebe a ecologia, expandindo o conceito tradicional, centrado exclusivamente na natureza, para abarcar também as dimensões sociais e subjetivas da existência, pois, segundo Guattari (2012, p. 8), “O que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre este planeta, no contexto da aceleração das mutações tecno-científicas e do considerável crescimento demográfico”.

O autor defende que as crises ecológicas não se limitam à degradação ambiental, mas estão profundamente entrelaçadas com as crises sociais (como a exclusão, a desigualdade e a alienação) e com a crise da subjetividade (manifesta na padronização dos modos de pensar, sentir e existir). Para ele,

É a relação da subjetividade com sua exterioridade — seja ela social, animal, vegetal, cósmica — que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva (Guattari, 2012, p. 8).

Nesse sentido, é proposta a articulação de três registros ecológicos inseparáveis: a ecologia ambiental, a ecologia social e a ecologia mental. Somente a partir de uma abordagem transversal e integrada numa articulação ético-política dessas três esferas seria possível construir um modelo de sustentabilidade verdadeiramente ético e transformador, pois

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo (Guattari, 2012, p. 9).

A obra se configura, assim, como um convite à construção de uma nova “ecosofia” — uma sabedoria ecológica que conjugue as dimensões da natureza, da sociedade e da subjetividade, em oposição às lógicas dominantes de mercado, de consumo e de homogeneização cultural que “[...] lamina os sistemas particulares de valor, que coloca num mesmo plano de equivalência os bens materiais, os bens culturais, as áreas naturais etc.” (Guattari, 2012, p. 10).

O autor inicia sua análise com uma crítica ao sistema capitalista global e à racionalidade instrumental da tecnociência, que, segundo ele, promoveram uma lógica destrutiva tanto para o meio ambiente quanto para as formas de vida social e psíquica: “A instauração a longo prazo de imensas zonas de miséria, fome e morte parece daqui em diante fazer parte integrante do monstruoso sistema de ‘estimulação’ do Capitalismo Mundial Integrado (CMI)” (Guattari, 2012, p. 12).

Nesse sentido, a busca incessante por produtividade, consumo e eficiência técnica tem gerado não apenas a devastação ambiental, mas também o esvaziamento das relações humanas e a serialização dos modos de subjetivação.

O texto traz a denúncia, portanto, do que é chamado de “Capitalismo Mundial Integrado” (CMI), um sistema que promove a padronização da cultura, dos desejos e dos modos de vida, transformando os indivíduos em meros consumidores e os territórios em espaços exploráveis. Essa homogeneização afeta profundamente os ecossistemas naturais, sociais e mentais.

O eixo central da obra é a formulação das três ecologias, que devem ser compreendidas como três dimensões interdependentes e simultaneamente afetadas pelas dinâmicas do sistema capitalista. Para Guattari (2012, p. 16),

A questão será literalmente reconstruir o conjunto das modalidades do ser-em-grupo. E não somente pelas intervenções ‘comunicacionais’, mas também por mutações existenciais que dizem respeito à essência da subjetividade.

Tal reconstrução se faz urgente e deve edificar “[...] novos paradigmas que serão, de preferência, de inspiração ético-estéticas” (Guattari, 2012, p. 18) sob a responsabilidade e o engajamento “[...] de todos aqueles que estão em posição de intervir nas instâncias psíquicas individuais e coletivas (através da educação, saúde, cultura, esporte, arte, mídia, moda etc.)” (Guattari, 2012, p. 21).

Disso decorrerá uma recomposição das práticas sociais e individuais que agrupo segundo três rubricas complementares — a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia ambiental — sob a égide ético-estética de uma ecosofia (Guattari, 2012, p. 23).

Faz-se relevante aqui o destaque de que o autor se refere às três ecologias como **práticas** sociais e individuais, ou seja, territórios existenciais de ação inseparáveis e interdependentes ao alcance de todos, onde estão. Mais à frente, tais práticas são denominadas como micropolíticas a serviço da humanidade em sua reconstrução. E assim, na medida em que se desenvolvem em cada foco existencial, “[...] as práxis ecológicas se esforçarão por detectar os vetores potenciais de subjetivação e de singularização” (Guattari, 2012, p. 28).

5.5.4.1 Ecologia ambiental

A ecologia ambiental diz respeito à relação entre os seres humanos e os ecossistemas naturais. O autor reconhece a importância dos debates ecológicos tradicionais, como os ligados à poluição, ao aquecimento global e à perda da biodiversidade, mas critica o fato de que, muitas vezes, esses discursos desconsideram os fatores sociais e subjetivos implicados nas questões ambientais. Segundo ele,

Mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura, e precisamos aprender a pensar “transversalmente” as interações entre ecossistemas, mecosfera e Universos de referência sociais e individuais (Guattari, 2012, p. 25).

5.5.4.2 Ecologia social

A ecologia social trata das estruturas sociais, das formas de organização coletiva, da produção de valores e das relações de poder. O filósofo francês ressalta a necessidade de reinventar modos de vida comunitários, baseados na solidariedade, na cooperação e na diversidade cultural, em contraposição às formas autoritárias e excludentes de organização social. De acordo com o autor,

As comunidades humanas imersas na tormenta tendem a se curvar sobre si mesmas, deixando nas mãos dos políticos profissionais o cuidado de reger a organização social [...] (Guattari, 2012, p. 44).

Para ele, a “[...] ecologia social diz respeito à promoção de um investimento afetivo e pragmático em grupos humanos de diversos tamanhos”. A esse “Eros de Grupo” ao qual o autor se refere, corresponde uma nova transformação “[...] qualitativamente específica da subjetividade primária, da alçada da ecologia mental” (Guattari, 2012, p. 45). Nesse sentido,

A ecologia social deverá trabalhar na reconstrução das relações humanas em todos os níveis, do *socius*. Ela jamais deverá perder de vista que o poder capitalista se deslocou, se desterritorializou, ao mesmo tempo em extensão — ampliando seu domínio sobre o conjunto da vida social, econômica e cultural do planeta — e em “intenção” — infiltrando-se no seio dos mais inconscientes estratos subjetivos (Guattari, 2012, p. 33).

5.5.4.3 Ecologia mental (ou subjetiva)

A ecologia mental, ou subjetiva, refere-se ao universo de sensações, afetos, desejos, imaginários e modos de existência individuais e coletivos. Para o autor, é fundamental repensar e reinventar os processos de produção de subjetividade, promovendo a abertura à criatividade, à diferença e à singularidade. Conforme Guattari (2012, p. 16),

A ecosofia mental, por sua vez, será levada a reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o fantasma, com o tempo que passa, com os

“mistérios” da vida e da morte. Ela será levada a procurar antídotos para a uniformização midiática e telemática, o conformismo das modas, as manipulações de opinião pela publicidade, pelas sondagens etc. Sua maneira de operar se aproximará mais daquela do artista do que a dos profissionais “psi”, sempre assombrados por um ideal caduco de cientificidade.

O autor se refere a “fantasma” inconsciente, no sentido analítico, e a “psi” como o campo científico da psiquê. Nesses aspectos, a citação diz respeito ao sofrimento psíquico e à massificação do desejo que se configuram como sintomas de uma subjetividade colonizada pela lógica do consumo e da eficiência.

E insiste que essas três dimensões não devem ser tratadas isoladamente. A degradação do meio ambiente, a opressão social e o empobrecimento da subjetividade são fenômenos que se retroalimentam. Uma ecologia verdadeiramente transformadora deve, portanto, ser integrada e transversal. Para o autor, essa abertura *prática* constitui a essência da arte da ecosofia:

O princípio comum às três ecologias consiste, pois, em que os Territórios existenciais com os quais elas põem em confronto não se dão como um em-si, fechado sobre si mesmo, mas como um para-si precário, finito, finitizado, singular, singularizado, capaz de bifurcar em reiteraões estratificadas e mortíferas ou em abertura processual a partir de práticas que permitem torná-lo “habitável” por um projeto humano (Guattari, 2012, p. 37).

5.5.4.4 Ecosofia: uma nova ética para o futuro

Para fazer frente à crise civilizatória, Guattari (2012) propõe o desenvolvimento de uma “ecosofia”, ou seja, uma sabedoria ecológica que una as três ecologias sob uma nova ética e uma nova estética da existência. Essa ecosofia sugere uma reconstrução das relações entre os sujeitos e o mundo que os cerca, valorizando a multiplicidade, a heterogeneidade, a criatividade e a autonomia dos modos de vida. Segundo o autor, “[...] novas modalidades de subjetivação estão prestes a surgir. Um apelo maior se fará à inteligência e à iniciativa” (Guattari, 2012, p. 48).

A ecosofia implica, portanto, uma política do cotidiano que ultrapasse as estruturas institucionais formais e incentive práticas locais, micropolíticas e

experimentações subjetivas. Em lugar da dominação tecnocrática e da lógica mercantil, a ecosofia propõe formas mais sensíveis, éticas e participativas de se relacionar com o ambiente, com os outros e consigo mesmo.

5.5.4.5 Micropolítica e experimentação

Um dos aspectos inovadores da obra é o seu caráter pragmático, no que o autor chama de micropolítica, isto é, nas pequenas ações e transformações consistentes, regulares, recorrentes, que ocorrem no cotidiano e que podem gerar rupturas significativas nos modos hegemônicos de organização da vida. Guattari (2012) acredita no potencial das práticas locais, culturais e subjetivas como espaços de resistência e criação de novas possibilidades existenciais. Para o autor,

Não se trata aqui de propor um modelo de sociedade pronto para usar, mas tão somente de assumir o conjunto de componentes ecosóficos cujo objetivo será, em particular, a instauração de novos sistemas de valorização. [...] Outros sistemas de valor deveriam ser levados em conta (a “rentabilidade” social, estética, os valores do desejo etc.) [...] de serem colocados à disposição meios de levar avante empreendimentos individuais e coletivos, indo no sentido de uma ecologia de ressingularização (Guattari, 2012, p. 50).

E ele continua, ao afirmar que “Toda espécie de ‘nacionalidades’ desterritorializadas são concebíveis, tais como a música e a poesia...” (Guattari, 2012, p. 51). Nesse sentido, a obra defende a importância da educação, da arte, da comunicação e das práticas comunitárias como campos de experimentação ecosófica. Esses espaços devem favorecer a emergência de formas alternativas de produção de subjetividade, voltadas para a cooperação, o cuidado e a valorização da diversidade. Dessa forma, como antítese ao sistema de valorização capitalista,

[...] conviria superpor instrumentos de valorização fundados nas produções existenciais que não podem ser determinadas em função unicamente de um tempo de trabalho abstrato nem de um lucro capitalista esperado. [...] novas deliberações coletivas dando chance aos empreendimentos os mais individuais, os mais singulares, os mais dissensuais, são convidados a emergir [...] A noção de interesse coletivo deveria ser ampliada a empreendimentos que a curto prazo não trazem “proveito” a ninguém, mas a longo prazo são portadores de

enriquecimento processual para o conjunto da humanidade. É o conjunto do futuro da pesquisa fundamental e da arte que está aqui em causa (Guattari, 2012, p. 51).

As Três Ecologias (Guattari, 2012) é uma obra seminal que antecipa, de maneira pioneira, muitas das discussões atuais sobre a crise ambiental, a sustentabilidade e a saúde mental em um contexto globalizado. Na conclusão do texto, publicado em 1989, o autor corrobora a noção de comunidade de destino comum evidenciada no Sétimo Saber de Edgar Morin (Morin, 2001), ao escrever que:

Cada vez mais, os equilíbrios naturais dependerão das intervenções humanas. Um tempo virá em que será necessário empreender imensos programas para regular as relações entre o oxigênio, o ozônio e o gás carbônico na atmosfera terrestre. [...] No futuro a questão não será apenas a da defesa da natureza, mas a de uma ofensiva para reparar o pulmão amazônico, para reflorestar o Saara. A criação de novas espécies vivas, vegetais e animais, está inelutavelmente em nosso horizonte e torna urgente não apenas a adoção de uma ética ecosófica adaptada a essa situação, ao mesmo tempo terrificante e fascinante, mas também de uma política focalizada no destino da humanidade (Guattari, 2012, p. 53).

Guattari (2012) propõe uma abordagem complexa e integradora das múltiplas crises que afetam o planeta e os seres humanos, superando a visão reducionista das problemáticas ecológicas. Ao articular natureza, sociedade e subjetividade em um mesmo campo de análise, convoca-nos à construção de uma nova ética da existência, pautada na responsabilidade coletiva, na criatividade e na multiplicidade das formas de vida. Para o autor, nesse contínuo processo de ressingularização, “Os indivíduos devem se tornar a um só tempo solidários e cada vez mais diferentes. A reconquista de um grau de autonomia num campo particular invoca outras reconquistas em outros campos” (Guattari, 2012, p. 55).

A obra representa uma contribuição fundamental para o pensamento ecológico contemporâneo e um chamado urgente à transformação dos modos de habitar o mundo pela práxis das três ecologias: “Uma ecosofia de tipo novo, ao mesmo tempo prática e especulativa, ético-política e estética” (Guattari, 2012, p. 54). Partindo, portanto, de uma proposta ecosófica prática e capaz de ganhar amplitude por meio de micropolíticas — estratégias de transformação individual, social e ambiental em seus respectivos territórios de ação —, o autor argumenta que “[...] toda uma catálise da

retomada de confiança da humanidade em si mesma está para ser forjada passo a passo e, às vezes, a partir dos meios os mais minúsculos” (Guattari, 2012, p. 55-56).

5.5.5 Uma ética planetária de amor e cuidado com a vida

5.5.5.1 A Carta da Terra

A *Carta da Terra* (Comissão da Carta da Terra, 2000) é um documento internacional que propõe uma ética global para a construção de uma sociedade sustentável, justa, pacífica e solidária. Elaborada por meio de um processo participativo e multicultural iniciado no final do século XX, após um diálogo intercultural de mais de dez anos e consulta pública em mais de 75 países, a Carta reflete um consenso ético emergente baseado na interdependência ecológica, na dignidade humana e na responsabilidade planetária.

Sua formulação teve início em 1987, com a publicação do *Relatório Brundtland* (ONU, 1987), que introduziu o conceito de desenvolvimento sustentável. Em 1992, durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento — amplamente conhecida como ECO-92 ou Rio-92 —, foi proposto que se redigisse uma declaração ética complementar às convenções e aos tratados ambientais.

Depois de inúmeros rascunhos e após considerar a contribuição de pessoas de todas as regiões do mundo, a Comissão da Carta da Terra chegou a um consenso sobre a Carta da Terra em março de 2000, em uma reunião realizada na sede da UNESCO em Paris. A Carta da Terra foi lançada formalmente em uma cerimônia no Palácio da Paz em La Haya no dia 29 de junho de 2000 (Comissão da Carta da Terra, 2000).

Partindo da afirmação de que a Terra é o lar comum da humanidade, que é parte de um vasto universo em evolução, *A Carta da Terra* é um chamado à conservação da biosfera e de todos os seus sistemas ecológicos: “A Terra, o nosso lar, está viva com uma comunidade de vida única. [...] A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado” (Comissão da Carta da Terra, 2000, p. 1).

Diante dos desafios para o futuro, o documento afirma que “A escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida” (Comissão da Carta da Terra, 2000, p. 1). Com isso, aponta a necessidade urgente de estabelecermos uma visão comum de valores básicos que proporcionem um fundamento ético à comunidade mundial emergente:

Para realizar estas aspirações, devemos decidir viver com um sentido de responsabilidade universal, identificando-nos com toda a comunidade terrestre bem como com a nossa comunidade local. Somos, ao mesmo tempo, cidadãos de nações diferentes e de um mundo no qual as dimensões local e global estão interligadas (Comissão da Carta da Terra, 2000, p. 1).

A *Carta da Terra* está organizada em um preâmbulo e quatro grandes princípios éticos, desdobrados em 16 princípios fundamentais e suas subdivisões. Tais princípios promovem uma visão integrada da sustentabilidade, que envolve aspectos ecológicos, sociais, econômicos, culturais e espirituais.

O primeiro princípio, “Respeitar e cuidar da comunidade de vida”, afirma a interligação, a interdependência e o valor intrínseco de toda a biodiversidade, assim como o respeito à dignidade humana e à diversidade cultural, expressa no potencial intelectual, artístico, ético e espiritual da humanidade. Além disso, convoca a “Cuidar da comunidade de vida com compreensão, compaixão e amor; Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas; Garantir a generosidade e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações” (Comissão da Carta da Terra, 2000, I.1 a 4).

Para que possam ser cumpridos esses amplos compromissos, é necessária a “Integridade ecológica”, segundo princípio, que defende a proteção dos sistemas naturais; a prevenção aos danos ambientais; o uso sustentável dos recursos; o intercâmbio e a ampla aplicação dos conhecimentos científicos, tradicionais e espirituais que possam contribuir para a proteção ambiental e o bem-estar humano (Comissão da Carta da Terra, 2000, II.5 a 8).

O terceiro princípio – “Justiça social e econômica” – advoga a erradicação da pobreza; o desenvolvimento humano com equidade econômica; o acesso universal à educação, saúde e bem-estar espiritual; o respeito aos direitos humanos,

especialmente aos povos indígenas e minorias (Comissão da Carta da Terra, 2000, III.9 a 12). Todos esses aspectos em conjunto constituem as bases para a paz e a sustentabilidade.

Por fim, o quarto princípio, “Democracia, não violência e paz”, propõe o fortalecimento da democracia e das instituições democráticas; a integração de conhecimentos, valores e habilidades necessárias a um modo de vida sustentável; o tratamento de todos os seres vivos com respeito e consideração; e a promoção de uma cultura de tolerância, não-violência e paz (Comissão da Carta da Terra, 2000, IV.13 a 16).

A *Carta da Terra* representa, portanto, um marco na construção de uma ética planetária voltada para a sustentabilidade e a justiça. Seu valor reside na capacidade de integrar valores universais e específicos, respeitando a diversidade cultural e propondo princípios comuns de ação para a preservação da vida no planeta. Em tempos de crise climática e desigualdades crescentes, ela se mantém atual como uma importante referência ética e política global.

5.5.5.2 A ótica do cuidado: ética planetária e ética biofílica

O teólogo e filósofo brasileiro Leonardo Boff, autor de diversas obras ligadas à ética, ecologia e espiritualidade, foi um dos membros da Comissão da Carta da Terra, representando a América Latina e o Caribe. Há décadas, Leonardo Boff tem sido um farol que alerta pela crítica e ilumina pelo conhecimento e a inspiração. Convida a cada integrante da civilização a refletir sobre o caminho que está sendo trilhado, em face do que podemos e devemos trilhar, nos territórios de ação de cada pessoa consigo mesma, com os outros e com a Terra, o planeta-lar-de-todos-nós.

Em 1999, numa “perspectiva de urgência”, diz Boff, a obra *Saber Cuidar: ética do Humano – compaixão pela Terra* é entregue ao mundo pelo autor. Uma gentil e generosa ação que vem propor à humanidade a **ética do cuidado**. Uma resposta à crise civilizatória contemporânea, caracterizada pela degradação ambiental, pelo esgotamento dos vínculos humanos e pelo avanço de um modelo tecnocrático e instrumental de relação com o mundo. Num entrelaçamento das dimensões filosóficas,

espirituais, ecológicas, políticas e sociais, o autor busca recuperar o cuidado como fundamento da existência humana, da convivência sustentável com a Terra e como eixo estruturante de uma nova convivência planetária.

Segundo Boff (1999), vivemos uma era marcada pelo "paradigma do domínio", em que o conhecimento científico e a técnica são utilizados para explorar e dominar a natureza, os corpos e os povos.

A relação com a realidade concreta, com seus cheiros, cores, frios, calores, pesos, resistências e contradições é mediada pela imagem virtual que é somente imagem. O pé não sente mais o macio da grama verde. A mão não pega mais um punhado de terra escura. O mundo virtual criou um novo habitat para o ser humano, caracterizado pelo encapsulamento sobre si mesmo e pela falta do toque, do tato e do contato humano (Boff, 1999, p. 11).

Em contraposição, o autor propõe um novo paradigma — o paradigma do cuidado — que valorize a interdependência, a solidariedade e a responsabilidade coletiva. A ética do cuidado fundamenta-se em uma visão integrada do ser humano e da Terra, em oposição ao paradigma tecnocrático e antropocêntrico dominante.

Ousamos apresentar caminhos de cura e de resgate da essência humana que passam todos pelo cuidado. [...] Alimentamos a profunda convicção de que o cuidado, pelo fato de ser essencial, não pode ser suprimido nem descartado. Ele se vinga e irrompe sempre em algumas brechas da vida (Boff, 1999, p. 12).

Para o referido filósofo, “O cuidado serve de crítica à nossa civilização agonizante e também de princípio inspirador de um novo paradigma de convivialidade” (Boff, 1999, p. 13). Nesse sentido, o autor começa por explicitar esse princípio inspirador apontando seu caráter fraterno e sua sacralidade como um horizonte de bem-comum:

Sonhamos com uma sociedade mundializada, na grande casa comum, a Terra, onde os valores estruturantes se construirão ao redor do cuidado com as pessoas, sobretudo com os diferentes culturalmente, com os penalizados pela natureza ou pela história, cuidado com os espoliados e excluídos, as crianças, os velhos, os moribundos, cuidado com as plantas, os animais, as paisagens queridas e especialmente cuidado com a nossa grande e generosa Mãe, a Terra. Sonhamos com o cuidado assumido como o ethos fundamental do humano e como

compaixão imprescindível para com todos os seres da criação (Boff, 1999, p. 14).

A obra parte de uma concepção antropológica e filosófica para fundamentar o cuidado como dimensão originária da condição humana. O cuidado como estrutura ontológica fundamental: o ser humano é um ser que cuida e que necessita de cuidado desde o nascimento até a morte. Conforme o autor, uma nova ética a partir de uma nova ótica em que

Todos nos fazemos aprendizes e aprendentes. Importa construir um novo ethos que permita uma nova convivência entre os humanos com os demais seres da comunidade biótica, planetária e cósmica; que propicie um novo encantamento face à majestade do universo e à complexidade das relações que sustentam todos e cada um dos seres (Boff, 1999, p. 27).

No texto, lemos o argumento de que o cuidado não é mera ação instrumental, mas uma atitude de envolvimento, de afeição, de presença amorosa e responsável com o outro — seja esse outro uma pessoa, a sociedade, ou a própria Terra. A ética do cuidado exige uma nova racionalidade — não mais a racionalidade técnico-científica isolada, mas uma racionalidade sensível, ética e espiritual, capaz de integrar razão e afeto, ciência e sabedoria. Sua proposta se estrutura a partir de diferentes dimensões do cuidado, que se complementam, se entrelaçam e se concretizam em:

- Cuidado com o nosso planeta em nível global e local

“Temos unicamente ele para viver e morar. É um sistema de sistemas e superorganismo de complexo equilíbrio, urdido ao longo de milhões e milhões de anos” (Boff, 1999, p. 133). Desenvolver uma ética de cuidado exige o reconhecimento de que a Terra possui valor intrínseco e de que todos precisamos passar por uma alfabetização ecológica e uma revisão de hábitos de consumo.

Em nível local, significa que “[...] cada pessoa precisa descobrir-se como parte do ecossistema local e da comunidade biótica, seja em seu aspecto de natureza, seja em sua dimensão de cultura” (Boff, 1999, p. 135). Tal cuidado será efetivo na medida que houver um processo coletivo de educação com a participação da maioria, com acesso a informações e troca de saberes, populares e científicos.

- Cuidado com a sociedade sustentável

“Sustentável é a sociedade ou o planeta que produz o suficiente para si e para os seres dos ecossistemas onde ela se situa” (Boff, 1999, p. 137). Trata-se de (re)conhecer e respeitar os limites regenerativos da natureza e demonstrar um sentido de solidariedade geracional, conservando os recursos naturais que as sociedades futuras vão precisar. Significa, na prática, a capacidade de “[...] assumir novos hábitos e de projetar um tipo de desenvolvimento que cultive o cuidado com os equilíbrios ecológicos e funcione dentro dos limites impostos pela natureza” (Boff, 1999, p. 137).

- Cuidado com o outro, com os pobres, oprimidos e excluídos

“É na acolhida ou na rejeição, na aliança ou na hostilidade para com o rosto do outro que se estabelecem as relações mais primárias do ser humano e se decidem as tendências de dominação ou de cooperação” (Boff, 1999, p. 139). Assim, cuidar do outro, seja ele ou ela, significa zelar para que esta ação de diálogo eu-tu seja libertadora e construtiva de uma aliança duradoura de paz e de amorosidade. Trata-se de estabelecer uma maneira mais cuidada de ser e cultivar relações em que “[...] as diferenças não [sejam] mais entendidas como desigualdades, mas como riqueza da única e complexa substância humana” (Boff, 1999, p. 140).

Para o autor, “Nada agride mais o modo-de-ser-cuidado do que a crueldade para com os próprios semelhantes” (Boff, 1999, p. 140). Nesse sentido, “[...] a consolidação de uma sociedade mundial globalizada e o surgimento de um novo paradigma civilizacional passa também pelo cuidado com os pobres, marginalizados e excluídos” (Boff, 1999, p. 142).

- Cuidado com nosso corpo e com a cura integral do ser humano

Saúde não diz respeito exclusivamente a um estado saudável, mas a “[...] um processo permanente de busca de equilíbrio dinâmico de todos os fatores que compõem a vida humana” (Boff, 1999, p. 144). Tais fatores interagem a serviço da

pessoa a fim de que ela tenha força de ser pessoa, exercer sua autonomia, liberdade, criatividade e resiliência perante tudo o que vier a enfrentar.

Do ponto de vista da autorresponsabilidade, trata-se de uma atitude mediante as diversas situações, doências ou sãs. Não é a ausência de danos, mas a força de viver com eles, o que pressupõe tanto questões de higiene, alimentação, atividade física e qualidade do sono, quanto “[...] a busca de assimilação criativa de tudo o que nos possa ocorrer na vida, compromissos e trabalhos, encontros significativos e crises existenciais, sucessos e fracassos, saúde e sofrimento” (Boff, 1999, p. 145).

Também significa manter uma visão integral de si, “[...] buscando um equilíbrio sempre por construir entre o corpo, a mente e o espírito e convocar o médico (corpo), o terapeuta (mente) e o sacerdote (espírito) para trabalharem juntos visando a totalidade do ser humano” (Boff, 1999, p. 147).

- Cuidado com nosso espírito e a grande travessia da morte

Como seres integrais, nossa totalidade é composta da capacidade contínua de criar sentidos e inventar símbolos. Totalidade que também é portadora tanto de forças que nos animam para a unidade e a cooperação como de forças que desagregam e destroem nossa centralidade. Domesticar tais forças em direções construtivas significa cuidar de sentimentos, sonhos, desejos, paixões contraditórias, “[...] visões e utopias que guardamos escondidas dentro do coração” (Boff, 1999, p. 149).

Cuidar do espírito significa cuidar dos valores que nos orientam; colocar compromissos éticos acima de interesses pessoais ou coletivos; alimentar a chama da contemplação, da oração e da espiritualidade. Segundo o autor, “O sentido que damos à vida depende do sentido que damos à morte. Se a morte é fim-derradeiro, pouco valem as lutas, empenho e sacrifício”; mas, se “[...] é fim-meta-alcançada, então significa um peregrinar para a fonte” (Boff, 1999, p. 153).

O teólogo em questão introduz uma dimensão espiritual ao cuidado, entendendo-o como uma forma de “reverência pela vida e pela morte”. Essa espiritualidade não se prende a dogmas religiosos, mas se expressa como conexão profunda com o mistério da existência, com a natureza e com o outro. Transitando

entre razão e sensibilidade, subjetividade e coletividade, micropolítica e macropolítica, essa perspectiva espiritual alicerça uma ética mais abrangente, capaz de mobilizar afetos, sentidos e compromissos éticos. Portanto, a ótica do cuidado, como princípio estruturante de uma cosmovisão orientada para a preservação da vida em todas as suas formas, funda uma nova ética.

Em uma outra obra, intitulada *Do Iceberg à Arca de Noé – O nascimento de uma ética planetária*, Boff (2002) retoma vários aspectos da temática do cuidado e avança numa profunda reflexão sobre a crise ecológica, ética e civilizatória que marca o mundo contemporâneo. A metáfora do *iceberg* representa a iminência de um colapso global, causado por um modelo de desenvolvimento centrado na exploração desmedida da natureza, na desigualdade social e no individualismo. Já a Arca de Noé simboliza a urgência de uma nova aliança entre os seres humanos e a Terra, pautada por uma **ética planetária** que reconhece a interdependência de todos os seres e defende a sacralidade da vida. Para Boff (2002, p. 48), “Ou cuidamos uns dos outros e, juntos, cuidamos da Terra, ou a nave espacial cairá e desapareceremos todos”. Afirma o autor:

Por todos os lados surgem grupos que se orientam por esse novo padrão de comportamento, que representa aquilo que Pierre Teilhard de Chardin chamou de noosfera, aquela esfera na qual as mentes e corações (sentido grego de *noos*) entrariam numa sintonia fina, caracterizada pela mutualidade entre todos, pela amorização e pela espiritualização das intencionalidades coletivas (Boff, 2002, p. 48).

Essa consciência de mútuo pertencimento Terra-humanidade é reforçada pela visão que os astronautas nos proporcionaram sobre sua mudança de consciência ao observar a Terra vista do espaço. Sigmund Jähn (*apud* Boff, 2002, p. 48) expressou-se da seguinte forma:

Já são ultrapassadas as fronteiras políticas, ultrapassadas também as fronteiras das nações. Somos um único povo e cada qual é responsável pela manutenção do frágil equilíbrio da Terra. Somos seus guardiões e devemos cuidar de nosso futuro comum.

Em outro trecho, apresentam-se as palavras de J. P. Allen:

Discutiram-se muito os prós e os contras com referência às viagens à Lua; não ouvi ninguém argumentar que deveríamos ir à Lua para poder

ver a Terra de lá. Depois de tudo, esta foi seguramente a verdadeira razão de termos ido à Lua (Allen, *apud* Boff, 2002, p. 49).

Após esses depoimentos, o teólogo brasileiro arremata o raciocínio afirmando que

E de lá, da Lua, não há distinção entre Terra e humanidade. Ambas formam uma única entidade. A humanidade não está sobre a Terra, ela é a própria Terra que se comove, volta-se sobre si mesma, ama, cuida e venera (Boff, 2002, p. 49).

A ética planetária proposta pelo autor parte da compreensão de que todos os seres estão interligados por uma rede de relações de interdependência. Essa ética deve ser biofílica, ou seja, voltada para o amor à vida, e holística, reconhecendo a complexidade e a unidade do cosmos. Para Boff (1999, p. 150),

Quando vivenciamos o fascínio do amor, fazemos a experiência de um absoluto valor, capaz de tudo transfigurar; fazemos da pessoa amada uma divindade, transformamos o brilho do Sol num ouro em cascata e transformamos a dureza do trabalho numa prazerosa ocupação.

Desse modo, na mesma obra, tem-se que a construção de uma ética planetária exige mudanças em diversos níveis: na educação, nas políticas públicas, nas instituições e na consciência individual e coletiva. Defende-se a adoção de um novo paradigma civilizacional que valorize a convivência solidária, o diálogo entre saberes e a espiritualidade libertadora, capaz de religar o ser humano à natureza e ao sagrado.

Ao retomar as temáticas das três ecologias e a dívida que a humanidade contraiu em cada uma delas, o autor define a ecologia como sendo “[...] a arte e a técnica de atendimento das necessidades comuns da casa comum que é o planeta Terra” (Boff, 2002, p. 63). Assim, numa crítica ao antropocentrismo, argumenta que, por razões históricas, há uma mentalidade distorcida, reducionista, pobre e utilitária que leva à reprodução de atitudes antiecológicas por considerar “[...] a Terra como um baú de recursos do qual se pode tirar infinitamente matérias para uso indiscriminado do ser humano” (Boff, 2002, p. 67). Em contraponto, Boff (2002, p. 67) afirma que

A Terra não possui apenas vida sobre ela. Ela mesma é um superorganismo vivo. Os modernos a chamam de Gaia. Os indígenas latino-americanos a denominavam Pacha Mama (Mãe Terra). A Terra é

paisagem, é esplendor, é mãe fecunda que tudo gera. O ser humano é filho ou filha da Terra.

Considerando que a mentalidade de uma ética planetária deve partir do reconhecimento de que todos os seres vivos têm valor intrínseco e são parte de uma mesma comunidade de vida, o autor assegura que “Estamos cansados de ‘meio ambiente’. Precisamos do ambiente inteiro, da comunidade terrenal. Quer dizer: não é suficiente cuidar da natureza. Urge cuidar também do ser humano” (Boff, 2002, p. 65). Assim, expande a definição de ecologia como forma de gestão da Terra, dos seus recursos e interdependências para uma perspectiva integral, uma cosmovisão que se concretiza como “[...] forma de comportar-se e de realizar uma missão do ser humano no conjunto dos seres” (Boff, 2002, p. 65). E aponta que

Só uma mentalidade ecológica que educa o ser humano para conviver ternamente em seu belo e radiante planeta junto com todos os demais seres vivos e inertes, numa imensa comunidade terrenal e cósmica, poderá garantir um futuro esperançador para a vida humana e para a própria Terra. A ecologia não é um tema a mais que se agrega aos já existentes. É um eixo novo que redefine todos os demais temas (Boff, 2002, p. 65).

Corroborando Boff e retomando a proposta da Educação Interdimensional, na perspectiva do chamado ao ser humano para conceber novas formas de relacionamento consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com a dimensão espiritual da existência, Antonio Carlos Gomes da Costa afirma que:

Quando falamos em vida — nos ensina Leonardo Boff — o verbo que nos vem à mente, ao coração e à ação é o verbo cuidar. Há que cuidar da vida que pulsa em cada um de nós (Costa, 2022, p. 75).

Para esse autor, trata-se da “[...] necessidade de assumir uma atitude de *cuidado* com a dignidade da vida em todas as suas dimensões” (Costa, 2008, p. 24). Nesse sentido, o autor busca na obra *O Coração do Homem*, de Erich Fromm, o conceito de **ética biofílica** como sendo a ética que é “[...] vista, sentida, entendida e praticada como a eleição da vida como mais amplo, profundo, digno e universal dos valores” (Costa, 2022, p. 72).

A ética biofílica se torna o fundamento ético da Educação Interdimensional, como uma abordagem educacional que compreende o ser humano em sua totalidade:

corpo, emoção, mente, espírito e sua inserção no universo. A noção de ética biofílica [do grego *bios*, vida; e *philia*, amor] nasce, portanto, do compromisso com a defesa e a promoção da vida em todas as suas formas, especialmente perante os desafios impostos por um modelo de sociedade baseado no consumo e na mercadoria, na violência estrutural, na exclusão social e na degradação ambiental.

Assim, para promover a ética biofílica “[...] como a ética do zelo, respeito, cuidado, amor e veneração pela dignidade e sacralidade da vida em todas as suas manifestações” (Costa, 2022, p. 72), a abordagem da Educação Interdimensional propõe quatro dimensões de cuidado a serem consideradas nos processos de desenvolvimento humano e que se concretizam como:

- autocuidado, na relação consigo mesmo;
- altercuidado, nas relações interpessoais e sociais;
- ecocuidado, nas relações com o ambiente em que se vive;
- transcuidado, na relação com as fontes de significado e sentido da existência humana (Costa, 2008, p. 25).

Desse modo, a assunção de atitudes de *cuidado* com a dignidade da vida em todas as suas dimensões autoriza pensarmos que a Educação Interdimensional poderá contribuir para o enfrentamento da crise ontológica do nosso tempo. Isso, pelo fato de formar “[...] um homem mais apto, essencial para a construção (tarefa de gerações) de uma sociedade, ou melhor, de um mundo baseado no Paradigma do Desenvolvimento Humano” (Costa, 2008, p. 26).

Assim, em um contexto de crise civilizatória e degradação ambiental, a ética biofílica propõe-se como um paradigma educativo orientado pelo amor, pelo cuidado e pela sustentabilidade planetária.

5.6 Alfabetização ecológica

No livro *Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*, Boff (1999, p. 134) afirma a necessidade de uma alfabetização ecológica para todos. Em confluência com essa afirmação e toda uma movimentação de pensadores comprometidos em transformar a educação segundo uma perspectiva ecológica e sistêmica, a Editora

Cultrix publica no Brasil em 2006 o livro *Alfabetização Ecológica: A Educação das Crianças para um Mundo Sustentável* (Stone; Barlow, 2006).

A obra é uma tradução e adaptação do trabalho desenvolvido pelo Center for Ecoliteracy, sediado em Berkeley, Califórnia. Trata-se de uma coletânea de textos organizada por Michael K. Stone e Zenobia Barlow, com contribuições de autores renomados como Fritjof Capra, Wendell Berry e Michael Ableman.

O conceito central da obra é a **alfabetização ecológica**, entendida como a capacidade de compreender os princípios básicos da organização dos sistemas naturais e aplicá-los ao desenvolvimento de sociedades humanas por meio da educação para uma vida sustentável. Aqui, o termo “sustentável” vai além da definição amplamente difundida e até desgastada no senso comum. É indiscutível sua importância como uma exortação moral necessária para nos lembrar da responsabilidade que temos sobre o mundo que deixaremos às futuras gerações, mas essa definição não diz como construir comunidades sustentáveis.

Nesse aspecto, a obra se propõe a indicar chaves para uma definição operacional do que seja a “sustentabilidade ecológica” por meio de uma pedagogia que facilita o entendimento ao ensinar, além dos princípios básicos da ecologia, “[...] um profundo respeito pela natureza viva a partir de uma abordagem multidisciplinar baseada na experiência e na participação” (Capra, 2006, p. 14). Para o autor, a necessária definição operacional de sustentabilidade pressupõe observar e aprender com as sociedades tradicionais que se sustentaram durante séculos respeitando a capacidade de suporte do ambiente e os ecossistemas que mantêm a vida em equilíbrio há bilhões de anos.

Essa abordagem integra ecologia, educação e cultura reunindo teoria e prática, a fim de oferecer ideias e experiências para pais e educadores interessados em desenvolver novas formas de ensino que ampliem o conhecimento ecológico de crianças e estimulem o “[...] protagonismo juvenil como eixo irradiador de mudanças socioambientais da realidade em que vivem” (Duailibi, 2006, p. 21).

Como destaca Fritjof Capra, um dos principais colaboradores do livro, a alfabetização ecológica exige uma mudança de paradigma: da visão mecanicista tradicional para uma compreensão sistêmica da vida (Capra, 2006). Segundo o autor,

isso implica compreender três fenômenos fundamentais: “[...] o padrão básico de organização da vida é o da rede ou teia; a matéria percorre ciclicamente a teia da vida; todos os ciclos ecológicos são sustentados pelo fluxo constante de energia proveniente do sol” (Capra, 2006, p. 14).

Sendo assim, a **teia da vida**, os **ciclos da natureza** e o **fluxo de energia** constituem os principais fenômenos de uma compreensão sistêmica que, oportunamente, “[...] crianças vivenciam, exploram e entendem por meio de experiências diretas com o mundo natural” (Capra, 2006, p. 14). Para ele,

Por meio dessas experiências, nós também tomamos consciência de que nós mesmos fazemos parte da teia da vida e, com o passar do tempo, a experiência da ecologia da natureza nos proporciona um senso do lugar a que pertencemos. Tomamos consciência de como estamos inseridos num ecossistema; numa paisagem com uma flora e uma fauna características; num determinado sistema social e cultural (Capra, 2006, p. 14).

Ao longo do livro, os autores enfatizam que a educação ecológica não pode se restringir à transmissão de conteúdos científicos sobre o meio ambiente. Ela deve incluir o desenvolvimento de valores éticos, como o respeito pela vida, a cooperação, a responsabilidade intergeracional e o cuidado com o outro e com a Terra. Nesse contexto, a escola deve se tornar uma comunidade de aprendizagem sustentável, onde a teoria e a prática se integram à vivência cotidiana. Assim, no decorrer dos ensaios, é possível identificar princípios pedagógicos que orientam a construção de currículos e práticas escolares sustentáveis como, por exemplo:

- aprendizagem baseada em lugar: valoriza a experiência concreta do aluno com o território em que vive, conectando o conteúdo escolar à realidade local e cultural;
- interdisciplinaridade e complexidade: rompe com a fragmentação do conhecimento, integrando saberes científicos, tradicionais e espirituais;
- educação experiencial: favorece a aprendizagem ativa, participativa e sensorial, que envolve corpo, mente e emoção;
- cultura do cuidado: promove relações baseadas na empatia, no respeito mútuo e na ética da interdependência.

A obra como um todo possui uma significativa e pragmática contribuição a esse aspecto pedagógico da ecologia. Seus capítulos, além de se aprofundarem em relevantes conceitos, partem de experiências concretas de uma genuína alfabetização ecológica concretizada por projetos de recuperação de rios, exploração de bacias hidrográficas, programas de merenda baseados em ingredientes frescos, parcerias entre fazendas e escolas, justiça ambiental urbana, hortas escolares como “sala de aula”, arte e poesia.

De acordo com Capra, a experiência direta com a natureza é a ecologia que chega ao coração das crianças e permanece com elas ao longo da vida, pois “[...] estimula tanto o entendimento intelectual da ecologia como cria vínculos emocionais com a natureza” (Capra, 2006, p. 15). Mas “Como cultivar nas crianças as atitudes mentais e sentimentais necessárias para que elas possam criar comunidades sustentáveis?” (Stone; Barlow, 2006, p. 27). A resposta passa por mudanças de ponto de vista, pois “[...] para entender os princípios da ecologia é preciso uma nova maneira de ver o mundo e de pensar — em termos de *relações*, *conexões* e *contexto* — o que contraria os princípios da ciência e da educação tradicionais do Ocidente” (Capra, 2006, p. 48, grifos do autor).

O autor aponta, por exemplo, a contribuição das artes para o avanço da ciência, quanto ao estudo dos padrões realizados por Leonardo da Vinci e Goethe. E afirma:

Isso abre a porta para os educadores integrarem as artes ao currículo. Seja pela literatura ou pela poesia, pelas artes visuais, dramáticas ou musicais, dificilmente existe algo mais eficaz do que a arte para desenvolver e aperfeiçoar a capacidade natural da criança de reconhecer e expressar padrões (Capra, 2006, p. 50).

O potencial expresso no raciocínio dessa proposta de revolução curricular se torna ainda maior quando encontra pela frente uma linguagem da natureza em seus padrões de funcionamento entregues a todas as formas de percepção e interação sensorial, emocional e cognitiva. A natureza ensina por padrões, processos, redes, ciclos, fluxos, diversidade, sistemas, interdependência, desenvolvimento e equilíbrio dinâmico. Um entrelaçamento complexo que revela, com fatos básicos da vida, um “[...] padrão fundamental de organização: a natureza sustenta a vida ao criar e nutrir as comunidades” (Capra, 2006, p. 51).

Daí, decorre que “[...] a sustentabilidade não é uma propriedade individual, mas uma propriedade de toda a rede” (Capra, 2006, p. 51). Com isso, é preciso considerar e reunir as pessoas que lidam com as diferentes partes do problema em redes de suporte e diálogo, pois “[...] a sustentabilidade sempre envolve a comunidade na sua totalidade. [...] As trocas de energia e recursos em um ecossistema são mantidas pela cooperação de todos” (Capra, 2006, p. 53). Acrescentando a tudo isso o fato de que “Todos os sistemas vivos se desenvolvem e todo desenvolvimento envolve aprendizagem [...]” (Capra, 2006, p. 55), a natureza ensina que

O papel da diversidade está estreitamente ligado às estruturas de rede dos sistemas. [...] Quanto mais complexos forem os padrões de interconexão da rede, mais rapidamente eles poderão se recuperar. [...] Nas comunidades humanas, a diversidade étnica e cultural pode exercer o mesmo papel que a biodiversidade exerce num ecossistema. Diversidade significa muitas diferentes relações e muitas diferentes abordagens ao mesmo problema (Capra, 2006, p. 53).

Ao estabelecer a correspondência entre riqueza de biodiversidade — condição para o equilíbrio dinâmico dos ecossistemas — e diversidade étnica e cultural, o autor explicita um horizonte luminoso de esperança para a compreensão e o exercício do potencial que possuímos enquanto humanidade para usar essa chave em favor da nossa sobrevivência e do (re)equilíbrio da vida.

No entanto, mais que aprender com a natureza sobre os princípios reguladores de como os sistemas sustentáveis são possíveis, necessitamos avançar na capacidade de dialogar no mar da diversidade e “[...] criar sistemas de educação pelos quais as gerações futuras poderão aprender os princípios e aprender a planejar sociedades que os respeitem e aperfeiçoem” (Capra, 2006, p. 57).

Como já dito anteriormente, *Alfabetização Ecológica: A educação das crianças para um mundo sustentável* reúne textos de pensadores, cientistas e educadores que buscam redefinir os fundamentos da educação a partir de uma perspectiva ecológica e sistêmica. Um dos eixos fundamentais que selecionamos para compor este referencial, é o reconhecimento e a valorização inestimável da sabedoria dos povos indígenas como base epistemológica, ética e espiritual para a construção de uma nova relação entre ser humano e natureza.

Nesse sentido, a organização da obra em quatro partes representa quatro perspectivas extraídas do método *en'owkin* do povo okanagan do Canadá para se alcançar a sustentabilidade. Segundo Jeannette Armstrong, guardiã dessa sabedoria indígena, “[...] quando a comunidade okanagan está diante de uma decisão, cada um dos seus membros é responsável por articular as questões vitais de uma das quatro perspectivas dessa sociedade — ‘Jovens’, ‘Anciões’, ‘Mães’ e ‘Pais’” (Armstrong, 2006 *apud* Stone; Barlow, 2006, p. 33). Naquilo que Armstrong chama de “O Processo das Quatro Sociedades”, as quatro perspectivas são expressas conceitualmente como:

- Visão: [...] centra-se num futuro sustentável por meio de novas ideias, inovações e possibilidades criativa.
- Tradição / Lugar: [...] voltada para a preservação dos modos de vida tradicionais que estão ameaçados pelos assim-chamados progresso e desenvolvimento.
- Relação: [...] considera o impacto de uma decisão sobre as outras pessoas, lembrando-nos que a saúde da comunidade depende de cada um dos seus membros ter alimentação, moradia, segurança e tratamento adequados.
- Ação: compreende [...] os resultados [...] as decisões resultam das estratégias que avaliam os custos, os obstáculos e os recursos da comunidade (Stone; Barlow, 2006, p. 33-34).

Desse modo, a consideração pelo interesse de todas as perspectivas torna a comunidade mais apta a alcançar uma solução sistêmica global. Como se pode perceber, trata-se de construções conceituais que nos ajudam a pensar em termos sistêmicos, uma vez que os conhecimentos indígenas são apresentados como formas sofisticadas e profundamente enraizadas de compreender a Terra como um organismo vivo e interconectado. Esses saberes, desenvolvidos ao longo de milênios por diferentes culturas originárias, são reconhecidos não apenas como heranças culturais, mas como conhecimentos ecológicos tradicionais, essenciais para a regeneração da vida no planeta.

As cosmologias indígenas oferecem modelos educacionais centrados no respeito, no cuidado e na reciprocidade entre os seres. “A sabedoria de suas culturas se teceu mediante uma sintonia fina com o universo e a escuta atenta da Terra” (Boff, 2002, p. 53). A visão cíclica do tempo, o conhecimento empírico sobre os ciclos

naturais, o uso sustentável dos recursos e a transmissão oral como forma de aprendizagem coletiva são elementos valorizados como fontes de inspiração para práticas pedagógicas integradoras e sustentáveis.

Com o intuito de aprender e reconhecer a legitimidade epistêmica dos saberes indígenas, uma alfabetização ecológica deve pressupor a ruptura com paradigmas coloniais e antropocêntricos, assim como sugerir uma aproximação sensível e ética com as cosmovisões indígenas como caminho para reencantar a educação.

Nesse sentido, outra valiosa contribuição à realidade constituinte da Cia. Cultural EMCANTAR, no início dos anos dois mil, pode ser encontrada no livro *A Terra dos Mil Povos* (Jecupé, 1998). Trata-se de uma obra seminal da literatura indígena brasileira, na qual Kaká Werá Jecupé, escritor e líder indígena do povo Tapuia, oferece uma narrativa histórica e cultural dos povos originários do Brasil a partir de uma perspectiva interna, desafiando as versões eurocêntricas predominantes.

Ao apresentar a história indígena a partir de um lugar de fala autêntico, Kaká Werá Jecupé promove uma inversão epistemológica: em vez de explicar o indígena ao olhar ocidental, ele propõe que o leitor se coloque na escuta das múltiplas vozes dos povos da floresta, da terra e das águas.

Em um encontro presencial no ano de 2006, Kaká Werá ensinou e aos integrantes do EMCANTAR que, na tradição indígena, a palavra é um ato sagrado e ontológico. Em seu livro, ele ressalta o valor da oralidade como guardião da memória coletiva e como instrumento de resistência perante as tentativas de silenciamento cultural promovidas pela colonização. A escrita, nesse contexto, não substitui a fala, mas serve como aliada para preservar e transmitir os saberes milenares. Segundo o autor,

Compreendendo o ser como um tu-py, um som-de-pé, os antigos afinavam o espírito a partir dos tons essenciais do ser, tons que participavam de todos os seres. Os tons essenciais que formam o espírito são o que a civilização reconhece como vogal (Jecupé, 1998, p. 24).

A estrutura narrativa do livro reproduz, inclusive, elementos da tradição oral: histórias que se entrelaçam, pausas meditativas, ritmo circular e a presença do sagrado. Essa escolha estética também constitui um gesto político, pois desafia os

moldes ocidentais de linearidade e objetividade ao afirmar outra forma de produzir e compartilhar conhecimento.

Um dos eixos centrais da obra é a apresentação de cosmovisões indígenas que expressam uma compreensão relacional e espiritual da vida. O ser humano não é visto como um dominador da natureza, mas como parte de um grande círculo de interdependência. Essa visão contrasta com a lógica antropocêntrica que sustenta o modelo de desenvolvimento ocidental e que está na raiz da crise ambiental contemporânea.

Para os povos indígenas descritos pelo autor em questão, a Terra é um ser vivo, mãe e origem de tudo, e o conhecimento é construído não apenas pela razão, mas pela escuta, pela contemplação e pela experiência. Em outro trecho, lemos que

[...] a maior contribuição que os povos da floresta pode deixar ao homem branco é a prática de ser uno com a natureza interna de si. A Tradição do Sol, da Lua e da Grande Mãe ensinam que tudo se desdobra de uma fonte única, formando uma trama sagrada de relações e inter-relações, de modo que tudo se conecta a tudo. O pulsar de uma estrela na noite é o mesmo do coração. Homens, árvores, serras, rios e mares são um corpo, com ações interdependentes. Esse conceito só pode ser compreendido através do coração, ou seja, da natureza interna de cada um. Quando o humano das cidades petrificadas largarem as armas do intelecto, essa contribuição será compreendida. Nesse momento entraremos no Ciclo da Unicidade, e a Terra sem Males se manifestará no reino humano (Jecupé, 1998, p. 61).

Vale destacar que contribuições como as de Kaká Werá Jecupé (Jecupé, 1998), assim como outras que vamos abordar mais à frente nessa pesquisa, foram fontes de conhecimento e inspiração para o surgimento de canções como *Parte da Gente* (Parte [...], 2003) e *Somos a Terra* (Somos [...], 2023), levadas ao mundo por meio de álbuns e espetáculos musicais, assim como em oficinas de formação com crianças, jovens e educadores ao longo dos últimos 29 anos.

Além de um caráter cultural e educativo de valor indiscutível, *A Terra dos Mil Povos* (Jecupé, 1998) é um manifesto por justiça, diversidade e reconexão. Ao assumir o lugar de narrador de sua própria história e de porta-voz de um Brasil ancestral, Kaka Werá Jecupé compõe uma vanguarda de autores que rompem o silêncio histórico imposto aos povos indígenas e nos oferece novas chaves de leitura do mundo, chaves que valorizam o equilíbrio, a diversidade, o cuidado, a escuta e o respeito.

5.7 A potência dos encontros e a dinâmica do encantamento

Não foram poucas as vezes que surgiram neste referencial teórico a vivência da arte e a experiência direta com a natureza como caminhos estéticos, éticos e pedagógicos eficazes, defendidos pelos autores, em favor de uma educação para a sustentabilidade e o desenvolvimento humano.

Esse último tópico do referencial vem concluir o alicerce da práxis artístico-pedagógica do EMCANTAR e abordar o encontro com duas perspectivas potentes para encerrar os pressupostos aqui desenvolvidos. A primeira diz respeito à defesa de uma nova educação que nos leve ao encantamento e ao amor pela vida. A segunda é mais um importante recorte da obra *Alfabetização Ecológica* (Stone; Barlow, 2006) com ênfase numa experiência que dialoga com o que moveu a coletividade do EMCANTAR em suas realizações artísticas e pedagógicas até os dias atuais: fazer arte e encantar pessoas.

O emprego da expressão “dinâmica do encantamento” refere-se às interações que permeiam e nutrem as relações de causa e efeito nos encontros das pessoas com as principais fontes de beleza e encantamento experimentadas na arte, na natureza e nas expressões de amor que encontramos ao longo da vida. Nessa microfísica do encantamento, mudanças acontecem dentro e fora de nós, numa dinâmica sutil que resulta em ações e transformações na realidade de cada um e com todos.

5.7.1 Por uma nova educação que nos leve ao encantamento e ao amor pela vida

Em tempos de profundos reflexos da falta de encantamento e amor pela vida, um convite a repensar o papel da educação na formação de sujeitos conscientes e comprometidos com a sustentabilidade da vida, começando por um conjunto de provocações:

O que nos levou a permitir que a natureza fosse tratada de maneira tão desrespeitosa, apenas como fonte de recursos para saciar nossos crescentes anseios de consumo? Que educação foi essa que recebemos e que continua a ser ofertada às crianças, que as tornam adultos insensíveis? O que precisa mudar para que sejamos melhores

versões do nosso ser, contribuindo para a teia da vida da qual fazemos parte? (Padua, 2022, p. 64).

No artigo *Por uma nova educação que nos leve ao encantamento e ao amor pela vida*, Suzana Padua (2022) propõe uma transformação disruptiva no campo da educação, sugerindo uma abordagem que vá além da transmissão de conteúdos fragmentados e desconectados da realidade vivida, privilegiando o intelecto em detrimento das demais dimensões do ser humano (Padua, 2022, p. 65).

Conforme lemos na sequência do texto, o fato de estarmos “[...] colhendo a dor dos frutos de nossas ações impensadas e irresponsáveis, que agora ameaçam a nossa própria sobrevivência” revela que os modelos tradicionais de educação no seio cultural família-escola-sociedade ainda não foram capazes de nos ensinar a “[...] nos percebermos como seres vivos, integrais e interligados uns aos outros e à natureza (Padua, 2022, p. 64-65).

Em diálogo com a Educação Interdimensional e a Ética Biofílica propostas por Antonio Carlos Gomes da Costa (Costa, 2022), a autora defende uma pedagogia que integre o sensível, o ético, o estético e o afetivo no processo formativo. Segundo ela,

Com um olhar atento e sensível, veremos que todos os seres existem porque evoluíram por razões e maneiras diversas, mas sempre conectados, e cada um tem um papel a cumprir nesse emaranhado que é a vida na Terra. Mesmo o cosmos é parte de todo esse sistema interdependente do qual fazemos parte. [...] Ampliar a visão e aprender a observar e maravilhar-se pode ser um caminho promissor para mudanças importantes (Padua, 2022, p. 64).

Essa cisão entre razão e sensibilidade, entre humano e natureza, tem raízes históricas, especialmente na tradição ocidental, mas seus impactos são cada vez mais evidentes nos modos de vida atuais, que desvalorizam o tempo da contemplação, o silêncio, a escuta, o corpo e a experiência estética. Para a autora, é preciso recuperar a dimensão vivencial da aprendizagem, criando ambientes educativos que favoreçam o vínculo com a natureza e o cultivo de valores, o sentido de pertencimento e a empatia para com todas as formas de vida. Argumenta que, para o florescimento humano em harmonia com o planeta, é preciso

[...] expor as crianças e jovens ao mundo natural, levando-os a parques, mesmo que urbanos, rios límpidos ou berçário de peixes em

manguezais. É preciso darmos chances ao aprendiz para se importar, apreciar e amar as belezas de uma flor, uma pluma, uma floresta, um lago, uma montanha, e qualquer outra fonte de inspiração que toque sua alma (Padua, 2022, p. 67).

Belezas naturais como fontes de inspiração que tocam a alma na medida em que a integralidade do sujeito toca o mundo natural pela fricção sensorial de sua existência. A experiência da beleza (natural e artística) como fonte e cultivo de visões de mundo que não se alcançam artificialmente. O **encantamento, como experiência e princípio pedagógico, deriva da capacidade de maravilhar-se diante da beleza e da complexidade do mundo**. A autora considera o encantamento como um caminho para o despertar do amor à vida – uma forma de perceber e sentir a interdependência entre os seres e de reconhecer o valor intrínseco da natureza (Padua, 2022).

Uma nova educação pautada pelo encantamento contribui para a formação de sujeitos sensíveis, criativos e éticos, capazes de agir com responsabilidade ecológica e social. Um pensamento alinhado a uma Educação Interdimensional, que integra razão, emoção, espiritualidade, corporeidade e imaginação no processo educativo.

É necessário conjugar conhecimento e valores em favor de comportamentos éticos e sustentáveis, “[...] levar em conta a responsabilidade das escolhas de cada indivíduo, valorizando a cooperação em tudo que leve a resultados que representem melhorias para todos. Se isso acontecer, seremos cidadãos planetários [...]” (Padua, 2022, p. 67). Em seu artigo, a autora apresenta um quadro comparativo, que trazemos na Figura 8.

EDUCAÇÃO TRADICIONAL	➔	EDUCAÇÃO INTERDIMENSIONAL E VOLTADA AO ENCANTAMENTO PELA VIDA
Há um predomínio do lado competitivo e egoísta – "eu"	➔	Leva em conta o lado sensível e de cooperação.
O ser humano é o centro das atenções e tudo gira em torno para lhe servir.	➔	O ser humano é parte de um sistema vivo que precisa ser apreciado devidamente.
Conhecimentos são repassados isoladamente.	➔	Conhecimentos e valores são apresentados conjuntamente.
Um único sabedor: o professor.	➔	O professor facilitador incentiva construções coletivas.
O aluno cordato e passivo é enaltecido.	➔	O aprendiz instigador e inconformado com o que agride a vida é ouvido e incentivado.
Aceita-se a verdade que chega pronta.	➔	Há incentivo para a reflexão e escolhas conscientes.
As causas de tudo o que acontece não são averiguadas.	➔	Cada ação é avaliada sabendo-se que trará consequências.
As disciplinas são tratadas separadamente.	➔	Interdisciplinaridade e visão sistêmica são a base do aprendizado.
Os projetos nem sempre têm relação com a realidade do aprendiz.	➔	Os projetos são idealizados pelos aprendizes com orientação de pessoas mais experientes.
Empatia é pouco exercitada.	➔	O respeito e a celebração da vida (gente e natureza) são valorizados.

Figura 8 - Lacunas a serem observadas e aprofundadas entre o ideal da Educação Interdimensional — voltada para o encantamento com a vida — e um sistema de educação tradicional.

Fonte: Padua (2022, p. 68).

Nas afirmações dessa educadora, que há anos se dedica a cocriar e a pensar processos de educação ambiental, transformando realidades para melhorias coletivas em sua jornada de vida,

O mundo precisa mais do que nunca de amor. E o encantamento pela vida pode ser um caminho para trazer sentimentos como amor, respeito e inclusão de todos os seres e elementos naturais. São esses os valores que precisam ser incentivados nessa nova educação, aumentando as chances de despertarmos o maravilhamento pela vida (Padua, 2022, p. 69).

Suzana Padua nos proporciona uma contribuição sensível e inspiradora para as práticas e os debates contemporâneos sobre a educação. Ao propor uma educação

orientada pelo encantamento e pelo amor à vida, aponta caminhos possíveis para formar sujeitos despertos e conectados à sua real condição de participantes da rede de interdependência que constitui a teia da vida.

A valorização do sensível, da beleza, da criatividade, da natureza e da espiritualidade como fonte de sentido e significado, revela-se como núcleo ético e político de uma nova proposta educativa, mais adequada ao enfrentamento dos desafios da crise planetária e potencialmente capaz de contribuir para a emergência de uma cultura do cuidado e da regeneração.

5.7.2 Criança e arte, planeta por toda parte

Corroborando o pensamento de Suzana Padua (2022) exposto acima e os princípios da Ética Biofílica presentes na Educação Interdimensional proposta por Antonio Carlos Gomes da Costa (Costa, 2022), o livro *Alfabetização Ecológica: A educação das crianças para um mundo sustentável* (Stone; Barlow, 2006) destina um capítulo a relatar e a refletir sobre experiências que integram artes e ciências. Como nos lembra Capra (2006, p. 50), no tópico *Falando a Linguagem da Natureza*,

Seja pela literatura ou pela poesia, pelas artes visuais, dramáticas ou musicais, dificilmente existe algo mais eficaz do que a arte para desenvolver e aperfeiçoar a capacidade natural da criança de reconhecer e expressar padrões.

No capítulo *Ajudando as crianças a se apaixonar pelo planeta Terra: educação ambiental e artística*, Pamela Michael relata uma abordagem integrativa entre a educação ambiental e a educação artística com base no lugar, “[...] convidando as crianças a utilizarem as artes para a exploração e expressão do que elas entendem e relacionam como os seus verdadeiros lugares” (Michael, 2006, p. 142).

Trata-se da experiência da autora no programa internacional *River of Words* (ROW), cujo intuito se desenvolveu a partir do convite às crianças para investigarem as bacias hidrográficas de onde viviam, suas biorregiões, descobrirem a importância desses lugares em suas vidas e “[...] expressar por meio da poesia e da pintura o que eles observaram, sentiram e aprenderam” (Michael, 2006, p. 143).

Com o objetivo de cultivar nas crianças um vínculo afetivo e sensível com a natureza, partindo da relação entre sua realidade — o chão que pisam — e sua imaginação, a autora argumenta que é fundamental que as crianças desenvolvam uma conexão emocional com o mundo natural desde cedo. Segundo ela,

As crianças são especialistas em criar visões de lugares que elas viram apenas na imaginação — lugares que ganham realidade pelo ato da criação. O que acontece quando sugerimos que elas “imaginem” lugares que de fato existem e que encontrem poesia na água, na terra e na pedra, enfim, que não apenas explorem a beleza do lugar, mas também sintam uma ligação com ele? (Michael, 2006, p. 142)

Assim, a fim de que desenvolvam gradativamente um compromisso genuíno com a conservação ambiental, a estratégia passa pela adoção de ricas e significativas experiências sensoriais diretamente com a natureza. A autora destaca que atividades que envolvem os sentidos, a cognição e as emoções possibilitam que as crianças se voltem para o mundo natural com a totalidade do seu ser, favorecendo esse processo de conexão a fim de que possam desenvolver empatia e respeito pelos seres vivos e pelos ecossistemas; e observa:

Em resposta, vemos crianças encontrando os seus lugares no mundo natural, crianças que sabem que a água não vem simplesmente da torneira, que sabem os nomes das plantas e dos animais à sua volta, que entendem os desafios da vida sustentável na Terra, e conseguem instrumentos e usam a imaginação para responder a esses desafios. E vemos crianças que sabem os seus “endereço ecológicos” tão bem como os nomes das ruas e cidades em que moram. E passamos a ter esperança (Michael, 2006, p. 142).

Por meio de um modelo de exploração baseado na experiência direta e na integração entre arte e ciência, um poderoso sentido pedagógico se concretiza ao combinar observação, imaginação, curiosidade e a busca de informações para a ampliação das ideias e do conhecimento: “Nós tentamos incluir na aprendizagem elementos como admiração, descoberta, interpretação, destreza e surpresa, bem como colocar em prática a nossa crença de que todo mundo tem talentos artísticos, mesmo não sendo artista” (Michael, 2006, p. 145).

A experiência vivida, relatada e refletida por Pamela Michael junto à equipe do programa *River of Words*, expandiu-se nacional e internacionalmente por meio de

concursos de poesia e arte relacionadas ao meio ambiente. Com a ajuda de poetas, cientistas, educadores, artistas e ambientalistas, foi criado um guia sobre bacias hidrográficas, ligado a tais ações. Para a autora, “[...] as atividades que tanto informam a mente quanto envolvem o coração provaram-se uma combinação poderosa e eficaz”, levando-os a definir a missão do programa como sendo a de “[...] ajudar as crianças a se apaixonar pelo planeta Terra” (Michael, 2006, p. 147).

Em consonância com a instigação que me conduziu a esta pesquisa de mestrado — Como cuidar do que não se ama, como amar o que não se conhece? —, a autora conclui pela própria experiência que “Como as pessoas protegem aquilo que amam, esta é uma receita eficaz de preservação e esperamos que, por fim, também de afinidade” (Michael, 2006, p. 147).

Em seu texto, ela expõe poemas criados por crianças participantes do ROW. “O poema a seguir, escrito em 1999, irradia entendimento, respeito e afeição pelo mundo natural.

REFLEXÕES

Às vezes,
quando as montanhas
refletem-se nos rios,
você consegue perceber coisas
que nunca antes viu.
Há flores lá em cima,
rochas que parecem nuvens,
um montinho de neve vira um córrego que acaba virando rio.

Lindsay Ryder, 11 anos
Bend, Oregon

Professores: Vicki Ball e Ashley Kaneda
Finalista do Concurso River of Words de 1999

Fonte: Michael (2006, p. 147).

Como em toda a história do EMCANTAR em seus trabalhos artístico-pedagógicos, sempre pudemos constatar que, por meio de expressões artísticas, como desenho, pintura, música, poesia e narrativa, teatro, dança e audiovisual, as crianças e os jovens podem explorar e representar seus sentimentos e experiências em relação à vida e ao que se convencionou chamar de “natureza”. Essa abordagem proporciona o

cultivo de uma conexão afetiva e estética com o mundo natural, favorecendo que crianças e jovens desenvolvam uma compreensão mais profunda e pessoal do mundo ao seu redor.

Assim, reconhecemo-nos, tanto na visão de Suzana (Padua, 2022), quanto nas palavras de Pamela Michael ao afirmar sobre sua experiência com uma abordagem educativa que une a sensibilidade artística à consciência ambiental e revela uma perspectiva única e abrangente do nosso mundo, vista pelo olhar das crianças: “Eles expressaram as suas preocupações, sonhos, desejos e medos em palavras e pinturas que surpreendem e encantam” (Michael, 2006, p. 156).

Ao proporcionar experiências que envolvem a potência dos encontros e uma fricção existencial entre pessoas — em suas totalidades — e o mundo natural, educadoras e educadores criam condições para uma dinâmica de encantamentos se estabelecer. Por meio de vivências que envolvem sensações, beleza, admiração, maravilhamento, espanto, contemplação, conhecimento e afeto, uma cadeia de acontecimentos externos e internos conduzem à cocriação de experiências profundas, educativas e transformadoras, significativamente capazes de constituir valores e ajudar crianças e jovens a reconhecerem seus potenciais humanos e desenvolverem seu amor pela Terra e pela Vida.

6 RESULTADOS

6.1 Agir em volta

A partir deste ponto, tem início a pesquisa narrativa sobre a realidade construída em dois blocos históricos como respostas de ação do EMCANTAR em diálogo com o item “*Olhar em volta*”, tratado no referencial teórico desta pesquisa. O primeiro bloco diz respeito ao “Surgimento e Sistematização da *Pedagogia do Encantamento*” – 1996 a 2011 –, base para o segundo bloco, que trata da jornada “Do Abraço no Planeta à proposta de sistematização da *Ecologia do Encantamento*” – 2012 a 2025.

Certa vez, eu assistia a uma aula do professor Antonio Carlos Gomes da Costa numa formação de líderes formadores de líderes, e me lembro de ele dizer assim: “A

história é feita de fatos e acontecimentos. Pessoas produzem fatos e acontecimentos. Pessoas são movidas por desejos, crenças e valores. Quais fatos e acontecimentos vocês querem produzir à luz de quais desejos, crenças e valores?”.

Naquela época, o EMCANTAR tinha cerca de dez anos e já sabíamos o que fazíamos e o que queríamos, tanto pelas nossas motivações compartilhadas, quanto pelos referenciais que nos inspiravam. Os autores e as obras escolhidos para compor o referencial teórico desta pesquisa, em sua maioria, já estavam lá, como fontes de conhecimento e inspiração a iluminar e a guiar nossos desejos, ideais e crenças, valores e ações, individuais e coletivas, em nosso território existencial de beleza, encantamento e desenvolvimento humano.

Munidos de nossa cantoria coletiva e de nossa arte, compartilhávamos ideias, ideais e interesses comuns por meio da realização de projetos artísticos e educacionais sem fins lucrativos. Éramos educandos-educadores vivenciando uma práxis ecológico-educativa em nós mesmos e com aqueles que alcançávamos com o encantamento produzido pelas obras artísticas que criávamos, pelas relações que estabelecíamos com pessoas e instituições e os projetos de formação que realizávamos com crianças, jovens e educadores.

Essa narrativa que se descreve, diz respeito aos fatos e acontecimentos produzidos nos primeiros quinze anos da história do EMCANTAR. A partir do diálogo e dos aprendizados com autores e obras aprofundados nesta pesquisa, princípios compartilhados foram sintetizando-se organicamente em nossa cultura organizacional pelas fricções que a coletividade vivenciava na edificação do EMCANTAR. Esses princípios podem ser descritos objetivamente da seguinte forma:

- a vida como um valor sagrado e universal;
- a arte e a natureza como fontes de beleza e encantamento;
- a vontade como motor de realizações;
- a arte como expressão do Viver para o Ser;
- um modo de vida fundado na cooperação;
- um relacionamento responsável com o espaço ocupado;

- as pequenas ações consistentes como práticas ecológicas diárias de transformação pessoal, social e ambiental.

Nesse sentido, essa longa história de fatos e acontecimentos revela uma experiência de construção coletiva, consoante ao que o autor Félix Guattari intitula, na obra *As Três Ecologias* (Guattari, 2012), como uma ecosofia que se materializa por micropolíticas e experimentação de potenciais vetores de subjetivação e de singularização interessantes à compreensão histórica e à Pesquisa Narrativa. A observação dilatada e recorrente sobre essa jornada de idealizações e realizações favoreceu a sistematização de duas metodologias educacionais e um conjunto de resultados, abordados nos dois blocos históricos a seguir.

Essas metodologias integram a obra *Pedagogia do Encantamento* (Querubim, 2020), que se constitui como base empírica e epistêmica para a proposta de sistematizar uma abordagem de educação socioambiental que veio a ser o tema desse mestrado: a *Ecologia do Encantamento*.

6.2 Parte I - A Pedagogia do Encantamento (1996 a 2011)

6.2.1 Surgimento e sistematização

No Brasil, inúmeras iniciativas culturais resultam do esforço, da vocação e da mobilização de pessoas, grupos e organizações. Essas ações têm como foco a cultura como instrumento de construção de identidade e cidadania, meio pedagógico ou como um processo que – vivenciado pela comunidade – fortalece o sentido de pertencimento social, contribuindo para a ampliação das possibilidades de vida e de escolhas.⁴

Na segunda metade da década de 1990 e no início dos anos 2000, edificávamos nossas práticas culturais educativas sob uma perspectiva ecologista, em que a experiência estética de canções apartadas do mercado fonográfico da cultura de massa mesclava-se com a leitura e a discussão de textos inspiradores nos quais reconhecíamos um movimento coletivo que nos projetava na construção do que o autor Félix Guattari denomina, em sua obra *As Três Ecologias* (Guattari, 2012), como ecosofia.

⁴ Texto de Gilberto Gil, na apresentação do Edital *Prêmio Cultura Viva* 2005 (Brasil, 2005).

Como visto no referencial teórico desta pesquisa, ecosofia vem a ser uma sabedoria ecológica capaz de conjugar as dimensões da natureza, da sociedade e da subjetividade, em oposição às lógicas dominantes de mercado, de consumo e de homogeneização cultural que “[...] lamina os sistemas particulares de valor, que coloca num mesmo plano de equivalência os bens materiais, os bens culturais, as áreas naturais etc.” (Guattari, 2012, p. 10). Para o autor, é fundamental repensar e reinventar os processos de produção de subjetividade, promovendo a abertura à criatividade, à diferença e à singularidade.

Nesse sentido, para fazer frente à crise civilizatória, Guattari (2012) propõe o desenvolvimento dessa sabedoria ecológica que une as três ecologias sob uma nova ética e uma nova estética da existência. Essa ecosofia sugere uma reconstrução das relações entre os sujeitos e o mundo que os cerca, valorizando a multiplicidade, a heterogeneidade, a criatividade e a autonomia dos modos de vida. De acordo com o autor, “[...] novas modalidades de subjetivação estão prestes a surgir. Um apelo maior se fará à inteligência e à iniciativa” (Guattari, 2012, p. 48).

A ecosofia implica, portanto, uma política do cotidiano que ultrapasse as estruturas institucionais formais e incentive práticas locais, micropolíticas e experimentações subjetivas. Em lugar da dominação tecnocrática e da lógica mercantil, a ecosofia propõe formas mais sensíveis, éticas e participativas de se relacionar com o ambiente, com os outros e consigo mesmo.

Nesse contexto histórico e territorial de um movimento coletivo em construção, amalgamado pela influência de diversos autores presentes nos pressupostos teóricos e artísticos desta pesquisa com a experiência estética de canções populares, regionais e gradativamente autorais, nos víamos como uma **Comunidade de Sentido** vivenciando uma práxis ecológica nutrida de conhecimento e ação.

Em meio a esse movimento, a vontade individual de participar demonstrava ser o principal combustível para as realizações pessoais dentro do empreendimento coletivo. No entanto, embora houvesse a vontade de cantar, os integrantes não dispunham de um repertório que se estendesse de modo significativo para além das influências reprodutoras da cultura propagada pelos meios de comunicação. Fazia-se necessário ampliar o conhecimento de mundo deles com novas obras e autores,

inclusive as manifestações tradicionais de cultura popular do Brasil e, em especial, da sua região, o Triângulo Mineiro. Desde então, o planejamento dos encontros, que com o tempo passaram a chamar-se **oficinas**, tinha como premissa pedagógica compartilhar o conhecimento de novos autores e a fruição de novas obras e manifestações culturais. Eram encontros de escutar, conversar e aprender coisas novas...

Naquele momento, uma integrante do grupo que cursava Música na Universidade Federal de Uberlândia comentou que, na faculdade, um processo semelhante acontecia para a apresentação de obras musicais aos alunos, e que se chamava Escuta Ativa. Precisávamos de um nome próprio, lúdico e sonoro para a nossa “história de escutar em grupo”. Assim, batizamos de ESCUTATÓRIA nossos encontros de ouvir com as antenas ativas, isto é, ouvidos e sentidos abertos. A expressão logo foi incorporada ao linguajar do grupo e ampliada para outras janelas sensoriais além do ouvido. Curiosamente, anos depois, encontramos a mesma palavra empregada com sentido semelhante num texto do educador e escritor Rubem Alves (1999, p. 65).

Os encontros de fruição conduziram então a oficinas de vivências artístico-culturais em que os integrantes eram desafiados a imprimir sua identidade naquilo que escolhiam para interpretar. As canções e performances eram arranjadas mesclando tradição e inovação e, aos poucos, os integrantes passavam a exercer seu potencial de expressão e criação. À medida que o grupo estabelecia como objetivo comum realizar apresentações musicais para a comunidade, novos conhecimentos de produção exigiam o desenvolvimento de habilidades básicas de gestão de si [autogestão], dos outros [heterogestão] e das ações do grupo [cogestão]. Desse modo, sucessivamente, foram realizadas centenas de apresentações, produzidos CDs, turnês de espetáculos, DVDs, livros, além da expansão de atividades para grupos com a comunidade e escolas públicas (Figuras 9 e 10).



Figura 9 - Álbuns musicais, livros e produções audiovisuais do Grupo EMCANTAR, envolvendo crianças, jovens e educadores participantes de projetos artísticos e educacionais do EMCANTAR Social entre 1999 e 2024.
Fonte: Acervo EMCANTAR.



Figura 10 - Produção artístico-literária de crianças e jovens participantes de projetos artísticos e educacionais do EMCANTAR Social entre 2007 e 2022.
Fonte: Acervo EMCANTAR.

Na realização coletiva de empreendimentos, não há como furtar-se ao saudável enfrentamento de desenvolver a percepção do todo, a capacidade de expressar-se, de manter-se motivado e motivar os outros, de contribuir de forma criativa na solução dos problemas em grupo, de construir em conjunto, de adaptar-se a novas situações, de ensinar e aprender com os outros, da capacidade de avaliar e de deixar-se avaliar etc.

Esse jeito de fazer arte em grupo tornou-se uma prática essencialmente artística e potencialmente pedagógica, caracterizada pela existência recorrente de um objetivo comum, convertido em meta geradora de uma Comunidade de Sentido, e a vivência de Estímulos, Criação e Produção que resultam na materialização de um bem cultural, a meta. Com essa experiência veio o aprendizado de que cultura e educação, quando conjugadas de modo indissociável, são capazes de gerar identidade, autonomia, protagonismo, empoderamento humano e desenvolvimento socioeconômico. Tais percepções nos levaram a sistematizar e converter essa experiência histórica em nossa *Pedagogia do Encantamento*, numa primeira metodologia de Vivência e Criação Artística, cujo intuito surgiu da confirmação de que não é necessária uma sólida formação artística ou o domínio de uma ou mais linguagens específicas para produzir arte. O essencial é que os envolvidos (liderança e participantes) estejam motivados e entregues a experiências estéticas capazes de contribuir para a sua formação e o seu desenvolvimento. A qualidade dos resultados é consequência do amadurecimento e das descobertas no decorrer do processo.

Se, por um lado, o grupo crescia e se afirmava pela vivência e pela criação artística, por outro lado, a segunda metodologia, *Cultura do Brincar*, revelou-se uma surpresa pedagogicamente revolucionária na medida em que os encontros para cantar foram transformando-se em oficinas nas ações e projetos de formação com crianças, adolescentes e educadores.

Também ancorada em versos das canções *A Roda* [reina entre nós a alegria que enche o mundo de cor... brinco de perto de quem se deixa brincar...] (A Roda, 2012a) e *Parangolé* [conversa fiada, bagunça, risada, brinquedo, piada, roda cantada... roda enfeitada de gente, algazarra sadia e contente...] (Parangolé, 2012), a cultura do brincar no contexto de oficinas passou a expressar um sentimento e um

comportamento comuns que nutriam a vontade de encontrar e estar junto para cantar: uma verdadeira revolução da alegria.

A brincadeira tornou-se parte do ritual das oficinas: antes de cantar, brincar, não importa a idade. No exercício de ser criança, cantar é o próprio brincar, uma vez que grande parte dessa tradição popular característica da infância é constituída por brincadeiras de roda ou brinquedos cantados. Para um grupo que se reuniu com o propósito inicial de cantar música brasileira, a tradição das brincadeiras populares tornou-se um baú de preciosidades e estímulos que, além de contribuir para a valorização e a preservação de um inestimável tesouro do patrimônio cultural imaterial brasileiro, passou a ampliar o repertório cultural dos participantes, assim como a introduzir novas linguagens artísticas combinando, além da música, a dança, o teatro e a literatura.

Depois de dois álbuns lançados — *EMCANTAR* (1999) e *Mutirão* (2003) — e muitos pedidos de diversas partes por um material que auxiliasse educadores na disseminação de brincadeiras populares vivenciadas nas oficinas dos projetos desenvolvidos pela Cia. Cultural EMCANTAR, o desafio foi abraçado e seu grupo de artistas-educadores passou quatro anos [2005-2008] planejando, mobilizando recursos e desenvolvendo um *kit* multimídia com o cuidado de lançar um produto essencialmente artístico e potencialmente pedagógico.

Brincadeiras cantadas da tradição popular presentes na história de muitas gerações de brasileiros foram a matéria-prima sobre a qual o EMCANTAR imprimiu sua leitura e seu acabamento estético. Assim, no ano de 2009 foi lançado seu terceiro álbum, um *kit* multimídia composto por Livro-CD-DVD, acompanhado do espetáculo musical *Parangolé* (Parangolé, 2010) e de outra metodologia voltada à *Cultura do Brincar*, um néctar pedagógico das aprendizagens geradas pelo fazer artístico do grupo. Tanto no filme [DVD] quanto no livreto ou no espetáculo, a leitura de cada brincadeira apresenta-se como uma referência ou possibilidade dentre tantas outras existentes e imagináveis. Dois anos depois, essa metodologia foi reconhecida e selecionada para o *Guia de Tecnologias Educacionais do Ministério da Educação* (Brasil, 2011, p. 16):

[...] ao agregar em um único volume as tecnologias desenvolvidas por este Ministério e aquelas produzidas por instituições e empresas públicas e/ou privadas, que foram selecionadas desde 2007 até 2011, o MEC procura ampliar aos sistemas de ensino a oferta de instrumentos passíveis, por sua qualidade, de colaborar para a melhoria do processo pedagógico, quer da escola, quer do sistema como um todo.

Difundir, sensibilizar e despertar consciências sempre foram as ideias centrais de apresentações, produtos, oficinas e metodologias da Cia. Cultural EMCANTAR. Com isso, potencializar um movimento de rede em que a arte e a ecologia, assim como as canções e brincadeiras cantadas da cultura popular e, acima de tudo, o exercício criativo e o espírito brincante entendidos como visão de mundo, cheguem a mais e mais pessoas, transcendendo limites, materializando-se em vidas, indivíduos, coletividades. Uma difusão criativa, em que pontos que aumentam contos são sempre bem-vindos (Escutatória, 2012a).

Toda essa trajetória é marcada por um jeito próprio de fazer arte e educação, que se traduz na declaração de missão da instituição: "Fazer Arte e Encantar Pessoas". É o encantamento que se busca em cada apresentação artística, cada oficina com crianças, adolescentes, artistas-educadores, cada produto lançado. Esse jeito próprio de fazer arte envolvendo crianças e adolescentes foi sendo sistematizado, partindo-se da experiência, dos resultados e dos novos anseios. E a ideia sempre foi que esse jeito de fazer pudesse ser aplicado e renovado em diferentes contextos, por diferentes artistas, agentes culturais e educadores, em sala de aula, em projetos sociais, na formação e na preparação de grupos artísticos, na vivência da arte e das brincadeiras populares, como pode ser visto em momentos retratados na Figura 11.



Figura 11 – 1) Primeiros encontros 2) Ensaio para primeira apresentação 3) Apresentação em escola - Imagens: Acervo EMCANTAR / 4) Lançamento CD EMCANTAR - Imagem: Beto Oliveira / 5) 100ª apresentação EMCANTAR 6) Pena Branca e Marco Aurélio Querubim - Imagens: Eugenio Pacelli.
Fonte: Acervo EMCANTAR.

Nesse processo de sistematização, o EMCANTAR organizou e definiu então suas duas metodologias para a aplicação da *Pedagogia do Encantamento*:

- a VIVÊNCIA E CRIAÇÃO ARTÍSTICA, cuja aplicação interfere tanto na experiência artística individual e coletiva como no desenvolvimento humano dos participantes: para além do exercício da arte com fim em si mesma, sua prática também corresponde a uma função social de criar oportunidades de acesso à fruição e à produção cultural;
- e a CULTURA DO BRINCAR, que tem como principal diretriz a vivência lúdica das manifestações culturais populares ligadas a seu universo, tais como brincadeiras da tradição popular, cantigas de roda, contação de histórias da tradição oral, entre outras experiências que fortalecem o sentido de pertencimento que se manifesta no caráter socializador e cooperativo das atividades.

6.2.2 *Pedagogia do Encantamento: Vivência e Criação Artística*

A sistematização dessa primeira metodologia derivou da experiência na realização dos empreendimentos artístico-pedagógicos vivenciados nos anos iniciais da história do EMCANTAR. Desse modo, veio a tornar-se um arcabouço metodológico para promover o desenvolvimento humano pela vivência individual e coletiva da arte.

Sua prática pressupõe que cada pessoa é constituída de uma história de vida e de potências intrínsecas — de acordo com o Paradigma do Desenvolvimento Humano da UNESCO (UNDP, 1990) —, cujos mananciais podem se abrir ao desenvolvimento à medida que são estimulados. Isso nos ensinou que a arte encanta e inspira as pessoas a vivenciar seus potenciais.

Transformar potencial em competências para a vida requer oportunidades de acesso e de aprendizagem, a fim de conjugar as capacidades individuais e de conectar as diversas dimensões humanas – cognitiva, afetiva, ética, social, lúdica, estética, física, biológica etc. É a conjugação de tais capacidades que faz com que essa metodologia não se restrinja a um processo exclusivo de formação artística. Seu foco principal é a formação de pessoas na perspectiva do desenvolvimento humano, em confluência com os apontamentos do professor Antônio Carlos Gomes da Costa (Costa, 2001):

O desenvolvimento da criatividade e do senso estético é, e será cada vez mais, um requisito importante para se ingressar, permanecer e ter sucesso no novo mundo do trabalho. [...] No plano da subjetividade e da intersubjetividade, as artes propiciam o desenvolvimento de habilidades como trabalhar em equipe, planejar, negociar, liderar, ensinar, coordenar, acompanhar, avaliar, comunicar, administrar conflitos e gerar soluções criativas. Isto sem falar nos conhecimentos, valores, atitudes, posturas, habilidades e destrezas, que uma educação artística necessariamente desenvolve em todos os domínios da experiência estética (Partilhando Conhecimento, 2021).

A observação de que processos recorrentes impulsionavam as pessoas a se tornarem mais capazes nas suas habilidades possibilitou a articulação de um ciclo de etapas composto por Estímulos, Criação e Produção, os quais se sobrepõem em interdependência conforme cada grupo responde e supera os desafios implícitos em cada etapa. Assim, essa aventura artístico-pedagógica que se desdobrou em metodologia pode ser definida da seguinte forma: objetivos comuns e desafios estéticos compartilhados gerando Comunidades de Sentido em torno de práticas culturais atrativas e educativas.

[...] uma Comunidade de Sentido é um conjunto de pessoas que convivem com propósitos semelhantes e caminham por um determinado período na mesma direção. A direção é o objetivo principal, compartilhado e assumido por todos como um projeto coletivo, seja para brincar ou para a produção de um objeto artístico finalizado, uma meta (Querubim, 2020, p. 63).

Entre todas essas etapas, a Dimensão Individual se manifesta ativamente, por meio do exercício frequente da expressão de pensamentos e aptidões, assim como da Criação, um processo inerente ao ser humano ao qual atribuímos metaforicamente o nome “Caleidoscopia”, representando as infinitas combinações que podem resultar do potencial criativo de cada pessoa, assim como há infinitas combinações no movimento de um caleidoscópio.

O modo como o conhecimento se realiza para cada pessoa começa pelos sentidos. Tudo o que é informado pelos sentidos converte-se em uma experiência de consciência (sons, imagens, sabores, aromas, fantasias, atos, relações, pensamentos, eventos, memórias, sentimentos etc.) cujos conteúdos são expressos na visão de mundo de cada indivíduo. A atividade criativa que denominamos metaforicamente por caleidoscopia é o exercício consciente de ativação desses conteúdos subjetivos e da interação entre eles por meio das faculdades

humanas (razão, emoção, memória, imaginação, percepção, intuição etc.). Daí, a importância dos estímulos para a ampliação da leitura de mundo e do repertório cultural (Querubim, 2020, p. 59).

O ciclo interdependente de etapas acima mencionado pode ser representado por um diagrama contido na Figura 12, que sintetiza o processo de aplicação dessa metodologia:

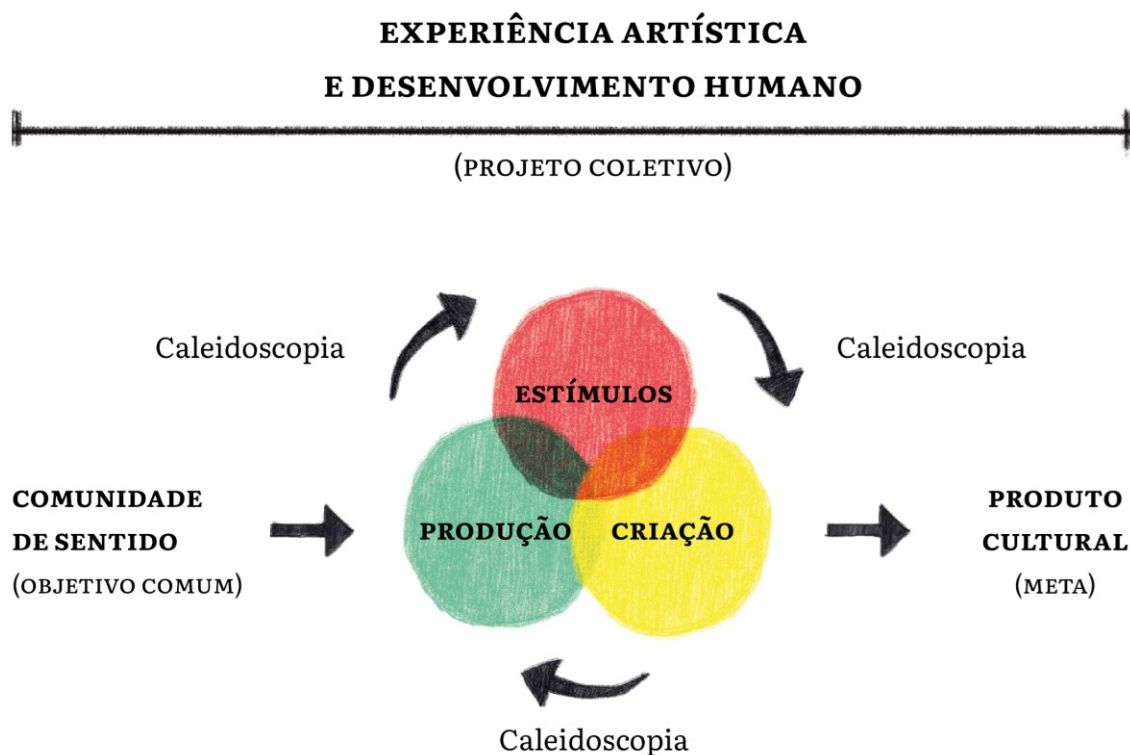


Figura 12 - Diagrama da metodologia *Vivência e Criação Artística*.
Fonte: Querubim (2020, p. 78).

Essa metodologia não significa uma inovação no sentido de distinguir-se qualitativamente dos processos de estudo, pesquisa e concepção estética empreendidos por artistas das mais variadas áreas, sejam profissionais ou não. Seu diferencial encontra-se nas oportunidades que a sistematização e a vivência consciente desses processos podem oferecer ao desenvolvimento de aptidões. Nesse sentido, ela não tem o propósito de formar artistas, mas de estimular o potencial criativo e o

desenvolvimento de habilidades, a fim de que as pessoas possam ter mais oportunidades para exercer escolhas a partir do reconhecimento de seus potenciais.

A esse respeito, o depoimento de uma integrante que ingressou no EMCANTAR em 1996, na adolescência, demonstra sua visão sobre seu processo de desenvolvimento humano e profissional, mediante a dinâmica de oportunidades e escolhas ao longo de sua jornada:

Como poderia, aos treze anos, imaginar que o convite para uma única apresentação se tornaria um convite diário por mais de 20 anos?! E o sim foi dito na maior inocência e entusiasmo! Foi assim... com toda certeza! [...] A música enchia a alma, nos deixava mais próximos e nos fazia mais íntimos de nós mesmos. A cada semana mais convites eram feitos, mais pessoas se convidavam. Aquela experiência que a gente revolucionava merecia ser compartilhada. O canto coletivo sempre foi o mais forte. Mas, à medida que crescíamos, também nos eram dadas maiores oportunidades e responsabilidades. E foi assim que, no e pelo EMCANTAR, me descobri cantora, atriz, escritora, diretora, educadora, gestora, empreendedora. Um constante convite a me (re)descobrir e fazer parte de algo maior que a mim, assim como para aqueles que também querem se descobrir e acreditam no potencial que cada ser humano tem, de ser melhor todos os dias.

Ana Lopez | Atriz, Cantora, Arte-Educadora, Diretora do EMCANTAR Social e do Grupo EMCANTAR (Integrante desde 1996).

A expressão “metodologia” adotada para qualificar essa ação artístico-pedagógica não implica o uso de uma receita hermética ou um conjunto exato de procedimentos que conduzem sempre aos mesmos resultados, mesmo porque, em se tratando de processos educativos, estão em jogo a diversidade humana e a força das circunstâncias. Trata-se, acima de tudo, de um roteiro de princípios e de etapas interdependentes baseado em um expressivo conjunto de percursos bem-sucedidos por diversas vezes com públicos diferentes. Em todas essas experiências, circunstâncias distintas favoreceram padrões recorrentes para o alcance dos fins propostos, começando pela reunião de pessoas com interesses comuns. Foi assim que construímos espetáculos como o *Escutatória* (Escutatória, 2012b) (Figura 13).



Figura 13 - Espetáculo *Escutatória*
Fonte: Acervo EMCANTAR. Imagem: Douglas Luzz.

6.2.2.1 Experiência artística e desenvolvimento humano

Entre os motivos da ação que levou ao surgimento do EMCANTAR como projeto sociocultural, residem duas razões essenciais. De um lado, uma perspectiva cidadã, no que se refere a uma atitude individual e coletiva quanto à ausência de oportunidades de acesso à fruição e à produção de bens culturais. De outro, uma perspectiva pedagógica de que a infância e a adolescência representam o período da vida em que o brincar, o aprender e o educar-se por meio da arte são fundamentais ao desenvolvimento humano e à abertura de horizontes de vir a ser.

Nesse sentido, essa metodologia se insere na sociedade interferindo em duas frentes distintas, mas interligadas: a **experiência artística** e o **desenvolvimento humano**. O propósito dessa metodologia encontra-se na junção entre essas duas esferas, uma vez que sua prática revela que a vivência da arte tem o potencial de cumprir uma função social de desenvolvimento humano que começa pela geração de oportunidades de acesso à fruição e à produção cultural.

Do ponto de vista da experiência artística, a intenção aqui não é tratar conceitualmente a arte e menos ainda conferir-lhe um caráter utilitário. A arte está em cada pessoa como potência e, dessa forma, processos educativos que democratizem a

vivência da arte e do fazer artístico podem trazer à luz o que está encoberto e é desconhecido, o inimaginado, o singular, aquilo que pode contribuir para a fruição, o protagonismo e a autonomia.

No âmbito sociocultural, a prática dessa metodologia interfere positivamente num contexto em que o repertório da maior parte da população limita-se ao que é difundido pela cultura de larga difusão midiática. As estatísticas apresentadas no *Sistema de Informações e Indicadores Culturais 2007-2018* (IBGE, 2019) revelam uma população carente de oportunidades de acesso aos bens culturais, como pode ser observado a seguir:

- 90% dos municípios brasileiros não possuem cinema;
- 79,4% não possuem teatro;
- 74% não possuem museu;
- 94,7% não possuem galeria de arte;
- 83,3% não possuem livraria;
- 12,3% não possuem biblioteca pública;
- 76,9% não possuem loja de CDs e DVDs;
- 42% não possuem provedor de internet;
- 46,5% não possuem *lan house*.

A pesquisa do IBGE ainda aponta que há um maior número de crianças até 14 anos nas regiões com menor número de equipamentos culturais, sendo que os estudos mostram que é “[...] importante ter contato com o equipamento cultural durante a infância para desenvolver interesse nas demais fases da vida, uma vez que são locais de transmissão de cultura, familiarização com as ciências, educação, entretenimento etc.” (IBGE, 2019, p. 152).

- 35,9% das crianças e adolescentes no Brasil vivem em municípios sem museu;
- 34,6% vivem em municípios sem teatro ou sala de espetáculo;
- 43,8% vivem em municípios sem cinema.

Se, de um lado, as pesquisas apontam um decréscimo de equipamentos culturais tradicionais e, conseqüentemente, um menor potencial de acesso a esses bens, por outro lado elas apontam uma mudança cultural de busca e acesso, que teve ascensão na última década.

— 81,8% assistem a vídeos, inclusive programas, séries e filmes via internet.

Porém, o equipamento mais utilizado para acessar a internet é o telefone celular, o que torna o acesso de maior qualidade (banda larga) mais restrito.

— 14,8% da população mora em municípios sem provedor de internet.

Já do ponto de vista do Desenvolvimento Humano, a prática dessa metodologia é convergente com o postulado pelo indiano Amartya Sen, Prêmio Nobel de Economia de 1998 e colaborador do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, na construção do Paradigma do Desenvolvimento Humano (UNDP, 1990):

Vivemos um mundo de opulência sem precedentes [...], vivemos igualmente em um mundo de privação, destituição e opressão extraordinárias. [...] O desenvolvimento consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente sua condição de agente (Sen, 2000, p. 9-10).

A ausência de oportunidades conduz naturalmente a restrições na possibilidade de fazer escolhas e na construção de identidades e projetos de vida. A ampliação do repertório cultural, assim como a qualificação proporcionada pelo desenvolvimento das capacidades de expressão e criação, conseqüentes da vivência de práticas culturais educativas, podem alargar os horizontes de atuação para a produção da vida material valendo-se das potencialidades de cada pessoa.

Segundo consta no Paradigma do Desenvolvimento Humano,

Toda pessoa nasce com um potencial para ser desenvolvido. O que ela se torna ao longo da vida depende de duas coisas: das oportunidades que teve e das escolhas que fez. Além do acesso às oportunidades, as pessoas precisam ser preparadas para fazer escolhas (Costa, 2000, p. 46-57).

No mesmo sentido, há um alinhamento com os conceitos propagados pelos *Quatro Pilares da Educação para o século XXI*, do relatório da UNESCO *Educação - um tesouro a descobrir* (Delors et al., 2010), que aponta, como já mencionado, quatro competências fundamentais ao desenvolvimento de potenciais: Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer, Aprender a Conviver e Aprender a Ser.

Desse modo, identificamos que a experiência com essa metodologia, vivenciada nos contextos de atuação do EMCANTAR, contribui tanto para promover o acesso àqueles que não têm contato por meio de equipamentos culturais tradicionais, como também pode incentivar uma procura diversificada aos que possuem acesso a bens culturais via internet, uma vez que não basta ter acesso: é preciso qualificar as escolhas.

6.2.2.2 Etapas

As etapas a seguir não são necessariamente sucessivas, mas interdependentes. Começam pelos Estímulos e, à medida que esses conduzem à Criação, o processo de lapidação dos conteúdos criados e a complementação de ideias por parte dos envolvidos – participantes e liderança educadora – é dinâmico e dialético, ou seja, movimenta-se e pode conduzir a idas e vindas numa espiral em que novas ideias e novos estímulos fazem-se necessários para aperfeiçoar as criações em desenvolvimento. O mesmo raciocínio se aplica à etapa de Produção, quando as criações já possuem o caráter de objetos artísticos previamente acabados pelo grupo, mas que também podem ser revistos e reconfigurados de acordo com o tempo disponível e as características desejadas para a composição final do produto cultural do projeto.

- Estímulos

Fruição, vivência e repertório de base

A educação do gosto está diretamente ligada à experiência sensorial e às oportunidades de acesso. Assim, a ausência de oportunidades de acesso à fruição e à

produção de bens culturais, bem como o acesso mal direcionado via internet, impedem que grandes contingentes humanos tenham seus potenciais criativos estimulados e desenvolvidos. Consequentemente, pessoas com menores chances de qualificação terão maiores restrições de escolha nas oportunidades da vida e do mundo do trabalho.

Uma **Comunidade de Sentido** começa pelo convite e requer estímulos permanentes para desenvolver-se e projetar-se rumo ao seu objetivo principal; caso contrário, os interesses perdem força, ameaçando o sentido e a existência do grupo. Estímulos são a abertura intuitiva para o encantamento. A disposição para participar e comprometer-se com um projeto coletivo estabelecido já é um primeiro resultado do estímulo inicial despertado pelo interesse, que prepara o terreno para novos estímulos.

No contexto dessa metodologia, estimular um grupo significa instigar e desafiar continuamente, abastecê-lo de vivências que possam compor um Repertório de Base sobre e a partir do qual o trabalho criativo da equipe deverá se desenvolver. Trata-se de um alicerce, mas não deve representar uma camisa de força que restrinja a inserção de novos conteúdos nas etapas de Criação e Produção.

As vivências são atividades específicas realizadas nas oficinas, constituídas por linguagens e conteúdos temáticos direcionados à realização do objetivo do grupo. Vivenciar é tornar o encantamento vivo no momento presente, com a energia da ação no pensamento, no sentimento e no gesto. Essas atividades devem ser planejadas para proporcionar aos participantes o estímulo à percepção sensorial e às faculdades mentais, considerando que serão a matéria-prima para o processo de Criação e o refinamento do gosto.

Essa matéria-prima é composta de músicas, canções; textos, livros, poemas; jogos teatrais; dinâmicas e brincadeiras; reflexões, pesquisas, debates; apreciação de filmes, documentários, espetáculos; apreciação de obras e objetos artísticos de diferentes áreas; apresentação de autores, compositores; conhecimento de manifestações da cultura popular; degustação de sabores; etc.

Tais vivências possibilitam à liderança educadora identificar virtudes, aptidões e competências pessoais a serem conjugados e utilizados nas etapas de Criação e Produção com os participantes. Quando planejadas e realizadas de modo atrativo, elas têm o potencial de estimular os sentidos e as inteligências; revelar e/ou desenvolver

habilidades; qualificar as relações interpessoais e o espírito de grupo; ampliar o repertório cultural dos participantes; aguçar a sensibilidade; alargar seus horizontes de entendimento e compreensão da realidade; etc.

- Criação

Quem conta um conto aumenta um ponto

Na criação em grupo, as regras aplicam-se mais à disciplina, aos acordos, aos consensos e à dinâmica de funcionamento do grupo em direção ao objetivo estabelecido do que ao exercício criativo em si. A criação é quando o encantamento se materializa em novas possibilidades de novos encantamentos. Na perspectiva freireana de liberdade, constitui um exercício de protagonismo em que *quem conta um conto aumenta um ponto* na multiplicação das ideias para a construção de uma obra coletiva. Sendo assim, na coordenação das oficinas é fundamental haver uma confiança da liderança educadora no potencial criativo de cada pessoa, em suas percepções, memórias e imaginação; e em como estimular os participantes para que as ideias possam brotar de dentro de cada um, produzir trocas colaborativas, interações estéticas e contribuir para gerar as primeiras autorias.

A sobreposição das etapas interdependentes (Estímulos, Criação e Produção) pode ser percebida conforme os participantes são estimulados, por meio de atividades e tarefas, a reinventar ou a criar, a partir de uma vivência, outra forma de apresentá-la, seja em qual linguagem for. Desse modo, textos compartilhados podem virar poemas que, por sua vez, podem ganhar ritmo, melodia, virar canção e performance artística. O encantamento se desdobra e se propaga.

Um exemplo concreto é o caso do poema *Versejar* (Versejar, 2012a), que surgiu como um exercício criativo da palavra sobre si mesma (metalinguagem) em diálogo com um pulso rítmico, estimulado pela leitura do livro *O Ouvido Pensante*, de Murray Schafer (Schafer, 1991). Na leitura do poema o ritmo se impõe naturalmente. Entretanto, sua declamação levou a uma melodia que o tornou canção e, durante a produção do CD e a montagem do espetáculo musical *Escutatória* (Escutatória, 2012b) pelo Grupo EMCANTAR, *Versejar* ganhou arranjos vocais e uma performance artística

que pode ser conferida no DVD, nas plataformas de música ou no *link* para a performance⁵.

VERSEJAR

Marco Aurélio Querubim

encaixo palavras no tempo
cada letra é uma peça do jogo
uma a uma se juntam no espaço
da palavra som que vem de dentro

semeio palavras ao vento
o sentido depende da sorte
de brincar, divagar no instante
de criar sem o consentimento

Fonte: Versejar (2012a).

Outras experiências significativas como criação de canções e espetáculos cênico-musicais, produções literárias e audiovisuais com crianças e adolescentes podem ser conhecidas no canal do EMCANTAR no YouTube⁶.

No processo de Criação, cada participante é instigado a realizar sua própria caleidoscopia, desafiado, por perguntas e tarefas individuais e em grupo, a recortar, colar, reelaborar e editar os seus repertórios pessoais e as vivências realizadas na formação do Repertório de Base. Sobre e a partir desse conjunto começam a surgir interações, e os participantes passam a imprimir sua identidade na construção e na experimentação de uma criação própria, mesmo que comece pelo exercício de releituras. O resultado é a constituição de uma série de números artísticos isolados, que podem ser acrescidos pela produção de textos afins, declamação de poemas, realização de performances, composição de cenas, músicas etc.

- Produção

O melhor de cada um para o melhor de todos

O processo de produção começa por reunir e organizar as criações do grupo a fim de apresentar ao mundo ou tornar público o conjunto da obra criada coletivamente.

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=MO3XMG9-0ZQ>

⁶ <https://www.youtube.com/user/EMCANTAR>

Nesse caso, produzir é converter a criação em produto cultural, seja ele de natureza material, ou não. Esse produto resultante será veículo para irradiação do encantamento ao público. A produção caracteriza-se tanto pela montagem final da obra na forma estabelecida como objetivo do projeto [apresentação artística; espetáculo de música, dança, teatro; livro; CD; vídeo; exposição de arte etc.] como pela realização de uma série de atividades operacionais necessárias à sua concretização. A primeira denomina-se produção artística e a segunda, produção executiva.

A produção artística requer uma direção responsável pelo delineamento e o acabamento estético do conjunto da obra. Essa direção pode ser exercida pela liderança educadora ou compartilhada entre os participantes num exercício de lideranças que se alternam conforme suas habilidades. Mas também pode contar com colaborações externas de pessoas da confiança do grupo, e que possuam uma atuação artística ou um olhar estético capaz de contribuir com apreciações, orientações e sugestões relevantes para aperfeiçoar a qualidade do produto artístico coletivo.

Arte é expressão e, por isso, vale destacar que a competência para realizar minimamente uma direção artística está diretamente associada ao senso estético da(s) pessoa(s) envolvida(s), o que por sua vez relaciona-se com a amplitude do seu repertório cultural e da sua leitura de mundo, independente de uma formação específica para tal. Portanto, à liderança educadora, seja ele ou ela artista de formação ou não, impõe-se o desafio de também exercer seu potencial criativo e seu senso estético evitando, por exemplo, a reprodução de formas e ideias pré-estabelecidas que possam impor barreiras à criatividade do grupo.

A produção executiva compõe-se de um conjunto de ações que ocorrem à medida que as ideias e as criações demandam necessidades de apoio operacional e infraestrutura para materializar-se. No caso de uma peça de teatro, por exemplo, tais necessidades vão desde a produção de objetos de cena, trilha sonora, cenário e figurinos à viabilização de palco e equipamentos para ensaios e apresentações. A produção executiva também deve se responsabilizar pelas ações de desmobilização após a realização do evento. Já na produção de um livro, como outro exemplo, é necessário organizar como se dará a diagramação, a impressão, o lançamento e a distribuição da obra para o público desejado.

Ainda dentro desse amplo processo de produção, é preciso considerar a importância das ações e dos canais de comunicação utilizados para fazer chegar ao público do projeto a divulgação da obra produzida, seja evento [apresentação, espetáculo, exposição etc.], seja produto [livro, CD, DVD etc.] ou ambos.

As Figuras 14 e 15 mostram espetáculos e oficinas do EMCANTAR.

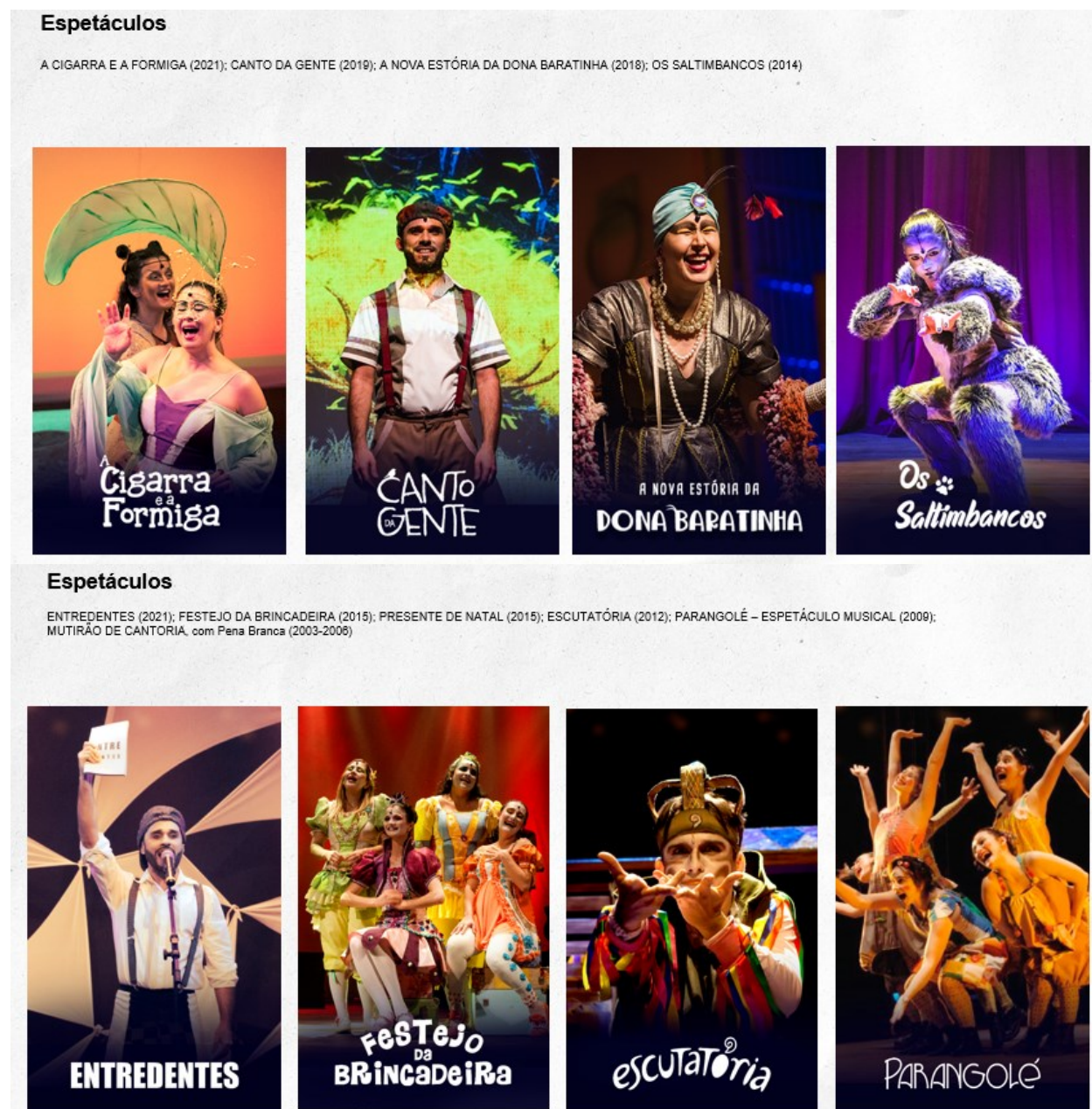


Figura 14 - Banners de espetáculos musicais do repertório do Grupo EMCANTAR.

Fonte: Acervo EMCANTAR.



Figura 15 - Imagens de oficinas do EMCANTAR Social nas linguagens de Artes Cênicas, Música, Literatura, Audiovisual e Brincadeiras Populares.

Fonte: Acervo EMCANTAR.

6.2.3 Pedagogia do Encantamento: Cultura do Brincar

Brincadeiras e histórias da tradição popular, cantigas de roda, brinquedos cantados: elementos valiosos do patrimônio cultural imaterial, cuja transmissão se dá de geração em geração pelo simples exercício do brincar. Entretanto, em função da cultura amplamente difundida pela mídia, com ênfase nos veículos abertos de comunicação, essas manifestações vêm sendo gradativamente esquecidas e desvalorizadas. Grande parte dessa expressão popular, por tradição, é vivenciada no universo infantil, sendo que a falta do contato com essa cultura na infância torna mais difícil sua valorização e difusão a médio e longo prazos.

Essa realidade motivou a equipe do EMCANTAR a levar atividades envolvendo cultura popular para suas oficinas, sistematicamente, tanto em grupos com a comunidade como em projetos socioculturais com alunos e educadores de escolas públicas e privadas. A escola, como espaço cotidiano da educação formal, tem o poder de legitimar, valorizar e difundir tais manifestações no universo da criança. A vivência da cultura popular na escola, por sua vez, potencializa uma nova percepção deste espaço, que passa a dialogar com a tradição cultural das próprias famílias das crianças, fortalecendo um sentido de pertencimento. Sentido este que também se manifesta pelo caráter socializador e cooperativo de atividades como brincadeiras cantadas, formação de rodas, canto em conjunto e contação de histórias.

Principalmente na primeira infância, tais atividades são formadoras das primeiras memórias que irão influenciar a criança na sua forma de ver e de se movimentar no mundo quando adulta. O brincar tem uma grande importância no desenvolvimento cognitivo, motor e social, mas também tem um papel fundamental no desenvolvimento emocional e afetivo.

Além disso, a vivência de manifestações populares é um estímulo à criatividade, uma vez que se trata de uma experiência estética que aguça os sentidos, ampliando o universo cultural dos participantes e potencializando sua capacidade de expressão e criação. O exercício da arte e da brincadeira, como expressões do “Viver para o Ser”, associado a uma proposta pedagógica fundada na busca pela prática da cidadania, demonstra como as várias possibilidades que a vivência coletiva do lúdico e da arte, inseridos e conectados ao cotidiano do espaço escolar ou comunitário, pode oferecer como contribuição a uma formação cidadã.

Em um dos vídeos de projetos do EMCANTAR Social, o cantor, compositor e arte-educador André Salomão comenta, ao final de um ciclo de oficinas do ano de 2018:

Eu ganhei um desenho com uma frase de uma das crianças, a Evellyn Araújo: “Todas as artes contribuem para a maior de todas as artes, a arte de viver”. Eu achei muito lindo ela ter essa sensibilidade. É o que a gente busca aqui com as crianças, que elas tenham essa sensibilidade. A ideia não é formar artistas profissionais, e ver isso aqui é muito gratificante, ver que os meninos, apesar de serem crianças, têm um compromisso muito sério com essas atividades, e esse compromisso

sério não traz peso pra eles, como os adultos às vezes fazem, de pegar a coisa séria e achar que o sério tem que ser pesado. Isso me ensina todo dia um aprendizado diferente. A gente acha que a gente chega aqui pra ensinar, mas a gente chega é pra aprender (Salomão, 2018).

Realizar, com crianças e adolescentes, atividades artísticas que mesclam a vivacidade da infância em relação com o mundo natural e com a valorização do patrimônio cultural imaterial, passado de geração a geração, pode ir muito além dos atos repetitivos que geralmente marcam as comemorações comuns ao calendário de datas comemorativas das escolas. Podem, de forma significativa, promover uma leitura crítica do contexto social, da existência humana e toda a sua capacidade de transformação.

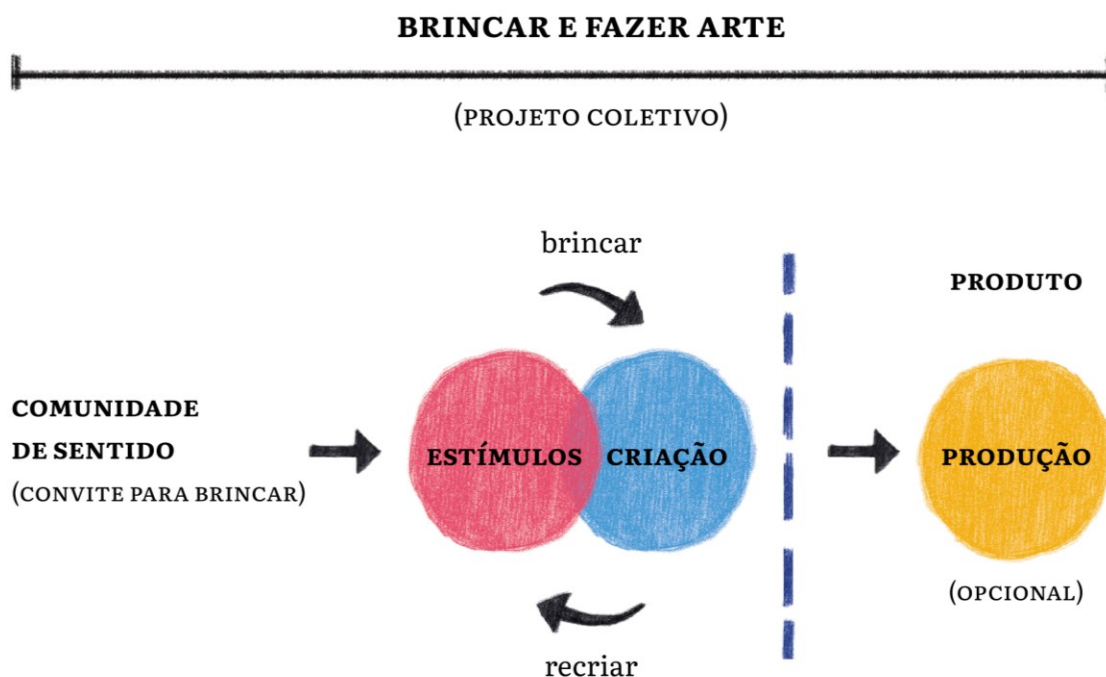


Figura 16 - Diagrama da metodologia *Cultura do Brincar*.
Fonte: Querubim (2020, p. 99).

Desse modo, a segunda aplicação metodológica da *Pedagogia do Encantamento*, denominada *Cultura do Brincar* (Figura 16), baseia-se inicialmente no convite para brincar; constitui-se pela vivência das brincadeiras cantadas e a contação de histórias da cultura popular, em construções coletivas, como elemento socializante e

cooperativo, ao mesmo tempo em que se promovem a valorização, a renovação e a difusão das tradições populares.

Como se trata do exercício do brincar com fim em si mesmo, a metodologia é aplicada dentro de um ciclo composto por processos de Estímulos e Criação, os quais se sobrepõem em interdependência, conforme cada grupo brinca e recria novas formas de brincar, cantar e contar. Nessa abordagem, a meta é exclusivamente brincar e criar novas formas de brincar; não existe a obrigatoriedade e a formalidade de um produto cultural. O momento presente da brincadeira é a própria materialização do encantamento.

6.2.3.1 Brincar e fazer arte

A expressão “fazer arte”, dita por um adulto a uma criança, quase sempre tem como primeira conotação referir-se — por vezes com ar de reprovação — a uma peripécia, travessura, bagunça, estripulia, traquinagem, algazarra, brinquedo ou brincadeira de uma ou mais crianças. “Coisa de gente sapeca!”

Já para a criança, fazer arte é mais uma maneira de brincar, divertir-se de alguma forma, seja com um desenho, uma pintura ou uma escultura de barro, argila, areia ou massinha; seja encenando imitações da realidade como brincar de cozinhadinha, de casinha ou de batalha; seja cantarolando ou assoviando uma melodia qualquer e aprendendo intuitivamente as notas e os tempos musicais; seja no balanço do corpo reagindo a um ritmo e virando dança; seja na invenção e na construção de brinquedos e formas de brincar etc. Portanto, na infância não há diferença entre brincar e fazer arte. A arte, como potencial criativo, é própria da expressão humana, desde quando chegamos a este mundo. Brincar é fazer arte, fazer arte é criar, e desse impulso emerge o ciclo do encantamento.

Encantar-se com a beleza do dia, brincar na chuva, comer goiaba tirada do pé, ouvir o canto de um pássaro, observar as nuvens brincando no céu... que ensinamentos, que aprendizagens, que estados de espírito essas experiências propiciam? Todos sabemos o quanto fazem bem, nos tranquilizam, nos energizam (Tiriba, 2010, p. 6).

Por trás de todos esses exemplos que apontam para possíveis caminhos da arte, há o Ser individual e a vontade que o projeta para uma determinada ação, na qual podemos identificar e contemplar a beleza do gesto. Antes de poder ser encontrado na arte, o belo é uma busca humana que se manifesta nas diversas e possíveis experiências do brincar e do contato com o mundo natural.

EMCANTAR entrou na minha vida em meados de 1998, quando eu tinha apenas 7 anos de idade. Eu, que já amava música mesmo sem ter nenhum músico na família, me apaixonei de imediato. Uma imensidão de sentimentos e vontades, querendo abraçar todos os instrumentos pra mim. Acabei amando mais o violão. [...] Cantei no EMCANTAR por alguns anos, entoando canções que me ensinaram grandes lições sobre vida, natureza, sustentabilidade e cultura popular. Este aprendizado foi primordial para meu desenvolvimento pessoal, e com certeza influenciou diretamente nas escolhas de vida que fiz. Hoje, como cantor, sempre falo sobre minha origem e inspiração em artistas do nosso EMCANTAR. [Depoimento de Murillo Côrtes Oliveira, participante de Oficinas do EMCANTAR Social de 1998 a 2003] (Querubim, 2020, p. 122).

Para além das brincadeiras cantadas, cantigas de roda e histórias da tradição popular, há que se reconhecer o brincar como oportunidade de expressar livremente a própria potência, pois o brincar se faz com vontade, imaginação e ação para cada criança; é a beleza expressa no brinquedo que se constrói para funcionar e dar vazão a essa energia criadora e transformadora que nos compõe e nos identifica como seres humanos, desde a infância. Brincadeiras universais como brincar com terra, água, fogo ou ar, brincar de fazer comida, de caça, de meios de transporte, de casamento e família, de cientista ou de certas profissões, de circo, de pique-esconde, de correr, subir em árvores, saltar e nadar, assim como brinquedos cantados, cantigas de roda e histórias em geral acontecem em todas as culturas de formas diferentes. No entanto, todas elas revelam, em comum, a potência e a beleza dos gestos humanos no exercício do brincar como uma necessidade humana. Como afirma Tiriba (2010, p. 7):

Religar as crianças com a natureza significa, na prática, reconhecer, como afirma Rousseau, que ela “palpita dentro de cada ser humano como íntimo sentimento de vida” (Chauí, 1978, p. XVI). As atividades ao ar livre proporcionam aprendizagens que se relacionam ao estado de espírito porque colocam as pessoas em sintonia com sentimentos de bem-estar, em que há, portanto, equilíbrio entre o que se faz e o que se deseja fazer. Um dos efeitos do manuseio de barro, da areia, da argila é

o de proporcionar esse equilíbrio. Por isso, o contato diário com esses elementos é tão importante.

Deixar as crianças terem tempo, espaço e serem livres para brincar, na espontaneidade que lhes é própria, é favorecer o caminho para que suas potências se revelem, provocando uma revolução nos modos que a educação pode ser exercida. Quando brincam, as crianças estão com foco na ação, expressando a potência do seu Ser no encontro com as verdades do mundo. Verdades que se expressam pelo ambiente ao seu redor em suas paisagens, a casa, o quintal, a cidade, a natureza, o planeta. Sua atenção está no presente, o único momento em que a vida acontece de fato.

CIRANDEIRO

Marco Aurélio Querubim

Maria Vânia mandou dizer que queria
que fizesse cantoria de caso bom de contar
de brincadeira de criança a vida inteira
amarra o tempo prende o laço pro momento demorar

cabra-cega pula corda pega
pique-esconde de marré rimar
adedonha papagaio estrela
fecha a porta maria vai trabalhar

não vai
Maria escolhe brincar

cererecê bola de meia carimbada
trava-língua passa anel pro seu vizinho namorar
amarelinha é seu brinquedo favorito
joga a pedra dá o grito pra gente poder pular

ciranda cirandeiro vamos todos cirandar

Fonte: Cirandeiro (2012a).

6.2.4 A Revolução da Alegria, do Encantamento e do Viver para o Ser

No princípio era a brincadeira... daí surgiram os brincantes, reunidos pela vontade e pelo prazer em brincar. O encontro deu origem a um mutirão de brincantes, semeadores de um modo de ser comprometido com a alegria, a criatividade, a cooperação e a corresponsabilidade pela

preservação da vida. Nesse universo, edificaram o sonho e a ação de espalhar, por onde fossem, o espírito da brincadeira, das histórias e das cantigas de roda. Colorindo a história, esses ousados brincantes perseveraram em sua alegre revolução: na brincadeira, a fruição e o encantamento; na arte, a afirmação de sua humanidade; na educação, o compromisso com o aperfeiçoamento humano (Parangolé, 2009).

As palavras acima expressam uma verdadeira revolução que aconteceu de fato pela alquimia mesclada de alegria e encantamento, desde que a brincadeira surgiu entremeando canções, foi crescendo e tomando seu lugar na trajetória da Cia. EMCANTAR. Uma história vivida intensamente por muitos anos e que pode ser percebida num mergulho no *kit* e no espetáculo *Parangolé* (Parangolé, 2009; Parangolé, 2010), assim como nos vídeos de projetos sociais e de turnês realizadas em várias cidades por onde os brincantes-artistas-educadores circularam, com oficinas de Canções e Brincadeiras Populares e o espetáculo musical *Parangolé* (Parangolé, 2010). Dos processos artísticos e pedagógicos dessas muitas experiências, nasceu a metodologia *Cultura do Brincar* como mais uma maneira de espalhar formas de brincar e provocar uma revolução da alegria e do encantamento.

A sua contribuição sociocultural para educadores e agentes culturais de escolas públicas, privadas e instituições do Terceiro Setor, voltadas à formação de crianças e adolescentes, fundamenta-se na ideia de uma educação que não seja desvinculada do mundo e de seus desafios. A aplicação da *Pedagogia do Encantamento* pela *Cultura do Brincar* foi concebida como fruto de um desejo dos próprios educadores, participantes de oficinas e atividades artísticas empreendidas entre 1997 e 2011, interessados em levar para o dia a dia da sala de aula a riqueza das brincadeiras populares aplicadas à sua prática pedagógica.

Essa metodologia responde a objetivos relevantes no campo da educação, em que o exercício do brincar com um fim em si mesmo tem especial importância no desenvolvimento cognitivo, motor, social, emocional e afetivo, assim como a vivência de manifestações populares amplia o repertório e estimula a criatividade. Ao mesmo tempo, aguça os sentidos e expande o universo cultural dos participantes, orienta o caminho do brincar, primando pelo que é mais precioso no processo dessa prática: a expressão das potências humanas que se revelam no exercício de brincar e fazer arte.

Uma aplicação metodológica consciente e consistente deve considerar que o brincar exige tempo, espaço e liberdade para o ócio criativo, condições sem as quais não se pode falar em desenvolvimento humano nesse contexto educacional. A brincadeira requer imaginação, vontade e ação para que haja a combustão do brincar, uma revolução que acontece de dentro para fora, transborda e contagia pelo estado de alegria e de encantamento. Desse modo, podemos lançar mão de todas as janelas abertas pelas sensações expressas na brincadeira e na arte, a fim de provocar e espalhar essa revolução da alegria, encantando e trazendo à tona, em cada pessoa, suas melhores potências, como expressa o depoimento de uma participante:

A minha história se mistura com o EMCANTAR desde quando meus passos se davam em giz de cera e papel pardo, nos finais de semana com outras crianças, nas oficinas musicais. [...] Comecei com pouco mais de 6 e ali fiquei até os 16! Foram os 10 anos mais especiais da minha vida. Eu era menina quando ouvia a frase “educação pela arte” e por mais que eu não entendesse, eu sabia que era daquilo que eu gostava. O EMCANTAR me formou de dentro para fora, da forma mais delicada, talentosa e responsável possível, aprendi a ver e amar o que é doce, o que é belo, o que é meu e é do próximo, pela comunhão, o afeto e o sorriso. [...] A vida adulta é muito diferente das músicas, dos desenhos e jogos da minha infância, mas para mim (e outras crianças ‘emcantadas’) ela vem com opção de se permitir, descobrindo-se... Como cantava o poema. [Depoimento de Nathália Almeida, participante de Oficinas do EMCANTAR Social de 1999 a 2008] (Querubim, 2020, p. 123).

No final de seu depoimento, a participante se refere ao poema-manifesto, escrito em 1997 e publicado no encarte do primeiro álbum musical – *EMCANTAR* (EMCANTAR, 1999) –, como forma de expressão da visão de mundo presente no surgimento do EMCANTAR e que vigora até os dias atuais, com a diferença de que outras linguagens foram acrescentadas ao fazer artístico-pedagógico além do canto.

Esse registro poético-filosófico ocorre como um manifesto no primeiro ano de atuação com o primeiro grupo de crianças e jovens que foram convidados a cantar em dezembro de 1996, quando já se evidenciava a percepção de que as motivações e as transformações pessoais e interpessoais decorrentes dos encontros para aprender novas músicas e cantar juntos iam além da experiência de um coral infanto-juvenil.

O encantamento compartilhado por uma comunhão estética impregnada de sensibilidade, cuidado e amizade descortinava uma perspectiva ontológica para

aquelas subjetividades que se encontravam e cresciam juntas na descoberta de si mesmas, dos outros e de um mundo natural constituído de belezas potencialmente capazes de despertar maravilhamentos e o senso de pertencimento cósmico, no que Leonardo Boff viria a refletir na expressão *Ecologia Integral* como fundamento para uma ética planetária (Boff, 2002).

POEMA-MANIFESTO

Marco Aurélio Querubim

Cada um
No seu ritmo
Na sua individualidade
Descobrimo-se pelo cantar
Em letras e músicas
Que fazem vibrar a alma
E o coração
Enxergando um mundo profundo
Sentindo emoção em conviver e comungar
Com a natureza e os outros
E, finalmente,
ENCANTANDO-SE consigo mesmo
Na percepção de SER
De PERTENCER e PARTICIPAR...

Fonte: Querubim (1999).

A visão de encantamento evocada pelo poema-manifesto passa pela percepção subjetiva e autoconsciente da experiência existencial de Ser no mundo, pertencer a esse mundo e dele participar. Trata-se, portanto, de uma perspectiva ontológica educativa desencadeada pela vivência estética da música que se materializa no canto — imbuído de melodia e ritmo — e no significado das letras das canções que expressam o caráter contemplativo de conexões com as paisagens, as pessoas, a biodiversidade, os fenômenos naturais e o mistério da vida.

Para concluir a discussão de resultados relativa a essa primeira parte histórica [1996-2011], antes de apresentar um resumo do rastro de resultados a que fomos levados como empreendimento coletivo, justifica-se um breve diálogo com duas referências teóricas oportunas para se considerar a relevância do encantamento na educação — e na vida — como chamado ao “Viver para o Ser”. Com isso, busca-se

aqui enriquecer e evidenciar a práxis entre o que acreditávamos e o que fazíamos, enquanto se consolidavam o nosso empreendimento e as nossas práticas culturais educativas. Essa reflexão se torna ainda mais relevante no momento histórico agudo em que vivemos, cujos apelos midiáticos difundidos pela publicidade exacerbada de uma sociedade baseada no consumo predatório do planeta giram em torno do “Viver para o Ter”.

A primeira delas é a ideia de “desencantamento do mundo” [*Entzauberung der Welt*], uma das mais famosas do sociólogo alemão Max Weber (1864-1920), que está presente principalmente em seu texto *A Ciência como Vocação* [*Wissenschaft als Beruf*], proferido como conferência em 1917 e publicado em 1919. Nesse texto, Weber reflete sobre o papel da ciência moderna e os efeitos da racionalização sobre o mundo e a cultura. Para o autor, “O trabalho científico está inserido na corrente do progresso. No campo da arte, pelo contrário, não existe – neste sentido – nenhum progresso” (Weber, [2005?], p. 11)”. Segundo ele,

A intelectualização e a racionalização geral não significam, pois, um maior conhecimento geral das condições da vida, [...] pelo contrário, todas as coisas podem – em princípio – ser dominadas mediante o cálculo. Quer isto dizer: o desencantamento do mundo (Weber, [2005?], p. 13).

O sociólogo afirma que esse processo de desencantamento, “[...] em que a ciência se insere como elemento e força propulsora” (Weber, [2005?], p. 14), ocorre há milênios na cultura ocidental e levou à corrente do “progresso”. Sua origem se dá no mundo grego, com Sócrates, Platão e Aristóteles, “[...] pelo achamento recente do sentido de um dos maiores instrumentos do conhecimento científico: o conceito” (Weber, [2005?], p. 15). Por meio do conceito e, posteriormente, do experimento – fruto renascentista –, como instrumentos lógicos investigativos, pratica-se a ciência empírica na qual a natureza se torna uma mera massa de modelagem.

Com isso, o fascínio, o encanto e a atração — que conferem ao mundo natural um sentido de sacralidade em sua plasticidade mística, passível de contemplação, respeito e reverência —, cedem lugar à lógica, à instrumentalização e à fragmentação do conhecimento promovida pela racionalização.

Desse processo de intelectualização que desencanta o mundo natural, transformando-o em um mecanismo causal passível de domínio, exploração, industrialização e ‘comoditização’, decorre a desconexão entre ser humano e natureza, cujo sentido passa a ser progressivamente ‘coisificado’, dessacralizado.

O destino da nossa época, com a sua racionalização, intelectualização e, sobretudo, desencantamento do mundo, consiste justamente em que os valores últimos e mais sublimes desapareceram da vida pública (Weber, [2005?], p. 32).

Nesse contexto, o ‘meio ambiente’ passa a ser nada mais que um mero recurso, ou seja, um meio para o enriquecimento, cuja lógica se define pela eficiência, o cálculo e o comércio. Assim, para o autor em foco, a perda de sentido e a perda da liberdade caracterizam-se como sintomas de uma modernidade em que o ser humano se torna escravo das estruturas institucionais rígidas e burocráticas criadas por uma racionalidade dos meios que fazem da natureza uma máquina de produzir mercadorias.

Diante dessa visão de “progresso” que conduz grande parte da humanidade a iludir-se com as promessas de um modo de vida fundado no “Viver para o Ter”, a segunda referência teórica que trazemos para essa discussão alude ao pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger (1889 - 1976), cujo ponto de partida de sua reflexão é “[...] aquele ser que se dá a conhecer imediatamente, ou seja, o próprio homem” (Chauí, 1999, p. 7). Conforme aponta Chauí (1999, p. 7), “O caminho que leva ao ser — pensa Heidegger — passa pelo homem, na medida em que este está sozinho para interrogar-se sobre si mesmo, colocar-se em questão e refletir sobre seu próprio ser”.

Esse ser que ‘está aí’, lançado no mundo e que se engaja no mundo em constantes possibilidades, é denominado pelo conceito de *Dasein* – o *ser-aí*, o *ser-no-mundo* – na linguagem do filósofo alemão. Em diálogo com esse pensamento, o texto de abertura do segundo álbum do EMCANTAR defende que:

O caminho que estamos trilhando segue o sentido de uma Educação na qual cada indivíduo é um projeto permanente de pessoa em construção: cada um, no seu ritmo, na sua individualidade, descobrindo-se...

Perante a realidade estampada ao nosso redor, somos pretenciosos ao defender o Viver para o Ser ao contrário do Viver para o Ter, mas também somos humildes ao enxergar que as possibilidades de transformação social e ambiental iminentes encontram-se na coragem

de assumirmos o desafio da convivência e da aglutinação responsável de parcerias por um interesse único e comum: promover a Vida com dignidade (Mutirão, 2003).

Para Heidegger, uma “Existência Autêntica” é aquela que considera e transcende a facticidade da vida cotidiana, ou seja, “[...] as condições geográficas, históricas, sociais e econômicas, em que cada pessoa está imersa” (Chauí, 1999, p. 7) ao ser “jogada” involuntariamente nesse mundo. Para o filósofo, o caráter transcendente de uma Existência Autêntica reside no fato de que “[...] o ser humano existiria como antecipação das suas próprias possibilidades; existiria na frente de si mesmo e agarraria sua situação como desafio ao seu próprio poder de tornar-se o que deseja” (Chauí, 1999, p. 7), conferindo significado e verdade à própria existência.

Nesse sentido, o chamado a cada indivíduo ao “Viver para o Ser” — expresso no texto de abertura mencionado há pouco e na canção *Parte da Gente* (Parte [...], 2003), do mesmo álbum — corrobora o pensamento heideggeriano na medida em que o “[...] verdadeiro ser consiste em objetivar aquilo que ainda não é” (Chauí, 1999, p. 7). O poder de transcendência, portanto, constitui-se como um exercício existencial autêntico de dar sentido ao ser, de projetar-se para algo além de si mesmo e das distrações da vida cotidiana, ainda que sob a impossibilidade de deixar as fronteiras do mundo em que se encontra submerso.

Assim, para cada indivíduo, “Trata-se de uma projeção *no* mundo, *do* mundo e *com* o mundo, de tal forma que o eu e o mundo são totalmente inseparáveis” (Chauí, 1999, p. 7, grifos nossos). No pensamento de Heidegger, a escalada para a descoberta do ser e o encontro do homem com sua totalidade pressupõe o autoconhecimento em sua dimensão mais profunda, isto é, uma consciência capaz de superar a condição de uma “Existência Inautêntica”, caracterizada pela sujeição às mesquinharias do dia a dia que o levam ao “esquecimento do ser”, uma vez que

A vida cotidiana faz do homem um ser preguiçoso e cansado de si próprio, que, acovardado diante das pressões sociais, acaba preferindo vegetar na banalidade do anonimato, pensando e vivendo por meio de ideias e sentimentos acabados e inalteráveis, como ente exilado de si mesmo e do ser (Chauí, 1999, p. 8).

No vir a ser das possibilidades de seu projetar-se no mundo e com o mundo, o homem não está sozinho. “Ele é um *ser-com*, um *ser-em-comum* e isso se manifesta

sobretudo no trabalho, mas ainda mais profundamente na solicitude por outrem, fato que conduz ao amor e à comunicação direta” (Chauí, 1999, p. 9). Para Heidegger, a estrutura fundamental do ser humano que compreende o Ser [*Dasein*] é o cuidado, na medida em que viver é cuidar, preocupar-se com o “Viver para o Ser”, com os outros e consigo.

Nesse exercício de uma Existência Autêntica, voltada à transcendência do ser, o universo da linguagem, a partir do qual é possível ao homem falar sobre si e as coisas do mundo em que se encontra, passa a ser o horizonte no qual o ser se revela. Aqui, o autor não mais se refere à linguagem científica, que investiga a realidade como objeto de conhecimento, nem mesmo a linguagem técnica, que modifica a realidade para dela tirar proveito. E afirma que “O ser ‘habita’ antes a linguagem poética e criadora” (Chauí, 1999, p. 10), na qual se pode celebrar o ser e lembrá-lo de ser, a fim de não se cair no “esquecimento do ser” provocado pelas distrações e as ilusões da vida cotidiana. Com isso, elevar-se ao ser não mais significa buscar conhecê-lo pela análise metafísica ou pela linguagem científica: “Seria ‘habitar’ nele, através da poesia” (Chauí, 1999, p. 10). Trata-se, portanto, de uma presença essencial, enquanto pensamento e linguagem “comemorativos” de acolhimento do próprio ser. A respeito do pensamento heideggeriano sobre a Existência Autêntica, a filósofa Marilena Chauí argumenta:

Estabelecendo um estado de permanente tensão entre aquilo que o homem é e aquilo que virá a ser, essa projeção constituiria a inquietação. A inquietação estrutura o ser do homem dentro da temporalidade, prendendo-o ao passado e, ao mesmo tempo, lançando-o para o futuro. Assumindo seu passado e, ao mesmo tempo, seu projeto de ser, o homem afirma sua presença no mundo (Chauí, 1999, p. 9).

A narrativa que concluímos neste primeiro bloco histórico visou evidenciar uma jornada de fatos, acontecimentos e aprendizados impulsionados por uma visão de mundo compartilhada coletivamente, em diálogo com diversas fontes de conhecimento democratizadas, refletidas e discutidas entre nós. Mas também havia uma inquietação compartilhada que, em meio a tantas possibilidades e oportunidades de experimentação das nossas formas de ser e agir no mundo, nos proporcionou erros, acertos e aprendizagens que nos ensinaram uma forma especial de fazer acontecer tudo o que abraçávamos e nos lançávamos a realizar.

Se chegamos a quase três décadas de atuação contínua com significativos resultados tangíveis e intangíveis, é porque aprendemos a conjugar arte, educação, cultura, gente e meio ambiente numa perspectiva de autonomia e interdependência. Nessa alquimia pedagógica também houve uma conjugação sensível que considera em nossas práticas as capacidades lógicas e afetivas de cada pessoa, produzindo com isso um trabalho e uma transformação humana que atrai e desperta pelo sentir e pelo querer, assim como informa, esclarece e compromete pelo pensar e pelo agir. Se assim podemos dizer, uma abordagem estética que é, ao mesmo tempo, uma ética em nosso tempo e lugar. Ou, como Félix Guattari denomina em *As Três Ecologias* (Guattari, 2012), uma **ecosofia** como forma de micropolítica em experimentação.

Assim, entre tantos frutos já colhidos e saboreados nessa experimentação histórica, podemos hoje numerar uma quantidade considerável de pessoas envolvidas e impactadas direta e indiretamente por meio de apresentações, espetáculos e produtos artísticos do Grupo EMCANTAR, oficinas de formação, apresentações e produtos artístico-pedagógicos do EMCANTAR Social, sem falar das incontáveis pessoas alcançadas pelos veículos de comunicação televisiva, radiofônica e pela internet. Dentre tantas pessoas em mais de 150 projetos e cerca de 150 instituições parceiras envolvidas, destacam-se:

- mais de 25 mil crianças e adolescentes participantes em oficinas regulares de formação;
- cerca de 8 mil pessoas entre educadores e agentes culturais em oficinas regulares de formação e palestras;
- cerca de 3 mil pessoas entre universitários, funcionários de empresas e pessoas da comunidade em oficinas de formação;
- mais de 100 mil pessoas em apresentações artísticas do EMCANTAR Social;
- mais de 500 mil pessoas em espetáculos do Grupo EMCANTAR.

Em abrangência geográfica, foram realizadas ações presenciais em 55 cidades, em 10 estados (MG, SP, GO, SC, RJ, MA, PA, AL, CE, PB), Distrito Federal e em Washington, D.C. (EUA).

No que diz respeito a produções artísticas, espetáculos, apresentações e produtos de projetos sociais, também se destacam importantes realizações nas duas frentes de atuação, conforme elencado a seguir.

Grupo EMCANTAR:

- 09 discos lançados em CDs e nas plataformas digitais;
- 04 DVDs (espetáculos, média-metragem de ficção, videopoemas);
- 03 livros (poemas, contos, pedagógico);
- 13 animações (videopoemas);
- 12 montagens de espetáculos cênico-musicais;
- cerca de 200 canções e trilhas autorais;
- mais de 1.000 apresentações;
- 40 mil produtos distribuídos.

EMCANTAR Social:

- 05 CDs de canções compostas por alunos;
- 04 DVDs (curtas produzidos por alunos);
- 14 livros (criações literárias de alunos);
- mais de 100 produções audiovisuais (curtas, animações e documentários);
- 80 montagens de espetáculos com crianças e adolescentes;
- mais de 300 apresentações;
- 20 mil produtos distribuídos.

Por fim, considerando o público beneficiado direta e indiretamente em tudo o que realizamos, já somamos mais de um milhão de “emcantados”, forma carinhosa como chamamos cada pessoa que faz parte dessa história e entra na nossa roda, *que se renova quando chega mais um*. Para tudo isso acontecer, uma cadeia produtiva na Economia da Cultura foi movimentada, envolvendo diretamente centenas de profissionais e promovendo a contratação de mais de 5 mil prestadores de serviços.

Todos esses frutos são consequência dos tantos encontros que vivenciamos, os quais constituem uma coletividade, diversa no tempo e no espaço, que compõe a

construção das possibilidades que escolhemos materializar na medida em que projetamos nossa existência no mundo.

6.3 Parte II - O Abraço no Planeta e a Ecologia do Encantamento (2012 a 2025)

“Um menino nasceu – o mundo tornou a começar.”

Guimarães Rosa

No bloco anterior, encerramos a primeira parte da pesquisa estabelecendo diálogos oportunos entre aspectos essenciais constitutivos da Cia. EMCANTAR [*Pedagogia do Encantamento*, produções artísticas, projetos de arte-educação] e dois importantes conceitos filosóficos para o interesse da pesquisa: o Desencantamento do Mundo, de Max Weber, e o Esquecimento do Ser, de Martin Heidegger. A importância de tais conceitos para a nossa discussão implica o fato de que os resultados descritos, ilustrados e narrados até aqui evidenciam, de várias formas, uma atuação sociocultural, ecológica, educacional e histórica, voltada ao “Encantamento com o Mundo” como exercício autêntico de um “Viver para o Ser”. O ser ético-lúdico-estético que habita e se expressa na sua linguagem, na sua cultura e em seu tempo e lugar.

Interessa-nos destacar a confluência de uma perspectiva ecologista presente de modo inicialmente intuitivo e empírico nas bases do EMCANTAR com o conceito de *Dasein*, introduzido por Heidegger, significando o ser-no-mundo. Trata-se mais do que apenas existir, o ser-no-mundo diz respeito à consciência de nossa existência e nosso engajamento no mundo, em autodeterminação. Embora o filósofo alemão não atribua sentido ecológico ao termo, uma autoconsciência que nos desafia a responder quem somos e qual é o nosso lugar neste mundo nos remete a uma ecologia do ser.

Em diálogo com a etimologia e o conceito geral de Ecologia – do grego, *Oikos*: casa e *Logos*: estudo –, que estuda a interação entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, a perspectiva do conceito de *Dasein*, de que os seres humanos-aí-no-mundo devem ser entendidos dentro do contexto de seu ambiente [o mundo] e suas interações nesse mundo, além de nos remeter ao pensamento da complexidade de Edgar Morin (2001, 2010), também descortina uma perspectiva ecológica desse *ser-no-*

mundo, ou seja, alcançar alguma compreensão objetiva que considere as profundezas das subjetividades dos seres humanos que só podem ser no mundo e em interação com o mundo.

Retomar tais confluências no início desta segunda parte tem o intuito de colocar luzes e lentes sobre essa possível ecologia do ser, numa jornada de imanência e transcendência que é também processo de investigação, descoberta e produção de si e do mundo, à medida que (se) experimenta (n)o mundo. Assim, numa microfísica do sujeito em fricção existencial com seu vir a ser no mundo, a pesquisa narrativa se desenvolve a partir desse ponto pelo uso metodológico da Bio:grafia — apresentado na Metodologia —, de modo a narrar e a sistematizar uma ecologia do ser atravessada pelo encantamento com o mundo. Nesse sentido, Reigota e Prado (2008, p. 129) ponderam que

O uso das bio:grafias pode ser uma possibilidade metodológica pois, [...] seu conteúdo pautado nas trajetórias pessoais relacionadas prioritariamente com a temática ambiental, nos seus aspectos culturais, políticos, sociais, econômicos e ecológicos, e por serem resultantes de processos pedagógicos [...] expressam representações sociais [...] e conhecimentos obtidos da observação e vivências cotidianas. Dessa forma, favorecem a visibilidade de “zonas desconhecidas” e são um convite para adentrarmos à intimidade e privacidade com cumplicidade e abertura ao diálogo entre autor/a e leitor/a.

Dessa forma, trata-se aqui da bio:grafia de um sujeito que se (re)localiza em sua existência à medida que se (re)conecta com o mundo através do olhar da própria infância, pelo sentir e pelo querer, pelo pensar e pelo agir de um ser sendo. Uma existência consciente de si, que se faz autêntica à medida que se deixa atravessar pelas experiências do viver. Na perspectiva heideggeriana, um ser cuja existência precisa ser (re)lembrada porque facilmente se distrai com as desimportâncias de um mundo coisificado que não se sustenta, por ser artificial.

Assim, essa bio:grafia também se constitui como expressão de uma ecologia do ser, de um sujeito que se (re)orienta no presente a partir dos chamados de sua criança ancestral e se projeta para o futuro na linguagem criadora em que habita e pela qual se reinventa à medida que se expressa. Um sujeito que exercita sua capacidade de se (re)orientar pela própria percepção de si, da paisagem e da sua presença enquanto ser

no tempo da sua coexistência no mundo, como nos lembra alguns trechos da canção *Oriente*, de Gilberto Gil, curiosamente lançada no ano de meu nascimento [1972]:

ORIENTE

Gilberto Gil

Se oriente, rapaz
Pela constelação do Cruzeiro do Sul
Se oriente, rapaz
Pela constatação de que a aranha
Vive do que tece
Vê se não se esquece
Pela simples razão de que tudo merece
Consideração
[...]
Pela simples razão de que tudo depende
De determinação

Fonte: Gil (1972).

“*Enxergar a grandeza no pequeno das coisas*” (Escutatória, 2012a). Ouvindo os chamados dessa criança ancestral, fiz o que aconselha o escritor Rainer Maria Rilke em *Cartas a um Jovem Poeta*, nas palavras do educador e escritor Severino Antônio em conversa com Renata Meirelles, educadora e documentarista, sobre o tema “Território do Brincar”:

Volte para o tesouro da sua infância. Não há nenhuma circunstância que possa impedir você de novo dessa experiência de liberdade e de criação. O tesouro adormecido da sua própria infância como um projeto de criação, um caminho de autoconhecimento e de descoberta das possibilidades criadoras (Rilke *apud* Antônio, 2019, 51m30s).

Nessa conversa sobre os territórios do brincar, o educador e escritor também reflete que a infância é um mundo que tem muitos mundos dentro, e que esses vários mundos estão todos no brincar. Antônio (2019) relembra os dois conselhos de Rilke na primeira carta ao jovem escritor Kappus a fim de ajudá-lo a “[...] escavar dentro de si mesmo”, numa arqueologia do ser em busca de sua vocação poética. O primeiro conselho é simples e direto: **contato com a natureza**, enquanto o segundo, descrito

em detalhes acima, evoca essa preciosa metáfora do tesouro da infância como fonte inexaurível de criatividade e sólida companhia interior.

Em confluência com Rilke e as reflexões de Antônio (2019), essa bio:grafia se desenvolve a partir de um mergulho itinerante de bicicleta nos últimos 13 anos pelo mundo natural, com o olhar admirado e as descobertas de uma certa criança levada pelo seu adulto: um ser-no-mundo, sendo e sabendo-se consigo, com o outro, com a vida, o planeta e o cosmos.

Desse mergulho, emergirão outros diálogos e confluências de descobertas e aprendizados, tanto da própria experiência, como de novos encontros com pensamentos e obras de autores como Marcelo Gleiser, Ailton Krenak, Antonio Nobre, Fabio Scarano, entre outros, os quais virão amalgamados na tessitura do texto que se desenvolve bio:graficamente e nas canções que foram sendo criadas como fragmentos de uma visão de mundo [cosmovisão] em expansão, a inspirar e a instigar uma ação no mundo [cosmoação]. Nesse contexto, o que aqui se denomina por '**cosmoação**' refere-se ao conjunto de ações no mundo alinhadas a uma visão de mundo [cosmovisão], sendo, portanto, a cosmoação o reflexo de uma mentalidade nutrida por uma cosmovisão.



Figura 17 - Imagens de infância do aluno, que representam, no contexto desta pesquisa, o 'Seo Minino'.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

6.3.1 Expandindo uma cosmovisão

15/03/2012 - Quinze anos se passaram desde o que seria uma única apresentação de música popular com um coral de crianças. Em um mês, vamos estreiar o espetáculo musical de lançamento de nosso quarto álbum – *Escutatória* (Escutatória, 2012a) – e estamos sentindo que será um rastro belo e marcante na história do EMCANTAR e do nosso público. Em seguida, pegaremos a estrada para mais uma circulação por cidades e estados nos próximos meses, enquanto os projetos sociais de formação continuam acontecendo em Araguari e Uberlândia. Trabalho que segue!

Hoje estou completando quarenta anos bem vividos, pelos quais tenho imensa alegria e gratidão. Mas estou sentindo lá no fundo um sentimento desconfortável e inexplicável de perda de sentido. Seria a angústia da noção de finitude que me traz a inquietação heideggeriana ao pensar que, se der *tudo certo*⁷, possuo cerca de vinte anos de vida produtiva pela frente e preciso fazer algo mais que seja relevante e me renove o sentido da vida? Já experimentei em outros momentos da vida que a inquietação impulsiona o reinventar-se...

Segundo o educador e escritor Severino Antônio,

Uma das salvaçãoes para nós, das grandes solidões do mundo e dos momentos em que a vida parece inviável, é essa reconexão com a nossa própria infância, que está em nós, adormecida mas não está perdida, nunca será arrancada de nós (Antônio, 2019, 50min25seg).

O fato propulsor da jornada que principia é que nesse dia de aniversário acordei ouvindo um nítido chamado de uma criança interior, o Seo Minino.

Ele disse: “Quero passear de bicicleta por aí!”.

Senti esse chamado da infância acompanhado de um desejo profundo de transcendência, de reconexão comigo e a minha existência, com a vida e o mundo natural. Esse último, representado no imaginário pelas memórias afetivas dos passeios de infância à zona rural, onde perambulava por quintais de roças e fazendas que se expandiam com generosas árvores frutíferas, riachos e rios, florestas, trilhas, ‘montanhas’, cachoeiras, estradas de chão e bichos que me encantavam, atraíam ou

⁷ *Tudo Certo* é o título da canção que encerra o álbum *Abraço no Planeta* (Abraço [...], 2023b).

assustavam, mas que acima de tudo me ampliavam a visão do mundo e da vida, que se manifestava em diferentes formas: vegetais e animais na paisagem natural.

O convite do Seo Minino era claro:

— Quero ir pro mato de bicicleta me (re)encontrar com aquele mundo em que as árvores e os bichos, as águas e os morros, o horizonte e a paisagem pareciam ser coisa só. Uma realidade mágica!

A verdade é que ele queria se sentir mais dentro da Biosfera. Percebi uma grande vantagem em tudo isso: o homem adulto agora pode deixar-se guiar por desatinos e vontades do Seo Minino e levá-lo para passear longe, em segurança, silêncio, contemplação e novos aprendizados. Seo Minino sabia o que queria: avançar na aventura de (re)descobrir-se no mundo, desvelar-se, desenrolar-se no rolar das pernas, pedais e pneus planeta afora.

Em outras palavras, embaladas por ritmo e melodia, sobre tudo o que via o Seo Minino dizia:

— Bota reparo nisso!

Em outro verso, em linha eu respondia:

— Bota reparo nisso, menino!

E enquanto eu pensava e aprendia, repetia para não me esquecer do Ser e de ser: repare bem e se localize, rapaz, por dentro e por fora! Mentalidades e ações são frutos de cosmovisões. *“É preciso estar atento e forte!”*

Diálogos assim podem parir poemas e canções, afinal, conforme pensava Heidegger, “O ser ‘habita’ antes a linguagem poética e criadora” (Chauí, 1999 p. 10). Assim, em diálogo com o Seo Minino, dessa jornada vão brotar canções como quem...

BOTA REPARO NISSO

Marco Aurélio Querubim

olha, vê, enxerga, espia
observar é a chave pra encontrar a poesia
mira, espreita, avista, repara
cara a cara, aqui agora, a vida desenrola

bota reparo nisso, menino!
bota reparo nisso!

gente, bicho, planta, terra, fogo, água, ar
Lua, Sol, cratera, Céu, poeira estelar
Aurora Boreal, flores, cores de arrebol
estrela, Via Láctea, Terra, casa sem igual

bota reparo nisso, menino!
bota reparo nisso!

Fonte: Bota [...] (2023).

12/10/2012 - Seis meses se passaram e, após muita pesquisa e planejamento, esse foi o dia simbolicamente escolhido para presentear o Seo Minino com a sua bicicleta: o Dia da Criança! Esse acontecimento me fez lembrar que eu havia parado de pedalar há exatos vinte anos para priorizar o trabalho, a graduação e a edificação do EMCANTAR. Mas andar de bicicleta, aprendi pouco tempo depois que nasci, a gente nunca esquece, e tem sido uma grata alegria essa possibilidade de projetar-me por aí! A partir desse dia, sem que eu imaginasse, uma longa e profunda jornada para fora e para dentro de mim se punha em movimento continuado... Uma jornada existencial e criativa em um fluxo de fricção, fruição e coexistência: eu-vida-corpo-mente-tempo-paisagem-clima-biodiversidade. A bicicleta como extensão de um eu em expansão, enriquecendo uma cosmovisão.

Nos meses seguintes, recobrei como brincante a memória afetiva do pedalar, o equilíbrio, o condicionamento, a destreza e o destemor, a resistência e a resiliência, e fui enriquecendo-me de realizações e um crescente amor universal. A cidade ficou pequena, enquanto as estradas de chão e o mato passaram a ser o quintal para onde eu ia sempre que podia em horas vagas, feriados e fins de semana. Um dos maiores aprendizados, desde então, passou a ser sobre o poder da regularidade, também chamada de consistência no mundo esportivo. Para mim, tratava-se de uma regularidade que não era imposta por obrigação, mas pelo prazer de quem se sente a brincar naquilo que faz e quer sempre um pouco mais.

Por consequência, maravilhamentos diversos, profundos e belos aprendizados sobre o funcionamento da vida, segundo leis, padrões, ciclos, fluxos, regularidades etc. Era só prestar atenção. E quando a curiosidade e a vontade de saber não se davam por satisfeitas, bastava pesquisar e aprender um pouco mais. Os resultados eram

vivenciados em um mundo que se descortinava e se ampliava quanto mais nele eu mergulhava. “*No momento, tudo está em movimento... e nós, somos poeira das estrelas...*” – como lembra o personagem Sr. Comprido, na Aula 3 do *Curso Online Pedagogia do Encantamento*, intitulada *Cosmovisão – uma janela para o encantamento*: “Avannnnntee!” (Aula [...], 2022, 14min10seg.)..

A GENTE VAI LONGE

Marco Aurélio Querubim

deslizando a superfície do chão
pedalando e disparando o coração
a gente vai longe... a gente vai longe...
a gente vai longe...

passa o rio, passa a ponte
sobe a serra, corta o monte
segue em frente, passa adiante
vai além do horizonte

pedalando o infinito
no instante em que tudo
fica mais bonito, mais bonito
e um pouco mais bonito

deslizando a superfície do chão
pedalando e disparando o coração
a gente vai longe... a gente vai longe...
a gente vai longe

passa o tempo, passa o vento
um milhão de pensamentos
mente acalma, sente a alma
tudo fica mais sereno

sente o sol e sente a chuva
quente frio, passa o rio
sente que a vida acontece
no instante aqui e agora

vem, vambora, agora vem, vambora...
agora vem, vambora, agora vem, vambora...
a gente vai longe... a gente vai longe...

Fonte: A gente [...] (2023).

Quando a gente vai longe, bem longe e/ou bem alto, a jornada é presença e a chegada tem gosto de conquista, misturada com uma significativa dose de cansaço. Um conhecimento aprendido na prática desde o (re)começo dessa fricção é que, após uma pedalada de longa distância e/ou elevação, assim como o corpo se mantém e regenera rapidamente com água, alimento, tempo e condições adequadas de descanso para os padrões humanos, os ecossistemas também se regeneram com chuvas, rios, solos, florestas, animais, vento e oceano, no tempo dos processos naturais. Cada ser vivo, conforme a sua natureza, incluindo os humanos, estamos todos dentro do mesmo tempo, e não separados desse mundo natural. A biosfera terrestre é um grande e complexo sistema de ecossistemas com vida em abundância. Para mim, em cada vivência havia um maravilhamento com a grandiosidade dos funcionamentos naturais para a saúde da vida e o equilíbrio do planeta. A regeneração é um processo natural que indica e promove o (re)equilíbrio da vida.

Embora houvesse encantamento e alegria em dar vazão a um novo estilo de vida que me atraía, ensinava e capacitava a ir cada vez mais longe, a angústia se fazia presente na busca por um novo sentido. Ser humano não é fácil, nem simples...

Enquanto o sentido não se evidenciava, um lema eu pronunciava: 'Pedala que passa!' – lema que foi uma espécie de nome provisório para um projeto pessoal que viria a nascer na medida em que a experiência, o gosto e as distâncias aumentavam... Um filósofo-menino-homem, poeta e compositor, em cima da bicicleta, experimentando no corpo e na alma a fricção existencial com o mundo e a vida, que pode ser sentida quanto mais nos aproximamos do ambiente natural, das paisagens, das diferentes formas de vida e das intempéries capazes de mostrar a relatividade do nosso tamanho e do nosso poder no planeta em que nascemos e habitamos. O mundo natural nos permite perceber onde estamos. Essa já é uma ótima resposta para começar.

Assim, à medida que o encantamento com essa experiência de descobertas expandia e o espanto com a quilometragem acumulada crescia em vontade e confiança para ir mais longe, sentimentos de reverência e amor à vida e ao planeta gestaram a ideia de um novo projeto: pedalar nos próximos dez anos o equivalente a uma volta na circunferência da Terra [40.070 km] e compor um álbum de canções criadas em cima

da bicicleta. Canções que refletissem uma visão de mundo e se materializassem como uma ação no mundo a impulsionar desdobramentos e transformações necessárias.

Uma ideia nascida de uma cosmovisão com os pés no chão — ou melhor, no pedal —, a cabeça no planeta e um novo sentido no coração: conciliar a vida em curso com os novos projetos e produções do EMCANTAR nos anos seguintes, buscando revitalizar valores e práticas de educação socioambiental praticados até então de modo transversal nos anos de consolidação da *Pedagogia do Encantamento*.

A partir de então, revelou-se à consciência o claro objetivo de realizar um *Abraço no Planeta* como uma experiência e um gesto de conexão, conhecimento e amor universal, que reunisse o estético, o epistêmico, o ético e o pedagógico como formas de expressar e inspirar amor e cuidado com a nossa casa comum, a Terra. De um lado, a bagagem de aprendizados da experiência de educação socioambiental do EMCANTAR entre 1996 e 2008. De outro, a urgência de um projeto capaz de chamar a atenção para a beleza, a generosidade e o funcionamento do nosso planeta perante o desequilíbrio ambiental e a emergência climática como frutos de um modo de vida insustentável. Entre o ritmo que estabelece a marcha no girar dos pedais e o pensamento de que *não somos donos da Terra, nós somos a Terra*, surgiam novas canções⁸...

SOMOS A TERRA

Marco Aurélio Querubim

Terra mãe
natureza
Pachamama, grande deusa
mátria nossa
generosa
casa de todos os seres

filhas e filhos da Terra, filhas e filhos da Terra

não somos donos da Terra
nós somos a Terra
não somos donos da Terra
nós somos a Terra

⁸ *Somos a Terra* é uma canção que surge em diálogo reflexivo com Leonardo Boff em *Do Iceberg à Arca de Noé - o nascimento de uma ética planetária* (Boff, 2002) e com Casé Angatu Xukuru Tupinambá, na *Revista IHU On-line* (Tupinambá, 2018).

filhas e filhos da Terra
em qualquer lugar onde a vida germinar
norte, sul, leste, oeste, a Terra é o lar
em qualquer lugar onde a vida germinar
norte, sul, leste, oeste, a Terra é o lar
não sou estrangeiro na Terra, não sou estrangeiro na Terra
não somos donos da Terra
nós somos a Terra
não somos donos da Terra
nós somos a Terra
filhas e filhos da Terra, filhas e filhos da Terra
Terra que sente que pensa que ama que vive que cuida que venera a
Terra
nós somos a Terra

Fonte: Somos [...] (2023).

Não é somente poético afirmar que estamos mergulhados existencialmente na experiência concreta de uma dança cósmica, para dentro e para fora de nós. Pelo contrário, isso é muito mais que poesia e precisa ser cantado e contado aos quatro cantos do mundo, como quem canta e conta histórias mágicas reais que merecem ser conhecidas. Fenômenos extraordinários da vida, da Terra e do Universo estão acontecendo ordinariamente agora, sem que a maioria das pessoas tenha conhecimento, porque as narrativas da educação tradicional passam longe de ensiná-los ao grande público. A história da vida e do Universo precisa ser recontada, precisamos ser informados ou lembrados da matéria de que somos feitos, a fim de enxergarmos com lentes mais amplas e sensíveis que nos permitam localizar, com mais precisão de entendimento existencial, uma aventura maior, da qual cada um participa involuntariamente: a vida que está em curso há cerca de 4 bilhões de anos nessa bolinha azul que flutua brincando de roda em torno do Sol, num universo com 13,8 bilhões de anos. Digo a vida como um todo, pois todas as formas de vida estão implicadas numa teia de interconectividade, interdependência e equilíbrio que expressam a criatividade em abundância que há na Terra. Aqui, a biodiversidade ainda se multiplica, por meio dos seres humanos, em diversidade cultural.

Se a pele da Terra é viva, rara e rica em diversidade, é porque o mundo é atômicamente diverso em combinações e possibilidades no tempo e no espaço, é porque existe água, sol [luz, calor, fonte de energia], nutrientes e condições singulares sobre sua posição no Sistema Solar. Nesse mundo, a vida produz em nós autoconsciência e inteligência que nos permitem desenvolver visões de mundo. Como afirma Marcelo Gleiser no programa *Conversa com Bial*, “Nós somos a matéria que sonha” (Estrelas [...], 2025, 8min46seg).

Podemos investigar, descobrir e comprovar, por exemplo, que a Terra gira em torno de si numa velocidade de 1.666 km/h [24h] e em torno do Sol a 107 mil km/h, o que leva um ano para acontecer. O ângulo de inclinação da Terra enquanto gira em torno do Sol promove a mudança das estações e o ciclo da vida nos ecossistemas.

O Sol gira em torno do centro da Via Láctea a 720 mil km/h, enquanto essa nossa galáxia viaja no universo profundo a 2 milhões km/h. A Lua, que parece tão longe e arregaladamente estacionada a olhos nus, rodopia em torno da Terra a 3.700 km/h. E enquanto giram, Terra e Lua, a água dos oceanos vai sendo atraída para um pouco mais perto da Lua pela sua gravidade, chacoalhando os mares no movimento das marés. Ciclos e fluxos da Terra em torno do Sol com seus planetas irmãos viajando para dentro da galáxia numa viagem profunda... Enquanto isso, fazemos uso de uma licença poética para não quebrar o fluxo da escrita e truncar a leitura com referências bibliográficas dos números acima mencionados, pois aqui, no ambiente da ciência, também deve haver licença para utopias pedagógicas: saber do fato de que participamos de incomensurável viagem cósmica deveria ser de conhecimento geral, conforme afirma Gleiser (Estrelas [...], 2025, 9min20seg)., que precisamos saber e repensar um pouco mais quem nós somos e do que somos feitos, dos mesmos átomos que formam as árvores, os bichos, as plantas, o planeta etc..

Assim como acontece com as crianças, na medida em que acessamos, crescemos e aprendemos sobre as verdades do mundo, estas nos ensinam cosmovisões, enquanto somos meros pinguinhos de gente expressando mentalidades em comportamentos e ações, num planeta que habitamos, devoramos e esquecemos de perceber as pegadas profundas do nosso impacto como indivíduos e como espécie,

cuja história, se fosse contada em 24 horas, surgiu nos últimos cinco segundos desse dia que representa metaforicamente a história do planeta.

UM PINGUINHO DE GENTE

Marco Aurélio Querubim

um pinguinho de gente
pele quente, ossos, músculos, nervos
e dentes

nasce, cresce, vive um tempo
enquanto mora nessa bola
e vai embora

um grãozinho de areia
revolteia o infinito grávida
passeia

bola rola, rodopia
gira mundo, roda ciranda
cósmica

um pinguinho de gente
a viajar
num grãozinho de areia
a flutuar

Fonte: Um Pinguinho [...] (2023).

Se voltarmos o olhar do macrouniverso que os instrumentos da ciência permitem enxergar para o microuniverso das partículas que constituem a matéria e a energia, tudo se enche de mais encanto. Outro exemplo é que cada pessoa possui cerca de 37 trilhões de células em seu organismo. Dentro de cada uma delas, há uma fita de DNA, a assinatura biológica de cada ser neste mundo. Cada fita é tão microscopicamente enrolada dentro de cada célula que, se fosse desenrolada, chegaria a dois metros de comprimento. Se multiplicarmos o tamanho de todas essas fitas de DNA pelos 37 trilhões de células que constituem cada pessoa, o resultado seria a distância equivalente a 600 idas e voltas ao Sol por pessoa. Aprendi esses maravilhamentos com o cientista Antonio Donato Nobre.

Se migrarmos da biodiversidade para a diversidade cultural entre os humanos, poderemos encontrar outras riquezas nas mais diversas cosmovisões de povos

originários, com semelhanças e distinções entre si e a ciência, como pode se verificar a esse respeito no relevante episódio *Flecha 1*, intitulado *A Serpente e a Canoa*, de uma série de produções audiovisuais e literárias do *Selvagem - Ciclo de Estudos* (Flecha [...], 2021). *Selvagem* é uma valiosa iniciativa de Ailton Krenak e Anna Dantes que promove, gratuitamente, conteúdos relevantes e educativos por meio de ciclos de estudos que compõem diálogos entre saberes indígenas, ciências, artes e buscam “[...] *o entendimento da vida como uma rede de interligações*” (Selvagem, [2018?]), grifos dos autores).

Quanto mais me atiro à fricção de percorrer o território e avançar sobre ele, exercitando capacidades físicas, afetivas e cognitivas, de locomoção, localização, sobrevivência e autorrealização, mais vejo o mundo se movimentando ao redor e dentro de mim, mais me percebo pertencente e participante de um todo em funcionamento. Nessa fricção, encontro uma forma ancestral de vivenciar momentos de plenitude que tornam a vida mais clara e simples diante da complexidade de tudo o que nos envolve. Na plenitude, tudo parece se resolver como uma experiência de encantamento, de conexão e de reverência em face do mistério.

E ainda sobre reverência e mistério... em toda a história do EMCANTAR, a Lua sempre ocupou lugar de destaque em composições e espetáculos. Durante meu *Abraço no Planeta*, de bicicleta, não foram poucas as pedaladas em noites de Lua cheia, nas quais o farol era dispensado pela luz natural que invadia os escuros da noite, misturava-se com o silêncio e evocava memórias remotas do Seo Minino em sonhos criativos de se tornar astronauta... *Ah, estar lá em cima, longe do único mundo que conheceu na vida, despertou no astronauta uma conexão profunda com todas as pessoas e coisas vivas que habitam o planeta.*

Boff (2002, p. 48-49) nos leva a refletir que “[...] talvez o sentido secreto das viagens ao espaço tenha esse significado profundo”: a percepção de que a “[...] Terra vista fora da Terra dá origem a uma nova sacralidade” (Boff, 2002, p. 48). Após viver essa experiência, o astronauta Joseph Allen disse:

Discutiram-se muito os prós e os contras com referência às viagens à Lua; não ouvi ninguém argumentar que deveríamos ir à Lua para poder ver a Terra de lá. Depois de tudo, esta foi seguramente a verdadeira razão de termos ido à Lua (Allen *apud* Boff, 2002, p. 49).

Boff (2002) argumenta que esse depoimento do astronauta nos provoca a reconhecer que

[...] de lá, da Lua, não há distinção entre Terra e humanidade. Ambas formam uma única entidade, conhecida, entre vários nomes, como Gaia. A humanidade não está apenas sobre a Terra, ela é a própria Terra que se comove, volta-se sobre si mesma, ama, cuida e venera (Boff, 2002, pág. 49).

Então, sem exagero, a Lua realmente faz parte de todo o nosso ser como humanidade, tanto em aspectos físicos quanto culturais!

LUA CHEIA

Marco Aurélio Querubim

ô lua cheia que alteia
ô lua cheia que clareia no ar
ô lua cheia que incendeia a noite do sertão
ô lua cheia que prateia o mar
ô lua cheia que ateia o amor no coração
ô lua cheia de areia

Fonte: Lua [...] (2023).

Seja em pedaladas, seja em caminhadas ou remadas (minhas três maiores experiências de regularidade a longo prazo), quando percorremos longas distâncias com as capacidades do próprio corpo, descobrimos e aprendemos muito sobre os processos regenerativos que envolvem o funcionamento de nós mesmos e de paisagens, vegetações, bichos, rios e serras, ventos, chuvas e nuvens, oceanos e marés, Sol e Lua, dias e noites; as estações e o clima, as fases da Lua, as estrelas e um pedaço enfumaçado da Via Láctea que conseguimos alcançar com a própria vista...

Quando compreendemos com o corpo o que nos ensinam as experiências que nos capacitam a nos projetarmos mais longe no adentramento do território, aprendemos a viver o presente e a fazer leituras sobre a realidade que se apresenta com todos os seus elementos — como no parágrafo anterior — a cada momento. Quanto mais nos atiramos no mundo, mais aprendemos sobre nós e o mundo. No entanto, nunca sabemos o bastante sobre a realidade que nos aguarda, incerta,

improvável e que se constitui pela interação dos seres vivos entre si e com o ambiente em que se encontram. Mas é no presente que a via acontece, a cada instante.

Quanto mais mergulhado nessa experiência existencial ecológica de ser-no-mundo aqui e agora, aprofundando-me em territórios e jornadas, mais me sinto conectado comigo e com o mundo ao qual pertencço. Nessa fricção do ser e a corporeidade do seu ente com o mundo natural, consigo me perceber migrando do controle para a fruição no fluxo dos movimentos e dos acontecimentos. Em cada vivência se retroalimenta o senso de pertencimento à vida e ao planeta como matéria comum.

Certa vez, tive o privilégio de participar como educador em um projeto de formação com crianças e educadores de uma comunidade às margens do Rio Pacajá, na Floresta Amazônica, estado do Pará. Foram três anos de idas e vindas, com viagens longas entre aviões, automóveis e balsas. Em uma das viagens, levei a bicicleta para me aventurar numa ciclovagem de 120 km floresta adentro, a 500 km de Belém, numa região entre Tucuruí e Portel. As observações profundas dessa experiência vivida sobre a bicicleta durante as horas de deslocamento no interior da floresta me levaram a buscar saber sobre as curiosidades que foram surgindo ao longo do caminho a respeito da transpiração da floresta e do que eu sentia naquele ambiente e circunstância.

Na floresta não há essa substituição da vida, ela flui, e você, no fluxo, sente a sua pressão. Isso que chamam de natureza deveria ser a interação do nosso corpo com o entorno, em que a gente soubesse de onde vem o que comemos, para onde vai o ar que expiramos. Para além da ideia de “eu sou a natureza”, a consciência de estar vivo deveria nos atravessar de modo que fôssemos capazes de sentir que o rio, a floresta, o vento, as nuvens são nosso espelho na vida (Krenak, 2020a, p. 99-100).

Para além e acima da floresta, busquei conhecer e entender o aparente fluxo que acontecia com toda aquela umidade em transpiração. O entusiasmo ao descobrir posteriormente que, enquanto pedalava naquela floresta, acontecia a minha volta e no céu acima um fenômeno conhecido cientificamente como “rio voador”, despertou um fluxo de palavras, melodias, ritmos e significados que transbordaram em uma nova e curiosa composição.

RIO QUE VOA

Marco Aurélio Querubim

na maior floresta do planeta
as árvores respiram, respiram, respiram
a vida inspira e transpira
a água evapora sem parar

vira nuvem, vem o vento, o sol até o momento
em que um rio começa a se formar

um rio de água em estado gasoso
um rio de nuvem a todo vapor
sobre a floresta, um rio em festa
um rio voador

o rio voa, o rio soa e ressoa pelo céu
o rio, vasto mundo, vasto viaja para o sul
o rio que voa bate
nas rochas do Aconcágua e deságua

e o rio que voa chove
e o rio que voa chove
e o rio que voa chove
chove
chove sem parar

Fonte: Rio [...] (2023).

No álbum *Escutatória* (Escutatória, 2012a), há uma canção intitulada *Paisagens de Passagem* (Paisagens [...], 2012a). Um de seus versos retrata a primeira parte da metáfora utilizada pelo pesquisador Antonio Donato Nobre ao comparar a circulação de água entre a floresta e a atmosfera com a circulação de sangue no corpo (There [...], 2011). Como na canção, os rios são veias por onde corre o sangue da terra, enquanto as artérias são os rios que voam, chovem e regam o sangue na terra. A esse respeito, o cientista afirma em sua palestra no TEDx sobre os rios voadores que

A floresta emite cheiros que formam gotas na atmosfera e formam as nuvens que chovem torrencialmente. É o regador do Jardim do Éden. Essa relação de uma entidade viva, que é a floresta, com uma não viva, que é a atmosfera, é virtuosa na Amazônia, porque a floresta joga água e sementinhas, a atmosfera forma chuva e devolve, garantindo a sobrevivência da floresta (There [...], 2011, 9min46seg).

Cada vez que sou surpreendido por um encantamento com as belezas e os acontecimentos do mundo natural, sinto uma vontade descomunal de que mais pessoas também possam fazer essas descobertas, especialmente as crianças e os jovens. Acredito ser a vocação de educador que entra em cena e me leva a sentir essa vontade de convidar pessoas para vivenciarem algumas dessas experiências de pedalar, caminhar ou remar comigo pelos territórios que adentro.

Quando são crianças ou jovens que me acompanham, o Seo Minino assume a dianteira das conversas, apontando com entusiasmo para os acontecimentos que se descortinam no caminho e contando suas histórias e descobertas. Outras vezes, quando o maravilhamento transborda, ele apenas convida ao silêncio e à contemplação. Quando os passeios acabam, a maior parte das pessoas se mostram felizes, reconhecem o privilégio da experiência e pedem para retornar.

Uma dessas experiências que tive, acompanhado de outros dois amigos ciclistas, relaciona-se com o nome da cidade em que nasci. É uma palavra que possui uma criativa carga fonética e semântica. Além de ser nome de passarinho verde e barulhento, a palavra tem três sílabas que evocam elementos naturais e a última delas ainda tem duplo sentido. Quem me chamou a atenção para esse fato gracioso foi o cantador Dércio Marques, a quem devo muitas das inspirações que guiaram concepções do EMCANTAR. O comentário de Dércio plantou em mim o desejo de um dia compor uma canção sobre esse nome, mas me faltavam o mote e o contexto. A semente plantada e nutrida floresce no tempo da natureza...

Muitos anos depois, no segundo dia da minha primeira viagem de bicicleta à Serra da Canastra, passei e dormi no arraial de Desemboque, um dia frio de inverno em um pitoresco vilarejo, fundado no Sertão da Farinha Podre pelos bandeirantes que desembocavam ali, no século XVIII, em busca do ouro das Minas Gerais. Foi ali a porta de entrada para a colonização do Triângulo Mineiro e do Brasil Central.

Acontece que quando cheguei a Desemboque e fui até o rio que passa no fundo do povoado, descobri ser o mesmo rio que, uma centena de quilômetros serpenteando abaixo, divide os municípios de Uberlândia e Araguari, e leva o nome da minha cidade. Lavei-me nas águas frias do ribeirão corrente, que rola e cantarola entre as pedras com o encanto e a graça que o lugar onde fui parar me causou. Com isso, ganhei um

contexto e duas palavras sonoras para brincar: o rio Araguari – ar, água, ri – que nasce lá nas bandas de Desemboque [Serra da Canastra] e vem parar onde nasci, uma cidade que foi importante entroncamento ferroviário entre Minas e Goiás. Mas aqui o rio não é mais livre como lá onde ele nasce. Entre lá e cá, no curso ‘natural’ do ‘progresso’ e do ‘desenvolvimento’, quatro grandes barragens silenciaram o rio livre.

RIO ARAGUARI

Marco Aurélio Querubim

na banda do Desemboque
tem um forrock que chega aqui
um rio que nasce e rola
se desemboca em Araguari

na banda do Desemboque
tem um forrock que chega aqui
um rio que nasce e rola
se desenrola em Araguari

rio que toca na pedra
água que canta e rola
que cantarola e passa aqui

enquanto cresce, o rio ara
enquanto corre, o rio água
enquanto desce, o rio ri

ar, água, ri
deságua Araguari

o rio brinca de trem de ferro
e segue a serpentear
o rio brinca de trem de ferro
se manda pra outro lugar

Fonte: Rio Araguari (2023).

Colocar os pés no chão, deslizar de bicicleta pelo território, sentir o sol, a chuva, o vento na cara, respirar profundamente o ar fresco, matar a sede na água, sentir-me vivo, enxergar tudo o que a vista alcança e sentir eu mesmo. Não foram poucos os momentos em que senti e percebi que tudo isso sempre esteve ali, menos eu, assim como a maior parte das pessoas que vivem predominantemente nos centros urbanos. As cidades descolam as pessoas do mundo natural, daquilo do que elas são feitas:

“poeira das estrelas”, como o cientista Marcelo Gleiser (Estrelas [...], 2025) insiste em nos lembrar. Isso é lindo, e é mais do que uma afirmação poética. Somos feitos da mesma matéria atômica que constitui tudo o que existe no mundo natural e no Universo.

Dos 100% da matéria que me constitui, cerca de 70% são formados por dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio, a molécula de água, H₂O. Uma coisa é se admirar desde a infância com esse conhecimento e com o tempo se esquecer ou se acostumar com isso. Outra é perceber, nas fricções com a paisagem, os funcionamentos e as funções da água no corpo, nos ecossistemas e no sistema terrestre. É um maravilhamento testemunhar a “[...] água que a própria floresta dá para as nuvens, e que a chuva devolve para a terra, nesse ciclo maravilhoso em que as águas dos rios são as do céu, e as águas do céu são as do rio” (Krenak, 2022, p. 16).

Conectar-se com a natureza é sentir-se natureza, fluindo como os rios fluem pelo céu e pela terra. Eu, rio a fluir com minha porção de água equivalente em percentual à mesma porção que há no planeta. Eu água, eu rio, eu Gaia, eu Terra. O filósofo originário Ailton Krenak afirma a esse respeito que o futuro é ancestral.

Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui. Gosto de pensar que todos aqueles que somos capazes de invocar como devir são nossos companheiros de jornada, mesmo que imemoráveis, já que a passagem do tempo acaba se tornando um ruído em nossa observação sensível do planeta (Krenak, 2022, p. 11).

A água que circula em mim e em todo o planeta pertence e participa da respiração e da regulação do sistema terrestre, que acontece como uma dança viva e amorosa entre Fauna e Flora: *Flora precisa do ar de Fauna pra respirar, Fauna precisa do ar de Flora pra respirar*. Mas essa respiração vital se encontra em colapso pela capacidade de regeneração natural da Terra perante o volume desproporcional entre emissão e absorção de gases poluentes na atmosfera. Dentre milhões de espécies de seres vivos que habitam este planeta, apenas uma espécie tem sido a responsável por tamanho desequilíbrio, com sua capacidade de devastar e poluir: a espécie humana, que precisa ser lembrada que é fauna, que precisa do ar para respirar e de certas condições climáticas para continuar a existir.

No entanto, a espécie humana se expressa pela mentalidade e pela ação de seus indivíduos no mundo, seja por esclarecimento, seja por ignorância ou condicionamento cultural. Assim, por considerar-se no centro do mundo [antropocentrismo], chegou ao ponto de nomear o tempo geológico contemporâneo pelo impacto que tem causado: o Antropoceno. Desse raciocínio decorre a relação que procuro estabelecer entre cosmovisão e cosmoação, à qual faço referência em reverência ao ensinamento e ao exemplo de Mahatma Gandhi: “*Devemos ser a mudança que queremos ver no mundo*”. O fundamento de uma ética comum e indelegável de cuidado, aperfeiçoamento e reciprocidade do ser, cuja fonte é o planeta que possibilita, acolhe e sustenta sua existência.

Sendo cosmovisão a forma como uma pessoa, grupo ou cultura percebe e interpreta o mundo, há uma clara relação de causa e efeito em como as informações e as experiências pessoais que constituem a mentalidade orientam as formas de ser e agir no mundo. Formas tais que podem muito bem ser identificadas pela qualidade dos resultados que produzem, se são orientados por uma ética biofílica – amor à vida – ou predatória, como tem sido conduzida pelo necrocapitalismo (Krenak, 2022).

Nesse sentido, o cultivo de uma ética biofílica (Costa, 2008) se relaciona com a educação em seu sentido mais amplo e contínuo da vida, isto é, começa no berço familiar e se estende pelo tecido social e cultural que, ao mesmo tempo, reflete e ensina formas de ser e agir no mundo. Assim, a qualidade das ações expressa como as pessoas veem a realidade do mundo em que se encontram, sua cosmovisão. E pelo livre arbítrio, a escolha do mundo que querem edificar por meio de sua cosmoação, capaz de refletir a qualidade biofílica ou não de cada um de seus comportamentos e ações. Esse é o chamado do álbum *Abraço no Planeta* (Abraço [...], 2023b) com a canção *Cantauê* (2023), um convite leve e alegre, festivo e vibrante, assim como “*todo dia, vento canta melodias mundo afora...*”.

CANTAUÊ

Marco Aurélio Querubim

todo dia, toda hora
vento toca, vai embora
todo dia vento canta
melodias mundo afora

o sopro da vida na gente
põe de pé todo ser que é vivente

passarinho, alma boa
coração
é o quintal da pessoa

ê hê cantauê
canta eu, canta nós, canta ocê
ê hê cantauê
canta o mundo que a gente quer ver

Fonte: Cantauê (2023).

6.3.2 *Cosmoação: um chamado da cosmovisão*

15/03/2020 - Oito anos se passaram desde que o Seo Minino desencadeou essa jornada brincante que adentrou territórios do Ser e do mundo no qual se encontra. Uma saga lúdica e criativa de fricção com esse mundo em diálogos com a ciência e os saberes ancestrais, ampliando e refinando uma cosmovisão expressa em narrativas, pensamentos e canções essencialmente artísticas e potencialmente pedagógicas, de quem se propôs a uma experiência de presença e comunhão.

Mas não foram poucas as camadas de dores, dissabores e desafios enfrentados na fricção com os territórios e as circunstâncias da vida pessoal e profissional. Importa destacar que a profundidade e a sinceridade do mergulho levaram a processos regenerativos de cura, coincidentes – ou não – com o ciclo da jornada. Nesse período, a prática de ensinamentos estoicos e do caminho do Yoga foram determinantes para o exercício diário de aproximação entre ser e querer-ser, passando a integrar um novo estilo de vida a meditação e a dieta de não comer animais. Como consequência, uma escolha consciente e gradativamente incorporada sobre como enxergar e enfrentar

com leveza um mundo que, embora belo e atrativo, também é austero e educativo. Em dois meses, o projeto *Abraço no Planeta* se completa.

LEVE PRA VOAR

Marco Aurélio Querubim

eu aprendi com a canção e a bicicleta uma lição
pesado não se sai do chão

leve pesa qualquer coisa que flutue leve
leve pra fazer flutuação

leve lembra pena, lembra neve, voz suave
leve lembra bolha de sabão

leve é um planeta inteiro a flutuar
fumaça, poeira estelar

leve como folha, borboleta, ave, pétala
leve pra elevar uma oração

leve feito brisa, lua, lenço, capinzal
orvalho, chuva fina de Natal

leve, um estado que me leve a melhorar
leve mente, corpo, alma, coração

que essa canção
te leve pra voar, leve pra voar, leve pra voar

Fonte: Leve [...] (2023).

20/03/20 – Um decreto federal estabelece estado de calamidade pública e o Ministério da Saúde anuncia uma série de recomendações preventivas à Covid-19, com medidas e orientações para o isolamento social no Brasil. A morte em massa de pessoas pela transmissão do coronavírus pelo mundo não escolhe raça, sexo, religião, classe social ou fronteiras geográficas. A humanidade se encontra severamente ameaçada e a sobrevivência dos povos depende da visão de mundo, de comportamentos e ações em níveis governamental, público, privado, familiar e individual. As pegadas da humanidade no planeta estão cada vez mais profundas...

Neste momento, estamos sendo desafiados por uma espécie de erosão da vida. Os seres que são atravessados pela modernidade, a ciência, a

atualização constante de novas tecnologias, também são consumidos por elas. Essa ideia me ocorre a cada passo que damos em direção ao progresso tecnológico: que estamos devorando alguma coisa por onde passamos. Aquela orientação de pisar suavemente na terra de forma que, pouco depois de nossa passagem, não seja mais possível rastrear nossas pegadas está se tornando impossível: nossas marcas estão ficando cada vez mais profundas. E cada movimento que um de nós faz, todos fazemos. Foi-se a ideia de que cada um deixa sua pegada individual no mundo; quando eu piso no chão, não é o meu rastro que fica, é o nosso. E é o rastro de uma humanidade desorientada, pisando fundo. Um nenenzinho no colo da mãe balança a perninha e afunda o chão. Porque esse neném, para circular no mundo que vivemos hoje, vai usar produtos de higiene, fraldas, tecidos, materiais que, em algum lugar, estão comendo a Terra. Involuntariamente ele já está predando o planeta (Krenak, 2020a, p. 95-96).

Mediante as possibilidades de trabalho à distância, as circunstâncias de confinamento não comprometeram importantes entregas previstas para esse ano, entre elas o livro *Pedagogia do Encantamento* (Querubim, 2020). Percebo-me como um privilegiado pelas circunstâncias favoráveis ao desenvolvimento dos propósitos e dos compromissos que assumi. A consciência aumenta a responsabilidade.

Há três meses, me dedico à organização e à escrita dos conteúdos que serão submetidos ao projeto gráfico em abril. Nesse contexto de confinamento, nos momentos de descanso tenho a possibilidade rara do privilégio de pegar a bicicleta e sair pelo mundo afora e mato adentro, sem riscos de contágio para mim e para os outros.

22/04/20 – Concluída a escrita do livro *Pedagogia do Encantamento* (Querubim, 2020) mediante dois fatos curiosos percebidos imediatamente após a escrita das últimas linhas: no calendário, hoje é o Dia da Terra e na *playlist* aleatória está tocando *Delightful Universe* [Universo Delicioso], de Brian Eno (Delightful [...], 2010). A essas curiosidades soma-se um fato, cuja temática a elas se associa: por uma escolha consciente, optei por revisitar e sistematizar, numa outra oportunidade, a abordagem de educação socioambiental difundida entre as práticas pedagógicas do EMCANTAR. Essa consciência criou um eco dentro de mim, uma história que pedia para (re)nascem (re)contada com outro eco, sistematizado em uma *Ecologia do Encantamento*. Uma ecologia que já havia sido vivida coletivamente de modo orgânico e profundo por 12

anos [1996 a 2008], entremeada por canções, ideias e ideais, princípios e práticas que refletiam uma cosmovisão e apontava para uma cosmoação: jovens multiplicadores do EMCANTAR se misturavam a crianças e educadores protagonizando e fomentando protagonismos em 25 experiências singulares de educação socioambiental localizadas em ambientes educacionais distintos. Uma cosmovisão de encantamentos se materializava em uma cosmoação encantada.

A esse respeito, o *Documentário Roda a Roda* (Roda [...], [2008]) (Figura 18) evidencia como essa abordagem se realizava de modo orgânico e transversal nas experiências de formação, associando canções e brincadeiras populares à prática dos 5Rs com educadores e alunos de escolas públicas de Uberlândia, participantes do *Projeto Educando*⁹ entre os anos de 2001 e 2008. Tais experiências se estendiam para fora dos ambientes escolares, envolvendo famílias e cooperativas de catadores de materiais recicláveis.



Figura 18 – Captura de tela do *Documentário Roda a Roda*.
Fonte: Roda [...], ([2008], 27seg).

Francine Rezende, arte-educadora do EMCANTAR, relata que o projeto objetivava

[...] descobrir um modo de interagir com o professor pra que ele trouxesse a realidade da escola. E a partir da realidade da escola e da

⁹ Essa experiência pode ser conhecida em maiores detalhes no livro e no DVD *Educando - Formação Continuada*, publicados no encerramento da segunda edição do projeto, em 2008 (EMCANTAR, 2008).

sala de aula, propriamente dita, a gente pudesse arrumar, construir novas maneiras de pensar sobre aquelas coisas que não estavam dando certo antes. [...] E quantas e quantas vezes a gente entrava na sala de aula e eles estavam em círculo, todo mundo participando, com música tocando ou com vídeo passando. Coisas que estavam à mão, estavam meio adormecidas. Então foi o momento mesmo de começar a sonhar junto um novo modelo (Roda [...], [2008], 12min02seg).

27/05/20 – Segundo dia da minha segunda cicloviação autônoma à Serra da Canastra. Desta vez, uma distância total de 1.000 km a ser percorrida em dez dias entre a ida e a volta para casa. Faltam 85 km para completar a quilometragem do meu Abraço no Planeta, o que vai acontecer 35 km antes de chegar ao destino do dia.

Sem maiores explicações, uma dor incomum tomou conta do joelho direito no dia anterior, ameaçando o projeto dos dez dias junto aos colegas que me acompanham. Como estratégia de distração da dor, a cada giro dos pedais, uma retrospectiva de memórias da jornada de oito anos desencadeia emoções que trazem lágrimas e os primeiros versos de uma canção capaz de simbolizar esse acontecimento regado de um profundo amor e gratidão pela vida. A Figura 19 mostra informações sobre o registro do fato.

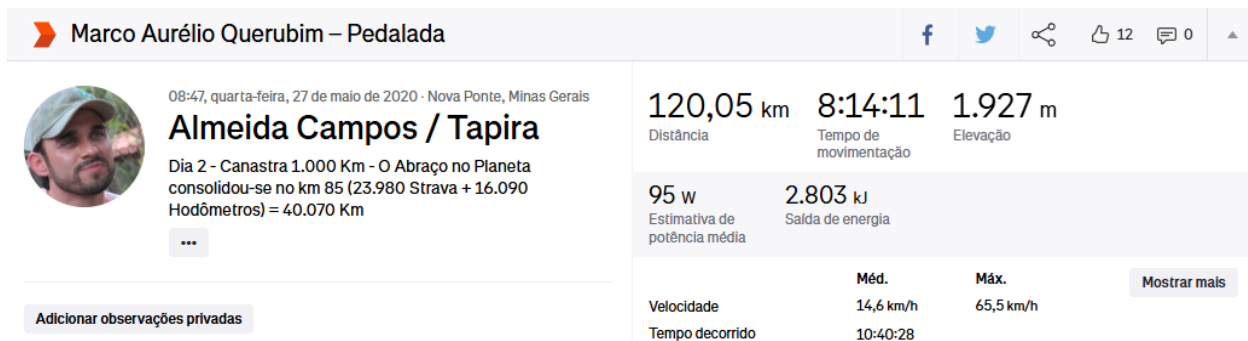


Figura 19 - Imagem da página do aplicativo Strava, usado para registro de atividades e percursos.

Fonte: Acervo do autor.

Algumas semanas após o retorno da Serra da Canastra, aconteceu uma reportagem do programa *Manhã Total*¹⁰, que expressou com precisão e beleza a jornada e a conclusão do *Projeto Abraço no Planeta*. Nesse sentido, a reportagem

¹⁰ <https://www.instagram.com/p/CCyHQuxBGBV/>

representou relevante contribuição para a perspectiva bio:gráfica da pesquisa, em que é possível perceber mais de perto afecções, nuances afetivas e minúcias na linguagem de um sujeito que se expressa, em especial, sobre o seu vir a ser e cosmovisão instantes após a realização do acontecimento. Na matéria, há um trecho desse registro audiovisual gravado minutos após a conclusão da distância equivalente a uma volta no planeta (Figura 20).

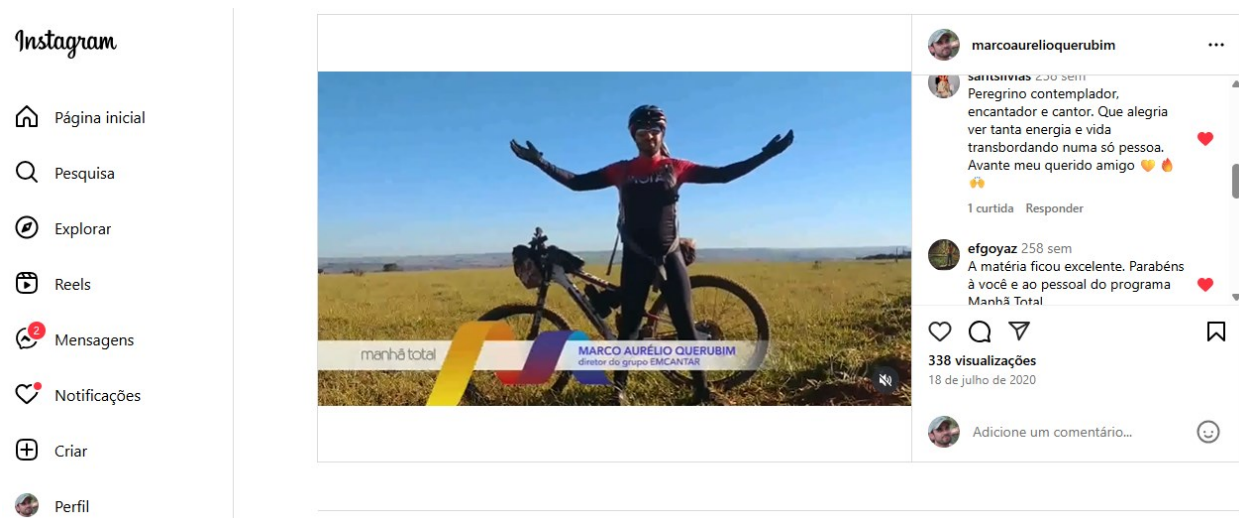


Figura 20 – *Print* do perfil do autor no Instagram.
Fonte: Instagram: @marcoaurelioquerubim.

A partir do mote da composição, que nasceu dos diálogos internos nesse dia de dores musculares e emoções intensas, realização e conquista, a canção que deu nome ao álbum foi tecendo-se pelas pedaladas que vieram nos meses seguintes até o convencimento de que letra, melodia e ritmo estavam prontos para representar o conceito da obra e entrar em pré-produção musical.

ABRAÇO NO PLANETA

Marco Aurélio Querubim

dois braços se entrelaçam pra envolver outra pessoa
entoam proteção que fala perto ao coração

um abraço caloroso de carinho e de cuidado
é um raio de sol que aquece quando está gelado

um abraço mais fraterno do amor que a vida é feita

abraça como o laço no presente que se enfeita

abraço é aquele abrigo entre quem dá e quem aceita
o abraço é tão antigo quanto a vida no planeta
se acaso esse abraço entrar em risco de extinção

te dou um abraço
te dou o meu abraço
me dê um abraço
me dê o teu abraço
aquele abraço

Fonte: Abraço [...] (2023a, faixa 5).

A partir do fechamento desses dois longos e importantes ciclos de vida (conclusão da obra *Pedagogia do Encantamento* em abril e da volta no planeta em maio), decorre uma série de fatos e acontecimentos que evidenciam o processo dialético em que cosmoação expressa cosmovisão e vice-versa, tanto em nível individual do sujeito-pesquisador, como do coletivo ao qual está ligado.

São destacados alguns marcos a seguir, que falam por si enquanto resultados, acompanhados das respectivas referências para consulta e aprofundamento. São citados de passagem num encadeamento histórico até chegarmos ao encerramento dessa segunda parte dos resultados da pesquisa com a apresentação e discussão da *Oficina Ecologia do Encantamento*, base para o produto final deste trabalho de mestrado: o *Guia Parte da Gente: por uma Ecologia do Encantamento*.

O sopro da vida na gente põe de pé todo ser que é vivente
[...]
Canta eu, canta nós, canta ocê
Canta o mundo que a gente quer ver

Os versos acima, de *Cantauê* (Cantauê, 2023), em poucas palavras reúnem o sopro misterioso da vida, o ser e o sopro do ser que se manifesta no canto como expressão humana e como chamado ao querer-ser do eu, do outro e do nós em um mundo que se deseja materializar. Representam, portanto, no contexto de seu surgimento, o chamado da cosmovisão à cosmoação, que dá continuidade a essa história em que o *coração*, o *quintal da pessoa* evoca o brincar e convoca ao querer ser.

29/10/20 – Muitos anos após um convite provocativo do educador popular Tião Rocha em 2004 para que eu escrevesse a *Pedagogia do Encantamento*, uma oportunidade viabilizada por meio de política pública e patrocínio de um projeto cultural trouxe a obra ao mundo. Em um momento acirrado de pandemia, o lançamento ocorreu em uma *live* com entrevistas, depoimentos, canções ao vivo com o Grupo EMCANTAR e a presença especial de uma criança cantando junto e representando os milhares de participantes de projetos de formação do EMCANTAR Social até então (Figura 21).



Figura 21 – Momento da *live* de lançamento da *Pedagogia do Encantamento*.
Fonte: Lançamento [...], 2020.

No *chat*¹¹, o comentário de um espectador demonstra sua percepção sobre o papel do EMCANTAR em manter a viva a lembrança do Ser por meio da conjugação sensível entre arte, cultura, educação:

@cri: [redacted] há 4 anos

Maravilha e Transformador esta Pedagogia do Encantamento que resgata o Ser através da Sensibilidade da Arte, Cultura e Educação.

BRAVO, Meus Parabéns pela Obra Prima!!!

¹¹ *Live* e comentário disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=dCB3-kW0YOY&t=1835s>.

No que se refere às duas narrativas em desenvolvimento nesta pesquisa, o ano de 2021 foi decisivo para a mobilização de recursos necessários à materialização de dois projetos: a produção do *Curso On-Line Pedagogia do Encantamento* (Cia. Cultural [...], 2022) e a gravação do álbum musical *Abraço no Planeta* (Abraço [...], 2023b). Dessa vez, os recursos foram acessados por meio de emendas parlamentares. Enquanto isso, as pedaladas avançavam territórios e completavam a distância de uma volta e meia no planeta...

Em 2022, por meio de emenda estadual, foi realizada a produção das videoaulas do curso e um projeto-piloto de formação *on-line* com mentoria para mais de 200 educadoras da rede municipal de Araguari. Entre as aulas que compõem a formação, o curso amplia o conteúdo do livro em temas aprofundados nesta pesquisa, como a Aula 3: Cosmovisão - Uma Janela para o Encantamento; a Aula 4 - Ideias em Ação — expressão aqui denominada por cosmoação — e as Aulas 5 e 6¹² - Coleção de Encantamentos, essas últimas, gravadas na caminhada por uma trilha, como forma de inspirar e convidar educadores a entrarem em fricção com o mundo natural, realizarem sua colheita de encantamentos e criarem formas de vivenciar experiências semelhantes com seus alunos (Figura 22). Encantar pela ação de fazer entrar em contato a pele viva das pessoas com a pele viva do planeta.

¹² Links respectivos em:

Aula 3: https://www.youtube.com/watch?v=YGaDCdKg_FQ&list=PLok2kJk5fBGdUn2WbDx7nGU-inrXa779&index=4&t=5s

Aula 4: <https://www.youtube.com/watch?v=zS0JwwM3Gw8&list=PLok2kJk5fBGdUn2WbDx7nGU-inrXa779&index=4>

Aula 5: <https://www.youtube.com/watch?v=F1B1ErkdmUw&list=PLok2kJk5fBGdUn2WbDx7nGU-inrXa779&index=5>

Aula 6: <https://www.youtube.com/watch?v=mOSILS75SKE&list=PLok2kJk5fBGdUn2WbDx7nGU-inrXa779&index=6>



Pedagogia do Encantamento Aula 03 - Cosmovisão - Uma Janela para o Encantamento



Pedagogia do Encantamento Aula 04 - Ideias em Ação



Pedagogia do Encantamento Aula 05 - Coleção de Encantamentos (Parte 01)



Pedagogia do Encantamento Aula 06 - Coleção de Encantamentos (Parte 2)

Figura 22 – Capturas de telas das Aulas 3, 4, 5 e 6 do *Curso Online Pedagogia do Encantamento*.

Fonte: Cia. Cultural [...] (2022).

Dois depoimentos de educadoras participantes desse projeto-piloto no segundo semestre de 2022 evidenciam as percepções da sua experiência:

Esse curso Pedagogia do Encantamento nós dá possibilidades para que possamos fazer, refazer, cantar, expressar, compartilhar e, sem sombra de dúvidas, semear sempre o melhor na vida das nossas crianças! Só tenho a agradecer por essa oportunidade em minha vida!

Dinair Ângela Santos Rodrigues

A arte é fundamental na formação do ser humano, trabalha o eu, a relação com o outro, desperta o olhar para si mesmo em comunhão com o outro, além de despertar para o aprender de forma prazerosa. Por isso, a necessidade do professor em se capacitar para levá-la à sala de aula.

Luciana Martins de Oliveira

No mês de abril de 2023, tem início a etapa de pré-produção das canções eleitas para produção musical, gravação, mixagem, masterização e lançamento do

álbum *Abraço no Planeta* (Abraço [...], 2023b) nas plataformas de *streaming* em 15 de dezembro de 2023, aniversário de 27 anos do EMCANTAR. As canções de uma jornada que já contava 11 anos, cujas ressonâncias ecoavam em outras ações e direções convergentes ao propósito maior de *encantamento do mundo*. Curiosamente, ainda no mês de abril, essas ecorressonâncias me conduziram à experiência de participar da *Oficina Mural do Clima*, na sede do Instituto Ipê, em Nazaré Paulista - SP. Foi quando soube deste mestrado onde vim parar para ecoar a *Ecologia do Encantamento*. Depois disso, em agosto de 2023, outra preciosa oportunidade me conduziu à expedição comemorativa aos 20 anos do barco Maíra, onde conheci outro pedaço da Amazônia guiado pela equipe do Ipê no Mosaico de Áreas Protegidas no baixo Rio Negro - AM.

Em outubro de 2023, vivenciamos uma experiência de oficinas de composição coletiva de canções com crianças e adolescentes de instituições sociais parceiras, em que o EMCANTAR realiza oficinas no contraturno escolar, na cidade de Uberlândia. Em parceria com o artista, pesquisador e compositor Enzo Banzo, ao lado dos arte-educadores André Salomão, Luciene Andrade e Kainã Bragiola, lideramos por algumas semanas um processo criativo de canções com a meninada. Das oficinas em 2023 para o estúdio e o palco em 2024, as crianças cantaram e gravaram suas composições produzidas musicalmente pelo EMCANTAR e lançadas nas plataformas de *streaming* em 26 de julho de 2024.

Foi um rico processo criativo no qual os temas, as palavras, os versos e as estrofes iam se constituindo em canções que refletiam o universo da infância em interação com a natureza e o mundo, dialogando espontaneamente em confluência com as temáticas do álbum *Abraço no Planeta* (Abraço [...], 2023b) (Figura 23), mas nascendo como um trabalho inédito e autoral, recheado pela cosmovisão da meninada: o álbum *O Desenho das Coisas do Mundo* (O Desenho [...], 2024) (Figura 24).



Figura 23 – Capa do álbum *Abraço no Planeta*¹³.
Fonte: Acervo EMCANTAR (2023).



Figura 24 – Capa do álbum *O Desenho das Coisas do Mundo*¹⁴.
Fonte: Acervo EMCANTAR (2024).

¹³ Link para o álbum *Abraço no Planeta* (Abraço [...], 2023b): https://youtube.com/playlist?list=OLAK5uy_Id9_1VgKDdETw_mOFwMw6Tiep8R09XDDI&si=q7hPZRly2REAI6GB.

¹⁴ Link para o álbum *O Desenho das Coisas do Mundo* (O Desenho [...], 2024): https://youtube.com/playlist?list=OLAK5uy_lyDydXOtDNO64OFdCZ4y7wTB3pH8ellRQ&si=Ym6DMVUoSh6PgJWw.

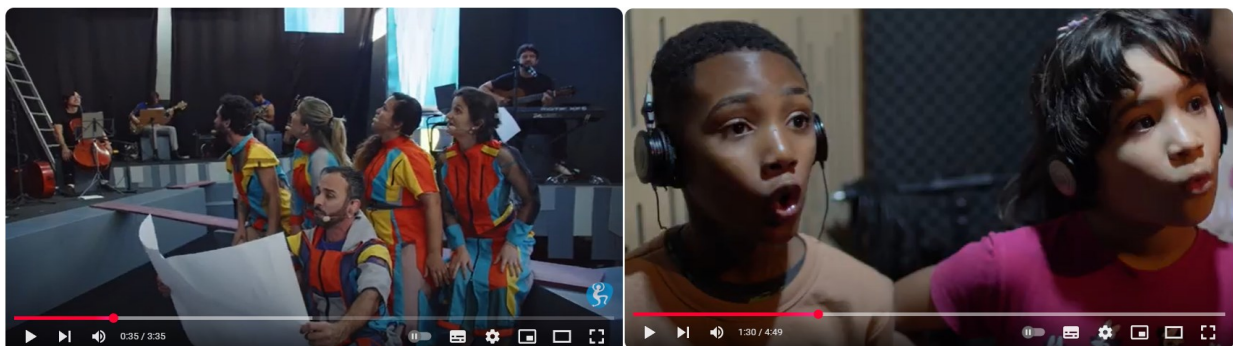


Figura 25 – Prints de telas: A) Espetáculo Musical *Abrço no Planeta*¹⁵ e B) Gravação do álbum *O Desenho das Coisas do Mundo*¹⁶.

Fonte: A: Espetáculo [...] Araguari (2024); B: Gravação [...] (2024).

18/06/24 – O espetáculo estreou em escola pública, foi para o Teatro Municipal e para instituições sociais periféricas das cidades mineiras de Uberlândia, Araguari e Uberaba (Figura 25). Trata-se de uma produção ousada do Grupo EMCANTAR que, a partir das canções do álbum, lançou-se numa cocriação arrojada e capaz de articular a execução musical ao vivo com a maior formação de instrumentistas da história do grupo, acompanhando um elenco de atores/cantores, totalizando 14 artistas tocando, cantando e contando uma história, cuja dramaturgia e direção foram conduzidas por Rafael Michalichem:

[...] pautando-se em textos como *A Carta da Terra*, o livro *A Terra Dá, a Terra Quer* de Antônio Bispo dos Santos e *Uma Ecologia Decolonial*, de Malcolm Ferdinand, o espetáculo traz um vislumbre lúdico para discussões contemporâneas sobre a nossa relação com o planeta em que vivemos e o nosso posicionamento dentro dele.

Um grupo de astronautas chega em um planeta desconhecido, e do contato entre o que existe e o que chega nasce uma dúvida: quem somos nós diante do mundo? Em busca de olhar o que há de mais bonito no planeta que habitamos, o espetáculo nos convida a olhar para o todo, para o outro, e para nós mesmos. Uma jornada que expande o conceito de ecologia e faz lembrar que somos nós também parte disso que chamamos natureza. E por isso mesmo, temos nosso lugar e nossas responsabilidades frente a tudo que há de bonito no mundo. – Trecho da sinopse do espetáculo *Abrço no Planeta* (Michalichem, 2024).

¹⁵ Link para o vídeo *Espetáculo Abrço no Planeta - Processo de Criação* (Espetáculo [...] Araguari, 2024): <https://www.youtube.com/watch?v=q4BMKjYBdQ0&t=24s>.

¹⁶ Link para o vídeo *Gravação do Álbum - O Desenho das Coisas do Mundo - 2024* (Gravação [...], 2024): <https://www.youtube.com/watch?v=Ut4YQbQgzBs&t=10s>.

A reflexão central da obra culmina no último diálogo, que diz: “*Ao invés de desenvolver, era preciso se envolver. E ver antes de agir.*” Uma afirmação que corrobora o pensamento de Antônio Bispo dos Santos e Ailton Krenak, provoca e convida o público a refletir sobre o significado e as consequências da ideia de desenvolvimento como sinônimo de progresso, enquanto também convida ao envolvimento pessoal, quando dirige as últimas palavras como uma pergunta para o público: “— *E você, viu?*”.

Sobre a ideia de desenvolvimento, Krenak também expressa uma frase semelhante no livro *A Vida não é Útil* (Krenak, 2020a, p. 24), quando afirma que “Temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver”. O mesmo autor, em *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (Krenak, 2020a), lança uma provocação pessoal, no sentido de sempre podermos contar mais uma história como prática capaz de adiar esse fim, como o *Abraço no Planeta* (Abraço [...], 2023b) buscou expressar, fazendo cantar, dançar e chover palavras e melodias como um gesto sincero de amor e celebração à vida.

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim (Krenak, 2020b, p. 26-27).

O *Abraço no Planeta* (Abraço [...], 2023b) é uma dessas histórias — recheada e em coro com tantas outras — que se propõem a adiar o fim do mundo a partir das possibilidades criativas e sensíveis que a arte e a cultura generosamente nos oferecem como formas de expressão e diálogo com o ser de cada pessoa, como declara uma espectadora sobre seu contato com a cosmovisão transmitida pela linguagem artística do EMCANTAR, após assistir ao espetáculo em Uberaba:

O Grupo EMCANTAR, eles têm, assim, uma visão do mundo e da vida, que aproxima as coisas das pessoas, né. E falar o que a gente tá

precisando hoje, que a gente tá precisando é de amor, é de reencontro, é de estar, né... E essa questão do abraço é muito importante a gente falar e lembrar porque no fim o que importa, né, é onde a gente tá, as pessoas que a gente gosta, e tudo aquilo que a gente aprende nessa caminhada (Espetáculo [...] Uberaba, 2024, 1min17seg).

Ao expressar sua percepção da cosmovisão despertada pelo espetáculo, a espectadora também reconhece o papel que a obra e a linguagem do grupo desempenham ao “falar e lembrar” os que se enveredam pelo “esquecimento do ser”¹⁷, o que importa no fim das contas: “[...] a gente tá precisando é de amor, é de reencontro, é de estar” (Espetáculo [...] Uberaba, 2024, 1min17seg).

Entre as derivações artístico-pedagógicas do projeto Abraço no Planeta, houve outra experiência baseada na *Pedagogia do Encantamento* (Querubim, 2020), conduzida pelos arte-educadores Kainã Bragiola e Matheus Neves na linguagem de artes visuais sobre as canções do álbum. O trabalho envolveu uma turma de crianças e jovens da Escola Municipal Mário da Silva Pereira, em Araguari, dando origem a uma série de desenhos, pinturas e três painéis que acompanharam a circulação regional do espetáculo.

Na Figura 26, *prints* dos vídeos da circulação com a estreia em Uberlândia, contendo a apresentação do trabalho de artes visuais; e o encerramento em Uberaba, contendo o depoimento supracitado. A passagem por Araguari se encontra em outro vídeo no canal do EMCANTAR Espetáculo [...] Araguari (2024).



Figura 26 – A) *Espetáculo Musical Abraço no Planeta - Melhores momentos em Uberlândia*¹⁸, *print* de tela do YouTube; B) *Espetáculo Musical Abraço no Planeta - Melhores momentos em Uberaba*¹⁹, com *print* de tela apresentando a espectadora mencionada no texto.

Fonte: A: Espetáculo [...] Uberlândia, (2024); B: Espetáculo [...] Uberaba, (2024).

¹⁷ Conforme Heidegger (Chauí, 1999).

¹⁸ *Link* para o vídeo de Uberlândia: <https://www.youtube.com/watch?v=XttZmMyf3Xs>.

¹⁹ *Link* para o vídeo de Uberaba: <https://www.youtube.com/watch?v=TeLDEsRL-bl&t=73s>.

Por fim, o espetáculo na íntegra²⁰, gravado no Teatro Sesi Uberaba, em 20/07/24 (Figura 27), para agora poder ser desfrutado pelo leitor, também como presente por mim ofertado, após essa longa viagem que viveu comigo até aqui, quando estou perto de encerrar mais um capítulo dessa jornada de desdobramentos do projeto *Abraço no Planeta*. O chamado do Seo Minino em 2012 para pedalar despretensiosamente completou duas voltas no planeta em 2024 e, para além da arte, da cultura e da educação, veio parar nesta dissertação, descortinando novos desdobramentos pelo devir da *Ecologia do Encantamento* e do *Guia Parte da Gente: por uma Ecologia do Encantamento*.



Figura 27 – Print de tela do *Espetáculo Abraço no Planeta – Íntegra em Uberaba – MG*.
Fonte: Abraço [...] Íntegra em Uberaba (2024).

Por motivos institucionais, essa primeira versão do espetáculo não está listada abertamente no canal. No entanto, não está restrita a ser compartilhada. Entre as pessoas que tiveram a oportunidade de assistir ao espetáculo nesse formato, a jornalista Cristiane Prizibsczki, que possui 20 anos de experiência na cobertura de temas como conservação, biodiversidade, política ambiental, mudanças climáticas, e

²⁰ Link para o espetáculo na íntegra: <https://www.youtube.com/watch?v=JzGoTYI2xCk>.

atua como colaboradora no jornalismo ambiental do *site* ((o))eco²¹, presenteou o EMCANTAR com seu depoimento²²:

O espetáculo *Abraço no Planeta* encanta do início ao fim. Com sua produção acurada, estética primaz e canções que reverberam na alma, a produção fala de um tema de extrema relevância para a atualidade - a importância do cuidado com o meio ambiente - de forma didática e clara, compreensível para públicos de todas as idades. Cada ato e cada canção é um chamado para o despertar da consciência individual sobre o impacto e o papel do espectador no planeta. Mas a mensagem não é fatalista, como costumam ser muitas das comunicações sobre a crise ambiental atual. O espetáculo, ao contrário, nos convida à ação e à mudança pessoal, na direção de um mundo mais sustentável. Não bastassem as mensagens tão relevantes que são transmitidas, o *Abraço no Planeta* finaliza de uma forma magistral, com a construção da "teia" entre os espectadores, coroando o chamado para a construção - que também é coletiva - de um mundo mais harmonioso e saudável, para todos os seres que nele habitam.

Nesse período de gloriosas colheitas, em agosto de 2024 houve o início de uma formação com educadores da rede pública na *Pedagogia do Encantamento*. Essa ação ocorreu dentro de um programa intitulado *Educador do Amanhã*, uma parceria envolvendo a Cia. Cultural EMCANTAR, o Instituto Algar, o Instituto Alair Martins e o Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz (CEMEPE), uma instituição pública vinculada à Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia.

A princípio, havia o intuito de trabalhar a temática socioambiental entre os conteúdos da formação, mas questões de macroambiente impactaram o cronograma do projeto, impedindo o seu desenvolvimento nessa direção, o que não comprometeu a qualidade dos resultados esperados, como pode ser constatado nos vídeos mencionados a seguir e na satisfação dos participantes com a experiência (Figura 28).

A esse respeito, além dos vídeos, o relatório final do projeto (Apêndice C) apresenta uma quantidade significativa de depoimentos e há uma análise crítica nas Considerações Finais, recomendando que a temática ambiental seja levada em conta entre os objetivos e a carga horária numa possível continuidade da formação, assim como nas próximas edições do projeto.

²¹ www.oeco.org.br.

²² Texto escrito pessoalmente para o Grupo EMCANTAR. Não publicado.



Figura 28 – A) *Print de tela da Mostra Artística - Educador do Amanhã 2024*²³;
 B) *Print de tela do documentário do processo*²⁴
Fonte: A: Mostra [...] (2025); B: Educador [...] (2025).

A recomendação foi aceita pelos parceiros institucionais, sendo considerada no planejamento da formação com a turma de continuidade em 2025, envolvendo a maior parte de educadores que participaram no ano anterior. Na dialética dos acontecimentos que conduzem esta pesquisa, esse fato veio enriquecer e coroar de modo significativo a proposta deste trabalho, pois foi possível realizar a Oficina como primeira aplicação do itinerário formativo proposto no *Guia Parte da Gente: por uma Ecologia do*

²³ Link para a *Mostra Artística* do projeto: <https://www.youtube.com/watch?v=ZCWd56kQno0>.

²⁴ Link para o documentário do processo: <https://www.youtube.com/watch?v=C-kPPZSOFn4>.

Encantamento, em tempo de seus resultados serem apresentados na finalização da pesquisa.

Uma composição de imagens que reúne acontecimentos relacionados à *Pedagogia do Encantamento* e à jornada do *Abraço no Planeta* (Figura 29) encerra este tópico.



Figura 29 - Composição de imagens que ilustram diferentes acontecimentos interrelacionados que consolidam a jornada epistêmica-ética-estética empreendida pelo autor, dando origem a uma abordagem dinâmica denominada Tríade do Envolvimento, que é base para o *Guia Parte da Gente: por uma Ecologia do Encantamento*, cujo itinerário foi vivenciado na *Oficina Ecologia do Encantamento*.

Fonte: Acervos EMCANTAR e do autor.

7 PRODUTO

7.1 A *Oficina Ecologia do Encantamento* e o *Guia Parte da Gente: por uma Ecologia do Encantamento*

A *Oficina Ecologia do Encantamento* aconteceu no dia 16/05/25, no terceiro módulo da turma de continuidade do projeto de formação na *Pedagogia do Encantamento*, envolvendo 29 pessoas ligadas profissionalmente às quatro instituições

parceiras que, juntas, estão cocriando e correalizando o programa *Educador do Amanhã - Uberlândia* (IAR, IAMAR, EMCANTAR e CEMEPE) em 2024 e 2025. Como canta a canção que simboliza a cultura da roda em toda a atuação do EMCANTAR: “*Na roda a gente se ajunta, se inventa e se reinventa...*” (A Roda, 2012a).

Atendendo à premissa de contato com o ambiente natural e um espaço para atividades em grupo, o local escolhido para a oficina foi o Parque do Sabiá, principal cartão-postal de Uberlândia, frequentado diariamente por pessoas de todas as idades que buscam atividades ao ar livre e proximidade com a natureza.

A oficina teve uma duração de quatro horas, tendo início às 07h15 com a turma reunida para a Saudação ao Sol – Surya Namaskara – postura do Yoga, como primeira prática coletiva, seguida de um café da manhã mesclado com frutas. A condução do evento foi realizada pela equipe de arte-educadores do EMCANTAR, que se revezou na liderança de momentos da oficina, conforme seus papéis em um roteiro recheado de experiências lúdicas, estéticas, epistêmicas e reflexivas, sempre arrematadas por rodas de conversa envolvendo todos os participantes. Da equipe do EMCANTAR, estiveram comigo na condução e no canto Ana Lopez e Mario Leonardo, Carlim Ribeiro (violão e voz) e Ricardo Campos na sonorização. Na Saudação ao Sol, a liderança voluntária de Ludmila Monteiro, que também participou da oficina.

O roteiro planejado é uma primeira materialização do guia (produto final) e parte do arcabouço teórico-prático do EMCANTAR aplicado à temática socioambiental, orientando a trilha do guia pelo exercício da Tríade do Envolvimento em vivências estéticas (Arte e Natureza), epistêmicas (Conhecimentos e Saberes) e éticas (Compromissos e Comportamentos).

O decorrer da oficina é constituído pelo dinamismo da Tríade do Envolvimento, que estabelece um ciclo didático e dialético entre cosmovisão e cosmoação. Com isso, tem o objetivo de contribuir para ampliar a visão de mundo dos participantes, levando-os a sentir, perceber e julgar, de modo objetivo e subjetivo, o que realmente importa à sua volta e requer um conjunto coerente de ações no mundo – pessoais, sociais, ambientais –, de acordo com sua cosmovisão em evolução.

Assim, de uma conjugação de canções, jogos, vídeos, textos, imagens, palavras, afecções, afetos e reflexões, a oficina é um chamado ao esclarecimento, à

corresponsabilização e ao compromisso com a mudança necessária, começando pela clareza sobre o rastro da pegada ambiental de todos nós até aqui e das ações de cada um daqui em diante, segundo a compreensão das principais ameaças ao equilíbrio da vida e dos ecossistemas terrestres.

O roteiro da oficina inicia com a expansão da cosmovisão que esculpe a mentalidade e se materializa em cosmoação. Como, por exemplo, começar sentindo e reverenciando o Sol, o ar que respiramos, a vida que está em nós e a consciência de sermos seres individuais, literalmente constituídos de poeira das estrelas e dividindo o planeta com outros milhões de seres vivos importantes para o equilíbrio dos ecossistemas. E depois, arrematar cantando juntos “*Um pinguinho de gente a viajar, num grãozinho de areia a flutuar...*” (Um pinguinho [...], 2023). Em seguida, assistir a um vídeo científico, didático e poético sobre funcionamentos do mundo, concluindo uma primeira prosa com uma roda de conversa e assim por diante.

Considerando o exposto, a oficina, que é uma aplicação do roteiro do guia, foi/é uma proposta e uma tentativa, refletida e planejada, de verificar em que medida essa abordagem contribui para **despertar o sentido de pertencimento à comunidade planetária e o exercício de uma ética biofílica por meio de uma *Ecologia do Encantamento***. Para aferir a sua aplicabilidade, os participantes foram convidados a responder a um questionário de avaliação que possibilitou coletar suas percepções sobre encantamento, conteúdos científicos, saberes ancestrais e canções, ecologia, antropoceno, desenvolvimento sustentável, valores e ética, senso de pertencimento e de autorresponsabilização etc.

Imagens da Figura 30 ilustram momento da oficina.



Figura 30 - Imagens da *Oficina Ecologia do Encantamento* – Parque do Sabiá – 16 maio 2025.
Fonte: Acervo do EMCANTAR. Fotos: Gabriel Rangel.

A seguir, desenvolvo uma análise dos principais resultados a partir do questionário aplicado aos 29 participantes após a formação. A avaliação procura analisar, sintetizar e destacar aspectos das questões abertas, fechadas, assim como

dos comentários respondidos pelos participantes da oficina. Tais resultados decorrem, portanto, de uma experiência concreta que buscou aplicar, testar e refinar o itinerário para a materialização do *Guia Parte da Gente: por uma Ecologia do Encantamento* como produto desta dissertação (Apêndice D). Sendo assim, os parágrafos seguintes apresentam considerações sobre a avaliação dos participantes.

Quando perguntado aos participantes se a carga horária foi suficiente para dar início a um processo de educação socioambiental, a maioria, 89,7%, acredita que sim, enquanto 10,3% acreditam que parcialmente. Muitos ressaltaram a necessidade de continuidade e aprofundamento. Ainda assim, houve reconhecimento da eficiência do tempo utilizado, com atividades variadas e impactantes, como a combinação de teoria, prática e vivências que tornaram o tempo produtivo e relevante. Se, por um lado, a experiência no Parque do Sabiá contribuiu significativamente para a percepção de suficiência do tempo, por outro lado, o impacto emocional e reflexivo foi considerado mais importante do que a duração em si.

Além disso, da análise de conteúdo dos comentários, também podem-se observar os seguintes aspectos:

- a oficina serviu como um catalisador, despertando o desejo de mais aprendizado e ação; no entanto, para iniciantes, pode ser necessário mais tempo para engajamento;
- a necessidade de acompanhamento e continuidade foi enfatizada para efetivar a educação socioambiental;
- alguns participantes sentiram falta de exemplos práticos e ações diretas no ambiente do parque para maior impacto.

A seguir, alguns comentários na íntegra demonstram os aspectos sintetizados na análise:

“A oficina é dividida por etapas e foi sensivelmente planejada para nos emocionar e nos impactar. Gostei do tempo porque fica um gostinho de quero mais.”

“A abordagem conseguiu condensar, a meu ver, a principal necessidade de um primeiro encontro sobre essa temática: sensibilizar por meio do

conhecimento científico, da arte e da afetividade, promovendo um sentimento de pertencimento entre os participantes.”

“A Oficina foi maravilhosa! Dinâmica, reflexiva e emocionante. O contato com a natureza do Parque do Sabiá foi imprescindível para tornar a oficina ainda mais significativa e inesquecível. As propostas de Yoga ao ar livre, saudando o sol, a teia de fitas, o lanche ao som de um lindo Sarau, os vídeos e as rodas de conversa, até mesmo a dinâmica de concentração, todos os momentos.”

Quanto à promoção do encantamento, duas perguntas foram dirigidas em sentidos distintos, sendo o primeiro relativo à forma de condução da oficina. Nesse caso, houve unanimidade no encantamento dos participantes com a condução da oficina, com destaques para a gentileza, a atenção e o carinho, a preparação cuidadosa do evento e a forma leve e clara como os temas foram abordados, tudo isso gerando encantamento e um forte senso de acolhimento.

Elementos como música, dinâmicas e o ambiente natural foram cruciais para a qualidade da experiência, assim como a combinação entre arte, movimento físico e natureza foi altamente eficaz e potencializou o bem-estar e a abertura para as vivências.

A análise dos comentários também favorece a percepção de que:

- a experiência foi mais do que informativa, tornando-se uma memória afetiva para muitos;
- a alternância entre momentos teóricos e práticos manteve o interesse e a atenção dos participantes;
- o acolhimento da essência humana, para além do papel de educadores, foi um diferencial marcante.

Os comentários a seguir, selecionados na íntegra, evidenciam vários dos aspectos analisados:

“Fico encantada com a gentileza, o carinho, o cuidado de como tudo é preparado para nos receber. Com a clareza e leveza na condução dos assuntos e acima de tudo na demonstração daquilo que se acredita, que se vivencia, nos fala e mostra com propriedade a percepção da realidade, nos motiva às mudanças também.”

“Desde o início, a música como forma de abrir o encontro, preparando para tudo que viria; a forma como foi levantado cada tópico, os vídeos e as dinâmicas práticas nos mantinham ‘presos’ ao tema, sem distrações. Em cada momento um encantamento diferente.”

“O que gostaria de destacar — não apenas desta oficina, mas de todos os encontros dos quais participei no EMCANTAR como professora — é a forma como somos acolhidos em nossa essência, como seres humanos, e não apenas em nosso papel de educadores. Há um olhar afetivo voltado às pessoas, que transforma os encontros em espaços de reconhecimento mútuo, onde nos enxergamos como amigos, como partes de um todo. Brincamos, cantamos, dançamos... é como se, por instantes, pudéssemos voltar a ser crianças.”

A segunda pergunta relativa à promoção do encantamento na Oficina foi sobre o quanto os conteúdos científicos e os saberes ancestrais compartilhados foram capazes de despertar encantamento. Nesse sentido, a maioria, 93,1%, encantou-se com a combinação entre ciência e saberes ancestrais, vendo-os como complementares e importantes para a compreensão da natureza e do nosso papel nela. O conhecimento ancestral foi valorizado como uma forma de conexão com a origem e com outras culturas, assim como a ciência foi vista como essencial para ampliar o conhecimento e gerar atitudes mais sábias. Desse modo, a interação entre saberes ancestrais e conteúdos científicos foi percebida como essencial no processo de transformação ambiental.

Entre os conteúdos analisados, ainda foi possível perceber que:

- mesmo com o encantamento pelos novos conhecimentos, alguns participantes expressaram tristeza ao confrontar a destruição do planeta;
- a forma como os conteúdos foram apresentados [vídeos, textos] facilitou a compreensão e o interesse;
- a oportunidade de compartilhar os conteúdos com outros, como alunos, foi valorizada, assim como houve reconhecimento da importância de adaptar a linguagem para alcançar mais pessoas e contextos culturais.

Dentre os comentários sobre o encantamento com tais conteúdos, alguns destaques relevantes para a análise:

“Sim, me causou muito encantamento! Ter acesso aos conteúdos científicos junto aos saberes ancestrais, especialmente voltados para as

questões socioambientais, foi uma experiência profundamente tocante. Tenho pesquisado sobre saberes ancestrais a partir de movimentos que valorizam a oralidade, e ver esse conhecimento sendo integrado de forma tão sensível e respeitosa foi simplesmente magnífico. Foi como um morrer e renascer, abrindo caminhos para novas formas de cuidar das "águas de dentro". Acredito que, ao desenvolver essa consciência interna, posso olhar o mundo com mais sensibilidade e responsabilidade, cultivando um cuidado verdadeiro com a nossa Mãe Terra."

"Eu gostei por já ter comigo esse olhar mais sensível e colaborativo no mundo, mas sei que trabalhar isso com pessoas que estão imersas no automatismo cotidiano e cansadas das condições materiais da vida (no caso trabalho com formação de professores) é um desafio maior ainda e que por vezes acarreta um desânimo pessoal e profissional. Por isso essas oficinas são tão essenciais para nos trazer novamente para o propósito profissional, nesse lugar que agora ocupo, enquanto formadora de toda uma rede de ensino."

"O conhecimento é importantíssimo, e o que foi exposto nos textos, vídeos... fez muito sentido. Começando pela passagem da cosmovisão à cosmoação! Não basta ter o conhecimento, é preciso ter a ação!"

Quando perguntados se, a partir da experiência da oficina, as canções podem ser estratégias artístico-pedagógicas eficientes para estimular a sensibilidade e o envolvimento no processo de educação socioambiental, quase todos os participantes (96,6%) concordaram, destacando a sensibilidade e o envolvimento que elas proporcionam.

As letras e melodias, especialmente as canções trabalhadas, foram consideradas importantes para a reflexão e a conscientização, proporcionando uma sensação de cuidado e abertura para a experiência. Além disso, as canções menos divulgadas e mais profundas foram particularmente valorizadas.

Outros aspectos evidenciados na análise:

- a música é vista como uma linguagem universal que pode gerar sentimentos e ensinamentos, constituindo-se como uma ponte para temas complexos e tornando-os mais leves e acessíveis, além de proporcionar uma conexão sensorial com o ambiente natural, à medida que aflora a sensibilidade;
- a música pode envolver tanto como ouvinte quanto como agente, tornando a experiência coletiva.

Os comentários selecionados expressam aspectos sensíveis da subjetividade dos participantes:

“Na Oficina, senti como a música tocou o corpo e o coração, ajudando a me conectar de um jeito mais profundo com a proposta da manhã. As canções despertaram sentimentos, lembranças e reflexões que me fizeram querer aprofundar nas questões socioambientais. Foi uma forma leve, mas muito forte, de aprender e se conectar com a natureza e com as outras pessoas. Quando falo conectar com a natureza falo da natureza nós.”

“Pela experiência da oficina, deu pra perceber como as canções tocam as pessoas de um jeito especial. Elas despertam emoções, criam conexões e deixam o processo de aprendizagem mais leve e envolvente. É uma forma muito potente de trabalhar a educação socioambiental.”

“Destaco a importância delas poderem envolver os participantes enquanto público que as recebe e também enquanto agentes que fazem elas acontecerem no momento do encontro, tornando possível o envolvimento da comunidade formadas naquele momento, em direção a uma ação coletiva.”

Sobre a percepção dos grandes problemas mundiais que caracterizam a crise ambiental pela qual o planeta passa, todos os participantes relataram que a oficina despertou ou reavivou sua consciência, destacando a gravidade da situação e a urgência de novas atitudes. A leitura e a análise dos comentários demonstram que:

- a oficina trouxe à tona a responsabilidade ética individual perante a crise ambiental;
- houve um reconhecimento da necessidade de agir além do conforto habitual e do automático;
- a experiência incentivou a discussão sobre o tema com familiares e amigos, ampliando o impacto;
- a atualização e a ampliação das possibilidades de ação como educadores foram valorizadas;
- a pausa na rotina proporcionada pela oficina permitiu uma compreensão mais profunda da crise;

- a apresentação de dados científicos e vídeos impactantes reforçou a necessidade de ação;
- a forma leve e compreensível como a crise foi abordada facilitou a assimilação e a reflexão.

Além do reconhecimento da abordagem leve e didática, alguns comentários expressam aspectos que dialogam com os conceitos de “esquecimento do ser” e “existência inautêntica” em Heidegger (Chauí, 1999):

“Fiquei pensando, como vivemos de forma alienada. Sabemos dos problemas, sabemos que há urgência em mudarmos os ‘hábitos - mal hábitos’ e vamos vivendo. Sem parar e olhar, e movimentar para que as mudanças venham.”

“Reavivou e trouxe a necessidade de não só manter ligado o sinal de alerta, mas a necessidade de agir para além do conforto habitual.”

“Sim e de uma forma que não trouxe aversão, já que foi muito bem conduzido e apresentado de uma forma mais ‘leve’ e de fácil compreensão.”

“São muitos elementos de potência: material audiovisual e textual denso, arte e escuta atenta.”

A respeito da consciência sobre o impacto das ações humanas no equilíbrio do planeta, quase todos os participantes, 96,6%, sentiram que a oficina ampliou seu conhecimento e sua compreensão, especialmente através dos dados e vídeos apresentados com clareza e profundidade. Corroborando a estratégia das micropolíticas da ecosofia de Félix Guattari em *As Três Ecologias* (Guattari, 2012), a atualidade dos conteúdos contribuiu para a compreensão da urgência da situação e do reconhecimento de que pequenas ações consistentes podem ter um grande impacto. Além disso, a análise dos comentários permite observar que:

- a oficina conjugou o despertar para a necessidade de repensar atitudes com a esperança ativa de buscar alternativas mais sustentáveis através de ações de melhoria e educação ambiental;
- alguns participantes sentiram que o impacto maior vem das ações corporativas, mas reconheceram a importância individual;

- a noção de pertencimento à natureza foi reforçada, levando a uma maior responsabilidade.

Os comentários a seguir evidenciam o impacto da oficina nessa ampliação do conhecimento e da compreensão dos participantes:

“Sim, a Oficina ampliou muito meu conhecimento e minha compreensão sobre o impacto das ações humanas no equilíbrio do planeta. Através das reflexões, consegui perceber com mais clareza como nossas escolhas do dia a dia afetam o meio ambiente e como é urgente repensar nossos hábitos para cuidar melhor da Terra.”

“Não imaginava que estávamos tão à beira do abismo caótico da destruição planetária. Imaginava que estava ruim por sentir no dia a dia ao longo das estações do ano as consequências das mudanças climáticas, porém não imaginava que estamos quase atingindo um ponto irreversível de destruição do planeta e da própria espécie humana.”

Quando perguntados sobre o quanto a oficina despertou seu senso de pertencimento, de amor à vida e de participação na comunidade da vida terrestre, a maioria, 89,7%, respondeu que sim, enquanto 10,3%, parcialmente. Na análise dos comentários foi possível objetivar os seguintes destaques:

- a oficina reforçou a importância do cuidado com o planeta e com todas as formas de vida;
- houve uma sensibilização para o fato de que somos parte de um todo interligado;
- a experiência motivou a retomada da atenção aos outros e ao meio ambiente;
- a didática da oficina, com informações científicas e contato com a natureza, despertou a corresponsabilidade;
- a visão de que somos todos "bichos/animais" e que precisamos consumir o necessário foi levantada;
- a expressividade e a consciência corporal foram adicionadas ao cotidiano de muitos participantes;
- a necessidade de ações práticas e cotidianas foi mencionada para fortalecer esse senso de pertencimento.

Os comentários selecionados a seguir evidenciam alguns dos aspectos analisados:

“Saber que sou parte, que pertenço a tudo que me rodeia, me faz ter mais consciência nas ações.”

“A construção dos processos da oficina (didática) com as informações científicas mostradas em vídeos, somados ao despertar da sensibilidade pelo contato com a natureza e a musicalização no evento, despertou meu envolvimento e corresponsabilidade para com as questões da vida na minha comunidade e com o planeta.”

“Foi um momento de reconexão comigo mesma, com a natureza e com tudo que nos cerca. As vivências e reflexões me fizeram lembrar que somos parte de algo muito maior, e que cada gesto conta. Saí com o coração mais aberto e com ainda mais vontade de cuidar da vida em todas as suas formas.”

Sobre o quanto a oficina despertou o senso de responsabilidade a respeito do impacto individual das ações cotidianas no território, a grande maioria, 93,1%, sentiu esse aumento de responsabilidade e reconheceu o impacto. Houve uma compreensão clara de que tudo está interligado e que as ações individuais têm impacto coletivo. Muitas percepções puderam ser objetivadas e sintetizadas na análise dos comentários, como:

- a necessidade de repensar o consumo e buscar alternativas mais sustentáveis;
- o incentivo dado pela oficina à disseminação da consciência ecológica para familiares, amigos e alunos;
- a importância de consumir de forma adequada e suficiente, assim como dar o exemplo para as futuras gerações;
- a percepção de que as ações individuais, mesmo pequenas, somadas fazem uma grande diferença;
- o reconhecimento da importância de levar a discussão sobre a crise ambiental para outros espaços, como a família e o trabalho;
- alguns participantes sentiram a necessidade de se informar mais sobre práticas sustentáveis e alternativas de consumo;

- a oficina serviu como um lembrete de que a responsabilidade ambiental é uma prática diária e contínua, despertando desejos de participação ativa em iniciativas e projetos de preservação ambiental na comunidade.

Alguns comentários demonstram o reconhecimento dos participantes sobre seu senso de responsabilidade:

“Sim. Através de projetos para dar continuidade à educação ambiental e também para ajudar a conscientizar os alunos, minha casa, para que possamos ter mais coleta seletiva, menos consumismo, e uma vida para melhorar o nosso bem-estar e a vida no nosso planeta.”

“A oficina me lembrou que o tempo todo consumimos, e não é pouco. Se levarmos a sério o que foi apresentado sobre todos os ‘Rs’, o impacto da nossa intervenção na Terra pode ser um pouco minimizado.”

“Porque é uma revolução dentro, sobretudo.”

Quanto à dimensão ética trabalhada na oficina, a grande maioria, 89,7% dos participantes, sentiu a necessidade de mudar ou aperfeiçoar hábitos e comportamentos após a experiência, enquanto 10,3% responderam que parcialmente.

Na análise dos comentários, pôde-se constatar que houve um reconhecimento da importância e da necessidade de repensar hábitos de consumo e evitar o desperdício, melhorar a separação do lixo e a reciclagem em casa, reduzir o consumo de carne e buscar alternativas mais sustentáveis na alimentação. Além disso, vários participantes expressaram o desejo de se engajar mais em atividades físicas e de contato com a natureza; dedicar mais tempo para a reflexão e o autocuidado; buscar mais informações sobre práticas sustentáveis e alternativas de consumo; conscientizar outras pessoas, como familiares e alunos, sobre a importância da preservação ambiental.

Os dois comentários a seguir expressam perspectivas que também podem ser associadas como contrapontos aos conceitos de Heidegger sobre o “esquecimento do ser” e a “existência inautêntica”, uma vez que ambas as falas refletem o “ser” sendo lembrado e chamado a uma “existência autêntica” (Chauí, 1999). No segundo comentário, há ainda uma outra perspectiva relevante para a avaliação: o

reconhecimento da **Comunidade de Sentido** — aspecto essencial da *Pedagogia do Encantamento* — como “mecanismo de nutrição individual”.

“Preciso melhorar ainda mais minha alimentação, tomar mais água, beber menos café, destinar momentos para uma busca interior de sentidos ou simplesmente apenas respirar, voltar a fazer atividade física, separar um tempo para destinar aos outros, às relações, posso melhorar minha separação de lixo doméstico, repensar sobre o que comprar, dar menos importância a questões fúteis... valorizar ainda mais os momentos de qualidade com minha família...”

“Provoca com certeza, mas a dinâmica da vida que nos é posta pode fatalmente deixar essa provocação ser silenciada de novo. Por isso, acredito no movimento da Comunidade de Sentido, que traz frequentemente nos encontros marcados outros hábitos e outras formas como **mecanismo de nutrição individual** e nos possibilita conviver com pessoas que ressoam esses outros hábitos, com isso compartilha e colabora com a mudança de posturas e hábitos equivocados” (Grifo nosso).

Quando perguntados sobre sugestões de melhoria para o aperfeiçoamento da oficina, as respostas foram variadas, desde a ampliação do tempo de execução para aprofundamento nos temas até a inclusão de mais atividades práticas e visitas a instituições que trabalham com as temáticas ambientais. Alguns participantes sugeriram a inclusão de mais práticas e vivências no ambiente do parque. Entre os aspectos analisados, ainda se destacam:

- a ideia de convidar pessoas impactadas positivamente por ações socioambientais;
- sugestões para diminuir a quantidade de vídeos e textos e dar mais tempo para a discussão e reflexão;
- a importância de realizar a oficina em um ambiente livre de ruídos e interrupções;
- alguns participantes sugeriram a criação de um registro de boas ações para a preservação do meio ambiente.

Os comentários demonstram interesse e envolvimento dos participantes com as sugestões de ampliação de carga horária para maiores aprofundamentos e mais vivências, assim como na instigação para irmos juntos e além da oficina:

“A sugestão seria uma imersão de um dia todo, deu vontade de ficar mais tempo.”

“Acho que o único ponto seria mais tempo de oficina, a prosa foi boa demais em tempo reduzido.”

“Acredito que as pessoas precisam entender o sentido e o propósito, se sentir pertencentes e responsáveis, com direcionamentos mais práticos para essa mudança efetiva. Trouxemos o impacto e o incômodo, precisamos agora direcionar em um ‘vamos juntos!’. Imagina que mágico as pessoas se reunindo em um café da tarde qualquer pensando em como fazer diferente e pensando em como ela pode impactar mais pessoas, mudar no seu cotidiano e pensar diferente com foco no cuidado do meio ambiente e ‘saúde’ do planeta.”

Os depoimentos dos participantes sobre a sua experiência na Oficina foram, de modo geral, muito positivos e emocionados, destacando o impacto da Oficina em suas vidas e a importância de dar continuidade ao trabalho de educação ambiental. Muitos expressaram gratidão pela oportunidade de participar e pelo aprendizado adquirido. Houve relatos de mudanças de hábitos e comportamentos após o evento, bem como o desejo de se engajar mais em ações de preservação ambiental.

Para encerrar a análise de conteúdo da avaliação aplicada após a *Oficina Ecologia do Encantamento*, alguns depoimentos expressam aspectos relativos às três dimensões da Tríade do Envolvimento (estética, epistêmica e ética) e ao encantamento como dimensão ontológica e fenomenológica, capaz de afetar e atravessar o ser na intencionalidade de cada pessoa: quem se encanta, encanta-se com algo ou alguém:

“Tudo e todos estamos conectados assim como a belíssima teia. É preciso pensar no reflexo de nossas ações e também da falta delas, e como impactam nas relações e no planeta... o belo captado pelas lentes da retina e pela audição ficarão para sempre guardados com carinho e gratidão!”

“Minha experiência na oficina superou minhas expectativas em relação ao conhecimento que não fazia parte do meu repertório. Sempre ouço falar temos que cuidar do planeta, mas hoje compreendi o porquê realmente temos que cuidar do planeta, e compreender que vivemos

num ciclo de vida, onde somos todos responsáveis uns pelos outros, me fez querer fazer a diferença naquilo que me é possível.”

“O lugar foi extremamente importante. O céu azul, o sol, a lua ainda visível, as árvores, o vento... a possibilidade de estar.”

“Para mim faz muito sentido estar perto de pessoas que comungam de percepções do mundo, do outro, do trabalho colaborativo, do humano, do coletivo e do social a qual eu comungo e me inspiro. Acreditar no potencial humano das crianças e de quem luta incansavelmente nesse lugar de fala de formador de professores, os quais lidam diretamente com essas crianças, traz outro significado a minha carreira enquanto professora formadora na educação infantil.”

“Gostaria de dizer que foi uma experiência incrível e muito enriquecedora sobre o tema, me tirando totalmente da caixinha do olhar científico e me mostrando que podemos ensinar temas tão complexos de uma forma artístico-pedagógica (amei isso). Isso trouxe muito mais proximidade com o público apresentando de forma criativa que acredito trazer mais liberdade de pensar sem um formato tão totalmente definido. A ciência deve entender que precisamos adaptar nossa linguagem para alcançar mais pessoas e informá-las de forma clara e acolhedora.”

“O encontro propiciou um conúbio de forças: conhecimento, reflexão, inspiração, contemplação e convite à ação.”

A imagem dos participantes ao final da oficina (Figura 31) apresenta uma pequena amostra do Parque do Sabiá, em Uberlândia.



Figura 31 - Registro dos participantes da oficina, após a atividade de encerramento.
Fonte: Acervo EMCANTAR. Foto: Gabriel Rangel (2025).

O itinerário formativo da oficina e a proposta do guia têm uma mesma estruturação, que divide o percurso em duas partes: da cosmovisão à cosmoação, conforme Figura 32.

A Trilha da Ecologia do Encantamento

Parte I - COSMOVISÃO

Boas vindas e Convite pra começar: Saudação ao Sol (Surya Namaskar) / Poeira das Estrelas e Três Ecologias

Piquenique com Canção (EMCANTAR): Um Pinguinho de Gente / Parte da Gente / Leilão de Jardim

Jogo de Cooperação: Equilíbrio dos Bastões (em roda)

Vídeo: A Natureza está Falando (Conexão Aula Inaug. / Relat. Final)

Canção: Cantauê

Vídeo: A Serpente e a Canoa (Flecha 1 - Ciclo Selvagem - Krenak)

Roda de Conversa: COSMOVISÃO - Pontos de Visão

Vídeo: Cosmovisão - Uma Janela para o Encantamento (Pedagogia do Encantamento)

Slides: Ecologia do Encantamento

(Intervalo)

Parte II - COSMOAÇÃO

Canção: Bota Reparo Nisso

Vídeo: Os 9 limites da Terra

Roda de Conversa: COSMOAÇÃO - Caminhos de ReAção

Textos: O que é Ecologia? e Fé na Vida e Mãos à Obra! (Boff / Scarano)

Coroamento em Roda: Teia de Gaia

Texto: A Idade Ecozóico-Espiritual (Boff) e Canções: Somos a Terra e Abraço no Planeta

Palavras Finais, Escrita em Cadernos de Percurso e Formulário de Avaliação

Triade do Envolvimento

Figura 32 - Resumo do roteiro da *Oficina Ecologia do Encantamento* em tópicos.
Fonte: Material de apoio à oficina (acervo EMCANTAR).

Essa estrutura representa uma abordagem que parte de uma visão ampla e objetiva do mundo, mesclando conhecimentos, saberes e vivências por meio de linguagens artísticas e estratégias diversificadas. Com isso, pretendem-se cultivar reflexões e compreensões capazes de favorecer aos participantes a sua própria localização existencial na realidade objetiva desse mundo.

Assim, o percurso formativo se desenvolve pela dinâmica da Tríade do Envolvimento, cuja abordagem sensível busca acessar e promover esse envolvimento conjugando três dimensões de experiências subjetivas: a estética, por meio da arte e do contato com a natureza; a epistêmica, pelo acesso ao conhecimento, seja de ordem científica, seja de sabedoria ancestral; e a ética, pelo esclarecimento e a tomada de consciência que podem inspirar comportamentos em nível pessoal, social e ambiental [três ecologias]. É essa abordagem que, segundo o reconhecimento dos próprios participantes, torna a experiência da oficina leve, atrativa, encantadora, informativa, esclarecedora e inspiradora de mudanças que só podem começar de dentro para fora.

O itinerário proposto nessa experiência-piloto da oficina e do guia teve o intuito de promover uma visão ampla do macroambiente para informar, esclarecer e provocar os participantes a se localizarem no contexto de sua cidadania planetária e avaliarem o quanto se aproximam de uma ética biofílica nas suas respectivas realidades. Entretanto, mantendo-se a estrutura do itinerário [da cosmovisão à cosmoação] e a abordagem da Tríade do Envolvimento, novos ciclos temáticos podem ser planejados, tanto para formações pontuais, como para formações continuadas. Nesse sentido, os conteúdos podem preencher a estrutura da trilha da *Ecologia do Encantamento* com a escolha de ambientes naturais oportunos à interação e à contemplação, canções, textos, vídeos e práticas pedagógicas que correspondam a temáticas específicas como, por exemplo, ciclo da água, uso do solo, poluição atmosférica, biodiversidade, oceanos, serviços ecossistêmicos, alimentação, resíduos, mudanças climáticas etc.

Se na experiência pedagógica do EMCANTAR prevalecia como cosmoação a prática dos 5Rs – Repensar, Recusar, Reduzir, Reutilizar e Reciclar – associada às Três Ecologias como caminho para o exercício individual e coletivo de possibilidades de ação socioambiental, na *Ecologia do Encantamento* – Oficina e Guia – esse conjunto de “Rs” se expande em abrangência e profundidade, com possibilidades

(bio)diversas que se materializam como Caminhos de (Re)Ação para cada pessoa. Uma cosmoação baseada no conceito de **regeneração**, como define o ecólogo e divulgador científico Fabio Scarano em *Regenerantes de Gaia*:

A regeneração de Gaia – o planeta Terra – envolve cicatrizar a fratura que existe entre as diferentes formas de interpretar a realidade. Requer a criação de uma pele de ideias e intenções capaz de conectar essas visões de mundo que foram reduzidas a módulos, partes separadas cristalizadas em rochas brilhantes, mas que são duras e inflexíveis [...]. Paralelamente, a regeneração de Gaia passa por curar com vida e não vida a terra, as águas e o mar que nós, humanos, infectamos com os dejetos produzidos pelo nosso vazio espiritual. Implica plantar, limpar, cuidar. A cura se dá pelo amor. Amor a si mesmo, amor ao próximo, amor à natureza — sem hierarquia, como ensinavam e ensinam os povos ancestrais mundo afora. E o amor se nutre na fonte do tempo (Scarano, 2019, p. 11).

Assim, à medida que cada pessoa se propõe a **refletir**, **repensar** e **rever-se**,

Para reagir, nos movendo para a frente, se faz necessário um sacrifício pessoal. Há que se abrir mão de vaidades, amarras e apegos para abraçar o senso de missão que leva à transformação. [...] Sacrifício requer fé no porvir e gera o milagre. O mesmo milagre que originou e origina todo dia a vida na Terra. O mesmo milagre que faz com que ela se autorregenere [...]. A humanidade precisa de um milagre já que, de acordo com a ciência, necessitamos mudar nossos padrões de consumo até 2030 para o planeta chegar mais sadio em 2050 (Scarano, 2019, p. 13).

Portanto, trata-se de uma Regeneração como conceito de cura – pessoal, social, ambiental – e de cicatrização de todas as camadas possíveis de atuação do(s) sujeito(s), em nível mental, emocional, físico, espiritual, existencial etc. Uma regeneração que é reflexo e resultado de uma prática sensível do amor incondicional que a própria Terra nos ensina com o equilíbrio dos ecossistemas e o provimento da vida. Na prática, uma regeneração cujos Caminhos de (Re)Ação podem ser derivados e praticados por qualquer pessoa segundo a sua reação na realidade e nas condições em que se encontra, podendo partir dos 5Rs convencionais e se desdobrar em muitos mais, como Refletir, Repensar, Rever, Reagir, Recusar, Resistir, Reduzir, Reutilizar, Reciclar, Reconhecer, Restaurar, Reflorestar, Reconectar, Recriar, Reorganizar, Reconciliar, Revolucionar, Repercutir, Reverenciar, Regenerar, Responsabilizar-se...

Embora o guia e a oficina tenham sido idealizados como caminhos pedagógicos potencialmente capazes de favorecer processos coletivos de educação socioambiental, nada impede que o percurso do guia possa ser trilhado individualmente. Para isso, basta a vontade e a disposição para Reagir e seguir a trilha na fruição do caminho apontado: ouvir as canções, assistir aos vídeos, ler os textos, entrar em contato com as paisagens e o ambiente natural, refletir, repensar-se no mundo e se aprofundar, enfim, fazer jus ao título do guia que, não por acaso, foi inspirado na canção *Parte da Gente* (Parte [...], 2003), cujo título carrega o duplo sentido de uma atitude que parte da gente porque a gente se sente parte da vida e do mundo.

Mediante o exposto e a análise da avaliação da oficina, as respostas dos participantes validaram a aplicabilidade da proposta. Com isso, consideramos alcançar um dos objetivos específicos desta pesquisa, que se materializa como um produto educacional em formato de guia para uma prática pedagógica de baixo custo, fácil acesso e ampla aplicabilidade, que sensibiliza pelo encantamento com a arte e a natureza, instrui pelo conhecimento científico e os saberes ancestrais e transforma pelo comportamento. Nesse sentido, esta pesquisa se torna ainda mais relevante ao oferecer, por meio de seu produto, uma estratégia pedagógica capaz de também corresponder em plasticidade e abrangência aos currículos de educação ambiental nas escolas e redes de ensino públicas e privadas de todo o País.



Figura 33 – *Print de tela com momentos da Oficina Ecologia do Encantamento.*
Fonte: Oficina [...] (2025).

Para aqueles que se sentirem impelidos a conhecer e a vivenciar essa proposta, o **Guia Parte da Gente: por uma Ecologia do Encantamento** encontra-se na íntegra no **Apêndice D** desta pesquisa e no **site do EMCANTAR para download gratuito** (Figura 34).



Figura 34 – Print da tela do site do Grupo EMCANTAR, com a imagem do *Guia Parte da Gente* disponível para *download* gratuito, pelo link <https://www.emcantar.org/guia-parte-da-gente>.
Fonte: EMCANTAR (2025).

E, para encerrar este capítulo com um pouco mais de encantamento, convido o leitor a assistir ao último vídeo apresentado nesta dissertação: um breve registro da *Oficina Ecologia do Encantamento*²⁵.

Passemos às Considerações Finais.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Ecologia do Encantamento* é fruto e é semente. Como fruto, carrega uma identidade e representa uma jornada ecologista de quase três décadas de intensas e extensas **relações** pessoais, interpessoais e institucionais, **interações** multidisciplinares, sociais e com o ambiente natural, tudo isso expresso em **movimentação** estética, pedagógica, epistêmica, afetiva e cultural no subtítulo desta pesquisa: *de canções com crianças ao abraço no planeta*.

Como semente, é representada pela **disseminação** dos conhecimentos e saberes objetivados e tecidos na unidade dessa **dissertação**. Um arcabouço que fundamenta, valida e sustenta uma proposta pedagógica materializada em **oficina de formação** e no **produto final** que acompanha esse trabalho, o *Guia Parte da Gente: por uma Ecologia do Encantamento*. Essa semente ainda é composta de outras potencialidades geradas pelo mesmo universo vivencial das *canções com crianças e do abraço no planeta*: a *Pedagogia do Encantamento* enquanto **livro**, **audiobook**, **curso on-line** e **formação presencial**, assim como o **álbum** e o **espetáculo musical** *Abraço no Planeta*.

Em um momento marcado por uma crise ambiental antropogênica e de proporções inéditas, o caminho metodológico da pesquisa partiu de um retrato científico global da realidade já no início do referencial teórico com o intuito de traçar um panorama favorável a uma visão sistêmica em que fosse possível aplicar o princípio de *se pensar globalmente e agir localmente* a partir do *encantamento com a vida e o mundo*. Nesse sentido, houve a motivação de uma pergunta central: “*Como despertar o sentido de pertencimento à comunidade planetária e o exercício de uma ética biofílica por meio de uma Ecologia do Encantamento?*”.

²⁵ Link para o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=sFBXrLzd0tY>.

Com esse percurso, cumpriu-se o objetivo de sistematizar e propor a *Ecologia do Encantamento* como uma estratégia de educação socioambiental integradora de arte, cultura, ciência e ética, sustentada por uma sólida e ampla revisão da literatura, assim como pelo legado teórico-prático da larga experiência educacional da Cia. Cultural EMCANTAR. Revisitar esse conhecimento na Parte I da pesquisa foi fundamental para a objetivação e a proposição da Tríade do Envolvimento como um dinamismo didático, atrativo e afetivo que traduz empiricamente o diferencial da abordagem favorecida pelos aprendizados contidos na *Pedagogia do Encantamento* após décadas de erros e acertos em ações de formação com públicos diversos.

A aplicação da oficina com educadores, estruturada a partir do roteiro proposto no *Guia Parte da Gente: por uma Ecologia do Encantamento*, constituiu-se como uma etapa fundamental de validação prática da *Ecologia do Encantamento*. Em uma vivência de quatro horas, mesmo diante das limitações de tempo, foi possível observar a emergência e o reconhecimento das três dimensões da Tríade do Envolvimento — estética, epistêmica e ética — de maneira integrada e significativa. As atividades despertaram sensibilidades, mobilizaram saberes diversos e favoreceram o diálogo sobre o papel da educação socioambiental como prática informativa, reflexiva e transformadora.

As devolutivas espontâneas dos educadores ao final da oficina revelaram a potência da proposta, destacando seu caráter acessível, inspirador e aplicável a diferentes realidades educativas. Os relatos evidenciaram que, mesmo em um curto espaço de tempo e com um grupo específico de educadores, o roteiro promoveu conexões afetivas, reflexões críticas e disposição para o agir pedagógico comprometido com uma ética do cuidado. Esses achados, portanto, confirmam hipóteses da pesquisa e demonstram que a *Ecologia do Encantamento* pode ser efetivamente incorporada como caminho metodológico para práticas educativas que desejem sensibilizar, instruir e influenciar mudanças de comportamento.

Sendo assim, o roteiro e os resultados da oficina que proporcionaram a elaboração do guia demonstraram, de forma prática e sensível, a aplicabilidade da proposta em diferentes contextos educativos, reafirmando seu potencial formativo na sensibilização, instrução e transformação dos sujeitos, seja no senso de pertencimento,

seja na autorresponsabilização quanto à prática de uma cidadania planetária. Diante disso, o *Guia Parte da Gente: por uma Ecologia do Encantamento* arremata a materialização dos objetivos geral e específicos da pesquisa tornando-se um produto educacional para uma prática pedagógica de baixo custo, fácil acesso e ampla aplicabilidade, que sensibiliza pelo encantamento com a arte, a natureza e a vida, instrui pelo conhecimento científico e os saberes ancestrais e transforma pelo comportamento.

Entretanto, ainda no âmbito da pesquisa e do produto entregue, fazem-se necessários alguns destaques e recomendações:

- na medida em que o planejamento e a condução da oficina se realizaram pela equipe de artistas e educadores do EMCANTAR, produzindo os resultados apresentados e discutidos no final da Parte II, recomenda-se a aplicação do guia pelas mãos de outras pessoas que se sintam inspiradas a vivenciar sua proposta e a multiplicá-la em outros contextos, ambientes, circunstâncias, carga horária e públicos distintos;
- ainda que a carga horária da oficina tenha sido o suficiente para os resultados apresentados, recomenda-se que a aplicação do guia tenha uma duração mais ampliada que favoreça uma vivência mais profunda e qualificada do itinerário proposto;
- embora a oficina e o guia tenham sido concebidos para experiências coletivas de formação com educadores, na impossibilidade de acontecer desse modo incentiva-se também a realização do percurso do guia de modo individual por quem queira vivenciar o itinerário proposto para sentir, pensar, querer, agir e, quem sabe, motivar-se a multiplicar;
- mantendo-se a estrutura do itinerário (da cosmovisão à cosmoação) e a abordagem que a alquimia estética-epistêmica-ética da Tríade do Envolvimento promove, novos ciclos temáticos podem ser planejados, tanto para formações

pontuais como para formações continuadas, de acordo com a realidade e a carga horária disponíveis. Nesse sentido, recomendam-se novas experiências de aplicação, uma vez que novos conteúdos e formas podem preencher a estrutura proposta, como a escolha de ambientes naturais oportunos à interação e à contemplação, canções, textos, vídeos, imagens e práticas pedagógicas que correspondam a temáticas específicas como, por exemplo, ciclo da água, bacias hidrográficas, rios voadores, uso do solo, poluição atmosférica, biodiversidade, oceanos, serviços ecossistêmicos, alimentação, resíduos, mudanças climáticas etc.;

- conforme a faixa etária dos beneficiários, recomenda-se a adaptação de conteúdos, linguagens e práticas pedagógicas, mantendo-se o itinerário (da cosmovisão à cosmoação) e a dinâmica da Tríade do Envolvimento, de acordo com a estruturação do guia;

- mediante a experiência acumulada de longos anos na prática da Pedagogia do Encantamento e os resultados evidenciados por essa pesquisa, recomenda-se à Cia. Cultural EMCANTAR a expansão das possibilidades de aplicação da Ecologia do Encantamento em seus projetos de formação, a fim de que a metodologia seja aperfeiçoada e consolidada em seu território de origem como uma tecnologia educacional socioambiental sensível, potente e passível de ser amplamente difundida em outros territórios de ação;

- uma vez que a *Pedagogia do Encantamento* amplia sua visibilidade por meio dessa pesquisa que traz ao mundo a *Ecologia do Encantamento*, as duas abordagens abrem novos horizontes de pesquisa no campo da educação socioambiental integrada à arte, à cultura, à ciência e à ética.

Na cultura ocidental, desde o ideal antropológico da *Paideia* na Grécia antiga afirma-se o caráter interdimensional do ser humano em suas capacidades de percepção, elaboração e interação com as realidades do mundo, devendo assim ser

considerado no âmbito da educação para que haja o pleno desenvolvimento dos educandos em suas capacidades. Desde a década de 1990, o Paradigma do Desenvolvimento Humano (UNDP, 1990) da UNESCO defende que toda pessoa nasce com um potencial passível de desenvolver-se na medida das oportunidades que tem e das escolhas que faz. Entretanto, o panorama da educação formal expresso no início do referencial teórico frente aos esforços das nações unidas demonstra que, em pleno século XXI, ainda estamos muito distantes de uma educação universalizada cujos conteúdos e práticas reflitam o reconhecimento da interdimensionalidade humana. Na realidade concreta, o *logos* (racionalidade), ao invés de ser cultivado em equilíbrio com o *pathos* (afetividade / sensibilidade), o *eros* (corporeidade) e o *mytho* (espiritualidade), predomina sobre as demais dimensões.

Além disso, o ambiente no qual se pratica a ciência tende a ser árido nas formas convencionalmente aceitas sobre o que se admite culturalmente dentro dele. Em outras palavras, mesmo havendo a presença da intuição e da imaginação no fazer científico, a ciência é predominantemente conduzida pela racionalidade que fragmenta o conhecimento e, quando seus conteúdos são compartilhados na educação formal, não favorece o cultivo e o desenvolvimento de visões sistêmicas a respeito da vida e do mundo natural alinhadas com os potenciais da interdimensionalidade humana.

Segundo as experiências narradas nesta pesquisa, trabalhar em parceria com a arte encanta o conhecimento e o torna encantador para ser difundido e compartilhado, revelando potenciais capazes de gerar massa crítica para transformações e realizações pessoais, interpessoais e socioambientais em favor do equilíbrio sistêmico da vida, da autorrealização humana e da alegria de viver em comunhão com a comunidade planetária.

A experiência com este mestrado na área da conservação foi favorecida pela sua abertura à multidisciplinaridade, um princípio caro e necessário à ciência da conservação. Associada a isso, a escolha da Pesquisa Narrativa como uma das metodologias do trabalho favoreceu a objetivação de meandros do fazer artístico-pedagógico em diálogo com nuances subjetivas que expressam cartografias humanas de um sujeito em interação e investigação nas fricções existenciais consigo, com os outros e o mundo. Assim, nessa conclusão também se faz necessário destacar a

relevância da objetivação e difusão das verdades sobre o funcionamento da vida e do mundo natural com arte e encantamento, a fim de que nos ensinem o bastante para sentirmos, pensarmos e querermos ajustar nossos modos de viver de acordo com essas verdades.

Aí, entra a economia, isto é, a gestão da casa, a administração da morada, que sempre será necessária e, portanto, sempre existirá. Mas o sistema econômico é uma escolha humana que pode ser conhecida de modo mais qualificado em parceria com a estética que se converte em uma ética potencialmente capaz de ajustar mentalidades e comportamentos mediante os parâmetros, as belezas e os limites do mundo natural em um planeta vivo e finito. Sendo assim, o chamado à ação individual não é individualista, mas está inserido em uma visão complexa das interdependências: o local está inserido no global, o micro influencia o macro e cada gesto ético ou solidário de agir localmente com consciência global possui uma potência transformadora.

Por fim, um grande achado da pesquisa que merece destaque diz respeito ao **amor**, capaz de nos ensinar, com o respaldo da ciência, sobre a **cooperação** e a **colaboração** como caminhos possíveis para sairmos da grande crise aprendendo com o funcionamento do mundo natural. Nesse sentido, tanto o conceito de **regeneração** — trabalhado sob diferentes perspectivas na obra *Regenerantes de Gaia* pelo ecólogo e escritor Fabio Scarano (Scarano, 2019) —, como as análises do pesquisador Antonio Nobre sobre o “amor incondicional da natureza” em um vídeo do *Selvagem – Ciclo de Estudos* (Antonio, 2019), contribuíram de modo significativo para os anseios e o ponto de chegada deste trabalho: a dissertação, a oficina e o guia.

A inquietação relacionada ao cuidado como expressão de amor e conhecimento associados foi o maior combustível para as realizações dessa pesquisa que aqui se conclui abrindo horizontes para novos caminhos que se fazem urgentes ao envolvimento pessoal e coletivo com as questões socioambientais do nosso tempo. A trajetória para o desenvolvimento e a conclusão desse trabalho se nutriu, portanto, dessa inquietação declarada já nas páginas iniciais da dissertação:

*como cuidar do que não se ama,
como amar o que não se conhece?*

Os aprendizados dessa jornada favoreceram constatar e formular em uma mesma frase um pensamento com duas leituras que se reforçam mutuamente. Faça as leituras de forma contínua, com e sem os parênteses: *quanto mais (des)conectados, (des)cuidamos, porque (des)aprendemos a amar e a (des)conhecer como funciona o único planeta que podemos chamar de lar.*

Diante disso, as palavras finais deste trabalho buscam democratizar um possível caminho válido, colocando luz sobre um esboço objetivo de resposta capaz de reunir ciência e sabedoria ancestral, esperança e ação. Segundo o cientista e divulgador da ciência Antonio Nobre, existe um amor incondicional na natureza,

[...] a Terra é um planeta vivo, um planeta autorregulado, e essa relação de regulação e estabilidade ao longo de bilhões de anos só tem uma explicação, chama-se vida. [...] a vida regula o sistema planetário de maneira incrivelmente complexa. [...] muitos pesquisadores estão mostrando que existe um amor incondicional na natureza, essa é a linha mestra de funcionamento do sistema natural, é cuidar do próximo. [...] quando sobrevém na natureza uma estrutura de egoísmo, o sistema é doente, terminal. [...] Quando o sistema está saudável é amor incondicional, essa é a maior força que existe no universo. [...] temos que aproveitar esse momento para colocar diante da consciência coletiva essa percepção nova para a ciência e que é um saber ancestral para os indígenas: na natureza impera a colaboração. Sem colaboração não existe complexidade. E complexidade é a base e essência para a nossa existência. Sem a complexidade não existe um sistema autorregulado. E a complexidade só existe através da colaboração (Antonio, 2019).

Mais que um esboço, a resposta se escancara, portanto, na própria natureza e na mentalidade daqueles que aprenderam ou são capazes de aprender tais saberes, tão ancestrais quanto a própria vida no planeta. Cultivar e difundir esse conhecimento é agir a favor das regulações naturais da vida e da Terra; é entrar em colaboração com a vida em sua diversidade biológica, étnica e cultural; é desenvolver o senso de pertencimento à comunidade da vida; é sentir o amor incondicional da própria vida nos ensinando a saber cuidar. E o gesto do cuidado se conjuga na ação: amor à vida e mãos à obra!

REFERÊNCIAS

A GENTE vai longe. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. *In*: ABRAÇO no Planeta. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Dist: Tratore. Produtor: Carlim Ribeiro. 48 minutos. Uberlândia: EMCANTAR, 2023. Música digital.

A MINHA Língua é Cantar. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Enzo Banzo. *In*: ABRAÇO no Planeta. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Dist: Tratore. Produtor: Carlim Ribeiro. 48 minutos. Uberlândia: EMCANTAR, 2023. Música digital.

A RODA. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. *In*: ESCUTATÓRIA. Intérprete: Grupo EMCANTAR *et al*. Compositor: Marco Aurélio Querubim. Uberlândia: EMCANTAR, 2012a. Álbum com livro e 1 CD.

ABRAÇO no Planeta - Íntegra em Uberaba – MG. Uberaba, 23 dez. 2024. 1 vídeo (1h13min47seg). Publicado pelo canal EMCANTAR Cia. Cultural, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JzGoTYI2xCk>. Acesso em: 06 ago. 2025.

ABRAÇO no Planeta. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim *In*: ABRAÇO no Planeta. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Dist: Tratore. Produtor: Carlim Ribeiro. 48 minutos. Uberlândia: EMCANTAR, 2023a. Faixa 5. Música digital.

ABRAÇO no Planeta. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. Dist: Tratore. Produtores: Carlim Ribeiro, Enzo Banzo. 48 minutos. Uberlândia: EMCANTAR, 2023b. Música digital.

ALVES, Rubem. **O amor que acende a lua**. Campinas: Papirus, 1999.

ANTONIO Donato Nobre no Selvagem ciclo 2019. *[S.l.]*: Selvagem, 16 dez. 2019. 1 vídeo (28 min). Publicado pelo canal SELVAGEM ciclo de estudos sobre a vida. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Nhom_vWVFos. Acesso em: 12 ago. 2025.

ANTÔNIO, Severino. Trecho de *Cartas a um Jovem Poeta*. *In*: TERRITÓRIO do brincar. Produção: Instituto CPFL. Com Renata Meirelles e Severino Antônio. [São Paulo]: Instituto CPFL, 16 ago. 2019. 1 vídeo (2h). Publicado pelo canal CAFÉ Filosófico CPFL. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/ljKr2qSJCn8>. Acesso em: 20 jun. 2025.

AULA 03 - Cosmovisão - Uma Janela para o Encantamento. Direção / produção: Grupo EMCANTAR. Elenco: Marco Aurélio Querubim. Uberlândia: EMCANTAR, 2022. 1 vídeo (21min22seg). Publicado pelo canal PEDAGOGIA do Encantamento. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YGaDCdKg_FQ&list=PLok2kJk5fBGdUn2WbDx7nGU-inrXa779&index=5&t=5s. Acesso em: 08 jun. 2025.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELINK, Aron. Seu ESG é Sustentável? **GVEXECUTIVO**, [S. l.], v. 20, n. 4, out./dez 2021. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/gvexecutivo/article/view/85080>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BENITES, Rita de Cássia Ribeiro. A Desvalorização do Ensino de Arte no Brasil: origens e alguns aspectos. **Revista Eletrônica Trilhas da História**, v. 10, n. 20, jan.-jul., 2021. Disponível em: <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/10465>. Acesso em: 12 mar. 2025.

BEZERRA, Leonardo Mendes. **Arqueologia antropofágica em rotas não lineares**: narrativas educacionais reveladas no sertão maranhense. 2022. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2022. Disponível em: <https://repositorio.uniso.br/handle/uniso/1099>. Acesso em: 08 mar. 2025.

BOFF, Leonardo. **Do Iceberg à Arca de Noé**: nascimento de uma ética planetária. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. (Os Visionautas).

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**: ética do humano – compaixão pela Terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOTA reparo nisso. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. *In*: ABRAÇO no Planeta. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. Dist: Tratore. Produtor: Carlim Ribeiro. 48 minutos. Uberlândia: EMCANTAR, 2023. Música digital.

BRANCO, Paulo Durval. É possível unir lucro e impacto positivo no planeta? *In*: SCARANO, Fabio (Org.). **O capitalismo pode ser sustentável?** e outras perguntas sobre o futuro da sustentabilidade. *E-book*. Rio de Janeiro: Museu do Amanhã / Instituto de Desenvolvimento e Gestão – IDG, 2023. (Pensando amanhãs 2).

BRASIL. **Edital Prêmio Cultura Viva**. Brasília: Ministério da Cultura, 2005.

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm#:~:text=LEI%20No%205.692%2C%20DE%2011%20DE%20AGOSTO%20DE%201971.&text=Fixa%20Diretrizes%20e%20Bases%20para,graus%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs. Acesso em: 16 mar. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 13. ed. Brasília, DF: Editora Câmara, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Editora Câmara, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de Tecnologias Educacionais 2011/12**. COGETEC (org.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Diretoria de Estatísticas Educacionais. **Censo Escolar da Educação Básica 2023** - Resumo técnico - Versão preliminar. Brasília: INEP, MEC, 2024b. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2023.pdf. Acesso em: 03 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Publicado Relatório de Monitoramento Global da Educação 2024**. 2024a. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/outubro/publicado-relatorio-de-monitoramento-global-da-educacao-2024>. Acesso em: 05 mar. 2025.

CAESAR, Levke *et al.* **Planetary Health Check Report 2024**: A Scientific Assessment of the State of the Planet. *E-book*. Potsdam, Germany: Potsdam Institute for Climate Impact Research, 2024. Disponível em: <https://www.planetaryhealthcheck.org/>. Acesso em: 03 mar. 2025.

CANTAUÊ. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. *In*: ABRAÇO no Planeta. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. Dist: Tratore. Produtor: Carlim Ribeiro. 48 minutos. Uberlândia: EMCANTAR, 2023. Música digital.

CANTIGA de Encantar. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositores: Enzo Banzo, Cleusa Bernardes, Marco Aurélio Querubim. *In*: EMCANTAR. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Produção musical: Marco Aurélio Querubim, Ênio Bernardes, Fabrício Penha. Produção Executiva: Marco Aurélio Querubim. Assistentes de Produção Executiva: Ana Paula Rabelo, Franciele Custódio Diniz. Uberlândia: EMCANTAR, 1999. 1 CD.

CAPRA, Fritjof. Falando a linguagem da natureza: Princípios da sustentabilidade. *In*: STONE, Michael K.; BARLOW, Zenobia. (Orgs.) **Alfabetização Ecológica**: A educação das crianças para um mundo sustentável. Trad. Carmen Fischer. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAPRA, Fritjof. Prefácio: Como a natureza sustenta a Teia da Vida. *In*: STONE, Michael K.; BARLOW, Zenobia. (Orgs.) **Alfabetização Ecológica**: A educação das crianças para um mundo sustentável. Trad. Carmen Fischer. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARDOSO, Iris Adriane Santoro. **As costuras adentram o cotidiano escolar**: as práticas pedagógicas na perspectiva ecologista em educação. Tese (Doutorado em Educação). Sorocaba-SP: Universidade de Sorocaba, 2022. Disponível em: <https://uniso.br/mestrado-doutorado/educacao/teses/2022/iris-adriane-santoro.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2025.

CHAUI, Marilena. Vida e Obra. *In*: HEIDEGGER, Martin. **Conferências e Escritos Filosóficos**. (Apresentação, vida e obra de Marilena Chauí). São Paulo: Abril Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

CHAUI, Marilena. Vida e Obra. *In*: ROUSSEAU, Jean Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. (Apresentação, vida e obra de Marilena Chauí) São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

CIA. CULTURAL EMCANTAR. Pedagogia do Encantamento. **YouTube**. 19 maio 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/@pedagogiadoencantamento4077>.

CIRANDEIRO. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. *In*: ESCUTATÓRIA. Intérpretes: Grupo EMCANTAR *et al.* Compositor: Marco Aurélio Querubim. Uberlândia: EMCANTAR, 2012a. Álbum com livro e 1 CD.

COMISSÃO DA CARTA DA TERRA. **A Carta da Terra**. 2000. Disponível em: <https://cartadaterrainternacional.org/sobre-nos/historia/>. Acesso em: 12 abr. 2025.

CORRÊA, Thiago Henrique Barnabé; BEZERRA, Leonardo Mendes (Orgs.). **Perspectiva Ecologista de Educação**: o legado reigotiano nos cotidianos aprendentes. *E-book*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/perspectiva-ecologista-de-educacao-o-legado-reigotiano-nos-cotidianos-aprendentes/>. Acesso em: 08 mar. 2025.

CORRÊA, Thiago Henrique Barnabé; BEZERRA, Leonardo Mendes. (Orgs.); COSTA, Antonio Carlos Gomes da. (Coord. Téc.). **Socioeducação**: Estrutura e Funcionamento da Comunidade Educativa. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Educação** – Uma Perspectiva para o Século XXI. São Paulo: Editora Canção Nova, 2008. (Coleção Valores).

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. Educação e Ética Biofílica. *In*: IAMAR – Instituto Alair Martins (org.). **Educação Interdimensional**: uma paideia para o século XXI. Uberlândia: IAMAR, 2022.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **Protagonismo Juvenil**: Adolescência, Educação e Participação Democrática. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. (Coord. Téc.). **Socioeducação**: Estrutura e Funcionamento da Comunidade Educativa. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006.

CRESWELL, John W. **Research design**: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Thousand Oaks-CA: Sage publications, 2014.

DELIGHTFUL Universe (Seen From Above). Brian Eno. *In*: MUSIC For Installations. Music Production, Associated Performer, Producer, Composer Lyricist: Brian Eno. © 2010 Opal Music Ltd., under exclusive licence to Universal Music Operations Limited.

DELORS, Jacques. A educação ou a utopia necessária. *In*: DELORS, Jacques *et al.* **Educação**: um tesouro a descobrir - relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Brasília, DF: UNESCO, 2010.

DELORS, Jacques *et al.* **Educação**: um tesouro a descobrir - relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Brasília, DF: UNESCO, 2010.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. São Paulo: Paulus, 2008.

DUALIBI, Mirian. Prefácio à Edição Brasileira. *In*: STONE, Michael K.; BARLOW, Zenobia. (Orgs.) **Alfabetização Ecológica**: A educação das crianças para um mundo sustentável. Trad. Carmen Fischer. São Paulo: Cultrix, 2006.

EDUCADOR do Amanhã - Ano 1 - Uberlândia/MG. Uberlândia, 13 fev. 2025. 1 vídeo (8min47seg). Publicado pelo canal IAMAR - Instituto Alair Martins. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C-kPPZSOFn4>. Acesso em: 20 jun. 2025.

EMCANTAR. **Educando** – formação continuada. Uberlândia: EMCANTAR, Instituto Algar, 2008. Livro e CD-Rom.

EMCANTAR. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Produção musical: Marco Aurélio Querubim, Ênio Bernardes, Fabrício Penha. Produção Executiva: Marco Aurélio Querubim. Assistentes de Produção Executiva: Ana Paula Rabelo, Franciele Custódio Diniz. Uberlândia: EMCANTAR, 1999. 1 CD.

ESCUTATÓRIA. Espetáculo musical. Grupo EMCANTAR. Uberlândia: EMCANTAR, 2012b. 1 DVD.

ESCUTATÓRIA. Intérprete: Grupo EMCANTAR *et al.* Compositor: Marco Aurélio Querubim. Uberlândia: EMCANTAR, 2012a. Álbum com livro e 1 CD.

ESPETÁCULO Musical Abraço no Planeta - Melhores Momentos em Uberaba - MG - Ano 2024. Uberaba, 11 ago. 2024. 1 vídeo (3min18seg). Publicado pelo canal EMCANTAR Cia Cultural. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=TeLDEsRL-bl&t=73s>. Acesso em: 14 jun. 2025.

ESPETÁCULO Musical Abraço no Planeta - Melhores Momentos em Uberlândia - MG - Ano 2024. 30 jul. 2024. 1 vídeo (5min11seg). Publicado pelo canal EMCANTAR Cia Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XttZmMyf3Xs>. Acesso em: 14 jun. 2025.

ESPETÁCULO Musical Abraço no Planeta - Processo de Criação. Araguari – MG – Ano 2024. Araguari, 8 ago. 2024. 1 vídeo (3min35 seg). Publicado pelo canal EMCANTAR Cia Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q4BMKjYBdQ0&t=24s>. Acesso em: 14 jun. 2025.

ESTRELAS, átomos e mais com o físico Marcelo Gleiser. Programa Conversa Com Bial. [Rio de Janeiro], 25 jun. 2025. 1 vídeo (16 min.). Publicado pelo canal GNT. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xo1WJeLGEuc>. Acesso em: 14 jun. 2025.

FIUZA, Ana Cristina Borges; ALCÂNTARA, Euripa Aparecida Ribeiro de; SANTOS, Kelly Cristina Souza Gonçalves; CORRÊA, Thiago Henrique Barnabé. A narrativa (auto)biográfica e ficcional como modos outros de habitar a pesquisa em educação. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, Portugal, v.15, n.5, 2023. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/1272>. Acesso em: 09 mar. 2025.

FLECHA 1. A Serpente e a Canoa. Direção artística, texto e pesquisa: Anna Dantes. Narração: Ailton Krenak. Narração introdução: Daiara Tukano. Produção: Madeleine Deschamps. [S.l.]: Selvagem, 11 maio 2021. 1 vídeo (16 min.). Publicado pelo canal SELVAGEM ciclo de estudos sobre a vida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cfroy5JTcy4>. Acesso em: 20 maio 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALEFFI, Dante. O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. *In*: MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa**: educação e ciências humanas. Salvador: EdUFBA, 2009.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>. Acesso em: 24 maio 2025.

GERMANO, Giovanna. 6 dos 9 limites planetários já foram ultrapassados, segundo estudo publicado pelo Centro de Resiliência de Estocolmo. 2023. Mercy for Animals. Disponível em: <https://mercyforanimals.org.br/blog/6-dos-9-limites-planetarios-ja-foram-ultrapassados-segundo-estudo-publicado-pelo-centro-de-resiliencia-de-estocolmo>. Acesso em: 03 mar. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Gilberto. Oriente. *In*: GIL, Gilberto. **Expresso 2222**. Rio de Janeiro: Phonogram, 1972. 1 disco sonoro (33 1/3 rpm).

GONZALEZ-REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo, SP: Thomson, 2005.

GOODALL, Jane; ABRAMS, Douglas. **O Livro da Esperança**: um guia de sobrevivência para tempos difíceis. Trad. Ana Carolina Mesquita e Mariana Mesquita. Rio de Janeiro: Sextante, 2023.

GRAVAÇÃO do álbum - O Desenho das coisas do mundo – 2024. Uberlândia, 27 maio 2024. 1 vídeo (4min49seg). Publicado pelo canal EMCANTAR Cia. Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ut4YQbQgzBs&t=10s>. Acesso em: 06 ago. 2025.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Rev. da trad. Suely Rolnik. 21. ed. Campinas: Papirus. 2012.

IAMAR – Instituto Alair Martins. (Org.). **Educação Interdimensional**: uma paideia para o século XXI. Uberlândia: IAMAR, 2022.

IBGE. **Sistema de Informações e Indicadores Culturais**: 2007-2018. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

IPCC - Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima. Sumário para Formuladores de Políticas. **Mudança do Clima 2023**: Relatório Síntese. Contribuição dos Grupos de Trabalho I, II e III para o Sexto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima [Equipe Principal de Redação, H Lee e J. Romero (eds.)]. Trad. SJR Assessoria e Tradução Ltda. *E-book*. Genebra, Suíça: IPCC, 2023. DOI: 10.59327/IPCC/AR6-9789291691647.001. Versão em português disponível em: https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/sirene/publicacoes/relatorios-do-ipcc/arquivos/pdf/copy_of_IPCC_Longer_Report_2023_Portugues.pdf. Acesso em: 12 mar. 2025.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Ipea mede efeito de gastos sociais. [2009?]. **Brasil Econômico**. Disponível em: https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/index.php?option=com_alphacontent&ordering=5&limitstart=2300#:~:text=O%20Brasil%20gasta%2021%2C1,4%2C05%25%20%2C3%A9%20educa%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 23 fev. 2025.

JECUPÉ, Kaká Werá. **A Terra dos Mil Povos**: história indígena do Brasil contada por um índio. 4. ed. São Paulo: Editora Peirópolis, 1998. (Série Educação para a Paz).

KOLBERT, Elizabeth. **A Sexta Extinção**: Uma história não natural. Trad. Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2020b.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Cia. das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2020a.

KUMAR, Satish. **Amor Radical**: O Amor Como Prática de Transformação Pessoal, Econômica, Social e Ambiental. Trad. Fernanda Rocha Vidal. Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2023.

LAGO, André Corrêa do. Primeira Carta do Presidente da COP30, Embaixador André Corrêa do Lago. **COP30 Brasil**. Belém, 10 de março de 2025. Disponível em: <https://cop30.br/pt-br/presidencia-da-cop30/cartas-da-presidencia/carta-da-presidencia-brasileira>. Acesso em: 10 mar. 2025.

LANÇAMENTO Pedagogia do Encantamento. *Live* com Marco Aurélio Querubim, Mônica Cunha, Grupo EMCANTAR e convidados. Uberlândia: EMCANTAR, 2020. Publicado pelo canal MAÍRA Ávila. 1 vídeo (2h32min25seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dCB3-kW0YOY>. Acesso em: 03 jun. 2025.

LAWALL, Cristiane; RUEDA, Laura Ribero; HERBSTTRITH, Júlio César da Rosa. Contribuições do Ensino de Arte para a Educação: diálogos possíveis. **Revista da Fundarte**, v. 52, n. 52, dez. 2022. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/1144>. Acesso em: 10 mar. 2025.

LEVE PRA VOAR. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. *In*: ABRAÇO no Planeta. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. Dist: Tratore. Produtor: Carlim Ribeiro. 48 minutos. Uberlândia: EMCANTAR, 2023. Música digital.

LUA cheia. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. *In*: ABRAÇO no Planeta. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. Dist: Tratore. Produtores: Carlim Ribeiro, Enzo Banzo. 48 minutos. Uberlândia: EMCANTAR, 2023. Música digital.

MICHAEL, Pamela. Ajudando as crianças a se apaixonar pelo planeta Terra: educação ambiental e artística. *In*: STONE, Michael K.; BARLOW, Zenobia. (Orgs.). **Alfabetização Ecológica**: A educação das crianças para um mundo sustentável. Trad. Carmen Fischer. São Paulo: Cultrix, 2006.

MICHALICHEM, Rafael. Sinopse. *In*: ABRAÇO no Planeta - Íntegra em Uberaba – MG. Uberaba, 23 dez. 2024. 1 vídeo (1h13min47seg). Publicado pelo canal EMCANTAR Cia

Cultural, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JzGoTYI2xCk>. Acesso em: 06 ago. 2025.

MONZONI, Mario; CARREIRA, Fernanda. O metaverso do ESG. **GV-EXECUTIVO**, [S. l.], v. 21, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/gvexecutivo/article/view/85510>. Acesso em: 10 mar. 2025.

MORAN, José Manuel. **A Educação que desejamos**: Novos desafios e como chegar lá. 5. ed. Campinas, SP: Papirus Editora, 2012.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Sawaya. Rev. téc. Edgar Assis Carvalho. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.

MORIN, Edgar. **Para onde vai o mundo?** Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2010.

MOSTRA Artística - Educador do Amanhã 2024. Uberlândia, 28 jan. 2025. 1 vídeo (7min47seg). Publicado pelo canal EMCANTAR Cia Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZCWd56kQno0>. Acesso em: 20 jun. 2025.

MUTIRÃO. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Produtores: Marco Aurélio Querubim, Ênio Bernardes. Uberlândia: EMCANTAR, 2003. 1 CD.

NASCIMENTO, Milton. **Amigo**. WEA, 1995. CD.

O DESENHO das Coisas do Mundo. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositores: Enzo Banzo, Marco Aurélio Querubim, Luciene Andrade, André Salomão Gomes, Emcantar Social. Dist: Tratore. Produtor: Carlim Ribeiro. Uberlândia: EMCANTAR, 2024. Música digital.

OFICINA Ecologia do Encantamento. Uberlândia, 09 jul. 2025. 1 vídeo (3min16seg). Publicado pelo canal EMCANTAR Cia Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sFBXrLzd0tY>. Acesso em: 08 ago. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano. *In*: **Anais da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano**. Estocolmo, 1972.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Adotada e proclamada pela Resolução 217 A (III) da Assembleia Geral, 10 de dezembro de 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 10 mar. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Relatório da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento**: Nosso Futuro Comum. 1987. Disponível em: <http://www.un-documents.net/wced-ocf.htm>. Acesso em: 05 mar. 2025.

PADUA, Suzana Machado. **Educação ambiental como um instrumento de integração entre conservação e uso sustentável dos recursos naturais**: o caso do Pontal do Paranapanema, 2004. 180 f. (Tese de Doutorado) – UnB - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Brasília, 2004.

PADUA, Suzana Machado. Por uma nova educação que nos leve ao encantamento e ao amor pela vida. *In*: IAMAR – Instituto Alair Martins (org.). **Educação Interdimensional**: uma paideia para o século XXI. Uberlândia: IAMAR, 2022.

PAISAGENS de Passagem. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. *In*: ESCUTATÓRIA. Intérprete: Grupo EMCANTAR *et al.* Compositor: Marco Aurélio Querubim. Uberlândia: EMCANTAR, 2012a. Álbum com livro e 1 CD.

PARANGOLÉ: canções e brincadeiras. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Produtores: Enzo Banzo, Carlím Ribeiro e Vivaldo Júnior. Uberlândia: EMCANTAR, 2009. Kit com livro, 2 CDs e 1 DVD.

PARANGOLÉ: espetáculo musical. Grupo EMCANTAR. Uberlândia: EMCANTAR, 2010. 1 DVD.

PARTE da Gente. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. Produtores: Marco Aurélio Querubim, Ênio Bernardes. *In*: MUTIRÃO. Uberlândia: EMCANTAR, 2003. 1 CD.

PARTILHANDO Conhecimento. **Educação Artística, Trabalho e Vida**. 2021. Disponível em: <https://www.partilha.udi.br/post/educa%C3%A7%C3%A3o-art%C3%ADstica-trabalho-e-vida>. Acesso em: 18 maio 2025.

QUERUBIM, Marco Aurélio [Marco Aurélio Faria Coelho]. Poema Manifesto. Encarte. *In*: **EMCANTAR**. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Produção musical: Marco Aurélio Querubim, Ênio Bernardes, Fabrício Penha. Produção Executiva: Marco Aurélio Querubim. Assistentes de Produção Executiva: Ana Paula Rabelo, Franciele Custódio Diniz. Uberlândia: EMCANTAR, 1999. 1 CD.

QUERUBIM, Marco Aurélio [Marco Aurélio Faria Coelho]. **Pedagogia do Encantamento**. Uberlândia: EMCANTAR, 2020.

REIGOTA, Marcos. **Akira Kurosawa, Kenzaburo Oe e a perspectiva ecologista de educação**. São Paulo: Fundação Japão em São Paulo, 2014. Disponível em: <https://fjisp.org.br/estudos-japoneses/wp-content/uploads/sites/3/2014/12/marcos-reigota-corrigido.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2025.

REIGOTA, Marcos. Da etnografia às narrativas ficcionais da práxis ecologista uma proposta metodológica: uma proposta metodológica. **Revista de Estudos Universitários - REU**, Sorocaba, SP, v. 25, n. 1, 1999. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/4239>. Acesso em: 18 fev. 2025.

REIGOTA, Marcos. Grupo de pesquisa: perspectiva ecologista de educação. **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 5, n. 2, 2010. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/6223>. Acesso em: 20 fev. 2025.

REIGOTA, Marcos; PRADO, Bárbara Heliodora Soares. (Orgs.) **Educação ambiental: utopia e práxis**. São Paulo: Cortez, 2008.

RICHARDSON, Katherine *et al.* Earth beyond six of nine planetary boundaries. © 2023. AAAS. **American Association for the Advancement of Science**. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/sciadv.adh2458>. Acesso em: 03 mar. 2025.

RIO Araguari. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. *In*: ABRAÇO no Planeta. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositores: Marco Aurélio Querubim. Dist: Tratore. Produtores: Carlim Ribeiro, Enzo Banzo. 48 minutos. Uberlândia: EMCANTAR, 2023. Música digital.

RIO que voa. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. *In*: ABRAÇO no Planeta. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. Dist: Tratore. Produtores: Carlim Ribeiro, Enzo Banzo. 48 minutos. Uberlândia: EMCANTAR, 2023. Música digital.

RODA a Roda. Direção: Cia. Cultural EMCANTAR. Uberlândia: Instituto Algar; Cia. Cultural EMCANTAR, [2008]. 1 vídeo (13min40 seg). Publicado pelo canal Cia. Cultural EMCANTAR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OVMU-XpTtCE>. Acesso em: 18 jun. 2025.

ROMPENDO Barreiras: nosso planeta. [Documentário]. Direção: Jonathan Clay, Produção: All3Media. **Netflix**, 2021. 1h 13m. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81336476>. Acesso em: 04 mar. 2025.

SALOMÃO, André. Depoimento. *In*: EMCANTAR Social. **Projeto Oficinas de Artes Cênicas 2018**. Uberlândia-MG. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=thKSd-Yqblg>. Acesso em: 18 jun. 2025.

SCARANO, Fabio Rubio. **Regenerantes de Gaia**. Rio de Janeiro: Dantes Ed., 2019. (Desenhos de Lua Kali).

SCHAFER, R. Murray. **O Ouvido Pensante**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1991.

SELVAGEM. **O que somos**. [2018?]. Disponível em: <https://selvagemciclo.org.br/o-que-somos/>. Acesso em: 20 maio 2025.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SOMOS a Terra. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. *In*: ABRAÇO no Planeta. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. Dist: Tratore. Produtores: Carlim Ribeiro, Enzo Banzo. 48 minutos. Uberlândia: EMCANTAR, 2023. Música digital.

STONE, Michael K.; BARLOW, Zenobia. (Orgs.) **Alfabetização Ecológica**: A educação das crianças para um mundo sustentável. Trad. Carmen Fischer. São Paulo: Cultrix, 2006.

STONE, Michael K.; BARLOW, Zenobia. Introdução. *In*: STONE, Michael K.; BARLOW, Zenobia. (Orgs.) **Alfabetização Ecológica**: A educação das crianças para um mundo sustentável. Trad. Carmen Fischer. São Paulo: Cultrix, 2006.

THERE is a river above us. TEDxAmazonia. Antonio Donato Nobre. Amazonas: TEDx, 15 mar. 2011. 1 vídeo (22 min.). Publicado pelo canal TEDx Talks. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=01jYiXbpnoE>. Acesso em: 10 jun. 2025.

TIRIBA, Lea. **ANAIIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais** Belo Horizonte, nov. 2010.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Ideb e Saeb 2023**: conheça os avanços e retrocessos dos estados e municípios brasileiros. 2024. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/ideb-e-saeb-2023-conheca-os-avancos-e-retrocessos-dos-estados-e-municipios-brasileiros/>. Acesso em: 01 mar. 2025.

TUPINAMBÁ, Casé Angatu Xukuru. “Nós não somos donos da terra, nós somos a terra”. **Revista IHU On-Line**, Instituto Humanitas Unisinos – IHU, n. 527, ano XVIII, 27 ago., 2018. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao527.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2025.

UM PINGUINHO de gente. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. *In*: ABRAÇO no Planeta. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. Dist: Tratore. Produtores: Carlim Ribeiro, Enzo Banzo. 48 minutos. Uberlândia: EMCANTAR, 2023. Música digital.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos**: Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem. Jomtien: Unesco, 1990.

UNITED Nations Development Programme (UNDP). **Human Development Report 1990**. Published for the United Nations Development Programme (UNDP). New York: Oxford University Press, 1990.

VERSEJAR. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. *In*: ESCUTATÓRIA. Intérpretes: Grupo EMCANTAR *et al.* Compositor: Marco Aurélio Querubim. Uberlândia: EMCANTAR, 2012a. Álbum com livro e 1 CD.

WEBER, Max. **A Ciência como Vocação**. Trad. Artur Morão. [2005?]. (Livro eletrônico). Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/weber/1917/mes/ciencia.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2025.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Programa de Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Estudo: ECOLOGIA DO ENCANTAMENTO - De Canções com Crianças ao Abraço no Planeta

Pesquisador Responsável: Marco Aurélio Faria Coelho (Querubim)

Orientadora: ~~Prof. Dr.~~ Suzana Padua

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa conduzida pelo artista, filósofo, educador e mestrando Marco Aurélio Faria Coelho (Querubim), no âmbito do Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável da Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade (ESCAS) do IPÊ - Instituto de Pesquisas Ecológicas.

Por favor, leia este documento com bastante atenção antes de prosseguir. Caso haja alguma palavra ou frase que o (a) senhor(a) não consiga entender, converse com o pesquisador responsável pelo estudo ou com um membro da equipe desta pesquisa para esclarecê-lo. A proposta deste termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) é explicar tudo sobre o estudo e solicitar a sua permissão para participar do mesmo.

O objetivo principal deste estudo é sistematizar e propor a Ecologia do Encantamento como uma estratégia de Educação Socioambiental fundada numa abordagem que integra Arte, Cultura, Ciência e Ética, a partir da experiência artístico-pedagógica de aplicação da Pedagogia do Encantamento ao longo de 28 anos de atuação da Cia. Cultural EMCANTAR. Os resultados serão utilizados para o desenvolvimento de um produto educacional em formato de guia para uma prática pedagógica de ampla aplicabilidade, que sensibiliza pelo encantamento com a arte e a natureza, instrui pelo conhecimento científico e os saberes ancestrais e transforma pelo comportamento. Também espera-se dar continuidade ao aprimoramento da Ecologia do Encantamento com base no que for coletado das percepções dos participantes.

Se você aceitar participar da pesquisa, os procedimentos envolvidos em sua participação serão os seguintes:

- Preenchimento de um questionário online contendo 17 (dezessete) questões sobre sua participação na Oficina Ecologia do Encantamento. As respostas são anônimas e o tempo médio de preenchimento é de 10 minutos. Algumas perguntas permitem escolher mais de uma alternativa, e nesses casos as análises serão feitas considerando o total de respostas (porcentagem de casos).

 Rod. Dom Pedro I, km 47
Caixa Postal 47
12.960-000
Nazaré Paulista, SP, Brasil

 (11) 3590-0041
(11) 99981-2601
 mestrado@ipe.org.br



Toda pesquisa com seres humanos envolve algum tipo de risco. No nosso estudo, os possíveis riscos ou desconfortos decorrentes da participação na pesquisa é a possibilidade de constrangimento ao responder o questionário e o cansaço ou aborrecimento ao responder às perguntas. Por isso, antes de respondê-lo, você será informado sobre o tempo de duração estimado para finalização.

Esta pesquisa, no entanto, também pode trazer muitos benefícios. Os benefícios resultantes da participação na pesquisa são a contribuição para o aperfeiçoamento e a sistematização de uma estratégia de Educação Socioambiental fundada numa abordagem que integra Arte, Cultura, Ciência e Ética, visando o desenvolvimento de um produto educacional em formato de guia para uma prática pedagógica de ampla aplicabilidade, que sensibiliza pelo encantamento com a arte e a natureza, instrui pelo conhecimento científico e os saberes ancestrais e transforma pelo comportamento.

Sua participação na pesquisa é totalmente voluntária, ou seja, não é obrigatória. Caso você decida não participar, ou ainda, desistir de participar e retirar seu consentimento durante a pesquisa poderá fazê-lo a qualquer momento.

Não está previsto nenhum tipo de pagamento pela sua participação na pesquisa e você não terá nenhum custo com respeito aos procedimentos envolvidos.

Solicitamos também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de conservação e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu e-mail será mantido em sigilo absoluto (se optar por informá-lo), bem como em todas as fases da pesquisa.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como é garantido a você, o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que você queira saber antes, durante e depois da sua participação.

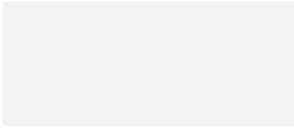
Caso você tenha dúvidas, poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Marco Aurélio Faria Coelho (Querubim), pelo telefone (34) 98805-5671, e/ou pelo e-mail marco@emcantar.org.

Declaração de Consentimento

Concordo em participar do estudo intitulado: **ECOLOGIA DO ENCANTAMENTO - De Canções com Crianças ao Abraço no Planeta**

Eu, Marco Aurélio Faria Coelho (Querubim), declaro cumprir as exigências contidas nos itens IV.3 e IV.4, da Resolução CND/MS nº 466/2012.



	Data: 15 /05/ 2025
Assinatura do Pesquisador	

Rod. Dom Pedro I, km 47
Caixa Postal 47
12.960-000
Nazaré Paulista, SP, Brasil

(11) 3590-0041
(11) 99981-2601
mestrado@ipe.org.br

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO

OFICINA ECOLOGIA DO ENCANTAMENTO

16/05/2025 - 07h15 às 11h15 - Parque do Sabiá - Uberlândia - MG

Este questionário faz parte de uma pesquisa conduzida pelo artista, filósofo, educador e mestrando Marco Aurélio Faria Coelho (Querubim), no âmbito do Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável da Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade (ESCAS) do IPÊ - Instituto de Pesquisas Ecológicas.

O objetivo principal deste estudo é sistematizar e propor a Ecologia do Encantamento como uma estratégia de Educação Socioambiental fundada numa abordagem que integra Arte, Cultura, Ciência e Ética, a partir da experiência artístico-pedagógica de aplicação da Pedagogia do Encantamento ao longo de 28 anos de atuação da Cia. Cultural EMCANTAR. Os resultados serão utilizados para o desenvolvimento de um produto educacional em formato de guia para uma prática pedagógica de ampla aplicabilidade, que sensibiliza pelo encantamento com a arte e a natureza, instrui pelo conhecimento científico e os saberes ancestrais e transforma pelo comportamento. Também espera-se dar continuidade ao aprimoramento da Ecologia do Encantamento com base no que for coletado das percepções dos participantes.

Todas as informações fornecidas neste questionário são anônimas e serão utilizadas somente para os fins da pesquisa em curso. O preenchimento do nome e a disponibilização do e-mail são optativos.

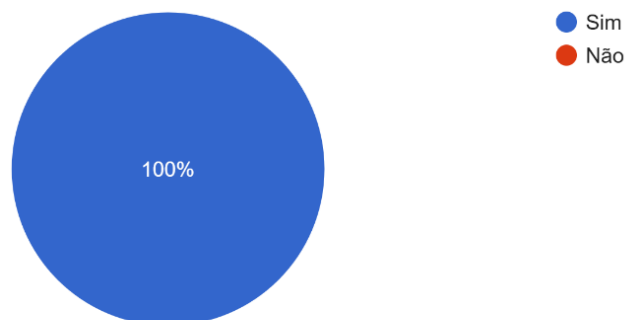
O tempo de resposta é de cerca de 10 minutos. Ao prosseguir com o questionário, você declara que está de acordo com o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, que pode ser acessado aqui.

Desde já agradeço sua disponibilidade de tempo e interesse na participação deste estudo.

Marco Aurélio Querubim

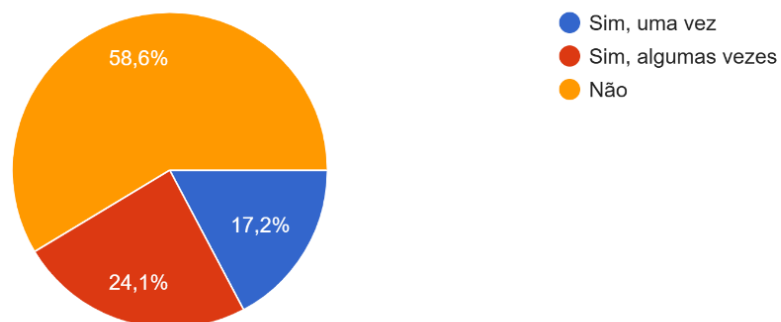
1 - Você concorda em participar desta pesquisa?

29 respostas



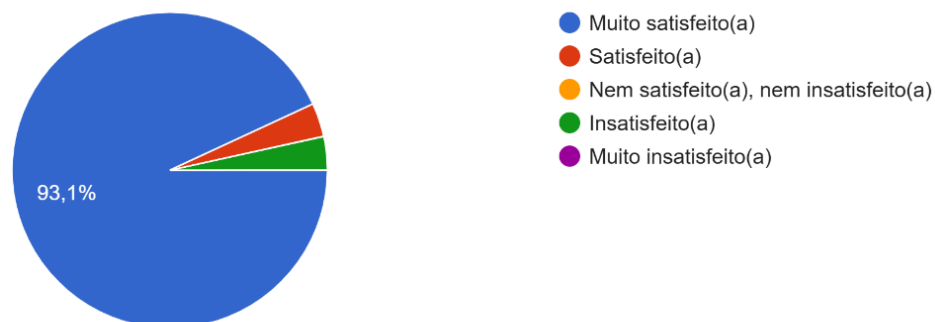
2 - Você já participou de alguma formação continuada na temática de Educação Socioambiental?

29 respostas



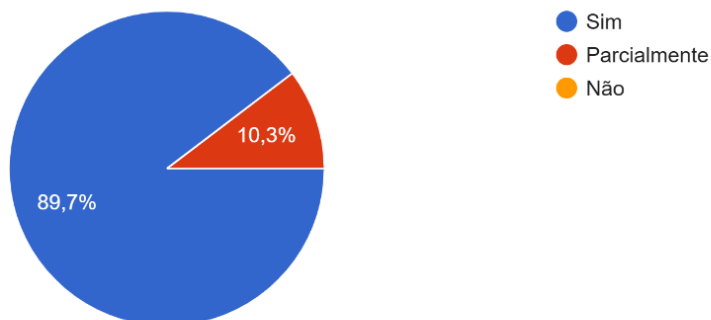
3 - De modo geral, qual o seu nível de satisfação com a Oficina Ecologia do Encantamento?

29 respostas



4 - Você acredita que a carga horária da Oficina foi suficiente para dar início a um processo de Educação Socioambiental?

29 respostas



Comentários pergunta número 4:

29 respostas

- Foi suficiente para impactar positivamente os participantes. O que foi percebido nos olhares, nas expressões...
- Para dar início, sim. O tempo disponibilizado para a oficina foi trabalhado de forma clara e objetiva, nos alertando para as mudanças que precisam acontecer de forma pessoal, coletiva e governamental, a fim de contribuirmos para essa educação socioambiental, porém acredito que essa formação deva ter continuidade pois temos muito a refletir e aprender, para agirmos de forma ética na transformação do que está ao nosso alcance.
- O tempo foi suficiente, pois foi possível ter vivências práticas, teóricas, trocas de conhecimentos em rodas de conversas, discussão de conteúdos pré-disponibilizados, além das pausas para lanche no início e fim do encontro. Enfim, muito produtivo e de grande relevância o encontro no tempo proposto.
- Acho que foi suficiente para iniciar essa temática, sim. Porém ela já vinha sendo sinalizada, tematizada, em encontros anteriores de formação. Então, para um grupo iniciante talvez seja pouco para iniciar e engajar um grupo na temática.
- O tempo foi suficiente para o início do processo, onde instigou o desejo de continuidade em processos futuros, na expectativa mais informações revitalizante sobre o processo.
- Sim, como é um início, esse primeiro acesso à informação de forma gostosa e lúdica, seria a mola propulsora para o desenvolvimento de uma consciência ambiental, pois ela impulsiona as pessoas a novas informações e a seus próprios processos.

- Acredito serem conceitos e debates importantes, principalmente se tratando de um plano que deseja desenvolver e amparar o assunto de uma maneira mais apropriada e consciente, porém acredito, pelo mesmo motivo, na necessidade de um tempo maior para que esses assuntos possam ser explorados de uma maneira que o debate possa circular entre as pessoas, de modo que haja um processo de diálogo que sempre busca, em possíveis respostas, encaminhamentos ou até mesmo novas perguntas.
- A Oficina foi maravilhosa! Dinâmica, reflexiva e emocionante. O contato com a natureza do Parque do Sabiá foi imprescindível para tornar a oficina ainda mais significativa e inesquecível. As propostas de Yoga ao ar livre, saudando o sol, a teia de fitas, o lanche ao som de um lindo Sarau, os vídeos e as rodas de conversa, até mesmo a dinâmica de concentração, todos os momentos. Gratidão pela oficina maravilhosa. Espero ansiosa pelas próximas.
- Sim, o tempo da oficina me proporcionou a fruição estética dos momentos de interação coletiva e apresentações musicais com qualidade e, ao mesmo tempo, absorver os conceitos apresentados sem atropelos ou cansaço.
- Mesmo não podendo ficar até o final, a instigação faz pensarmos em nossas ações e atitudes no que podemos mudar para preservar o ecossistema.
- Acredito que a carga horária foi suficiente porque a turma estava focada na realização e aproveitamento das atividades propostas.
- A oficina é dividida por etapas e foi sensivelmente planejada para nos emocionar e nos impactar. Gostei do tempo porque fica um gostinho de quero mais.
- Para um primeiro momento sim, trazendo incômodo e questionamentos para que as pessoas reflitam sobre o tema e assim tomar consciência. Tendo um tempo maior de oficina, alguns conceitos poderiam ser discutidos com calma para uma virada de chave mesmo. Poderia levar mais práticas como fazer uma limpeza na área do parque para ver o tanto de resíduos que descartamos, separação e discutir se teria outra alternativa para melhorar esse cenário, trazer mais exemplos e práticas da importância de um indivíduo (planta, animal) ou mudança de atitude para existência ou manutenção de um ciclo/sistema/rede/ecossistema. Sinto a falta em aulas sobre o tema de mais exemplos de práticas ou atitudes mostrando causa e consequências a curto, médio e longo prazo dentro da esfera do indivíduo e coletivos menores.
- A abordagem conseguiu condensar, a meu ver, a principal necessidade de um primeiro encontro sobre essa temática: sensibilizar por meio do conhecimento científico, da arte e da afetividade, promovendo um sentimento de pertencimento entre os participantes.
- Para um despertar sim, mas para sair impactado, inquieto mesmo, seria interessante um dia inteiro, com vivências práticas.

- Sim, a carga horária da Oficina foi suficiente para iniciar um processo de Educação Socioambiental. Mesmo eu tendo chegado atrasada, consegui aproveitar bem os conteúdos e participar das atividades. Foi um tempo produtivo e que ajudou a despertar reflexões importantes sobre o tema.
- A oficina oferece condições de raciocínio sobre o assunto e tem fundamentos interessantes
- Com os estudos prévios a combinação da oficina completou perfeitamente
- Foi didaticamente bem pensado a organização e divisão dos momentos da oficina
- Para iniciar sim, porém acredito que poderia ser dedicado um tempo maior para a discussão dos conteúdos apresentados.
- Sim, tivemos a oportunidade de atentarmos para alguns pontos de suma importância para o referido tema.
- Respondido “sim” diante da expressão da pergunta “suficiente para dar início”. Pela profundidade de abordagem e debates que o tema levanta, se fosse outro objetivo não daria. Mas para iniciar sim, meio período está excelente.
- Diante da profundidade dos temas abordados, acho que um dia inteiro seria muito mais proveitoso com a possibilidade de aprofundamento.
- Como início é uma boa introdução e contextualização do cenário atual, juntamente com a apresentação da abordagem que acontecerá na formação continuada.

5 - A forma como a Oficina foi conduzida proporcionou encantamento em você?

29 respostas



Comentários pergunta número 5:

23 respostas

- A receptividade, o calor humano, cada detalhe foi pensado para envolver e despertar o encantamento... o cumprimento ao sol, as músicas, o ambiente, o café, as dinâmicas, o vídeo, o convite.... que privilégio o meu de estar ali... vivenciando tudo isso... é muita gratidão!
- Fico encantada com a gentileza, o carinho, o cuidado de como tudo é preparado para nos receber. Com a clareza e leveza na condução dos assuntos e acima de tudo na demonstração daquilo que se acredita, que se vivencia, nos fala e mostra com propriedade a percepção da realidade, nos motiva às mudanças também. Gratidão a essa equipe.
- Desde o início, a música como forma de abrir o encontro, preparando para tudo que viria; a forma como foi levantado cada tópico, os vídeos e as dinâmicas práticas nos mantinham "presos" ao tema, sem distrações. Em cada momento um encantamento diferente.
- O tempo... estar... respirar... ouvir... apesar de ser muito conteúdo em uma manhã só proporcionou encantamento.
- A junção da arte com movimentos físicos junto à natureza, aliado à roda de conversa, fez despertar a consciência com o divino, a chamada supraconsciência.
- Muito, foi uma manhã muito gostosa e reflexiva, que vai nos acompanhar por muito tempo, mais do que um simples encontro virou uma memória afetiva.
- Foi uma combinação muito boa: arte, cultura, teoria, conversa, experiências sensoriais.
- Como grande admirador da prática e da experiência corpóreo vocal no processo de ensino/aprendizagem, acredito serem de extrema importância os momentos em que estímulos sensíveis e artísticos percorrem a oficina, no caminho de tratar também criativamente os conteúdos abordados e envolver as pessoas pelas sensações corporais causadas, propondo um movimento que não é dado apenas pela racionalidade através das falas e da organização de um pensamento sobre o tema.
- Encantada com todos os momentos. As reflexões foram muito importantes para continuar agindo para o bem do nosso planeta e ir além do que já fazemos. A música, a poesia... os momentos artísticos foram emocionantes.
- O espaço escolhido para o encontro me ativou um outro estado, mesmo antes do encontro, de disponibilidade, surpresa e expectativa. Pessoalmente, estar no parque, e, em especial, no período da manhã, é um evento disparador intenso de bem-estar e ser acolhida com o convite à Saudação do sol me deixou ainda mais desperta e feliz. Deleitar a música e os quitutes foi um abraço. As canções, as novidades, as dinâmicas e práticas se integraram com harmonia,

assim como a pausa e o respiro. A parte teórica compartilhada em roda, os vídeos e as conversas, trouxeram densidade ao processo, ativando outros lugares e trazendo para o corpo um impacto rígido e tenso, mas também criador, transformador. A finalização com as fitas, as árvores, o violão, a música, o texto lido, o vento no rosto, tudo foi muito significativo e coerente.

- O contato com a natureza, o momento de reflexão, a partilha. E o tema tão importante na roda de conversa.

- A temática é profunda e as percepções dos colegas e palestrantes acabam mexendo com as nossas impressões e ações cotidianas, contudo, sair do lugar que você está é uma tarefa difícil pois tende a te tirar desse lugar muitas vezes de comodidade atual.

- Sim, pois a mesma promove reflexões e esclarecimentos que conduz aos pensamentos de melhoria e construção de práticas ativas para conduzir nossa vida e a existência de todos os seres que vivem no planeta.

- Sim, acho que sair do formato quadrado do cientista e trazer o artístico, lúdico, vídeos, músicas, dinâmicas e escuta ativa faz toda a diferença na sensibilização e introdução do tema. Quando damos espaço para a escuta e apresentamos o tema sem muita "densidade" e menos conteudista alcançamos melhor as pessoas e podemos a partir de exemplos, questões e comentários trazidos conseguir contextualizar melhor os próximos encontros já entendendo o conhecimento prévio da turma e o contexto social/cultural que estamos inseridos.

- O que gostaria de destacar — não apenas desta oficina, mas de todos os encontros dos quais participei no EMCANTAR como professora — é a forma como somos acolhidos em nossa essência, como seres humanos, e não apenas em nosso papel de educadores. Há um olhar afetivo voltado às pessoas, que transforma os encontros em espaços de reconhecimento mútuo, onde nos enxergamos como amigos, como partes de um todo. Brincamos, cantamos, dançamos... é como se, por instantes, pudéssemos voltar a ser crianças.

- Sim, claro! A forma como a Oficina foi conduzida realmente me encantou. Falar sobre questões socioambientais de maneira vivencial, despertando o corpo, conectando com a natureza interna e externa, e ainda com músicas sensíveis... foi perfeito. Os vídeos também contribuíram muito, trazendo informações de forma clara e objetiva. Tudo isso tornou a experiência rica e envolvente.

- A prática tem o poder de auxiliar na estrutura mental

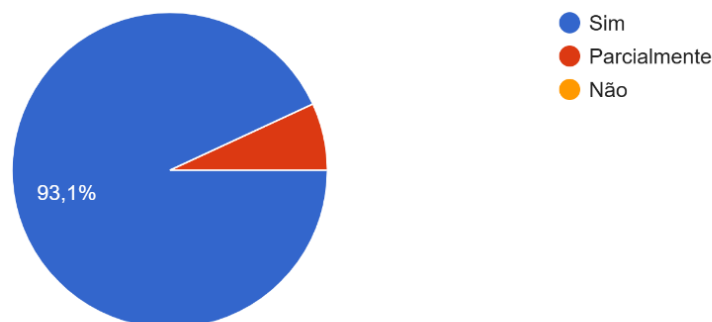
- Adorei a forma como foi conduzido o momento... a sensibilidade dos formadores o carinho, o cuidado... Percebe-se que tudo foi pensado em cada detalhe... a escolha do lanche, o repertório musical, a seleção de vídeos, as dinâmicas... Tudo foi lindo...

- Foi perfeito, um ambiente acolhedor, agradabilíssimo.

- Como a proposta do projeto, a oficina veio enriquecer mais
- De despertar para a beleza e dar importância nas coisas simples do nosso dia a dia.
- Desde a escolha do local (Parque do Sabiá) às múltiplas linguagem usadas, percebo que tudo foi propositalmente pensado para encantar, especialmente diante do desafio de um conteúdo que por vários momentos desperta apreensão, descrença, tristeza e até revolta. A combinação da arte com a natureza proporcionou uma manhã de aprendizado muito leve e agradável. Destaque para as dinâmicas ao ar livre e coletivas, para as músicas cantadas ao vivo e conteúdo audiovisual escolhido. Inclusive alguns colegas participantes escreveram espontaneamente poesias. Uma ótima evidência.
- A forma que os assuntos chegaram mesclados às músicas que nos remete as questões problemáticas ambientais traz encanto, poesia, enfim, uma maneira diferenciada de ver o mundo, conseqüentemente encantamento.

6 - Os conteúdos científicos e os saberes ancestrais compartilhados despertaram encantamento em você?

29 respostas



Comentários pergunta número 6:

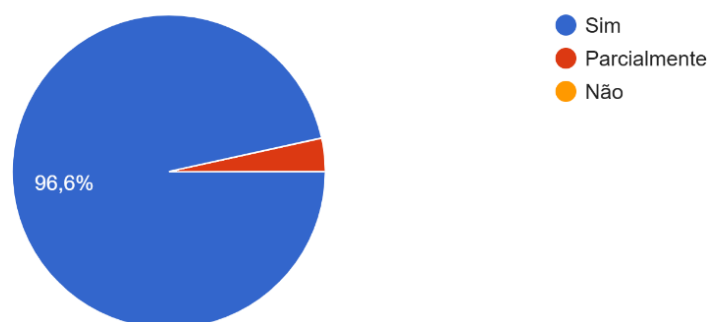
22 respostas

- Com certeza! O conhecimento é importantíssimo, e o que foi exposto nos textos, vídeos... fez muito sentido. Começando pela passagem da cosmovisão à cosmoação! Não basta ter o conhecimento, é preciso ter a ação!
- Encantamento e curiosidade em buscar conhecer mais sobre o assunto, pois o conhecimento nos liberta e faz com que tenhamos pensamentos e atitudes mais sábias que gerem realmente mudanças no nosso cotidiano.

- Saber um pouco da origem de cada coisa, e saber que de certa forma estamos ligados e que fazemos parte de tudo, também as maneiras que outras culturas e regiões expõem a sua ancestralidade, a nossa ancestralidade, instiga a querer buscar mais, a entender e admirar mais o que sou e o que tem a minha volta.
- É bom transitar por várias culturas e ciência em busca de um objetivo: se reconhecer parte desta que chamamos natureza. A saudação ao sol, os vídeos, conversas e textos me permitem uma proximidade com minha própria fé cristã o que me ajuda no propósito de cuidar desta casa, Terra.
- O encantamento se dá na medida que se percebe como se interage os saberes ancestrais com os conteúdos científicos imerso no processo de transformação ambiental que está ocorrendo.
- Adorei os vídeos quero compartilhar com meus alunos.
- Os conteúdos científicos foram bons para ampliar meu conhecimento, e me despertaram uma certa curiosidade, mas não me geraram encantamento pelo assunto.
- Os conteúdos são oportunos até mesmo para ações posteriores dos participantes, principalmente se tratando de um público que também desenvolve formação dentro dos cenários nos quais atua. As escolhas feitas me parecem apontar um equilíbrio de modo que a conversa não fique exclusivamente densa e alarmante sobre o assunto que, por si só, já nos traz certas dificuldades nas tratativas. De novo, acredito ser importante avaliar o tempo de fruição desses conteúdos e de toda a proposta como um todo, para um aprofundamento no tema.
- Aprendi muito com os conteúdos. Quero revê-los novamente, inclusive mostrar para as pessoas a minha volta. Um conteúdo muito importante para compartilhar com nossos pares.
- Um vídeo em especial me proporcionou conexões muito instigantes, apesar de já ter tido contato com as ideias de Ailton Krenak e alguns materiais produzidos pelo Selvagem Ciclo de estudos. Penso que o contexto da manhã foi determinante para que as relações se dessem daquela forma.
- Desconhecia alguns e achei muito interessante.
- Eu gostei por já ter comigo (conhecimento prévio) esse olhar mais sensível e colaborativo no mundo, mas sei que trabalhar isso com pessoas que estão imersas no automatismo cotidiano e cansadas das condições materiais da vida (no caso trabalho com formação de professores) é um desafio maior ainda e que por vezes acarreta um desânimo pessoal e profissional. Por isso essas oficinas são tão essenciais para nos trazer novamente para o propósito profissional, nesse lugar que agora ocupo, enquanto formadora de toda uma rede de ensino.

- Sim e também causaram tristeza pois nosso planeta continua sendo destruído, e já não é mais como antes. Nossa infância foi por muitas vezes em lugares que hoje podem não existir mais, devido à ação do homem com a destruição.
- Sim, acredito que quando trazemos questões culturais como saberes ancestrais contextualizando os conteúdos científicos tiramos o peso de ser algo complexo demais para quem não é da área entender e mostramos mais de um ponto de vista sobre o assunto, podendo trazer mais identificação e aproximação com o tema. Quebrando a ideia que é algo "distante" e fora do cotidiano/realidade do indivíduo.
- Sim. O conhecimento científico e os saberes ancestrais sempre me tocaram profundamente. Minha pesquisa de mestrado foi fundamentada na diversidade cultural, nos valores civilizatórios afro-brasileiros e na literatura. A natureza, por sua vez, sempre esteve no centro das minhas escritas — tanto em livros quanto em projetos pessoais. Sinto-me conectada a ela de um modo muito especial e íntimo.
- Sim, me causou muito encantamento! Ter acesso aos conteúdos científicos junto aos saberes ancestrais, especialmente voltados para as questões socioambientais, foi uma experiência profundamente tocante. Tenho pesquisado sobre saberes ancestrais a partir de movimentos que valorizam a oralidade, e ver esse conhecimento sendo integrado de forma tão sensível e respeitosa foi simplesmente magnífico. Foi como um morrer e renascer, abrindo caminhos para novas formas de cuidar das "águas de dentro". Acredito que, ao desenvolver essa consciência interna, posso olhar o mundo com mais sensibilidade e responsabilidade, cultivando um cuidado verdadeiro com a nossa Mãe Terra.
- Ciência é a base de conhecimento e conhecimento transforma.
- Todo material nos provoca grandes reflexões.
- Encantamento e pontos fortes para a reflexão
- A origem de tudo e de todos nós.
- Por já serem conteúdos e saberes de meu interesse e apreço entendo também que influencia como me envolvi pessoalmente. Me emocionei em vários momentos e observei a turma como um todo bem engajada e sensibilizada também.
- Sim porque é esclarecedor o entendimento do todo, do início aos dias de hoje, isso talvez nos dê uma melhor clareza das atitudes que temos que ter hoje para minimizar os problemas atuais.

7 - Pela experiência dessa Oficina, você considera que as canções podem ser estratégias artístico-pedagógicas eficientes para estimular a sensibilidade e o envolvimento no processo de Educação Socioambiental?



Comentários pergunta número 7:

24 respostas

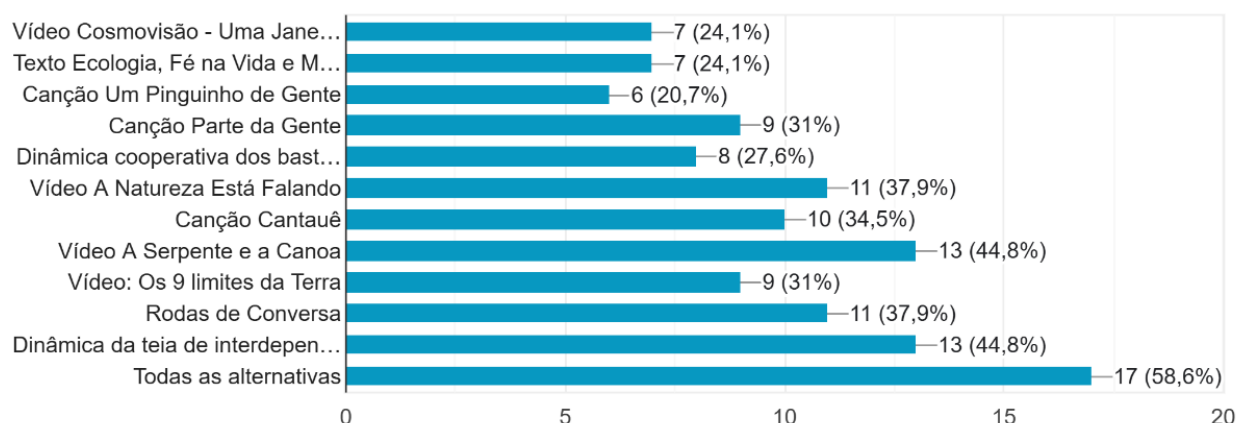
- Sem dúvida alguma! A escolha das músicas foi de uma sabedoria e sensibilidade tremenda!
- As canções escolhidas para a oficina tinham tudo a ver no processo de formação, nos levando a todo instante reafirmar e refletir a importância do cuidado com a natureza, nossa casa, nosso planeta.
- A música é o tapete vermelho que nos leva ao tema principal, que faz a gente entrar nos temas de maneira leve, mesmo com o peso do conteúdo. São as "palavras duras em voz de veludo".
- Uma espécie de Sarau enquanto tomávamos café da manhã foi impressionante. Uma sensação de ser cuidado que gerou em mim uma abertura ao que viria em diante.
- As canções permitem maior conexão sensorial com o ambiente natural em que nos encontrávamos, permitindo o afloramento da sensibilidade com o tema ecologia e vida!
- Acho que a música traz uma leveza e beleza para o assunto.
- Para mim, essa é uma das estratégias que o EMCANTAR tem de melhor.
- Destaco a importância delas poderem envolver os participantes enquanto público que as recebe e também enquanto agentes que fazem elas acontecerem no momento do encontro, tornando possível o envolvimento da comunidade formadas naquele momento, em direção a uma ação coletiva.

- Com certeza! A Arte acessa as pessoas de forma lúdica, sensível e é capaz de envolver muitas pessoas.
- Sim, certamente a escuta fez toda diferença ao longo da manhã. A letra disponível no telão, a qualidade musical, a escolha do repertório e dos momentos da fruição, potencializaram as propostas.
- Muito, principalmente quando se trata de educação. A música por si só é lúdica e traz Encantamento pra quem ouve.
- As canções belíssimas propostas são pouco divulgadas e não tão acessíveis como outras que são disponibilizadas através do imediatismo das redes sociais.
- Sim, pois elas nos fazem refletir e nos conscientizar de como precisamos salvar nosso planeta e lutarmos por ele.
- Sabemos que a música é uma linguagem universal, temos até conhecimento de ritmos que independente da sua cultura/país trazem o mesmo sentimento aos indivíduos, ensinamos o alfabeto e comportamentos/rotinas às crianças. Temos através da história da humanidade cantigas, rimas, cirandas que contam histórias e ensinamentos sobre a natureza, amor e vida. Usamos a música e rimas para decorar fórmulas matemáticas! A música é sim uma estratégia importante e eficiente em qualquer ensino e não poderia ser diferente na Educação Socioambiental.
- Sim, com certeza. Pela experiência da oficina, deu pra perceber como as canções tocam as pessoas de um jeito especial. Elas despertam emoções, criam conexões e deixam o processo de aprendizagem mais leve e envolvente. É uma forma muito potente de trabalhar a Educação Socioambiental.
- Muitooooo
- Sim, acho que as canções são uma forma muito boa de estimular a sensibilidade e o envolvimento com a Educação Socioambiental e com outros temas também. Na Oficina, senti como a música tocou o corpo e o coração, ajudando a me conectar de um jeito mais profundo com a proposta da manhã. As canções despertaram sentimentos, lembranças e reflexões que me fizeram querer aprofundar nas questões socioambientais. Foi uma forma leve, mas muito forte, de aprender e se conectar com a natureza e com as outras pessoas. Quando falo conectar com a natureza falo da natureza nós.
- Ela facilita a sensibilidade
- As músicas mexem com as nossas emoções e falam ao coração. Deixam memórias, com desejo de quero mais.
- Maravilhosas, devem ser compartilhadas, espalhadas

- Vai depender do público
- Sim, letras e melodias riquíssimas, aprendemos e ensinamos muito através delas.
- Com certeza. Ser testemunha de décadas do trabalho e impacto socioeducacional do EMCANTAR me permitem inclusive afirmar que sim para além da oficina de hoje.
- Totalmente, já até citei em pergunta anterior. Movidos pela sensibilização que a música tem a capacidade de trazer, somos tocados profundamente e a responsabilidade de fazer algo, de nos transformarmos bate muito forte. Acho que a música tem o poder de transformar de maneira leve, lúdica e pedagógica. Além de que são lindas, toca na alma.

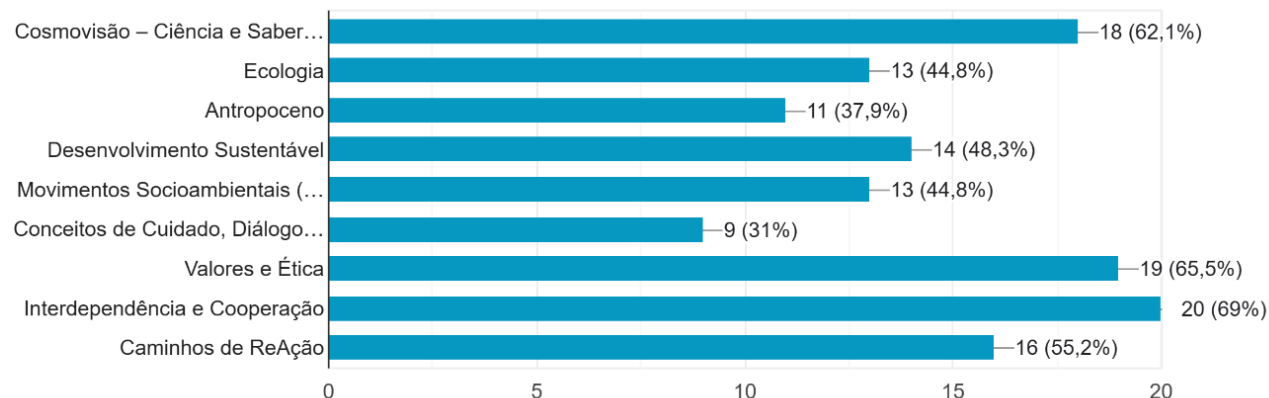
8 - Entre as estratégias pedagógicas utilizadas, o que mais impactou você na Oficina? (Marque uma ou mais alternativas)

29 respostas



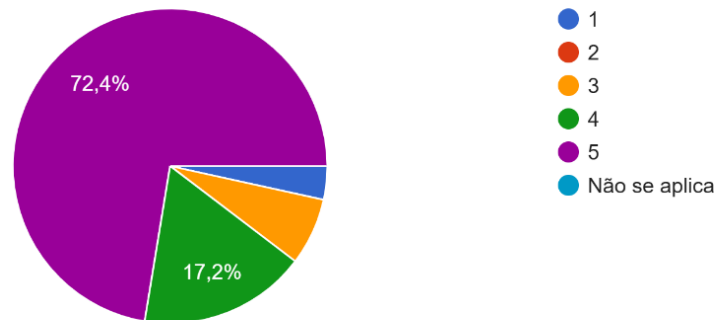
9 - Qual ou quais conteúdos despertaram seu interesse em buscar saber mais? (Marque uma ou mais alternativas)

29 respostas



10 - De um a cinco, o quanto você avalia que as estratégias e/ou os conteúdos da Oficina podem ser replicados em sala de aula?

29 respostas



11 - A Oficina despertou ou reavivou sua consciência para os grandes problemas mundiais que caracterizam a crise ambiental pela qual o planeta atravessa?

29 respostas



Comentários pergunta número 11:

19 respostas

- A gente sabe, vê nos noticiários, na Internet, sente na pele em alguns momentos.... mas vivenciar esse dia trouxe um pouco mais da responsabilidade ética!
- Além de despertar, me fez ter consciência da gravidade da situação que estamos vivendo. E que é urgente novas atitudes.
- Apesar de ter consciência das nossas ações no mundo, ter comportamentos que buscam a sustentabilidade, o encontro leva refletir que pode ser feito mais, que as vezes deixamos levar

pelo automático, que a reflexão deve ser diária. E a função de educador tem grande impacto na construção de humanos melhores.

- Eu voltei comentando sobre o assunto com meu marido e filhos. É incipiente, mas é a pergunta "o que mais posso fazer?"

- A oficina ampliou meu desejo de continuar a orientar os alunos nas escolas em que trabalho, assim como continuar a demonstrar pelo exemplo, atitudes ecologicamente corretas ao uso da água para se beber na escola, despoluição do ambiente escolar, sala de aula e pátio pós-recreios, uso racional de energia elétrica na sala.

- É um assunto bem falado atualmente, mas achei bom saber dados científicos sobre o assunto e os vídeos eram muito bons.

- Enquanto educador também na sala de aula, a oficina me atualiza e amplia minhas possibilidades de ação com os estudantes das minhas turmas.

- Momentos como esse da oficina são necessários para dar uma pausa na rotina e compreender que a hora de cuidar melhor do nosso planeta é agora.

- Reavivou e trouxe a necessidade de não só manter ligado o sinal de alerta, mas a necessidade de agir para além do conforto habitual.

- Fazer e repensar atitudes que beneficiam o ecossistema, são questões que estão sempre presente no dia a dia. Então no meu entender reforçou a minha consciência ecológica

- Sim... impactante foi parar para pensar sobre isso, algo que já sabia, mas que vira automatismo por trazer comodidade, facilidade, menos esforço. E deixar de pensar por não ter esse tempo reservado obrigatoriamente para isso, traz uma angústia de pensar que muitas vezes passamos por essa vida fingindo não saber, optando por deixar de lado, mesmo sabendo que vai contra o que realmente trará o bem.

- Assisti o documentário que foi citado na oficina (Rompendo Barreiras: Nosso Planeta) e foi impactante descobrir como o planeta precisa de ajuda agora. Precisamos falar mais sobre isso e começar a nos importar com a nossa casa. Se ainda não o fazemos é preciso melhorar.

- Sim e de uma forma que não trouxe aversão, já que foi muito bem conduzido e apresentado de uma forma mais "leve" e de fácil compreensão.

- Fiquei pensando, como vivemos de forma alienada. Sabemos dos problemas, sabemos que há urgência em mudarmos os "hábitos - mal hábitos" e vamos vivendo. Sem parar e olhar, e movimentar para que as mudanças venham.

- Não podemos esquecer que fazemos parte do mundo e somos o mundo

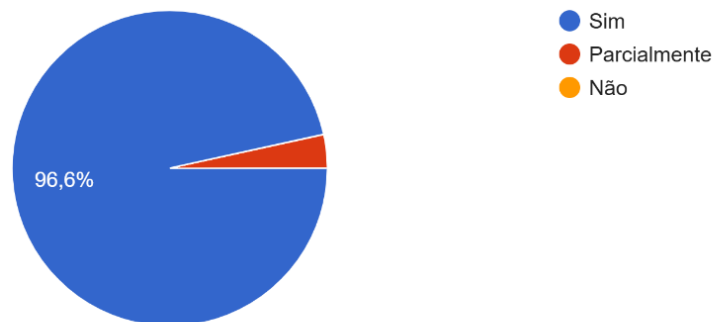
- Ampliou um pouco mais a consciência

- São muitos elementos de potência: material audiovisual e textual denso, arte e escuta atenta

- Em especial no momento em que relembrei o que foi exposto no documentário Rompendo Barreiras.
- Com certeza, o modo de vida moderno acaba nos colocando num lugar de comodismo, se não houver um "sacudir" assim acabamos seguindo na correnteza.

12 - A Oficina ampliou o seu conhecimento e a sua compreensão sobre o impacto das ações humanas no equilíbrio do planeta?

29 respostas



Comentários pergunta número 12:

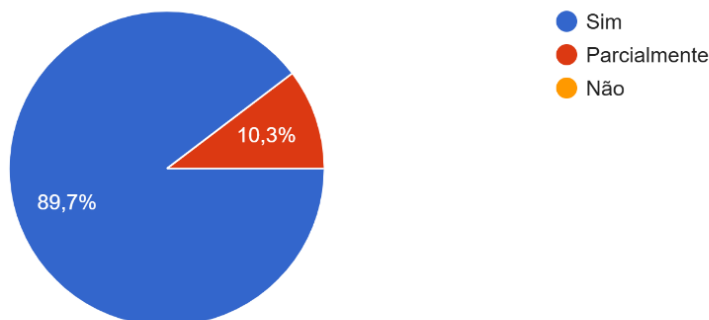
17 respostas

- Não dá pra voltar atrás e começar de novo... mas dá para seguir em frente de uma forma diferente e impactar outras pessoas à mudança!
- O quanto nós seres humanos precisamos repensar nossas atitudes para mudar nossas ações.
- Em todo momento estamos impactando o mundo de alguma forma, o ser humano na busca da modernidade, de conforto está destruindo o principal, está desequilibrando os sistemas.
- Não imaginava que estávamos tão à beira do abismo caótico da destruição planetária. Imaginava que estava ruim por sentir no dia a dia ao longo das estações do ano as consequências das mudanças climáticas, porém não imaginava que estamos quase atingindo um ponto irreversível de destruição do planeta e da própria espécie humana.
- Penso que a noção de pertencimento está em nos reconhecermos como bicho/animal, se comêssemos o necessário, vestíssemos o necessário etc., estaríamos muito melhor.
- Parcialmente, porque eu continuo entendendo que o impacto maior são as ações humanas (corporativas), impactos causados por poucas pessoas que detém o poder econômico e político.

- Não tinha visto os vídeos que foram mostrados. Dessa forma, eles trouxeram informações e fatos importantes para compreender o que está acontecendo com nosso planeta e o que pode acontecer se continuarmos agindo da mesma forma.
- A atualidade dos dados ampliou minha compreensão.
- Alguns dados trazidos na oficina eu desconhecia e foi muito bom adquirir conhecimento.
- Com certeza amplia. Como eu disse falar de algo que já temos a informação e partilhar com quem consegue agir sobre essa informação faz sentido e traz sempre algo que agrega ao conhecimento e mexe com valores que defendemos, mas não agimos em concordância.
- Sim ao mostrar várias propostas de melhoria e de educação ambiental a oficina mostrou que ainda há esperança de salvarmos nosso planeta.
- Os vídeos exemplificaram e mostraram o impacto de atitudes nossas sobre o planeta, mas, como já trouxe anteriormente o ver impacta no momento, mas, se aprofundar mais em exemplos práticos e mais próximos do nossos cotidianos acredito que traz mais identificação e proximidade com o problema, podendo gerar mais mudanças de comportamentos.
- Sim, a Oficina ampliou muito meu conhecimento e minha compreensão sobre o impacto das ações humanas no equilíbrio do planeta. Através das reflexões, consegui perceber com mais clareza como nossas escolhas do dia a dia afetam o meio ambiente e como é urgente repensar nossos hábitos para cuidar melhor da Terra.
- Sim, trouxe dados científicos de uma forma muito lúcida e impactante
- Uma única atitude nossa pode fazer com que os que estão ao nosso lado repensem nos seus atos e mudem de postura e de comportamento a que se refere ao meio ambiente
- Principalmente no momento das rodas de conversa ao ouvir tantas reflexões, exemplos e colocações pertinentes.
- Sei que existe um curso natural de transformação no mundo, mas sem dúvida a intervenção humana de modo irresponsável em todo o meio que a humanidade compõe, tem muito impacto na destruição e conseqüentemente todos os riscos que estamos vivendo nesse momento.

13 - A Oficina despertou seu senso de pertencimento, de amor à vida e de participação na comunidade da vida terrestre?

29 respostas



Comentários pergunta número 13:

18 respostas

- Pertencço a esse planeta que já me proporcional muitas alegrias. Sou grata por tudo que recebi, pelo ar que respiro, pelo alimento de cada dia, pela água que sacia a minha sede, pelas pessoas que direta ou indiretamente fazem parte da minha vida, pelas oportunidades...
- Faço parte deste planeta, e preciso fazer a minha parte no cuidado com ele.
- Saber que sou parte, que pertencço a tudo que me rodeia, me faz ter mais consciência nas ações.
- Isso me sensibilizou bastante. É algo que já venho pensado e movimentado. A imagem da teia de relações... senti vontade de retomar a atenção aos outros... fiquei um pouco árida em relação ao que eu era, nos últimos anos.
- A construção dos processos da oficina (didática) com as informações científicas mostradas em vídeos, somados ao despertar da sensibilidade pelo contato com a natureza e a musicalização no evento, despertou meu envolvimento e corresponsabilidade para com as questões da vida na minha comunidade e com o planeta.
- O que é amor à vida? Nós seres humanos conduzimos a nossa vida para tirar vantagem do outro, para ser melhor que o outro. Não entendemos que somos parte de um todo, a planta é uma vida, o animal é uma vida, a pessoa que está do seu lado é uma vida. Penso que ter amor à vida é ter coerência na maneira que conduzimos a nossa vida de modo a não prejudicar o outro, seja ele, planta, animal ou gente.
- A oficina e todo o caminho que trilhamos até aqui, vem acrescentando a dimensão da expressividade e consciência corporal ao meu cotidiano, de uma maneira muito especial. A

prática acompanhada, a técnica, a brincadeira, a roda, o grupo estão me proporcionando uma atenção encarnada, uma atenção para o corpo, para a voz e o gesto com intencionalidade e presença. Um olhar sensível para a prática docente com coerência, alegria e delicadeza.

- Sempre tive.

- Sim... compartilhar percepções e ações colaborativas mexe com a gente e nos lembra de olhar para a temática quando envolvidos pelo turbilhão da vida cotidiana.

- Hoje ainda mais que ontem eu quero fazer parte das melhorias que me auxiliem em viver mais e desfrutar das maravilhas que foram criadas para contemplação e para deleite do ser humano dos animais e de todos que habitam essa Terra.

- Senti sim que trouxe muito esse sentimento, mas, trazendo para atitudes do cotidiano e mostrando o resultado dessas atitudes a longo prazo poderia trazer mais. Para um primeiro momento foi ótimo, talvez um segundo momento seria ideal para entender o quanto impactou o primeiro e reforçar essa importância das pequenas atitudes do cotidiano. Falando de professores, até no poder da influência deles nas próximas gerações.

- A questão da responsabilidade após a consciência marca muito nos textos, isso traz um nível de preocupação, mas ao mesmo tempo

- Sim, a Oficina despertou em mim um forte senso de pertencimento, de amor à vida e de conexão com a comunidade da vida terrestre. Foi um momento de reconexão comigo mesma, com a natureza e com tudo que nos cerca. As vivências e reflexões me fizeram lembrar que somos parte de algo muito maior, e que cada gesto conta. Saí com o coração mais aberto e com ainda mais vontade de cuidar da vida em todas as suas formas.

- A vida é única.

- Porque é uma revolução dentro, sobretudo.

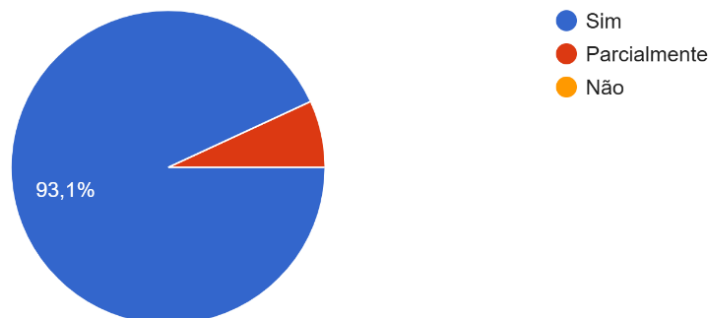
- Sou um peça de grande importância neste planeta (Terra)

- Respondi assim pois a pergunta me pareceu atribuir o despertar exclusivamente à oficina. Ela contribuiu e muito para eu reforçar esse senso, fortalecer e até ampliar, mas no meu caso não foi a fonte do despertar.

- Sim, esse sentimento nos conecta com o todo, e assim, a responsabilidade do cuidar da gente, do outro e do mundo. Isso fecha um ciclo onde nada fica de fora e com isso a chance de dar certo.

14 - A Oficina despertou seu senso de responsabilidade sobre o impacto de suas ações cotidianas no território em que você habita e atua?

29 respostas



Comentários pergunta número 14:

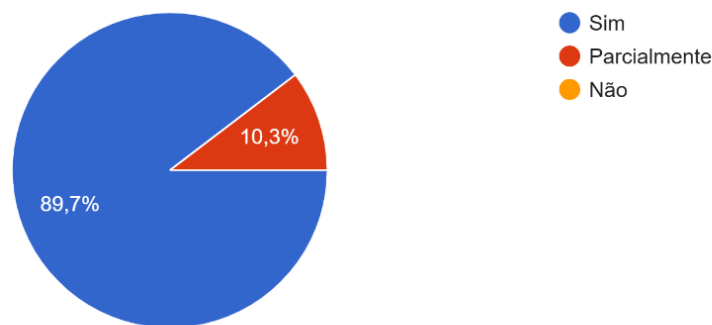
17 respostas

- Tudo está interligado, conectado, todas as ações impactam nas vidas uns dos outros e do planeta. Eu faço parte disso, portanto sou corresponsável!
- Sou também responsável pelas mudanças na minha casa com minha família, no meu trabalho nos espaços sociais que participo, enfim preciso sempre fazer minha parte nessa mudança.
- Com ações conscientes vou impactar de maneira positiva o espaço onde moro, a natureza e o planeta.
- Como ser humano vivente em um ambiente civilizado e um consumidor do que se produz pelo mundo, creio ser de minha responsabilidade o consumo adequado e suficiente do que realmente seja importante para a manutenção minha e dos que estão sob minha responsabilidade.
- Sim como falei em uma das respostas anteriores somos parte de um todo. Nossas ações implicam diretamente nas consequências que estamos enfrentando agora, o lixo que a gente joga na rua por exemplo vai para o bueiro e entope causando inundação.
- Eu continuo pensando que o impacto de um indivíduo ainda é pequeno diante do impacto causado por grandes corporações econômicas, principalmente na área do agronegócio.
- Sim, como na resposta anterior, as práticas experienciadas nas oficinas não têm se desfeito com a roda, elas vêm extravasando e se concretizando através da lembrança de alguma fala, uma informação, um copo a menos, alimentação, hábitos.
- Mantenho sempre bons atos e repasso para minhas filhas essa consciência de preservação.
- Com certeza mexeu.

- Sim. Através de projetos pra dar continuidade a educação ambiental e também para ajudar a conscientizar os alunos, minha casa para que possamos ter mais coleta seletiva, menos consumismo, e uma vida para melhorar o nosso bem-estar e a vida no nosso planeta.
- Sim, entendi que preciso fazer diferente e que minhas atitudes impactam o meio ambiente.
- Tudo que fazemos retorna
- Se faz muito necessário aproveitar os nossos espaços de convivência para promover a conscientização.
- Porque é uma revolução dentro, sobretudo.
- Minhas ações erradas causam grandes danos
- Mesmo comentário anterior.
- A oficina me lembrou que o tempo todo consumimos, e não é pouco. Se levamos a sério o que foi apresentado sobre todos os "Rs", o impacto da nossa intervenção na Terra pode ser um pouco minimizado e assim conseguirmos chegar no tempo certo que as previsões nos trazem.

15 - A Oficina provocou em você a necessidade de mudar e/ou aperfeiçoar hábitos e comportamentos?

29 respostas



Caso tenha respondido "SIM" na pergunta anterior, comente o que você pensa em mudar nas suas práticas com base na sua vivência com a Oficina.

25 respostas

- Preciso melhorar ainda mais minha alimentação, tomar mais água, beber menos café, destinar momentos para uma busca interior de sentidos ou simplesmente apenas respirar, voltar a fazer atividade física, separar um tempo para destinar aos outros, às relações, posso melhorar minha separação de lixo doméstico, repensar sobre o que comprar, dar menos

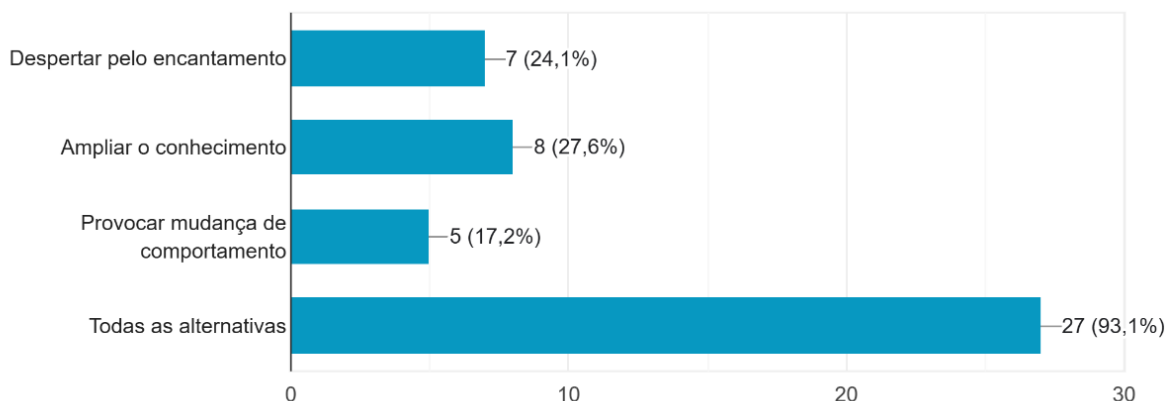
importância à questões fúteis... valorizar ainda mais os momentos de qualidade com minha família....

- Dar continuidade nas ações que tenho em casa e tentar ampliar essas ações fora de casa!
- Já tenho o hábito de cuidar do lixo destinando aos locais certos, tenho repensado muito se realmente é necessário comprar algumas coisas e preciso atuar mais nesse processo de levar o conhecimento a outras pessoas.
- Diminuir o tempo de banho, economizar no consumo em geral, conscientizar ainda mais meus filhos e alunos a ações que não impactam tanto o planeta
- Penso em agir com bastante coerência a fim de ser referência para outros. Melhorar o descarte de resíduos, o consumo de água, escolher melhor os alimentos, evitar consumir de empresas que degradam a natureza. Ainda vou comer carne, mas, talvez, eu possa reduzir.
- Reduzir ou até mesmo suprimir o consumo de produtos industrializados ou não, que não sejam importantes ou que não tenham significado para minha saúde e/ou bem-estar
- Algumas coisas eu já fazia como não jogar lixo na rua, como separar o meu lixo, reciclar as coisas, porém ainda tenho uma necessidade de consumo que preciso mudar.
- Me despertou a vontade de fazer Yoga com mais frequência. Atualmente faço 1 vez por semana com um grupo de pessoas.
- Buscar informações mais específicas sobre as ações que posso fazer ao longo do meu dia, de maneira mais consciente como, por exemplo, compreender melhor sobre separação do lixo em casa e nos locais em que trabalho.
- Aprimorar a coleta dos resíduos em casa, que já é seletiva, mas pode ser melhorada com uma composteira. E definitivamente, a mudança dos hábitos alimentares, que apesar de já contar com as plantas que cultivo aqui no jardim, pode ser transformada e se tornar mais coerente sem o consumo ou diminuição da carne.
- Conscientizar as pessoas com quem eu convivo a ter mais zelo com o meio ambiente.
- Provoca com certeza, mas a dinâmica da vida que nos é posta pode fatalmente deixar essa provocação ser silenciada de novo. Por isso, acredito no movimento da Comunidade de Sentido, que traz frequentemente nos encontros marcados outros hábitos e outras formas como mecanismo de nutrição individual e nos possibilita conviver com pessoas que ressoam esses outros hábitos, com isso compartilha e colabora com a mudança de posturas e hábitos equivocados.
- Coleta seletiva, diminuir o lixo de descartáveis, sacolas plásticas, menos consumismo, doações daquilo que não utilizamos, para que possa circular ao invés de comprarmos mais coisas.

- Senti que preciso mudar, como fazer isso ficou mais no mundo das ideias.
- Separar melhor o lixo, conversar com as crianças sobre hábitos do dia a dia que, embora pareçam inofensivos, causam impactos na natureza, e reduzir o uso de materiais descartáveis nas mostras ambientais.
- A carne é o maior desafio na minha família
- Estou caminhando em um movimento de mudança, a partir da ajuda de meus filhos, que vivenciam uma escola que traz como pauta os cuidados socioambientais. meus filhos têm despertado em mim esse desejo de mudar e de olhar o mundo da melhor forma possível. no sentido de cuidar de nossa casa. a oficina veio para reforçar!
- Estamos em constante mudança
- Estou pensando em ir aprimorando coisas que já faço (separar o lixo, reaproveitar materiais recicláveis em trabalhos pedagógicos, andar de bike e deixar o carro mais parado, melhor a horta em casa, fazer uma composteira, aumentar a captação da água para serviços domésticos) partir dessas práticas colaborar ainda mais com o planeta.
- Um olhar mais cuidadoso às questões ambientais, consumo etc.
- Ampliar o que já faço e continuar na luta
- Voltar a caminhar ao invés de sempre acionar o transporte, diminuir o consumo de carne e buscar mais conteúdos sobre os temas apresentados, procurar mais momentos de contemplação e conexão com a natureza.
- Fazer o melhor que for possível e reaplicar com meus alunos os ensinamentos e relatos de todos vocês.
- A oficina reforçou que preciso adotar mudanças individuais e de forma urgente. Buscarei romper com certeza com questões que me paralisam a mudar por querer ampliar, alcançar outros.
- Já participei de oficinas com o Marquinho (Querubim), o meu despertar já aconteceu e acho que procuro ser coerente com o que aprendi, mas agora gostaria de aprofundar mais e conseguir levar minhas contribuições a mais e mais pessoas, tentar irradiar minhas atitudes.

16 - Na sua visão sobre a oficina, quais dos objetivos abaixo foram alcançados

29 respostas



17 - Você tem alguma sugestão de melhoria para o aperfeiçoamento dessa Oficina?

23 respostas

- Foi tudo lindo! Parabéns! Só gratidão!
- Não, está muito bom!
- Sugiro que possamos ampliar ainda mais essa formação e que se possível tenhamos momentos de vivência em instituições que já trabalham essa consciência ecológica.
- Assim como teve a convidada da equipe de educação ambiental da rede municipal (CEMEPE), poderia levar pessoas que são impactadas positivamente pela ação do homem na natureza (catadores, recicladores, famílias)
- Acho que foi muito conteúdo/propostas, o que gerou em alguns momentos uma tensão pela necessidade de cumprir o planejado. Por exemplo, a dinâmica dos bastões é ótima e poderia gerar desdobramentos, mas no contexto geral achei dispensável ou pouco aproveitada. Parece que foi só cumprida. Muitos vídeos e textos dá uma certa exaurida. Acho que um pouco mais de calma nas transições de propostas. Teve muita quebra: Yoga / café com música / vídeo / conversa / música / bastões / música / mais vídeo / conversa... Enfim, o tema é urgente, mesmo, então isso se reflete na abordagem, mas como há o intuito de encantar, eu sugiro um pouco mais de calma.
- Sim, talvez não distribuir o texto ecologia aos participantes, pois já tiveram acesso prévio ao mesmo por meio eletrônico e assim poupariam papel e impressão.
- Não

- No momento, nenhuma sugestão. Foi surpreendente, superou minhas expectativas.
- Talvez o tempo para o debate e reflexões possa ser um pouco maior, frente ao volume dos conceitos e informações compartilhadas.
- Registro de cada participante de boas ações para preservação do meio ambiente e uma árvore plantada por cada participante onde achar melhor.
- Parabênzoo a equipe que sempre está aberta a trazer o melhor em cada detalhe proposto, desde o lanche, lugar, livros, sugestões de mídias, músicas, materialidade etc.
- Nessa oficina tivemos alguns maquinários (cortador de grama que foi ligado) mas que não teve como planejar antecipadamente. Mas nos próximos, se for realizado no parque, pedir pra que não haja trabalhos no entorno pra não interferir nos processos criativos do grupo e da equipe organizadora.
- Sinto que queremos mostrar a importância de mudanças de atitudes individuais e viradas de chave, entender que nossas ações impactam o meio ambiente e que isso trará consequências a nós, não estamos separados e somos um só. Mas, já estamos inseridos em um sistema e com hábitos e cultura fortemente enraizados, para mudar é difícil e entramos na questão do poder do hábito. Como podemos ir mostrando os impactos de pequenas mudanças "menos" desconfortáveis, com sentido e propósito mostrando o impacto delas no planeta para que as pessoas comecem mais direcionadas nesse primeiro passo. Acredito que as pessoas precisam entender o sentido e o propósito, se sentir pertencentes e responsáveis, com direcionamentos mais práticos para essa mudança efetiva. Trouxemos o impacto e o incômodo, precisamos agora direcionar em um "vamos juntos!". Imagina que mágico as pessoas se reunindo em um café da tarde qualquer pensando em como fazer diferente e pensando em como ela pode impactar mais pessoas, mudar no seu cotidiano e pensar diferente com foco no cuidado do meio ambiente e "saúde" do planeta.
- Dinâmicas práticas em grupo, onde os participantes possam passar por alguma construção que impacte suas ações, e deixe mais claro o nível de conhecimento sobre as ações sustentáveis.
- A sugestão seria uma imersão de um dia todo. deu vontade de ficar mais tempo.
- Não
- Repetir esse momento
- Acredito que podem ser inseridos materiais impactantes do ponto de vista da degradação do planeta, tais como imagens e exemplos de situações complexas que envolve a ação humana no planeta.
- Ampliar a oficinas para diversos momentos de formação.

- Nenhuma
- No momento ao ar livre poderíamos ter sido levados a observar melhor o entorno, reconhecer elementos da natureza, árvores, animais presentes...
- Acho que o único ponto seria mais tempo de oficina, a prosa foi boa demais em tempo reduzido.
- Marquim é o profeta!

Se sentir vontade de contribuir ainda mais, compartilhe abaixo um depoimento sobre sua experiência. Gratidão e um abraço do tamanho do planeta.

18 respostas

- Tudo e todos estamos conectados assim como a belíssima teia. É preciso pensar no reflexo de nossas ações e também da falta delas, e como impactam nas relações e no planeta... o belo captado pelas lentes da retina e pela audição ficarão para sempre guardados com carinho e gratidão!
- Minha experiência na oficina superou minhas expectativas em relação ao conhecimento que não fazia parte do meu repertório. Sempre ouço falar temos que cuidar do planeta, mas hoje compreendi o porquê realmente temos que cuidar do planeta, e compreender que vivemos num ciclo de vida, onde somos todos responsáveis uns pelos outros, me fez querer fazer a diferença naquilo que me é possível. Gratidão, Deus os abençoe.
- Foi uma excelente experiência. Me senti muito bem! A temática tem me mobilizado nos últimos tempos. Havia um sentimento de cuidado conosco que me faz bem, não é tão comum. O lanche sempre um espetáculo, e lembramos das mãos que o prepararam. O lugar foi extremamente importante. O céu azul, o sol, a lua ainda visível, as árvores, o vento... a possibilidade de estar. Obrigada por compartilhar a sua pesquisa e missão de vida. Espero um dia servir de inspiração para outros como você tem sido para mim.
- Muito feliz com a oficina, pois me fez perceber que meu estilo de vida tem contribuído muito para a preservação do ecossistema e que estou no caminho adequado como pessoa e educador!
- Foi uma manhã muito gostosa, eu me senti parte da natureza, do que é bom, do que é compartilhado e genuíno. Eu me senti amada por Deus.
- A oficina me afetou de forma significativa, me motivou a continuar com hábitos e atitudes que já pratico há algum tempo e também me senti muito feliz de fazer parte de uma Comunidade de Sentido tão envolvida, tão comprometida em cuidar de si, do outro e da coletividade. No final da oficina fiquei muito reflexiva, e percebi que tenho um ponto de vista talvez pessimista. Penso

que ainda vai demorar muito para um despertar coletivo. A sociedade não está preparada para essa conversa e às vezes me sinto desanimada de conversar sobre esse assunto com quem não está aberto. Por isso, prefiro cantar e divulgar as músicas do EMCANTAR. Não acredito em mudanças significativas de grandes massas. No entanto, isso não diminui de forma alguma o meu encantamento e nem meu compromisso em fazer minha parte enquanto indivíduo. Em outras palavras, o que me motiva não é querer mudar o outro, ou querer mudar a sociedade, mas sim o saber de que mudando a mim, mudando meus hábitos, me sinto mais pertencente à grande mãe Terra, me sinto mais conectada a uma energia que eu considero divina e isso por si só, me faz bem, me faz saudável, me deixa em paz.

- Escreverei a parte para não comprometer o tempo. Obrigada pela experiência da manhã de sexta.

- Fui muito feliz na oficina. Esse tema me chama muito a atenção e saber que mais p

- Pra mim faz muito sentido estar perto de pessoas que comungam de percepções do mundo, do outro, do trabalho colaborativo, do humano, do coletivo e do social a qual eu comungo e me inspiro. Acreditar no potencial humano das crianças e de quem luta incansavelmente nesse lugar de fala de formador de professores, os quais lidam diretamente com essas crianças, traz outro significado a minha carreira enquanto professora formadora na educação infantil.

- Gostaria de escrever sobre a atividade das fitas. Ao escolhermos cada dupla tivemos a alegria de ouvir canções e também sermos tocados pelos participantes. Em um determinado momento ao escolhermos o próximo participante recebíamos e dávamos um abraço no escolhido. Nesse momento ouvíamos a canção com a temática do abraço. Essa canção me marcou muito pois em 2024 quando passei pelo câncer de mama, essa música nos encontros da formação da Pedagogia do Encantamento trouxe amparo, acolhimento, trouxe paz e muito amor em forma de música, em forma de pessoas, em forma de abraços e pude sentir essa memória afetiva e foi um momento muito especial pra mim. Obrigada ao EMCANTAR e todas as pessoas envolvidas com essas atividades maravilhosas que nos trazem tanto conforto e sensação de estarmos em outro lugar, não tem como não emocionar pois o momento é um presente como se fosse um refúgio com a sensação de preenchimento e de muito amor envolvido. Gratidão☐

- Gostaria de dizer que foi uma experiência incrível e muito enriquecedora sobre o tema, me tirando totalmente da caixinha do olhar científico e me mostrando que podemos ensinar temas tão complexos de uma forma artístico-pedagógica (amei isso). Isso trouxe muito mais proximidade com o público apresentando de forma criativa que acredito trazer mais liberdade de pensar sem um formato tão totalmente definido. A ciência deve entender que precisamos

adaptar nossa linguagem para alcançar mais pessoas e informá-las de forma clara e acolhedora.

- Como tivemos atividades prévias, a ideia de levar o lanche comunitário, poderia ser... organize seu lanche e explique por que das escolhas, pensando em alimentos que contribuem nessa busca do equilíbrio do planeta e refletir sobre essas escolhas.
- A cada encontro aprendo mais, eles me encantam profundamente e geram reflexões e mudanças de vida que reverberam nos espaços que convivo diariamente. Sem dúvida me sinto uma pessoa melhor vivenciando experiências tão especiais e importantes.
- Experiência ímpar e singular sobre grãozinho de areia que somos neste vasto e pequenino universo
- O encontro propiciou um conúbio de forças: conhecimento, reflexão, inspiração, contemplação e convite à ação.
- Foi tudo muito bom, vocês estão de parabéns. Sou grata e me sinto privilegiada de estar e participar deste grupo.
- Contemplada nos comentários acima. Parabéns e fiquei muito feliz em fazer parte dessa oficina que inaugura com certeza um caminho formativo essencial para os nossos dias.
- Abração, do tamanho de duas voltas no planeta.

APÊNDICE C

RELATÓRIO DE ATIVIDADES E METAS – EDUCADOR DO AMANHÃ





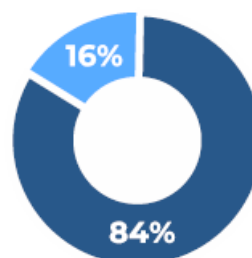
O **Educador do Amanhã** é um programa realizado pelo **Instituto Algar** e **Instituto Alair Martins**, que se juntaram por acreditar no poder da transformação em rede, com o objetivo de levar o conhecimento sobre metodologias que tornam o educador um coadjuvante no processo de ensino e aprendizagem e o estudante o protagonista do seu aprendizado.

O programa é realizado em Portel/PA e em Uberlândia/MG. Em Uberlândia, o programa acontece em **parceria com o CEMEPE – Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz** e com a **formação da Cia Cultural EMCANTAR** em sua metodologia educacional **Pedagogia do Encantamento**, sistematizada como resultado dos 28 anos de experiência em projetos para infância e juventude.

Em 2024, o programa aconteceu em formato híbrido, presencial e on-line, para educadores da rede municipal, colaborando assim com a prática de ensino e incentivo aos alunos a aprenderem de forma criativa, autônoma e participativa.

Para o primeiro ano do projeto foi estabelecida uma **meta de 30 educadores**, no entanto, na aula inaugural, que aconteceu em julho de 2024, 36 educadores foram encantados. A aula teve como objetivo a apresentação do projeto e a mobilização de público, o que refletiu no número de inscritos no projeto.

Aula Inaugural	36 encantados
Inscritos	43 educadores
Iniciados	36 educadores
Frequentes	30 educadores



 **84%**

EFETIVAÇÃO = Educadores inscritos que iniciaram a formação

CONCLUSÃO = Educadores que iniciaram a formação e certificaram

* A evasão de alguns educadores no projeto se deu por problemas de saúde, imprevistos familiares e, em alguns casos, de educadores que se matricularam mesmo tendo cursos ou aulas no dia do módulo disponibilizado para a formação.

ATIVIDADES REALIZADAS

PRÉ-PRODUÇÃO

- Reuniões de alinhamento e articulação, organização de documentação, plano de trabalho e assinatura do termo de parceria de novembro de 2023 a junho de 2024;
- Divulgação, inscrição dos educadores, confecção de banner, camisetas e kit de boas-vindas em junho e julho de 2024.

PRODUÇÃO

AULA INAUGURAL

A aula inaugural foi realizada no dia 11/06/24, no auditório do Martins, para **36 educadores** da rede municipal de Uberlândia. O encontro contou também com **representantes do Instituto Algar, Instituto Alair Martins, CEMEPE** e com a **condução da equipe EMCANTAR**, que apresentou a proposta do projeto e a metodologia a ser utilizada, além de promover um momento de sensibilização e encantamento para a mobilização de público.



ENCONTROS PRESENCIAIS

Todos as formações presenciais aconteceram na **Oficina Cultural de Uberlândia**, possibilitando que os educadores estivessem num ambiente diferente do escolar e pudessem vivenciar uma verdadeira imersão cultural. Ao todo foram:

14
encontros

3h
por encontro

42h
de formação

Nos encontros, os educadores mergulharam na infância como forma de retomar experiências como repertório para a sala de aula e, por meio de divertidas brincadeiras, jogos teatrais e músicas, discutiram sobre novas possibilidades para a sala de aula e organizaram uma apresentação que teve como tema "**Mudança**", numa perspectiva de mudança cotidiana, no olhar e no fazer pedagógico.

As oficinas aconteceram da seguinte forma:

08, 22 e 29	05, 12 e 19	03, 10, 24 e 31	07, 11, 14 e 21
AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO

Durantes as formações, os educadores se mostraram bastante engajados, participando ativamente em todas as atividades, com muita abertura para os exercícios corpóreo-vocais propostos e desafios da criação cênica, literária e musical, além de muito comprometimento com o produto final.

Ao final de cada encontro, foram realizadas rodas de conversa para acompanhamento do cronograma do curso da Pedagogia do Encantamento on-line e para discussão da convergência das aulas assistidas com encontros presenciais. Também houve bastante trocas entre eles em um grupo de WhatsApp, o que fortaleceu a Comunidade de Sentido e possibilitou um diálogo para além dos encontros das quintas-feiras.

Para encerrar o curso, um Workshop de Avaliação com todos os envolvidos do projeto foi realizado no dia 21/11, no qual todos puderam expressar os sentimentos e aprendizados ao longo do processo. Foi um momento de muita emoção e reconhecimento do quanto os encontros potencializaram ideias, afetos e as possibilidades de mudanças efetivas na educação.

Documentário | Educador do Amanhã - Ano 1



<https://www.youtube.com/watch?v=C-kPPZSOFn4&t=9s>



FORMAÇÃO ON-LINE

Além da formação presencial, os educadores receberam o **livro físico**, o **audiobook** e o **acesso à plataforma do curso on-line da Pedagogia do Encantamento**. Com **20 vídeos expositivos**, que totalizam **10 horas de formação**, o curso apresenta as duas metodologias da obra, **Vivência e Criação Artística e Cultura do Brincar**, que permitem diversas possibilidades de replicação em sala de aula.

O curso foi realizado em módulos para que os educadores pudessem seguir um cronograma e debater o conteúdo assistido nos encontros presenciais:

08/08	29/08	19/09	10/10	07/11
MÓDULO 01	MÓDULO 02	MÓDULO 03	MÓDULO 04	MÓDULOS 05 E 06

Todos os educadores acessaram a plataforma de acordo com o cronograma proposto, alguns relataram que assistiram aos vídeos mais de uma vez, devido à profundidade dos conteúdos apresentados.

A formação on-line veio reforçando tudo que estávamos construindo e nos dando suporte para uma vivência real de todo processo, fiquei encantada de perceber como tudo se encaixava.

Cristina Divina de Moraes



✓ **100%**

100% índice de conclusão aulas on-line

=

educadores que assistiram a todos os vídeos da plataforma do curso Pedagogia do Encantamento

RESULTADOS

MOSTRA ARTÍSTICA

Durante o processo, os educadores desenvolveram a criatividade e as formas de expressão artísticas individuais a partir das aptidões e potencialidades que cada pessoa já traz consigo, colocando tudo isso a serviço do coletivo na criação de um produto artístico. Textos, cenas, coreografias e até uma canção foram criadas nesse processo!

TODOS OS DIAS COMEÇA UMA VIAGEM

Letra: educadores participantes e lideranças educadoras

Música: Carlim Ribeiro

Todos os dia
Começa uma viagem
Projetos, desafios
E sonhos na bagagem

Deixo com saudade
Lembranças e afetos
Deixo dores e amarguras
Me desfaço dos meus restos

**Se a vida é o caminho
É preciso ter coragem**

Todos os dias
Me entrego às mudanças
Com força e valentia
Sem deixar de ser criança

Levo a sério a fantasia
Pra encantar a realidade
No olhar a alegria
Em todo o gesto, honestidade

**Se a vida é o caminho
É preciso ter coragem**

Meu destino eu refaço
Novas cores e sabores
Novos planos e amores
Na doçura de um abraço

Nos encontros entre a gente
Reencontro quem eu sou
Na memória sorridente
O que a vida me ensinou

**Se a vida é o caminho
É preciso ter coragem**

**“Há um menino, há um moleque morando sempre no meu coração
Toda vez que a bruxa me assombra o menino me dá a mão...”**

Pois é, a bruxa me assombrou!!!

*... não consegui esperar e baixei um aplicativo de Inteligência Artificial para música,
comprei uns créditos e lancei o poema Mudança construído por nós.
Ouvi muitas vezes os estilos pop, bossa nova, rock, reage.
Gostaria de compartilhar com vocês*

*Não sei vocês, mas este evento está mexendo comigo...
estou encantado com tudo o tempo todo!!!
Querendo mexer, fuçar... parecendo um menino inquieto...
querendo fazer, descobrir...
tocar campainha e sair correndo igual criança!!!*

André Edson Jabur

A **Mostra Artística** ocorreu no dia 20/11/24 no **Cineteatro Nininha Rocha** e contou com um documentário sobre o processo das oficinas e as reverberações em sala de aula, e foi uma surpresa para os educadores, que também assistiram ao vídeo pela primeira vez no palco.

Também contou com o contagiante espetáculo musical "Todos os dias começa uma viagem", criado com educadores. Cenas, canções e brincadeiras, que giraram em torno do tema "Mudança", representaram o processo de mudança vivenciado por cada um deles que estava no palco. Educadores entregues, vibrantes e orgulhosos do resultado! A mostra somou um **público de 132 pessoas**.

Mostra Artística 2024- Educador do Amanhã



<https://www.youtube.com/watch?v=Bs9K5A7HtFo>

RESULTADOS QUANTITATIVOS

97
atividades
replicadas

27
memoriais

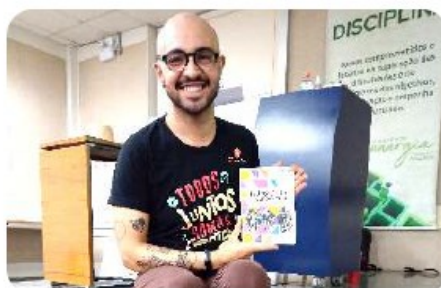
112
turmas
atingidas

2.479
alunos impactados
indiretamente

* Apenas 2 educadores não responderam ao questionário de impacto do projeto.

Dos 30 educadores, 07 não atuaram em sala de aula, sendo que um deles estava em tratamento oncológico. Três desses educadores estavam diretamente ligados às formações do CEMEPE e replicaram as atividades do projeto nos módulos, atingindo indiretamente 165 educadores da rede municipal de Uberlândia.

Um dos educadores também replicou algumas atividades com 13 discentes da faculdade e a metodologia apresentada, Pedagogia do Encantamento, também fez parte da dissertação de uma das educadoras.







DEPOIMENTOS

Educadores participantes

Elisângela Alves da Silva Reis

Quando percebemos então estávamos apresentando em um palco de teatro onde nunca pisei na vida, para minha família e outras pessoas, dando o melhor em cada cena e com coração alegre em participar desse sonho que é o Educador do Amanhã. Quero levar para a vida tudo que aprendi ao longo desses meses, o quanto me sinto melhor e mais confiante, e sempre buscar andar nos trilhos sem me perder nas trilhas. Lembrando sempre que todos os dias começamos uma viagem.

Flávia Alessandra Martins Henriques

Na minha prática de ensino, levo agora as brincadeiras, os objetivos finais, o processo para alcançá-los e, principalmente, o afeto — algo que percebi durante a formação ser essencial para dar significado a tudo.

Geovânia Dias da Costa

Esse material nos permitiu adquirir mais sabedoria no brincar e no fazer se encantar, transcendendo a simples transmissão de conteúdos para abordar a necessidade pedagógica de primeiro se permitir a ser criança. Foi um convite a entender que, para aprender, podemos criar estratégias e caminhos com responsabilidade, sem perder o brilho do sonhar do amanhã.

A Pedagogia do Encantamento não apenas ampliou nossas competências profissionais, mas também nos proporcionou uma renovada paixão pelo ensino.

Graciella Tonaco Lima

Todas atividades vivenciadas são passíveis de serem vivenciadas na escola. Cada encontro deixava minha mente “borbulhando” de ideias, algumas já concretizadas durante o percurso. Tenho usado a música do “Trem” para sair e voltar para sala e em momentos de descontração com as crianças e elas amam, com essa música trabalho a socialização, concentração, sequência, a fala, a expressividade.

Isabela de Abreu

Participar da formação foi como mergulhar em águas antigas e encontrar ali a menina que fui. Foi uma terapia, um reencontro com a alegria, com a criança que ainda mora em mim. Reaprendi a olhar para a sala de aula como um território de possibilidades, como um lugar onde sonhos podem nascer e crescer no fazer juntos.

Joelma Aparecida de Medeiros

A Pedagogia do Encantamento reforçou minha crença na educação como um ato de amor e arte, e me inspirou a continuar buscando maneiras criativas e significativas de ensinar, encantando e sendo encantada pelo universo infantil.

Josélia Azevedo da Silva

Todo o processo de formação foi reforçado e respaldado por meio da comunicação, seja ela feita através das rodas de conversas que aconteciam no início e fim dos encontros presenciais e ou pelo grupo do WhatsApp, a comunicação foi primordial para que nós formandos não nos perdêssemos no processo.

Kátia Kelly de Sousa Queiroz

Os professores com muito profissionalismo e ao mesmo tempo com uma sensibilidade incrível.

A receptividade estava presente nos olhares, afetos, palavras, na apresentação das propostas. Havia um respeito tremendo pelas pessoas, seus posicionamentos, criações e expressões. Tudo era pensado nos mínimos detalhes nos fazendo perceber as possibilidades independente do espaço e dos materiais, não era necessário nada muito elaborado, o próprio corpo virava o brinquedo, o lugar e tudo se transformava.

Luciano Rodrigues Santos

Essa abordagem inovadora foi aplicada de forma gradual, observando cuidadosamente as reações dos alunos. Notei que, em muitas situações, a música contribuiu para uma maior fluidez nas atividades, tanto nas tarefas individuais quanto nas dinâmicas em grupo. O ambiente sonoro atuou como um mediador entre os momentos de maior tensão.

Márcia Maximina Brandão

Essa formação reacendeu em mim a alegria de ensinar e aprender. Ver o brilho nos olhos das crianças, movidas pela curiosidade e descoberta, é profundamente motivador. Proporcionar um ambiente de aprendizagem lúdico é uma das formas mais eficazes de engajar os alunos, tornando o processo educativo prazeroso e significativo.

Marcus Vinicius Patente Alves

Durante quatro meses, seguimos por trilhos e trilhas que nos levaram a explorar nossas potencialidades, a abraçar nossas vulnerabilidades e a criar algo verdadeiramente coletivo. Para muitos, essa experiência foi um divisor de águas; para mim, foi a confirmação de que fiz a escolha certa ao decidir ser professor.

Marina Vargas Tomaz

A oportunidade de experimentar com meu corpo a relação que se estabelece entre o palco e a plateia, dividindo com tantas pessoas esse frescor e euforia, me fortaleceu ainda mais a crença na capacidade transformadora da arte e da educação. E de como as pessoas se relacionam melhor, quando estão em ambiente afetivo que promova a inventividade, a autonomia e a criação.

É forte, educa, transforma.

Marinalva da Silva Buschin Moreira

Fiz uma pesquisa junto às famílias das crianças sobre as brincadeiras que os pais e avós brincavam quando eram crianças. Relacionei as brincadeiras mais citadas e, posteriormente, vivenciamos parte dessas brincadeiras na quadra com as crianças.

Nilza Fátima de Moraes

Cada encontro era uma janela para novas possibilidades. Através de dinâmicas que poderiam ser até desafiadoras, exploramos novas formas de atenção, concentração e memorização, utilizando a arte como guia.

Patrícia Ribeiro da Silva

Me despeço desse curso com a certeza de que: "Toda vez que eu dou um passo o mundo sai do lugar", e que sempre que busco experiências como essa, sou capaz de me tornar um ser humano melhor, mais feliz e de levar mais amor e aprendizado para meus alunos.

Roberta Liz de Queiroz Sousa de Deus

Com o curso presencial e online fui acessando novas ferramentas e acionando as que estavam guardadas: O brincar, cantar, se encantar, viver o aqui agora...

Rodrigo Oliveira de Freitas

A cada encontro, a cada aula assistida de forma on-line, foi uma transformação, em meu modo de ver as situações, minha forma de agir, a qual ao invés de tentar tomar conta, conter, eu tentava "encantar... Destaco o vídeo do trabalho Parangolé: Tindolelê. Desse vídeo pude tirar várias brincadeiras que realizamos nas aulas e os alunos não param de pedir. No qual usamos bolas, bambolês, andar pisando no pé um do outro, fazer trenzinho, e tudo ao som do Tindolelê. Assim como nas turmas de 9º ano do ensino fundamental, por incrível que pareça, os conflitos por falta de participação cessaram quando a criança interna do professor conseguiu "conversar" com cada criança ali presente. Os diálogos foram melhores, a dinâmica das aulas também.

Simene Gonçalves Coelho

Entendemos que a Pedagogia do Encantamento, enquanto uma proposta que busca integrar os elementos emocionais e afetivos, desperta o interesse, a motivação e o envolvimento na aprendizagem das pessoas, ou seja, uma abordagem que propõe uma forma de educar que não seja um processo técnico, mas um espaço de encantamento, no qual os sujeitos possam se relacionar de maneira criativa e afetiva envolvidos por um sentido e encaminhados pelo desejo de conhecer.

Simone Medeiros Duarte

Ao longo desse segundo semestre, a formação me trouxe experiências marcantes: nutriu minha criatividade, ampliou meu repertório de canções e brincadeiras, reforçou o sentido de comunidade entre mim e meus colegas, professoras e professores.

Além disso, com o estudo da Pedagogia do Encantamento me sinto mais confiante e capacitada como professora para fazer diferente na sala de aula. Hoje tenho o entendimento de que mesmo com o trilho que o professor tem que seguir, ou seja, as exigências formais, ainda podemos criar novas trilhas de aprendizagens que façam sentido para as crianças.

Suely Rosa

Quero deixar aqui a minha gratidão pela vida de cada um de vocês, que fez e faz a diferença em minha vida. O carinho, o olhar, as palavras nos motivam a continuar.

Susiane Araújo Rodrigues

Poema inspirador que evidenciou o quanto nossa viagem até aqui foi transformadora. E que com certeza foi um presente a cada participante e nos conduzirá a um destino visto sempre com novos olhos. Vivenciar tudo isso foi aquecer o coração de forma intensa e ao mesmo tempo carinhosa.

Valéria Silva

Nossos mestres representantes de uma sincronicidade de alma foram compondo, construindo e sistematizando cada encontro de maneira harmônica como acordes musicais, sorrisos frouxos e escancarados, maravilhados entre si. Tão grande era a "coincidência" na condução do processo que somente na avaliação final descobrimos que a história dos dois se formou a partir do projeto "Educador do amanhã", entre si compunham a exata justeza que emanava em nós a tranquilidade, a confiança, a esperança e a certeza de como formar um grupo coeso. Isso fez toda uma diferença, impactou e validou o processo geral e o de cada um de nós.

Além dos depoimentos, uma das educadoras, **Sâmela Jannie Ribeiro Soares**, contou sua trajetória no projeto em um blog:

Programa Educador do Amanhã – Pedagogia do Encantamento Grupo EMCANTAR | PARTE 01

<https://literartecomasam.blogspot.com/2024/07/programa-educador-do-amanha-pedagogia.html>

Programa Educador do Amanhã – Pedagogia do Encantamento Grupo EMCANTAR | PARTE 02

https://literartecomasam.blogspot.com/2024/07/programa-educador-do-amanha-pedagogia_14.html

Programa Educador do Amanhã – Pedagogia do Encantamento Grupo EMCANTAR | PARTE 03

<https://literartecomasam.blogspot.com/2024/11/programa-educador-do-amanha-pedagogia.html>

OUTRAS SUTILEZAS DO PROCESSO

Para algumas pessoas, o processo também foi para além da formação, foi também curativo.

Taciana Christina de Medeiros Diniz

Outro colega se destacou para mim, para minha surpresa e também do grupo a Cristiana falou sobre o seu câncer, como falo no começo desse memorial, minha irmã morreu de um, e ter alguém recuperado dele é uma mensagem de Deus, eu estava no lugar certo, o curso além de ser um aprendizado magnífico, serviu também como terapia, depois das aulas sempre voltava mais alegre, era um sopro de vida para minha semana, da minha e da minha filha...

Por fim, eu e minha filha somos muito gratas por termos passado esse momento de luto com essa equipe, e conhecer pessoas maravilhosas como Mario Leonardo e Marco Aurélio Querubim, agradecer a oportunidade de estarmos vivas, vivendo e compartilhando experiência por onde passamos.... às vezes somos a cura de alguém e nem sabemos.

Cristiane Batista Rocha

Nesse mesmo tempo estava em tratamento oncológico e percebi que estando nas aulas seria um cuidado para as áreas mental e emocional do meu tratamento. E foi assim. Vivi momentos únicos e signifiquei memórias e sentimentos que estavam na infância e que me deixavam presa através das músicas cantadas e das experiências relatadas pelos participantes. Momentos de partilhas onde acessamos nossas brincadeiras, nossas angústias e também nossas dores... Passei por quimioterapias, medos, dúvidas e incertezas. Enfrentei o câncer, a cirurgia, mas em todos os momentos, tive a certeza e a felicidade de saber que estava no melhor lugar.

Por fim, uma grata surpresa do projeto foi a participação das três crianças: Maria Tereza, Elizabeth e Ana Júlia, que acompanharam suas mães nos encontros presenciais e, aos poucos, foram se envolvendo no processo, trazendo o olhar e a leveza da infância.

DEPOIMENTOS

Representantes das Instituições

Carla Barbosa Alves

Diretora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação

O curso Educador do Amanhã foi uma excelente oportunidade ofertada aos(as) nossos(as) professores(as) das escolas municipais, uma vez que proporcionou momentos de autoconhecimento e formação. Ele trouxe um fôlego novo, novas expectativas, desafios, acompanhados de muito compartilhamento, colaboração e amizade! Os jogos teatrais, as brincadeiras antigas, as músicas, levaram cada participante ao resgate de sua criança interior. Essa conexão era um convite para que cada um(a) pudesse olhar de forma diferenciada para seus(uas) colegas de profissão e, também estudantes, ressaltando a importância da comunidade de sentido na relação ensino e aprendizagem. Nas dinâmicas realizadas, toda teoria se fez percebida e com sentido. Os relatos dos(as) professores(as) sobre a formação foram encantadores e o espetáculo representou com fluidez e muita arte as várias trilhas percorridas.

Carolina Toffoli

Diretora Executiva do Instituto Algar

O Programa Educador do Amanhã representa uma retomada da formação com educadores da rede municipal em Uberlândia, fruto de uma parceria consolidada há duas décadas, dedicada à formação e ao desenvolvimento de educadores. Partimos de um convite, da vontade individual, e formamos um grupo de 30 educadores dispostos a se desenvolverem e ampliarem seu repertório para aprimorar a prática em sala de aula, por meio da vivência e aplicação da pedagogia do encantamento. Esse processo de construção coletiva e troca gerou frutos belíssimos, culminando na mostra artística, onde pudemos ver no olhar das pessoas o quanto elas se desenvolveram ao longo desses meses. Foi lindo acompanhar esse percurso e ver o impacto transformador dessa jornada!

Ludmila França

Diretora Executiva do Instituto Alair Martins

Para o IAMAR tem feito muito sentido ao longo dos anos fomentar o desenvolvimento dos educadores e unir à isso a arte, que tanto inspira e que tanto traz os potenciais humanos, tem deixado a gente muito feliz.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

por Marco Aurélio Querubim

Formação Presencial, Curso on-line, Livro, Grupo de Whatsapp

A combinação desses elementos como uma estratégia pedagógica, associada ao dia de módulo profissional dos participantes na grade do CEMEPE, demonstrou-se consistente para a formação dos educadores e eficiente para o sucesso do projeto.

Encantamento e Comunidade de Sentido

Do início ao fim da formação, foram notáveis o compromisso, a motivação, o engajamento, a alegria e a dedicação de cada participante segundo sua singularidade. Esse conjunto evidencia um aspecto concreto do encantamento como chave de transformação pessoal, assim como a relevância da vontade individual como premissa para a inscrição e a participação dos educadores no processo gradativo de qualificação da Comunidade de Sentido.

Desenvolvimento Pessoal e Profissional

Desde o princípio, os participantes demonstraram perceber que o convite se dirigia inicialmente à pessoa, em seguida ao profissional, bem como se tratava de uma formação **com** educadores, cujo resultado coletivo dependia da entrega individual. Essa percepção foi sendo ampliada e constatada pelo volume de comentários recorrentes nas rodas de conversa e nos depoimentos espontâneos em whatsapp, entrevistas, memoriais e avaliação final. Em todos os casos, foram notórias a satisfação e a gratidão pela oportunidade da qual estavam participando.

Carga Horária e Cronograma

A duração de três horas por oficina (incluindo o intervalo para o lanche), demonstrou-se muito justa para o cumprimento dos objetivos de cada encontro. Como consequência houve quase sempre um estado de correria para a conclusão das atividades e até supressões de parte do planejamento previsto para cada dia. Além disso, embora o projeto tenha alcançado suas metas com êxito e louvor, a quantidade de encontros entre agosto e novembro ficou apertada, provocando apreensões na condução dos arte-educadores e impactando o amadurecimento dos conceitos e das vivências nos participantes.

Pontualidade e Uso do Celular

Ainda que tenha sido uma turma exemplar, a falta de pontualidade e o uso do celular, comportamentos comuns na época em que vivemos, constituíram duas ameaças recorrentes ao bom aproveitamento do tempo e à atenção/concentração dos educadores ao longo do projeto.

Domínio da Metodologia e Replicabilidade

As iniciativas de replicação empreendidas pelos educadores, em paralelo à formação e por ela influenciadas, refletem envolvimento com o projeto, assim como o caráter inspirador e o potencial de replicabilidade da Pedagogia do Encantamento em um curto espaço de tempo. São indicadores primários incontestáveis que demonstram a Ampliação do Repertório Cultural como prática pedagógica entre educadores e alunos, evidenciada pelo mérito alcançado no número de atividades e de público impactado no ambiente escolar. Vale salientar que o potencial da proposta de formação humana, sensível e transformadora da Pedagogia do Encantamento vai além disso: na medida que o seu domínio por parte dos educadores considerar em sua aplicação o processo consciente, dinâmico e interdependente entre Estímulos, Criação e Produção de uma obra artística de autoria coletiva em um ou meio ciclo letivo, pelo menos. Essa percepção orgânica do processo só se tornou possível alcançar em sua totalidade para eles na prática, ao final da formação, após o Espetáculo (produto cultural) e a Roda Final de Avaliação (último encontro). Diante disso, é recomendável que sejam consideradas formas de acompanhamento sistemáticas, com apoio e mentoria aos educadores em suas iniciativas de replicação do processo como um todo, desde o início de seus próximos trabalhos letivos e partindo do desejo do que eles e seus alunos querem fazer juntos.

Brincar e Fazer Arte

Para educadores em processos de formação é comum o uso didático de brincadeiras populares. No caso dessa formação, as brincadeiras tinham várias razões: o brincar como um fim em si mesmo, que buscou a conexão com a criança interior de cada pessoa; a exemplificação da Cultura do Brincar como uma das metodologias da Pedagogia do Encantamento; a brincadeira como repertório a ser explorado, recriado e contemplado na composição do roteiro do espetáculo. Nesse contexto lúdico, que permeou o processo de oficinas do primeiro ao último dia da formação, houve uma grata e valiosa surpresa para todos: o interesse das crianças que acompanhavam suas mães ou pais em participar espontaneamente dessas vivências e o seu envolvimento gradativo e ativo na construção e participação no espetáculo. Esse fato é uma repetição do que já ocorreu em outras formações na trajetória de oficinas do EMCANTAR e, ao mesmo tempo, uma confirmação do que está exposto no capítulo 2 da Pedagogia do Encantamento (pg.42): *na infância, não há diferença entre brincar e fazer arte.*

O Espetáculo e a Avaliação Final

A criação coletiva de uma obra de arte que se materializou no espetáculo do grupo não deixa dúvidas quanto ao caráter formador e profundamente transformador da Pedagogia do Encantamento. Seja no desenvolvimento pessoal quanto no profissional, ficam evidentes dois grandes princípios e, ao mesmo tempo, resultados destacados desde a aula inaugural da formação, assim como no livro, no curso on-line e nas oficinas presenciais. O primeiro deles é de que a arte encanta e inspira as pessoas a vivenciar seus potenciais. E o segundo é de que o espetáculo como obra coletiva resultante do processo somente é possível com a entrega do melhor de cada um para o melhor de todos. Assim, espetáculo e encontro final de avaliação constituem juntos o momento pedagógico em que ocorre a grande catarse, individual e coletiva, na qual

muitas “fichas caem”, o senso de pertencimento atinge seu grau máximo no processo da formação e as lágrimas correm pelas emoções incontidas de alegrias e realizações compartilhadas.

Previsto X Realizado

Reconhecemos que as entregas desse projeto superaram em grande parte as expectativas em vários sentidos, mas uma última consideração merece destaque, especialmente no atual momento histórico de emergência climática em que nos encontramos como civilização humana. A temática ambiental sempre esteve presente de alguma forma em praticamente todos os trabalhos artísticos e educacionais do EMCANTAR, desde sua origem. As formas de Educação Ambiental no EMCANTAR são transversais e correspondem à premissa de 'relacionamento responsável com o espaço ocupado', em que as pessoas são convidadas à reflexão e ação a partir das Três Ecologias (eu comigo, eu com o outro e nós, sociedade, com o planeta). Dessa abordagem, derivam criações artísticas, pactuações coletivas e compromissos práticos com pequenas ações consistentes que podem ser assumidas individualmente no cotidiano das pessoas em seus respectivos contextos (familiar, social e profissional). Tudo isso, gera naturalmente uma ampliação na visão de mundo dos participantes que transcende os objetivos pedagógicos da formação, contribui para o desenvolvimento de uma percepção ecológica da vida como uma rede de interdependências e, como resultado, abre perspectivas para o exercício de uma cidadania planetária. Portanto, sendo um valor e uma premissa pedagógica do EMCANTAR em sua razão de ser e atuar, a temática ambiental foi apresentada já na aula inaugural como conteúdo previsto para a primeira turma do Educador do Amanhã (Uberlândia). Entretanto, a carga horária e o desenrolar das oficinas, mediante os objetivos pedagógicos primários da Pedagogia do Encantamento a serem alcançados durante a formação, não favoreceram tempo e condições adequadas para a abordagem da temática ambiental como pretendido. Sendo essa uma questão de sobrevivência para a humanidade e a biodiversidade como um todo, anterior inclusive a qualquer desafio institucional de melhoria na Educação, recomendamos que essa questão seja considerada com a relevância pela qual se justifica entre os objetivos e a carga horária da formação para as próximas edições do Educador do Amanhã - Pedagogia do Encantamento.



34 3513-7220 | 34 99637-8253

contato@emcantar.org

f /emcantar @emcantar @emcantar

www.emcantar.org



REALIZAÇÃO

Instituto
Algar

IAMAR
Instituto Alair Martins

PARCERIA

 **CEMEPE**
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO

FORMAÇÃO

emcantar 
cia cultural

APÊNDICE D

GUIA PARTE DA GENTE – POR UMA ECOLOGIA DO ENCANTAMENTO



Copyright @ 2025 EMCANTAR Cia. Cultural
Todos os direitos reservados

Este guia faz parte do Produto Final apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável da Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade (ESCAS) do IPÊ - Instituto de Pesquisas Ecológicas, em agosto de 2025, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre.

Comitê de Orientação

Prof^a. Dr^a. Suzana Machado Padua (Orientadora)
Prof. Dr. Marcos Affonso Ortiz (Co-orientador)
Prof. Dr. Fabio Rubio Scarano (Co-orientador)

Concepção e Textos

Marco Aurélio Faria Coelho (Querubim)

Revisão

Mônica Machado

Projeto Gráfico e Diagramação

Pablo Mendonça

Querubim, Marco Aurélio.
Q36g Guia parte da gente : por uma pedagogia do encantamento [livro eletrônico] / Marco Aurélio Querubim ; revisão de Mônica Machado. — [Uberlândia] : EMCANTAR, 2025
41 P. : il., color

Inclui referências bibliográficas.
ISBN 978-65-992483-7-5.

1. Educação ambiental. 2. Ecologia. 3. Ecologia humana. 4. Ética ambiental. 5. Natureza (Estética). I. Machado, Mônica (rev.). II. Título.

CDD 304.2

Elaborado por Tatiane da Silva Viana - Bibliotecária - CRB-6/3171

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 4

PRÓLOGO 7

- Por uma Ecologia do Encantamento
- A Tríade do Envolvimento
- Como surgiu o guia
- O que é o guia
- Para quê?
- Para quem?
- Por que Parte da Gente?
- Como se guiar?

ATO I 15

- Respiração e Cosmovisão

ATO II 18

- Recados da Terra e Alertas da Ciência

ATO III 21

- Regeneração é Cosmoação

EPÍLOGO 26

PARA SABER MAIS 32

OBRAS MENCIONADAS 33

ANEXO 36

APRESENTAÇÃO



Olá! Meu nome é Marco Aurélio Querubim. Sou filósofo, artista e educador, escritor e compositor. Desde criança me enxergo como um cientista. Um de meus personagens diz que “cientista é que tem (cons)ciência do estado das coisas”. Como filósofo, penso como Sócrates: só sei que nada sei. Já como cientista, em busca de ter (cons)ciência de alguma coisa desse mundo que me desafia e encanta, mergulho na fricção com as paisagens naturais, onde vivem as árvores e os bichos, os rios e as florestas, os montes e os horizontes. Minhas perambulagens acontecem a pé ou de bicicleta pelas trilhas e estradas de chão, ou ainda remando caiaque pelos rios da minha região. Quanto mais me adentro nessas fricções, mais me sinto fluindo e

fluindo como parte da vida, e mais quero compartilhar. É aí que entram em cena o artista e o educador. O artista se expressa por palavras, melodias, canções, apresentações e obras artísticas coletivas, enquanto o educador professa seus encantamentos por meio de oficinas, cursos, textos, livros e palestras.

Há cerca de 30 anos, convidei um grupo de crianças e adolescentes para cantar e a gente não parou mais. Desse encontro nasceu a Cia. Cultural EMCANTAR, nas cidades mineiras de Araguari e Uberlândia. Desde então, o artista e educador trabalha sistematicamente no campo da cultura-educação com crianças, jovens e educadores. Os grandes aprendizados desse fazer artístico-pedagógico foram sistematizados no livro e no curso on-line *Pedagogia do Encantamento*, que apresentam duas metodologias educacionais: a Vivência e Criação Artística e a Cultura do Brincar. Os estudos e as práticas que guiaram essa experiência em coletividade, sob uma perspectiva ecologista (eu comigo, eu com o outro, eu-nós com o ambiente natural), deram origem a um conjunto de princípios norteadores:

- a vida como um valor sagrado e universal;
- a arte e a natureza como fontes de beleza e encantamento;
- a vontade como motor de realizações;
- a arte como expressão do Viver para o Ser;
- um modo de vida fundado na cooperação;
- um relacionamento responsável com o espaço ocupado;
- as pequenas ações consistentes como práticas ecológicas de transformação pessoal, social e ambiental.

Em paralelo a essa história consolidada, no ano de 2012 iniciei uma jornada em solitude: pedalar em até dez anos o equivalente a uma volta no planeta. Treze anos se passaram e já foram mais de duas voltas. *Abraço no Planeta* foi o nome desse projeto pessoal, poético e ecológico, extraordinário e singular, conectado a tudo o que eu já havia vivido, cheio de potências e de novas possibilidades. Partiu da alegria do movimento numa empreitada criativa de compor canções em cima da bicicleta. E de volta ao ninho da coletividade, pela feitura de vários corações e mentes do Grupo EMCANTAR, das canções produzidas nasceu o álbum musical *Abraço no Planeta*.

O álbum é um gesto e uma declaração de amor à vida e à nossa casa comum, a Mãe Terra. Sua chegada ao mundo em 2023 coincide com o meu ingresso no mestrado profissional da Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade – ESCAS, do Instituto de Pesquisas Ecológicas – IPÊ. Por trás desses acontecimentos, uma mesma inquietação: *Como cuidar do que não se ama, como amar o que não se conhece?*

A partir das canções do álbum, em 2024 o Grupo EMCANTAR produziu, estreou e circulou com o espetáculo musical *Abraço no Planeta* que, segundo as palavras do diretor Rafael Michalichem,

[...] traz um vislumbre lúdico para discussões contemporâneas sobre a nossa relação com o planeta em que vivemos e o nosso posicionamento dentro dele. [...] Em busca de olhar o que há de mais bonito no planeta que habitamos, o espetáculo nos convida a olhar para o todo, para o outro e para nós mesmos. Uma jornada que expande o conceito de ecologia e faz lembrar que somos nós também parte disso que chamamos natureza. E por isso mesmo, temos nosso lugar e nossas responsabilidades frente a tudo que há de bonito no mundo.

A reflexão central do espetáculo culmina no último diálogo com um trecho que diz: “Ao invés de desenvolver, era preciso se envolver. E ver antes de agir”. Uma afirmação que corrobora o pensamento de Antônio Bispo dos Santos¹ e Ailton Krenak², provoca e convida o público a refletir sobre o significado e as consequências da ideia de desenvolvimento como sinônimo de progresso, enquanto também convida ao envolvimento pessoal, quando dirige as últimas palavras como uma pergunta para o público: — “E você, viu?”.

Durante a circulação, ao final de cada espetáculo, eu me segurava na vontade de perguntar ao público quem gostaria de se envolver, a fim de poder indicar um possível caminho de (re)ação que se construía pela pesquisa do mestrado: fomentar o conhecer, o amar e o cuidar por meio de uma abordagem de educação socioambiental sistematizada e aplicada na *Oficina Ecologia do Encantamento*. De tais inquietações surgiu o *Guia Parte da Gente* como um produto do mestrado e uma possível resposta a quem queira, de fato, se envolver em conhecimentos e ações que se alinhem a uma ética do cuidado e amor à vida e ao nosso planeta.

¹ “[...] não se trata de desenvolver, mas de envolver. [...] A humanidade é contra o envolvimento, é contra vivermos envolvidos com as árvores, com a terra, com as matas. Desenvolvimento é sinônimo de desconectar, tirar do cosmo, quebrar a originalidade” (Santos, 2023, p.16).

² “Temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver” (Krenak, 2020, p. 24).

A partir da experiência artístico-pedagógica do EMCANTAR, o guia se constitui como uma trilha de conteúdos vivenciados em oficina com educadores e se destina a quem queira munir-se de um roteiro didático e instrutivo para promover processos sensíveis de educação socioambiental. Sua aplicação consiste em percorrer coletivamente um itinerário sensorial, cognitivo e dialógico que compartilha visões de mundo a fim de provocar ações no mundo. Mas nada impede que a trilha também seja percorrida individualmente, devendo haver, nesse caso, a consciência de que as fruições e as interações serão mais passivas, sem a riqueza pedagógica que se alcança nas trocas proporcionadas pelas rodas de conversa.

Para as pessoas que quiserem ir além do guia, aprofundando-se nos conteúdos que o antecedem e conferem relevância à sua existência, sugiro a fruição das obras disponibilizadas a seguir: o audiobook do livro *Pedagogia do Encantamento*; o álbum *Abrço no Planeta*; um registro do espetáculo musical *Abrço no Planeta*; e a dissertação de mestrado intitulada *Ecologia do Encantamento – de Canções com Crianças ao Abrço no Planeta*, disponível no site da ESCAS³.



**CLIQUE AQUI PARA
OUVIR O AUDIOBOOK** 

Pedagogia do Encantamento

VIVÊNCIA E CRIAÇÃO ARTÍSTICA | CULTURA DO BRINCAR



**CLIQUE AQUI PARA
OUVIR O ÁLBUM** 



**CLIQUE AQUI PARA
ASSISTIR AO ESPETÁCULO** 

Abrço no Planeta

ECOLOGIA DO ENCANTAMENTO

³escas.org.br/cursos/mestrado/

PRÓLOGO

POR UMA ECOLOGIA DO ENCANTAMENTO

A Ecologia é uma ciência ampla e complexa que se origina como uma especialidade da biologia e se expande em vários ramos do conhecimento. A palavra se constitui pela junção de outras duas que vêm do grego (oikos: casa e logos: estudo). De modo geral, Ecologia é o estudo das interações dos seres vivos entre si e com o ambiente em que vivem. Sendo a biosfera (esfera da vida) o conjunto de todos os ecossistemas da Terra, que é o ambiente maior onde coexistem todos os seres vivos e não vivos, a Ecologia busca compreender o funcionamento de toda a natureza, dentro da qual existimos e interagimos.

Já o Encantamento, diferentemente da objetividade científica, é um estado da subjetividade de quem se espanta, se admira, sente o maravilhar-se com algo ou alguém. Trata-se de um fascínio, uma atração que surge de dentro para fora como forma de reação e expressão humana em relação ao que é percebido individualmente. Por estar no campo da subjetividade, o encantamento está sempre sujeito ao que é capaz de despertá-lo em cada pessoa, segundo as suas experiências e o contexto em que ocorrem, integrando a diversidade e a complexidade humanas.

A expressão Ecologia do Encantamento foi cunhada para designar um processo pedagógico de interação e aprendizado do ser de cada pessoa pelo viés do encantamento desperto nas suas relações consigo (ecologia individual), com os outros (ecologia social) e com o mundo (ecologia ambiental). Como processo pedagógico, trata-se de uma abordagem de educação socioambiental cuja chave de acesso ao sujeito é o encantamento, podendo se materializar numa ética do cuidado e amor à vida. Nessa abordagem, conjugam-se conteúdos e práticas às capacidades perceptivas, lógicas e afetivas, a fim de cultivar **visões de mundo** que possam guiar **ações no mundo** alinhadas a uma ética planetária do micro ao macroambiente.

Comportamentos éticos relacionam-se com a mentalidade de quem os produz, isto é, visões de mundo (cosmovisões) criam ações no mundo (cosmoações). O que aqui se define por **cosmoação** é o conjunto de ações alinhadas a uma **cosmovisão**. Sendo assim, o itinerário educativo proposto por essa ideia de Ecologia do Encantamento se desenvolve no sentido de apresentar e dialogar com cosmovisões capazes de encantar, inspirar e orientar cosmoações, qualificando esse modo de agir como um reflexo ético de mentalidades enriquecidas por uma ou mais cosmovisões que se complementam.

A TRIÁDE DO ENVOLVIMENTO

Por cerca de 30 anos vivenciando experiências de construção coletiva que deram origem a projetos de arte-educação e produções artístico-pedagógicas responsáveis pela consolidação da Cia. Cultural EMCANTAR, aprendemos que o poder de realização da coletividade passa necessariamente pelo envolvimento das pessoas. Envolvimento gera engajamento que, por sua vez, gera mudanças e resultados pretendidos numa determinada realidade. Mas como gerar envolvimento nas pessoas?

Nessa trajetória, conseguimos gerar envolvimento conjugando a palavra diversidade em diferentes perspectivas: pessoas, aptidões, grupos heterogêneos, linguagens artísticas em suportes variados, conteúdos, jogos e recursos didáticos etc. No entanto, o que sempre uniu as perspectivas diversas foram a chave do encantamento e os objetivos comuns e compartilhados, dando origem a novos acontecimentos, como produções artísticas, projetos de formação continuada etc.

Desse extenso conjunto de aprendizados, que podem ser aprofundados no audiobook recomendado na Apresentação do guia, emerge a Triáde do Envolvimento como uma abordagem dinâmica que promove experiências sensoriais, cognitivas e afetivas a fim de informar, sensibilizar, encantar e despertar cosmovisões capazes de conduzir a cosmoações como exercícios de uma cidadania planetária. Na prática, a Triáde do Envolvimento se realiza pela conjugação de atividades e conteúdos diversificados que pressupõem e cultivam o encantamento em três perspectivas vivenciais:

- **Sensibilidade (Experiência Estética):** as letras de canções, com suas melodias e ritmos, associadas a vivências de contato e observação da natureza, configuram-se como os primeiros estímulos para a abertura de canais de encantamento, conexão e aprendizagem;
- **Compreensão (Experiência Epistêmica):** a vivência de outros estímulos como textos, vídeos, filmes, imagens, poemas, exposições e rodas de conversa amplia o encantamento, a visão de mundo e contribui para o letramento científico, o contato com saberes ancestrais e uma possível mudança de mentalidade;
- **Ação (Experiência Ética):** a apresentação de caminhos de (re)ação e o diálogo em grupo convidam à coerência e ao estabelecimento de compromissos com mudanças de comportamento e novos hábitos que cada pessoa é capaz de assumir na realidade que habita, gerando soluções e resultados em níveis pessoal, social e ambiental.

A figura a seguir ilustra o ciclo dinâmico estabelecido na Triáde do Envolvimento:

ECOLOGIA DO ENCANTAMENTO

Foco no conhecimento científico, nos saberes ancestrais, na compreensão do funcionamento da natureza e das questões socioambientais.



Convite ao envolvimento, expresso em ações socioambientais responsáveis e coerentes com as tomadas de consciência.

Abordagem que valoriza a experiência sensorial, emocional e afetiva por meio da canção, tendo a arte e a natureza como fontes de beleza, encantamento e inspiração.

Ainda que tenhamos uma experiência de longa data sobre a conjugação da diversidade em processos de arte-educação na trajetória do EMCANTAR, a vivência da multidisciplinaridade (uma premissa da ciência da conservação) no mestrado da ESCAS favoreceu o acesso a conhecimentos relevantes para a compreensão da interconectividade e da interdependência nos sistemas terrestres que constituem a teia da vida.

Um exemplo oportuno, que deveria ser um conhecimento básico e geral, é que o equilíbrio dos ecossistemas está diretamente ligado à riqueza de biodiversidade que neles existe. Assim como devemos considerar esse aspecto importante sobre o equilíbrio do mundo natural, no mundo cultural dos humanos se faz necessário compreender e propagar outro ensinamento necessário e urgente para os dias atuais:

[...] a diversidade étnica e cultural pode exercer o mesmo papel que a biodiversidade exerce num ecossistema. Diversidade significa muitas diferentes relações e muitas diferentes abordagens ao mesmo problema (Capra, 2006, p. 53).

Como um gesto de propagação de conhecimentos de interesse público, de modo também multidisciplinar, o produto da pesquisa de mestrado se materializou neste guia, que vem a ser um convite ao diálogo vivencial e interpessoal com temáticas e conteúdos envolvendo, de forma leve, atrativa e educativa, arte e natureza, ciência, saberes ancestrais e caminhos possíveis de (re)ação baseados numa ética de amor e cuidado com a vida, que também podemos chamar de ética biofílica (bio: vida e filia: amor, amizade).

COMO SURTIU O GUIA?

O Guia *Parte da Gente* surge como um roteiro de conteúdos e práticas vivenciados na Oficina Ecologia do Encantamento, realizada em maio de 2025 com educadores da rede pública, em um módulo de formação com a temática socioambiental, no município de Uberlândia, Minas Gerais.

Sua estruturação partiu de algumas relevantes contribuições históricas: a experiência em arte-educação do EMCANTAR, sistematizada na obra *Pedagogia do Encantamento*; as parcerias de décadas com pessoas e instituições do primeiro, segundo e terceiro setor; a jornada criativa e as produções do autor ao pedalar o equivalente a mais de duas voltas no planeta (2012-2025); e sua pesquisa de mestrado em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável na ESCAS-IPÊ (2023-2025).

A motivação que materializa o Guia *Parte da Gente* vem sustentada por essas grandes contribuições e guiada por uma instigação existencial de interesse comum, que se acentua à medida que a insustentabilidade planetária se agrava: *Como cuidar do que não se ama, como amar o que não se conhece?*

O QUE É O GUIA?

O guia se constitui como um roteiro instrutivo de vivências fruitivas, lúdicas, cognitivas e reflexivas, orientado pela Tríade do Envolvimento, que conjuga experiências Estéticas (arte e natureza), Epistêmicas (conhecimentos e saberes) e Éticas (compromissos, comportamentos, soluções e resultados), em favor de uma educação socioambiental sensível e transformadora.

O percurso do itinerário se divide em duas partes: da cosmovisão à cosmoação. Essa estrutura prioriza uma abordagem que considera o ver para *(re)agir*, partindo de uma visão ampla e objetiva do mundo e levando em conta as subjetividades. No percurso da trilha, a alquimia do encantamento acontece pela potência dos encontros e a poética das relações. Doses de atenção e afeto se diluem entre conhecimentos, saberes e vivências com linguagens artísticas e estratégias diversificadas, diálogos e trocas em rodas de conversas. Segundo o reconhecimento dos participantes que validaram a oficina, essa abordagem torna a experiência leve, atrativa, encantadora, informativa, esclarecedora e inspiradora de mudanças que só podem começar de dentro para fora.

O itinerário proposto parte de uma curadoria de conteúdos (artísticos, culturais, científicos, práticos e pedagógicos) cuidadosamente planejada e uma aplicação prática com duração de quatro horas. Entretanto, não se trata de um conteúdo e um modelo rígidos, mas uma estrutura aberta a novas configurações e adaptações de linguagem, conforme o perfil de público, a faixa etária, o tempo disponível e a criatividade de quem se propõe a facilitar o processo.

Mantendo-se a estrutura do itinerário (da cosmovisão à cosmoação) e a abordagem que a alquimia da Tríade do Envolvimento promove, novos ciclos temáticos podem ser planejados, tanto para formações pontuais como para formações continuadas, de acordo com a realidade e a carga horária disponíveis. Nesse sentido, novos conteúdos e formas podem preencher a

estrutura aqui proposta, como a escolha de ambientes naturais oportunos à interação e à contemplação, canções, textos, vídeos e práticas pedagógicas que correspondam a temáticas específicas como, por exemplo, ciclos da água, rios voadores, uso do solo, biodiversidade, serviços ecossistêmicos, alimentação, resíduos, mudanças climáticas etc.

Para a seleção dos conteúdos deste guia, que se originam de fontes e acervos diversos, foi considerado o mesmo princípio adotado por Anna Dantes e Ailton Krenak nas produções gratuitas de *Selvagem - Ciclo de Estudos*⁴ e encontra-se formulado no texto de abertura do caderno *A Serpente e a Canoa - Flecha 1*: "o mundo já tem muita informação e precisamos apreciá-las antes de consumir e gerar mais".

PARA QUÊ?

Promover iniciativas e processos coletivos de educação socioambiental que se desenvolvam a partir de um referencial fundado no encantamento com a vida e o mundo, na beleza das experiências artístico-culturais, nos conhecimentos e saberes compartilhados e na adoção de comportamentos e práticas configurados segundo a realidade de seus participantes. Nesse sentido, pretendem-se cultivar reflexões e compreensões capazes de favorecer aos participantes a sua própria localização existencial na realidade socioambiental que ocupam, qual o seu impacto nessa realidade e quais as suas possibilidades de (re)ação em nível pessoal, social e ambiental.

PARA QUEM?

Guia e oficina foram idealizados para serem vivenciados como experiências coletivas, especialmente voltadas a educadores, grupos culturais e artísticos, coletivos e agentes da educação. Entretanto, como dito anteriormente, o guia se destina a quem queira munir-se de um roteiro didático e instrutivo para promover processos sensíveis de educação socioambiental que possam se multiplicar por toda parte. Nesse sentido, nada impede que o itinerário seja percorrido individualmente, devendo haver a consciência de que algumas práticas as quais pressupõem uma coletividade não serão possíveis, além do fato de que as fruições dos conteúdos poderão ser mais passivas e sem a riqueza pedagógica alcançada nas trocas e interações proporcionadas pelas rodas de conversa. Ainda assim, recomenda-se que a trilha seja percorrida, aprofundada e ampliada em novas buscas e atitudes por qualquer pessoa interessada em conhecer, (re)ver e (re)agir.

Realizar a trilha individualmente pode se dar como uma rica aventura de tirar um dia ou a metade dele para mergulhar, de forma lúdica e comprometida, na vivência do percurso indicado: saudar o sol e o dia que principia; caminhar; respirar em silêncio e observar a paisagem; ouvir e aprender a cantar as canções; assistir aos vídeos; ler e refletir sobre os textos; identificar e se comprometer com caminhos de (re)ação.

⁴ "Selvagem" é um ciclo de estudos sobre a vida, composto por diálogos entre ciências e artes, que incluem rodas de conversa com pesquisadores de áreas e culturas diversas, oficinas, publicação de livros e um canal de divulgação na internet. Ver mais detalhes em www.selvagemciclo.org.br.

POR QUE PARTE DA GENTE?

O nome do guia foi inspirado no título de uma das canções do álbum *Mutirão*, cuja letra apresenta uma cosmovisão e um convite individual à ação que parte de dentro para fora, um movimento em cada pessoa que se percebe e se sente parte da vida. Por isso, *Parte da Gente* é o chamado do guia, o princípio da trilha, o passo para (re)ver pensamentos e atitudes. Parte da gente também compreender que cada atitude que parte da gente tem seu impacto, sua pegada na vida e no mundo, afinal, somos parte da vida agindo no mundo enquanto estamos vivos. Assim, parte da gente perceber e assumir que, quando a gente muda, o mundo muda. A esse respeito, Ailton Krenak tem repetido em seus livros e palestras:

Neste momento, estamos sendo desafiados por uma espécie de erosão da vida. Os seres que são atravessados pela modernidade, a ciência, a atualização constante de novas tecnologias, também são consumidos por elas. Essa ideia me ocorre a cada passo que damos em direção ao progresso tecnológico: que estamos devorando alguma coisa por onde passamos. Aquela orientação de pisar suavemente na terra de forma que, pouco depois de nossa passagem, não seja mais possível rastrear nossas pegadas está se tornando impossível: nossas marcas estão ficando cada vez mais profundas. E cada movimento que um de nós faz, todos fazemos. Foi-se a ideia de que cada um deixa sua pegada individual no mundo; quando eu piso no chão, não é o meu rastro que fica, é o nosso. E é o rastro de uma humanidade desorientada, pisando fundo. Um nenenzinho no colo da mãe balança a perninha e afunda o chão. Porque esse neném, para circular no mundo que vivemos hoje, vai usar produtos de higiene, fraldas, tecidos, materiais que, em algum lugar, estão comendo a Terra. Involuntariamente ele já está predando o planeta (Krenak, 2020, p. 95-96).

Nesse chamado para a mudança, parte da gente o envolvimento como possibilidade de resposta e primeira atitude: ouça, conheça, reflita, depois cante junto e avalie o quê, o quanto e como essa obra musical, ecológica e poética acrescenta à sua ecologia interior. A trilha ainda não começou, mas o conceito e o convite do guia estão expressos em *Parte da Gente*, uma trilha sonora que anuncia a cosmovisão da trilha educativa por uma *Ecologia do Encantamento*.

PARTE DA GENTE

Marco Aurélio Querubim

ser árvore
ser bicho
ser gente
ser água
ser rio corrente

ser terra que acolhe a semente
ser mente
ser gente, ser parte da vida
servida
parte da gente
parte da vida

ser pétala
ser pelo
ser pele
ser seiva
ser sangue latente
ser chuva que faz a nascente
ser fonte
ser fogo que aquece e faz noite
ser dia
ser harmonia

ser pássaro
servoo
servento
ser canto
ser tarde poente

ser terra que acolhe a semente
ser mente
ser gente, ser parte da vida
servida
parte da gente
parte da vida



CLIQUE AQUI PARA ESCUTAR

PARTE DA GENTE

Álbum Mutirão (EMCANTAR, 2003)

COMO SE GUIAR?

Em uma palavra, a resposta é: envolvendo-se! Ou deixando-se envolver pela fruição das práticas e dos conteúdos propostos, que se dirigem inicialmente à experiência sensorial e afetiva para poder frutificar em pensamentos, desejos e ações. Sentir, pensar, querer e agir, esse é o sentido e o fluxo da Tríade do Envolvimento.

Todo envolvimento começa dentro de cada pessoa. É uma experiência de ecologia interior que promove o autoconhecimento e abre perspectivas para novos olhares, sentidos, significados e interações sobre si, os outros seres, as pessoas e o mundo. Assim, percorra a trilha, observe suas sensações, objetive seus aprendizados e suas necessidades de mudança, defina os compromissos que é capaz de assumir e viva-os na prática. Lembre-se: a vida acontece no presente e o que fazemos ou deixamos de fazer aqui e agora implica a forma como poderá ser o futuro desejado, que é ativado pelo ato de imaginar o que se pretende alcançar.

Materialize a Ecologia do Encantamento em atitudes de cuidado e amor à vida começando por você. Partindo da ecologia individual, busque envolver outras pessoas, conjugando também a ecologia social e a ecologia ambiental, por consequência. Para isso, compartilhe e estenda a aplicação do guia e sua trilha a mais pessoas, em oficinas, formações, programas educacionais, com amigos e familiares. Que a trilha comece com o saber de que o sabor está na jornada.

Então, Bota Reparo Nisso! Ouça, conheça, reflita, depois cante junto e avalie o que essa forma de dizer “Ei, Preste Atenção!” provoca em você.

BOTA REPARO NISSO

Marco Aurélio Querubim

olha, vê, enxerga, espia
observar é a chave pra encontrar a poesia
mira, espreita, avista, repara
cara a cara, aqui agora, a vida desenrola

botareparo nisso, menino!
botareparo nisso!

gente, bicho, planta, terra, fogo, água, ar
Lua, Sol, cratera, céu, poeira estelar
Aurora Boreal, flores, cores de arrebol
estrela, Via Láctea, Terra, casa sem igual

botareparo nisso, menino!
botareparo nisso!



CLIQUE AQUI PARA ESCUTAR

BOTA REPARO NISSO

Abraço no Planeta (EMCANTAR, 2023)

ATO I

RESPIRAÇÃO E COSMOVISÃO

Identifique um ambiente natural preferencialmente favorável ao silêncio e à contemplação da paisagem. Se não for possível, procure se aproximar desse contexto dentro da sua realidade.

Desligue o piloto automático da respiração e concentre-se no fluxo do ar vital, sem o qual morreremos em questão de minutos. Note no ir e vir da respiração a cooperação estabelecida entre fauna e flora, que se complementam há bilhões de anos. Reflita sobre isso: *Fauna precisa de Flora pra respirar e Flora precisa de Fauna pra respirar*. Basta chamar a atenção e pararmos para observar com interesse que as conexões e a interdependência na teia da vida se revelam do macro ao microcosmo. E essa interdependência está diretamente ligada ao Sol, fonte de luz, calor e energia para a vida florescer na Terra.

Compreender a importância de tudo o que mantém a vida em movimento de renovação faz de cada dia uma oportunidade para reconhecer, agradecer, valorizar e honrar esse milagre que é a vida renovando-se e manifestando-se diariamente em milhões de formas. Aproveite a pausa para refletir sobre isso e considerar este momento como um gesto de contemplação e reverência. Sugestões de práticas:

- Ficar em silêncio, ativar os sentidos e prestar atenção em volta.
- Fechar os olhos, sentir a respiração e olhar para dentro.
- Meditação guiada ou individual por pelo menos cinco minutos.
- Saudação ao Sol – postura do Yoga (*Surya Namaskara*).
- Caminhada silenciosa individual ou em grupo por dez minutos.
- Aprender a canção *Canto do Povo de Um Lugar* (Caetano Veloso).

Em seguida, um piquenique colaborativo, leve e ligeiro, com frutas para celebrar o início do dia e da trilha entre os participantes, que podem ser convidados previamente a levar suas contribuições. Após o piquenique, duas sugestões de vídeos para assistir em grupo: *O Casamento da Vida com o Sol*, com o cientista Marcelo Gleiser, e *A Serpente e a Canoa*, com o filósofo originário Ailton Krenak, a escritora e editora Anna Dantes e a trupe criativa e generosa de *Selvagem – Ciclo de Estudos*. O conteúdo de cada um dos vídeos também pode ser encontrado em formato de texto nos 'Cadernos Selvagem', disponíveis gratuitamente no site indicado anteriormente.



O CASAMENTO DA VIDA COM O SOL

CLIQUE NA IMAGEM PARA ASSISTIR



FLECHA 1 - A SERPENTE E A CANOA

CLIQUE NA IMAGEM PARA ASSISTIR

Após a exibição dos vídeos, sugerimos uma roda de conversa de aproximadamente 30 minutos para trocas e interações sobre o percurso do Ato I, que começa com a parada para respirar e observar, a contemplação em silêncio da paisagem, a Saudação ao Sol, a caminhada, o canto de reverência, o piquenique e os conteúdos dos vídeos. Descobertas e encantamentos compartilhados, comentários, observações, dúvidas, provocações etc.

Concluir a atividade com a leitura do texto abaixo por uma ou mais pessoas, como quem conta uma história. Encerrar o Ato I convidando o grupo para aprender e cantar junto a canção *Um Pinguinho de Gente*, que acrescenta elementos estéticos e semânticos ao contexto da cosmovisão.

Do macrocosmo para o microcosmo e vice-versa, esse é o sentido da trilha: expandir uma visão de mundo objetiva no campo da ciência em diálogos com a sabedoria dos povos originários. Sentir, observar, contemplar, refletir e aprender como o cosmos se organiza e nos percebermos dentro desse cosmos do qual somos parte, enquanto espécie, populações, comunidades e indivíduos. Vivenciar uma ecologia integral que estimule a percepção de si nas formas de interação consigo (ecologia individual), com os outros (ecologia social) e com o mundo ao redor (ecologia ambiental).

Compreender e identificar as regularidades, os ciclos e os fluxos da vida, os padrões e as interações que expressam o funcionamento do mundo natural, como tudo e todos estão entrelaçados em redes de interdependência que constituem a pele viva da Terra há cerca de 4 bilhões de anos. Se existem barreiras filosóficas para responder objetivamente a quem somos e por que estamos aqui, isso não impede de (re)conhecermos que cada pessoa que lê este texto é

um ser vivo dentre milhões de outras espécies de seres terrestres, e que todos habitamos um planeta rochoso de um sistema solar da Via Láctea viajando pelo Universo profundo.

Se voltarmos o olhar do macrouniverso para o microuniverso das partículas que constituem a matéria e a energia, tudo se enche de um encanto microscópico com dimensões similares às astronômicas, como no exemplo a seguir. Cada pessoa possui cerca de 37 trilhões de células. Dentro de cada célula, há uma fita de DNA com a assinatura biológica de cada ser humano. Cada fita é tão microscopicamente enroladinha dentro da célula que, se fosse desenrolada, chegaria a dois metros de comprimento. Se multiplicarmos o tamanho de todas essas fitas de DNA pelos 37 trilhões de células que constituem cada pessoa, o resultado seria a distância equivalente a 600 idas e voltas ao Sol por pessoa. Quem conta esses maravilhosos é o cientista Antonio Nobre, o qual diz que “o ser humano é uma galáxia ambulante de sistemas celulares”. Cada pessoa é um pinguinho de gente a viajar, num grãozinho de areia a flutuar...

UM PINGUINHO DE GENTE

Marco Aurélio Querubim

um pinguinho de gente
pele quente, ossos, músculos, nervos
e dentes

nasce, cresce, vive um tempo
enquanto mora nessa bola
e vai embora

um grãozinho de areia
revolteia o infinito grávida
passeia

bolarola, rodopia
gira mundo, roda ciranda
cósmica

um pinguinho de gente
a viajar
num grãozinho de areia
a flutuar



CLIQUE AQUI PARA ESCUTAR

UM PINGUINHO DE GENTE

Abraço no Planeta (EMCAN TAR, 2023)

Ouçá, conheça, reflita, cante junto e avalie o quanto se reconhece nas palavras da canção.

ATO II

RECADOS DA TERRA E ALERTAS DA CIÊNCIA

Estamos acostumados a ouvir — inclusive a reproduzir — que precisamos ‘ajudar a salvar o planeta’. Quanto mais aprendemos sobre os funcionamentos da natureza e nos damos conta de quem somos dentro dela, mais nos vemos obrigados a reconhecer pelo menos duas perspectivas. De um lado, a ingenuidade intelectual de reprodução dessa narrativa sem um exercício reflexivo, que seja pelo menos observar quem precisa de quem. De outro lado, pode-se identificar uma arrogância instituída culturalmente pelo modelo econômico predominante, que insiste em propagar uma visão de mundo antropocêntrica, colonizadora e predatória, de que a natureza está aí como mercadoria, com recursos infinitos para servir aos inesgotáveis interesses humanos, segundo o alcance do poder aquisitivo de cada pessoa ou instituição (privada ou pública).

Na verdade, a ciência demonstra e os povos originários dão o exemplo, pela forma como se relacionam com seu habitat: quem precisa aprender a se salvar nessa perspectiva ecológica é a espécie humana, que historicamente desaprendeu a observar e a se encantar com a vida e o planeta. Por isso, começamos esse segundo ato com um recado objetivo e direto da Mãe Terra, na voz de Maria Bethânia.

A sugestão é de que os dois vídeos propostos a seguir sejam assistidos em grupo e na sequência. O segundo vídeo é um resumo dos 9 Limites Planetários, que definem até onde o desenvolvimento humano pode chegar sem afetar de forma irreversível a capacidade regenerativa da Terra. Trata-se de um estudo iniciado em 2009 por um grupo de 28 cientistas liderado por Johan Rockström, do Stockholm Resilience Centre (SRC), no qual foram identificados nove dos chamados “Limites Planetários”, os quais são processos inter-relacionados reguladores da estabilidade e da resiliência do sistema terrestre. Essas barreiras ou “Fronteiras Planetárias” constituem os limites seguros para a pressão humana sobre os nove processos críticos que, juntos, mantêm uma Terra estável e resiliente (Richardson et al., 2023).

O vídeo é de 2021, mas a atualização do estudo⁵, publicada em setembro de 2023, revelou que seis dos nove limites foram transgredidos: Mudança Climática; Integridade da Biosfera (biodiversidade); Entidades Novas (microplásticos, poluentes etc.); Mudanças no Uso da Terra; Uso de Água Doce e Fluxos Bioquímicos (ciclos de nitrogênio e fósforo impactados fortemente pelo agronegócio e pela indústria globais).

⁵ Artigo: <https://www.science.org/doi/10.1126/sciadv.adh2458> (Richardson et al., 2023).



A NATUREZA ESTÁ FALANDO

CLIQUE NA IMAGEM PARA ASSISTIR



OS 9 LIMITES MANTÊM EQUILÍBRIO DA TERRA

CLIQUE NA IMAGEM PARA ASSISTIR

Para aprofundamento no tema dos 9 Limites Planetários, os resultados do estudo do SRC foram levados às telas em um documentário com o título *Rompendo Barreiras: nosso planeta* (2021), disponível nas plataformas de streaming. Um documentário científico, didático e propositivo, que analisa o colapso da biodiversidade na Terra e apresenta possíveis soluções para reverter a crise atual.

Em seguida à exibição dos vídeos, sugerimos uma atividade de leitura e estudo em grupo sobre temas do livro *O Capitalismo pode ser Sustentável?*. O livro é o volume 2 da Coleção *Pensando Amanhã*, um projeto desenvolvido pelo Museu do Amanhã, cujo editor convidado para essa edição é o ecólogo Fabio Scarano. O livro pode ser acessado gratuitamente em formato PDF no site do Museu do Amanhã⁶.

Para essa atividade, com duração estimada de uma hora, foram selecionadas algumas passagens do livro para serem apreciadas em quatro eixos temáticos. Portanto, os participantes deverão ser reunidos em quatro grupos menores para leitura, discussão e retorno ao grupo maior a fim de que cada subgrupo possa apresentar o eixo temático lido e debatido aos demais. Os textos que representam cada eixo estão anexados ao final deste guia e foram organizados em uma página por eixo, sendo:

- Antropoceno e Desenvolvimento Sustentável;
- Governança e Frentes de Ação;
- Visão Sistêmica, Valores, Conceitos e Práticas;
- Cuidado, Diálogo e Utopia.

⁶<https://museu-do-amanha.s3.sa-east-1.amazonaws.com/f76fe9770949fd7b87d8ce13c23d35c2.pdf>

Por motivos didáticos e de aproveitamento do tempo em oficina, a atividade é planejada para se trabalhar com fragmentos selecionados, mas recomendamos a leitura de todo o livro para o conhecimento da obra e melhor aproveitamento de seu conteúdo.

Concluir a atividade com a grande roda de conversa, na qual os participantes dos subgrupos apresentam uns aos outros os eixos temáticos e, em seguida, encerrar o Ato II convidando todas e todos para aprenderem uma canção que convida, de forma festiva, a cantarmos o mundo que a gente quer ver, o chamado da cosmovisão à cosmoação.

CANTAUÊ

Marco Aurélio Querubim

todo dia, toda hora
vento toca, vai embora
todo dia vento canta
melodias mundo afora

o sopro da vida na gente
põe de pé todo ser que é vivente

passarinho, alma boa
coração
é o quintal da pessoa

ê hê cantauê
canta eu, canta nós, canta ocê
ê hê cantauê
canta o mundo que a gente quer ver



CLIQUE AQUI PARA ESCUTAR

CANTAUÊ

Abraço no Planeta (EMCAN TAR, 2023)

ATO III

REGENERAÇÃO É COSMOAÇÃO

Tanto na vida como na trilha deste guia, que se materializa em itinerário formativo pelo envolvimento de educadoras e educadores, a jornada é compartilhada, mas as **pegadas são individuais**.

Por isso, neste terceiro ato, as indagações se dirigem ao íntimo de cada participante. A proposta pedagógica continua sendo a de um trabalho coletivo e colaborativo, mas neste ponto da jornada o mergulho no ser é acentuadamente individual, uma vez que as respostas, as escolhas e as ações no mundo são individuais. Diante das provocações presentes no guia, desde o título *Parte da Gente*, o intuito é que cada participante possa *(re)ver-se* e *(re)agir*, respondendo para si, em forma de compromissos assumidos, o que está ao seu alcance no horizonte de mudanças de conduta necessárias e possíveis de serem colocadas em prática.

Para isso, a atividade inicial deste ato visa criar uma atmosfera favorável à reflexão, começando pela preparação de um ambiente de silêncio e escuta atenta para que seja apreciado o poema *Leilão de Jardim*, de Cecília Meireles. Os versos de Cecília foram musicados pela cantora e compositora Diana Pequeno e a canção, interpretada pelo violeiro e trovador Dércio Marques no registro aqui indicado. Nossa sugestão é que o poema seja inicialmente declamado para em seguida se apresentar a canção, incentivando uma escuta atenta para que o contato com letra e melodia tenham profundidade fruitiva e reflexiva.

LEILÃO DE JARDIM

Cecília Meireles / Diana Pequeno

Quem me compra um jardim com flores?
Borboletas de muitas cores,
lavadeiras e passarinhos,
ovos verdes e azuis nos ninhos?

Quem me compra este cara col?
Quem me compra um raio de sol?
Um lagarto entre o muro e a hera,
uma estátua da Primavera?

Quem me compra este formigueiro?
Este sapo, que é jardineiro?
E a cigarra e a sua canção?
E o grilinho dentro do chão?

(Este é o meu leilão.)



CLIQUE AQUI PARA ESCUTAR

LEILÃO DE JARDIM

Anjos da Terra (Dércio Marques, 1991)

A genialidade de Cecília Meireles se evidencia no pequeno poema com uma mensagem profunda e provocativa aos corações e mentes de todos nós, especialmente em um momento agudo da história, marcado pelas consequências do antropocentrismo e de um modelo econômico extrativista para o qual a natureza é sinônimo de mercadoria.

Os versos do poema sublinham o fato de a natureza e os seus elementos não poderem ser negociados. O eu-lírico demonstra e ensina que a lógica comercial, capitalista, não pode se aplicar a tudo aquilo que se vê. O poema alerta para um fato: o que verdadeiramente importa, não é fabricável pelas mãos humanas. Pensar sobre o que importa é atribuir algum tipo de valor a algo, não exclusivamente monetário. Nesse sentido, por que devemos nos importar com a biodiversidade, isto é, valorizá-la?

Mediante os condicionamentos culturais que modelam a mentalidade e promovem a desconexão com a sacralidade da vida, o valor da biodiversidade pode não ser tão óbvio para a maioria das pessoas, mas, segundo os filósofos da conservação, existem dois principais tipos de valor para a discussão proposta: valor instrumental ou utilitário em oposição a valor intrínseco ou inerente. **Valor instrumental ou utilitário** é o valor que algo tem como meio para os fins de alguém. **Valor intrínseco ou inerente** é o valor que algo tem como um fim em si mesmo.

A partir do contato sensível com o poema que virou canção e os conceitos compartilhados de 'valor instrumental ou utilitário' e 'valor intrínseco ou inerente', promover um momento reflexivo entre os participantes sobre o que cada pessoa entende por valor. Abaixo, uma lista de questões para favorecer a condução do raciocínio e da reflexão em grupo⁷.

- O que é valor para você?
- Para você, a natureza possui um valor em si mesma ou ela existe para suprir as suas necessidades?
- Quais bens e serviços a natureza fornece para a sua existência?
- Para você, esses bens e serviços têm valor utilitário ou intrínseco?
- O que isso tem a ver com ética?
- Por que as pessoas deveriam valorizar a biodiversidade e os serviços ecossistêmicos como a fotossíntese, o oxigênio, a água, a polinização, os alimentos, os combustíveis, os medicamentos etc.?

Continuando a roda de conversa e expandindo a reflexão...

Há cerca de 4 bilhões de anos a vida existe sem parar. Enquanto espécie (*Homo sapiens*), surgimos há cerca de 200 mil anos, multiplicamo-nos e nos sobressaimos no domínio da natureza em vários sentidos, para o bem e para o mal. Para o mal, desde que começamos a avançar os limites da capacidade de regeneração dos ecossistemas terrestres, explorados ao ponto de um dia surgir uma *ética da terra*. Ela foi proposta pelo “engenheiro dos bosques e das planícies” e um dos fundadores da ciência da conservação, o escritor, filósofo e ecologista norte-americano Aldo Leopold.

⁷Principles of conservation biology / Martha J. Groom, Gary K. Meffe, C. Ronald Carroll. - 3rd ed, p. 111 (2006).

Sua formulação se encontra na obra *A Sand County Almanac* (Leopold, 1949): "[...] uma coisa está bem enquanto tende a preservar a integridade, estabilidade e a beleza da comunidade biótica. Está mal, se tende a fazer o contrário". Para Leopold, é inconcebível que uma relação ética com a terra possa existir sem amor, respeito, admiração pela terra e grande consideração pelo seu valor, não o mero valor econômico, mas valor no sentido filosófico.

Segundo Viriato Soromenho-Marques, prefaciador de *Pensar como uma Montanha* (título do livro em português-PT), "[...] na Ética da terra de Leopold está incluído praticamente tudo aquilo que nós hoje ainda estamos a aprender quando queremos transformar o conceito de desenvolvimento sustentável em algo mais do que num emblema retórico: o respeito pelos valores intrínsecos dos ecossistemas; a capacidade de apreciação pelo sagrado e sublime que se manifesta na natureza; a urgência de uma economia ecológica, que não externalize os custos ambientais e seja capaz de dar um valor ao 'capital natural', promovendo sensatas políticas de conservação das espécies e das paisagens. A Ética da terra faz um apelo ao alargamento da comunidade ética a todas as criaturas. Paz na terra e com a terra, entre os homens e todas as criaturas. Esse é o desafio e a tarefa vital da humanidade no século XXI".

Após conhecer o conceito da ética da terra de Aldo Leopold, cujo equilíbrio ecossistêmico pressupõe a integridade, a estabilidade e a beleza da comunidade da vida, pesquisar individualmente o conceito de 'regeneração' e responder em grupo, na roda de conversa, às seguintes questões:

- Você já parou para pensar no que realmente significa regenerar algo?
- O que é regeneração? De onde vem esse termo e qual é o seu verdadeiro significado?
- Como a regeneração é definida em diferentes áreas do conhecimento?
- Por que a regeneração é um conceito tão valorizado na atualidade?
- Por que a regeneração é tão importante para a continuidade da vida e a sustentabilidade planetária?
- Quais são os principais benefícios da regeneração?
- Como identificar processos de regeneração no cotidiano?
- Regeneração é apenas um conceito científico ou também uma filosofia de vida e ação?
- Como praticar a regeneração em sua vida pessoal, profissional, acadêmica, social?

O conceito de regeneração é uma chave fundamental para entendermos a renovação e a transformação presentes em diversos aspectos da vida. Ao mergulharmos na origem e nas múltiplas definições e aplicações desse termo, podemos enxergar a regeneração não apenas como um fenômeno biológico, mas como uma filosofia poderosa que impulsiona mudanças positivas em ambientes naturais, sociais e pessoais. Incorporar esse entendimento pode transformar nossa maneira de viver, trabalhar e nos relacionarmos com o mundo, abrindo portas para um futuro mais sustentável e resiliente.

Esse é o ponto de chegada da trilha proposta no Guia *Parte da Gente*: após uma intensa reflexão sobre valores e ética como expressões de mentalidade e visão de mundo, associar o conceito de **regeneração** aos famosos 5Rs (Repensar, Recusar, Reduzir, Reutilizar e Reciclar), ampliando-os em caminhos práticos de acordo com a realidade de cada pessoa e do que ela é capaz de assumir como mudanças em seu estilo de vida diário.

Na *Ecologia do Encantamento* (guia e oficina) esse conjunto de “Rs” se expande em abrangência e profundidade, com possibilidades diversas que se materializam como **Caminhos de (Re)Ação** para cada pessoa. Trata-se de viver uma cosmoação alinhada com uma cosmovisão, esse é o ciclo que se objetiva, baseado no conceito de Regeneração, como belamente define o ecólogo, professor e escritor Fabio Scarano em seu livro *Regenerantes de Gaia*:

A regeneração de Gaia – o planeta Terra – envolve cicatrizar a fratura que existe entre as diferentes formas de interpretar a realidade. Requer a criação de uma pele de ideias e intenções capaz de conectar essas visões de mundo que foram reduzidas a módulos, partes separadas cristalizadas em rochas brilhantes, mas que são duras e inflexíveis [...]. Paralelamente, a regeneração de Gaia passa por curar com vida e não vida a terra, as águas e o mar que nós, humanos, infectamos com os dejetos produzidos pelo nosso vazio espiritual. Implica plantar, limpar, cuidar. A cura se dá pelo amor. Amor a si mesmo, amor ao próximo, amor à natureza — sem hierarquia, como ensinavam e ensinam os povos ancestrais mundo afora. E o amor se nutre na fonte do tempo (Scarano, 2019, p. 11).

Desse modo, à medida que cada pessoa se propõe a refletir, repensar e rever-se,

Para reagir, nos movendo para a frente, se faz necessário um sacrifício pessoal. Há que se abrir mão de vaidades, amarras e apegos para abraçar o senso de missão que leva à transformação. [...] Sacrifício requer fé no porvir e gera o milagre. O mesmo milagre que originou e origina todo dia a vida na Terra. O mesmo milagre que faz com que ela se autorregenere [...]. A humanidade precisa de um milagre já que, de acordo com a ciência, necessitamos mudar nossos padrões de consumo até 2030 para o planeta chegar mais sadio em 2050 (Scarano, 2019, p. 13).

Trata-se, portanto, de uma regeneração como conceito de cura (pessoal, social, ambiental) e de cicatrização de todas as camadas possíveis de atuação do(s) sujeito(s), em nível mental, emocional, físico, espiritual, existencial etc. Uma regeneração que é reflexo e resultado de uma prática sensível do amor incondicional que a própria Terra nos ensina com o equilíbrio dos ecossistemas e o provimento da vida.

Na prática, uma regeneração cujos **Caminhos de (Re)Ação** podem ser praticados por qualquer pessoa segundo a sua (re)ação na realidade e nas condições em que se encontra, podendo partir dos 5Rs convencionais e se desdobrar em muitos mais como, por exemplo: Refletir, Repensar, Rever, Reagir, Recusar, Resistir, Reduzir, Reutilizar, Reciclar, Reconhecer, Restaurar, Reflorestar, Reconectar, Recriar, Reorganizar, Reconciliar, Revolucionar, Repercutir, Reverenciar, Regenerar, Responsabilizar-se...

Regenerar é o mesmo que renascer, um milagre que acontece a todo momento, todos os dias. Portanto, regeneração como visão de mundo e como estilo de vida é cosmoação. Que tal começar a praticar a regeneração nos diversos aspectos de sua vida? Esse é o convite final do Guia Parte da Gente.

Reservar um tempo em grupo para que os participantes possam dar a sua resposta sobre os acordos que entendem serem capazes de assumir consigo mesmos. Quem se sentir à vontade, compartilhar com o grupo os seus Caminhos de (Re)Ação.

EPÍLOGO

Para o encerramento da oficina, concluindo a trilha criativa e compartilhada do Guia Parte da Gente, as pessoas são convidadas para um rito de celebração do encontro, dos pactos individuais de (re)ação, das trocas e aprendizados, do afeto vivenciado coletivamente. Com isso, pretendemos evocar o cuidado, o encantamento e o amor pela vida.

A proposta do guia para coroar essa jornada é a *Teia de Gaia*, um entrelaçamento simbólico e potente entre os participantes, nutrido pela força e as mensagens das canções *Somos a Terra* e *Abraço no Planeta*. Trata-se de uma última vivência em grupo que requer uma atmosfera de silêncio, escuta, entrega e afeto. Se possível, retomar o ambiente natural onde a trilha começou. Caso contrário, apenas cultivar o silêncio e o envolvimento das pessoas na cocriação de uma atmosfera de cumplicidade fraterna.

A canção *Somos a Terra* começa quando a roda estiver formada e com as pessoas de mãos dadas.

SOMOS A TERRA

Marco Aurélio Querubim

Terra mãe
natureza
Pachamama, grande deusa
mãe nossa
generosa
casa de todos os seres

filhas e filhos da Terra

não somos donos da Terra
nós somos a Terra

filhas e filhos da Terra

em qualquer lugar onde a vida germinar
norte, sul, leste, oeste, a Terra é o lar

não sou estrangeiro na Terra

não somos donos da Terra
nós somos a Terra

filha e filhos da Terra

Terra que sente que pensa que ama que
vive que cuida que venera a Terra
nós somos a Terra



CLIQUE AQUI PARA ESCUTAR

SOMOS A TERRA

Abraço no Planeta (EMCAN TAR, 2023)

- Quando a canção começar, as pessoas fecham os olhos.
- De pé em roda, de mãos dadas e olhos fechados percebem a si mesmas, o toque da mão da outra; seu calor, sua respiração... sentindo a música, escutando os versos da canção. Esse momento tem o objetivo de iniciar uma percepção da unidade no coletivo, compartilhar uma experiência de comunidade, de interdependência.
- No centro da roda, vários cordões coloridos de algodão, cores diversas e enrolados (um cordão ou fita colorida por participante, com tamanho necessário para ligar uma pessoa a outra).
- Ao término de *Somos a Terra*, os olhos se abrem, as pessoas se olham em silêncio, se observam sentindo a energia gerada pela roda, pelas mãos, pela respiração... sempre conduzidas pelo facilitador para que a atmosfera permaneça vibrando em união e cumplicidade.
- Começa a canção *Abraço no Planeta*, um participante vai até o centro da roda, pega um rolinho de cordão colorido, escolhe alguém e em silêncio entrega uma ponta para a pessoa e volta ao seu lugar na roda. Assim, sucessivamente todos fazem o mesmo movimento se entrelaçando uns aos outros até a última pessoa receber o cordão que arremata a teia.
- Quando o canto terminar, durante o instrumental que encerra a canção, ainda em silêncio, percebendo-se parte do todo, delicadamente cada um solta a sua ponta do cordão e todos elevam os braços lateralmente, unindo-se para realizar um simbólico abraço coletivo entre si e no planeta. Em seguida, abraçam-se individualmente os que se sentirem à vontade.
- O momento final é o de testemunhos espontâneos da experiência, reflexões sobre todo o processo vivenciado, os sentimentos que emergiram, inclusive observando o que aconteceu com os cordões coloridos, unidades tecidas em um todo que também constitui uma singularidade.

ABRAÇO NO PLANETA

Marco Aurélio Querubim

dois braços se entrelaçam pra envolver outra pessoa
entoam proteção que fala perto ao coração

um abraço caloroso de carinho e de cuidado
é um raio de sol que aquece quando está gelado

um abraço mais fraterno do amor que a vida é feita
abraça como o laço no presente que se enfeita

abraço é aquele abrigo entre quem dá e quem aceita
o abraço é tão antigo quanto a vida no planeta

se acaso esse abraço entrar em risco de extinção

te dou um abraço
te dou o meu abraço
me dê um abraço
me dê o teu abraço
aquele abraço



CLIQUE AQUI PARA ESCUTAR

ABRAÇO NO PLANETA

Abraço no Planeta (EMCANTAR, 2023)



Imagens da Oficina Ecologia do Encantamento (2025). Fonte: Acervo EMCANTAR. Fotos: Gabriel Rangel.



Imagens da Oficina Ecologia do Encantamento (2025). Fonte: Acervo EMCANTAR. Fotos: Gabriel Rangel.

AMOR À VIDA E MÃOS À OBRA

O Guia *Parte da Gente* é um convite para se viver a potência dos encontros em variadas formas e intensidades, compartilhar uma jornada de aprendizados, cocriar uma história de esperança ativa. Envolvendo e multiplicando corações e mentes, pensamentos e ações por uma *Ecologia do Encantamento*, quem sabe venham a surgir novas histórias que a gente possa contar para adiar o fim do mundo?

Essa provocação de Ailton Krenak sobre adiar o fim do mundo é oportuna para desafiar cada leitor deste guia e cada participante de sua oficina a responder sobre qual história vai querer e poder contar na empreitada que compartilhamos para adiar o fim do mundo. As histórias que deram origem ao guia, contadas brevemente na Apresentação, ensinaram que produzir acontecimentos alinhados com uma cosmovisão de pertencimento, cuidado e amor pela vida multiplicam-se em novos acontecimentos que buscam adiar o fim do mundo com mais histórias para contar.

Esses acontecimentos também se nutriram de uma inquietação declarada e pulsante na dinâmica entre cosmovisão e cosmoação: *Como cuidar do que não se ama, como amar o que não se conhece?* Tal inquietação e os aprendizados dessa longa jornada favoreceram constatar e formular um pensamento com duas leituras que o reforçam: quanto mais (des)conectados, (des)cuidamos, porque (des)aprendemos a amar e a (des)conhecer como funciona o único planeta que podemos chamar de lar.

Diante disso, as palavras finais deste guia buscam colocar luz sobre algum esboço objetivo de resposta capaz de reunir ciência e sabedoria ancestral, esperança e ação. Segundo o cientista e divulgador da ciência Antonio Nobre, existe um amor incondicional na natureza⁸:

[...] a Terra é um planeta vivo, um planeta autorregulado, e essa relação de regulação e estabilidade ao longo de bilhões de anos só tem uma explicação, chama-se vida. [...] a vida regula o sistema planetário de maneira incrivelmente complexa. [...] muitos pesquisadores estão mostrando que existe um amor incondicional na natureza, essa é a linha mestra de funcionamento do sistema natural, é cuidar do próximo. [...] quando sobrevém na natureza uma estrutura de egoísmo, o sistema é doente, terminal. [...] Quando o sistema está saudável é amor incondicional, essa é a maior força que existe no universo. [...] temos que aproveitar esse momento para colocar diante da consciência coletiva essa percepção nova para a ciência e que é um saber ancestral para os indígenas: na natureza impera a colaboração. Sem colaboração não existe complexidade. E complexidade é a base e essência para a nossa existência. Sem a complexidade não existe um sistema autorregulado. E a complexidade só existe através da colaboração.

Mais que um esboço, a resposta se escancara, portanto, na própria natureza e naqueles que aprenderam ou são capazes de aprender tais saberes, tão ancestrais quanto a própria vida no planeta. Cultivar e difundir esse conhecimento é agir a favor das regulações naturais; é entrar em colaboração com a vida em sua diversidade biológica, étnica e cultural; é desenvolver o senso de pertencimento à comunidade da vida; é sentir o amor incondicional da própria vida nos ensinando a saber cuidar. E o gesto do cuidado se conjuga na ação: amor à vida e mãos à obra!



EMCANTAR | OFICINA ECOLOGIA DO ENCANTAMENTO

CLIQUE NA IMAGEM PARA ASSISTIR

⁸ Transcrição de trecho da fala do cientista Antonio Nobre em um dos conteúdos audiovisuais do Selvagem – Ciclo de Estudos (2019), mais um dos vídeos recomendados para o enriquecimento de quem se propõe a facilitar a aplicação do guia ou a realizar a trilha individualmente.



Álbuns musicais, livros e produções audiovisuais do Grupo EMCANTAR, envolvendo crianças, jovens e educadores participantes de projetos artísticos e educacionais do EMCANTAR Social entre 1999 e 2024. Em sua maioria, esses conteúdos estão disponíveis nas plataformas de streaming e/ou no canal do EMCANTAR no YouTube.

PARA SABER MAIS

Conheça a Cia. Cultural EMCANTAR

<https://www.youtube.com/watch?v=5o69ITB6-6s&t=47s>

Audiobook Pedagogia do Encantamento

<https://www.youtube.com/watch?v=7ZCd0VVGwDU&t=226s>

Álbum Musical Abraço no Planeta

<https://www.youtube.com/watch?v=bCmMkS6fBTo&list=PLowKZvE32vAJLUTZvgPEStKC RaYz fYHyc>

Espectáculo Musical Abraço no Planeta

<https://www.youtube.com/watch?v=LzGoTYI2xCk>

A Carta da Terra

<https://cartadaterrainternacional.org/sobre-nos/>

Artigos da publicação Educação Interdimensional – uma Paideia para o Século XXI

Desafios para a nova educação face à atual situação do mundo - Leonardo Boff

O artigo propõe incorporar à educação uma visão biofílica e ecocêntrica em favor da vida e do planeta.

Virtudes a serviço de quê? - Marco Aurélio Querubim

O artigo traz 7 dimensões de propósitos que favorecem identificar caminhos individuais de (re)ação.

Por uma nova educação que nos leve ao encantamento e ao amor pela vida - Suzana Padua

O artigo reflete sobre a potencialidade individual de transformar realidades para melhorias coletivas.

Educação e Ética Biofílica - Antonio Carlos Gomes da Costa

O artigo apresenta conceitos que definem valores, sentimentos e relações sobre o homem consigo mesmo, com o próximo e com o ecossistema.

<https://iamar.org.br/wp-content/uploads/2024/01/revista-seminario-educacao-interdimensional-versao-digital.pdf>

Rompendo Barreiras: nosso planeta [Documentário] – Netflix

<https://www.netflix.com/br/title/81336476>

Antonio Donato Nobre no Selvagem ciclo 2019

https://www.youtube.com/watch?v=Nhom_vWVFos

O DNA e o universo dentro de si - Antonio Nobre - MIRADOR GALÁCTICO - SOL

<https://www.youtube.com/watch?v=Hp2KMQwzrOs&t=147s>

OBRAS MENCIONADAS NO GUIA E NO ANEXO

9 LIMITES mantém equilíbrio da Terra; veja 4 já ultrapassados. BBC News Brasil, 13 nov. 2021. 1 vídeo (9min). Publicado pelo canal BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Asnoldh719s&t=330s>. Acesso em: 18 jul. 2025.

A NATUREZA está Falando. Maria Bethânia é a Mãe Natureza. Intérprete: Maria Bethânia. [S.l.]: Conservação Internacional, 2015. 1 vídeo (1min56seg). Publicado pelo canal CONSERVAÇÃO Internacional. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Uq6brcVVh6Y&list=PLX05YXpz2n2gAmYwYsBM8wQNDmD_cKReu&index=6. Acesso em: 24 jul. 2025.

ABRAÇO no Planeta - Íntegra em Uberaba - MG. Uberaba, 23 dez. 2024. 1 vídeo (1h13min47seg). Publicado pelo canal EMCANTAR Cia Cultural, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JzGoTYl2xCh>. Acesso em: 06 ago. 2025.

ABRAÇO no Planeta. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. Dist: Tratore. Produtores: Carlim Ribeiro, Enzo Banzo. 48 minutos. Uberlândia: EMCANTAR, 2023. Música digital.

ABRAÇO no Planeta. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. In: ABRAÇO no Planeta. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Dist: Tratore. Produtor: Carlim Ribeiro. 48 minutos. Uberlândia: EMCANTAR, 2023. Faixa 5. Música digital.

ANTONIO Donato Nobre no Selvagem ciclo 2019. [S.l.]: Selvagem, 16 dez. 2019. 1 vídeo (28 min). Publicado pelo canal SELVAGEM ciclo de estudos sobre a vida. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Nhom_vWVFos. Acesso em: 12 ago. 2025.

BOTA reparo nisso. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. In: ABRAÇO no Planeta. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. Dist: Tratore. Produtor: Carlim Ribeiro. 48 minutos. Uberlândia: EMCANTAR, 2023. Música digital.

BRANCO, Paulo Durval. É possível unir lucro e impacto positivo no planeta? In: SCARANO, Fabio Rubio. (Ed. convidado). **O Capitalismo Pode Ser Sustentável?** - Coleção Pensando Amanhã. Vol. 2. Museu do Amanhã. Disponível em: <https://museu-do-amanha.s3.sa-east-1.amazonaws.com/f76fe9770949fd7b87d8ce13c23d35c2.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2025.

CALLICOTT, Baird J. Cap. 4. In: GROOM, Martha J.; MEFFE, Gary K.; CARROLL, C. Ronald. **Principles of Conservation Biology**, 3rd Edition. Sunderland, MA: Sinauer Associates Inc, 2005.

CANTAUÊ. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. In: ABRAÇO no Planeta. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. Dist: Tratore. Produtor: Carlim Ribeiro. 48 minutos. Uberlândia: EMCANTAR, 2023. Música digital.

CAPRA, Fritjof. Falando a linguagem da natureza: Princípios da sustentabilidade. In: STONE, Michael K.; BARLOW, Zenobia. (Orgs.) **Alfabetização Ecológica: A educação das crianças para um mundo sustentável**. Trad. Carmen Fischer. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARNEIRO, Beatriz. Existe futuro após o desenvolvimento? In: SCARANO, Fabio Rubio. (Ed. convidado). **O Capitalismo Pode Ser Sustentável?** - Coleção Pensando Amanhã. Vol. 2. Museu do Amanhã. Disponível em: <https://museu-do-amanha.s3.sa-east-1.amazonaws.com/f76fe9770949fd7b87d8ce13c23d35c2.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2025.

FLECHA I. A Serpente e a Canoa. Direção artística, texto e pesquisa: Anna Dantes. Narração: Ailton Krenak. Narração introdução: Daiara Tukano. Produção: Madeleine Deschamps. [S.l.]: Selvagem, 11 maio 2021. 1 vídeo (16 min.). Publicado pelo canal SELVAGEM ciclo de estudos sobre a vida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cfroy5JTcy4>. Acesso em: 20 maio 2025.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2020.

LEILÃO de Jardim II. Autora: Cecília Meireles. Intérprete: Diana Pequeno. In: Anjos Da Terra / Dercio Marques. Manaus: Sonopress-Rimo da Amazônia Indústria e Comércio Fonográfica Ltda., 1991. 1 CD. Publicado pelo canal POEMIA em 6 abr. de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9-IsYxvILrM>. Acesso em: 03 ago. 2025.

LEOPOLD, Aldo. **A Sand County Almanac**. Oxford: Oxford University Press, 1949.

LEOPOLD, Aldo. **Pensar como uma montanha**. Portugal: Ed. Sempre-em-pé, 2008. Coleção Terra e Gente.

MAIA, Andreza. Quem constrói o futuro rumo ao desenvolvimento sustentável? In: SCARANO, Fabio Rubio. (Ed. convidado). **O Capitalismo Pode Ser Sustentável?** – Coleção Pensando Amanhã. Vol. 2. Museu do Amanhã. Disponível em: <https://museu-do-amanha.s3.sa-east-1.amazonaws.com/f76fe9770949fd7b87d8ce13c23d35c2.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2025.

MUTIRÃO. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Produtores: Marco Aurélio Querubim, Ênio Bernardes, Carlim Ribeiro. Uberlândia: EMCANTAR, 2003. 1 CD.

O CASAMENTO da Vida com o Sol. Direção: Anna Dantes. Narração: Marcelo Gleiser. Produção: Madeleine Deschamps. [S.l.]: Selvagem, 25 set. 2024. 1 vídeo (12min42seg). Publicado pelo canal SELVAGEM ciclo de estudos sobre a vida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IrPGWsBS-5Q>. Acesso em: 25 maio. 2025.

OFICINA Ecologia do Encantamento. Uberlândia, 09 jul. 2025. 1 vídeo (3min16seg). Publicado pelo canal EMCANTAR Cia Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sFBXrLzd0tY>. Acesso em: 08 ago. 2025.

PARTE da Gente. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. Produtores: Marco Aurélio Querubim, Ênio Bernardes, Carlim Ribeiro. In: MUTIRÃO. Uberlândia: EMCANTAR, 2003. 1 CD.

QUERUBIM, Marco Aurélio [Marco Aurélio Faria Coelho]. **Ecologia do Encantamento**: de Canções com Crianças ao Abraço no Planeta. Dissertação (Mestrado em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável) - ESCAS - Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade / IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas, Nazaré Paulista, 2025.

QUERUBIM, Marco Aurélio [Marco Aurélio Faria Coelho]. **Pedagogia do Encantamento**: Vivência e Criação Artística / Cultura do Brincar. Uberlândia: EMCANTAR, 2020.

QUERUBIM, Marco Aurélio [Marco Aurélio Faria Coelho]. **Pedagogia do Encantamento**: Vivência e Criação Artística / Cultura do Brincar. Ledores: Rafael Michalichem e Ana Lopez. Audiobook. Uberlândia: EMCANTAR Cia. Cultural, 2022. 1 vídeo (2h41min20seg). Publicado pelo canal EMCANTAR Cia. Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7ZCd0VVgWdU&t=19s>. Acesso em: 15 maio 2025.

RICHARDSON, Katherine et al. Earth beyond six of nine planetary boundaries. © 2023. AAAS. **American Association for the Advancement of Science**. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/sciadv.adh2458>. Acesso em: 03 mar. 2025.

ROMPENDO Barreiras: nosso planeta. [Documentário]. Direção: Jonathan Clay, Produção: All3Media. Netflix, 2021. 1h 13m. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81336476>. Acesso em: 04 mar. 2025.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SCARANO, Fabio (Org.). **O capitalismo pode ser sustentável?** e outras perguntas sobre o futuro da sustentabilidade. E-book. Rio de Janeiro: Museu do Amanhã / Instituto de Desenvolvimento e Gestão – IDG, 2023. (Pensando amanhã 2). Disponível em: <https://museu-do-amanha.s3.sa-east-1.amazonaws.com/f76fe9770949fd7b87d8ce13c23d35c2.pdf>. Acesso em: 15 maio 2025.

SCARANO, Fabio Rubio. Pode o capitalismo ser sustentável? In: SCARANO, Fabio Rubio. (Ed. convidado). **O Capitalismo Pode Ser Sustentável?** - Coleção Pensando Amanhã. Vol. 2. Museu do Amanhã. Disponível em: <https://museu-do-amanha.s3.sa-east-1.amazonaws.com/f76fe9770949fd7b87d8ce13c23d35c2.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2025.

SCARANO, Fabio Rubio. **Regenerantes de Gaia**. Rio de Janeiro: Dantes Ed., 2019. (Desenhos de Lua Kali).

SELVAGEM. **A Serpente e a Canoa** – Flecha 1. Caderno [S.l.]: Dantes Editora Biosfera, 2021. Disponível em: https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2021/05/CADERNO_23_SERPENTE_CANOA-2.pdf. Acesso em: 15 ago. 2025.

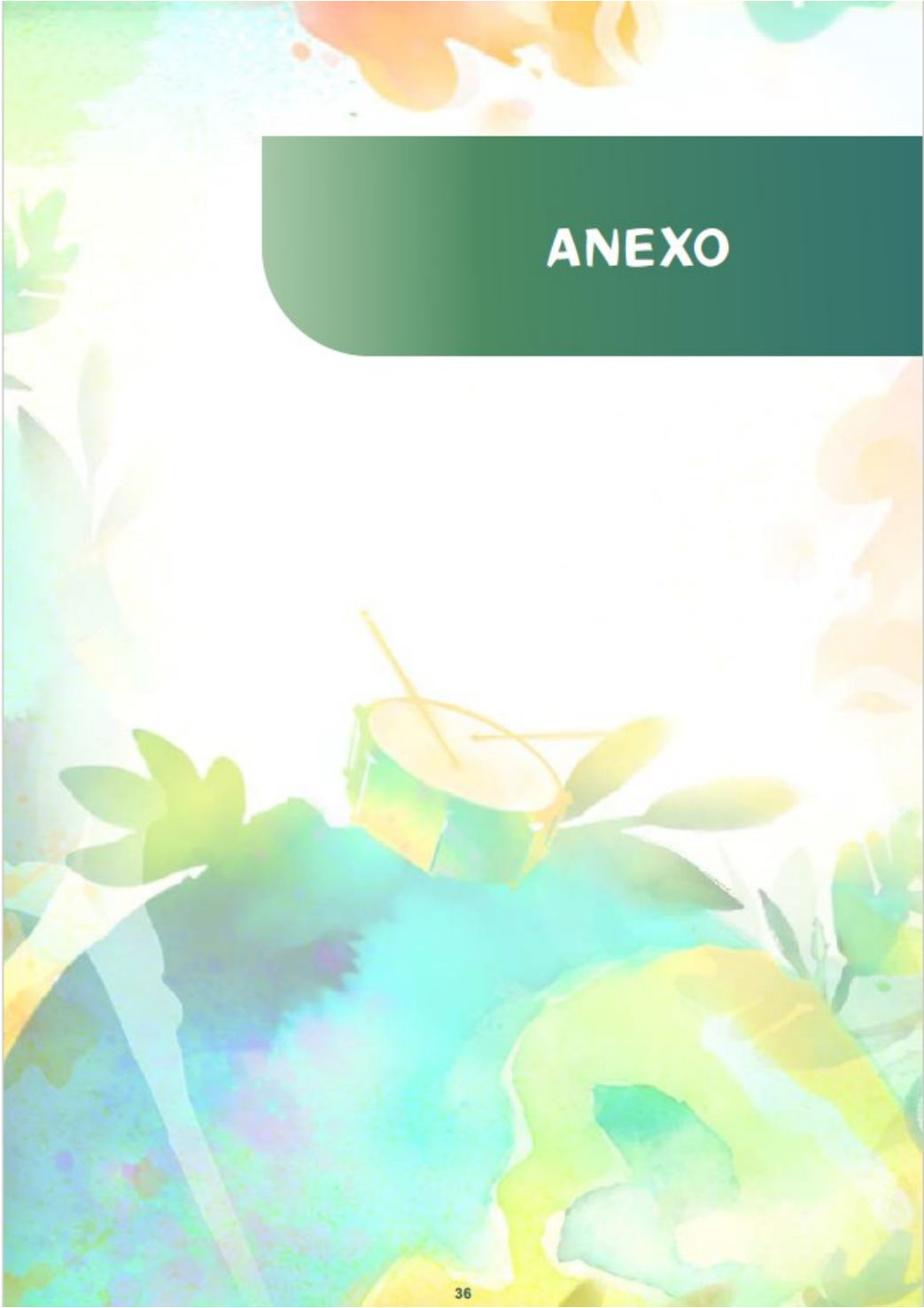
SELVAGEM. **Cadernos**. [2021?]. Disponível em: <https://selvagemciclo.org.br/cadernos/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

SOMOS a Terra. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. In: **ABRAÇO no Planeta**. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. Dist: Tratore. Produtores: Carlim Ribeiro, Enzo Banzo. 48 minutos. Uberlândia: EMCANTAR, 2023. Música digital.

STONE, Michael K.; BARLOW, Zenobia. (Orgs.) **Alfabetização Ecológica**: A educação das crianças para um mundo sustentável. Trad. Carmen Fischer. São Paulo: Cultrix, 2006.

UM PINGUINHO de gente. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. In: **ABRAÇO no Planeta**. Intérprete: Grupo EMCANTAR. Compositor: Marco Aurélio Querubim. Dist: Tratore. Produtores: Carlim Ribeiro, Enzo Banzo. 48 minutos. Uberlândia: EMCANTAR, 2023. Música digital.

VELOSO, Caetano. Canto do Povo de Um Lugar. Intérprete: Caetano Veloso. In: **Joia**. Gravadora: Philips, 1975, 1 LP, Lado A, faixa 1.

A watercolor illustration featuring a green and yellow drum with two drumsticks, surrounded by various green leaves and plants. The background is a mix of light green, yellow, and blue washes. A dark green rounded rectangle is positioned in the upper right corner, containing the word 'ANEXO' in white capital letters.

ANEXO

TEMA 1: ANTROPOCENO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

[...] trago para a nossa conversa um termo ainda não consagrado pela ciência, mas considerado como se o fosse por um número crescente de pesquisadores, educadores e ativistas da temática de sustentabilidade. Trata-se do **Antropoceno**, uma nova época geológica que sucede ao Holoceno. Este último ainda é reconhecido oficialmente como a época que vivemos hoje, que se caracterizou por certa estabilidade geológica e ecológica (há 11.500 anos), o que viabilizou a agricultura, o estabelecimento das cidades e, para o bem e para o mal, a ocupação quase total do planeta pela espécie humana. O Antropoceno se apresenta como a “Época dos Humanos”. Esse mamífero ganhou força geológica a ponto de colocar em risco a estabilidade dos subsistemas que garantem o equilíbrio do planeta, entre eles a regulação do clima e dos fluxos biogeoquímicos – termo utilizado para denominar os movimentos de elementos químicos como o nitrogênio e o fósforo – entre os organismos vivos e o ambiente. Quanto ao seu início, muitos dos defensores dessa nova época geológica acreditam ser meados do século XX, também conhecido como Grande Aceleração. Esse período, que sucede à Segunda Guerra Mundial, é marcado por explosão demográfica, industrialização crescente, incremento vertiginoso do PIB (Produto Interno Bruto) global, aumento do consumo de água e de fertilizantes de origem fóssil, além de outros resultados causados pela atividade humana. Não por acaso, também é nessa época que se consolida o poder econômico e, consequentemente, a capacidade de impacto e influência das empresas sobre a sociedade em geral e o meio ambiente. Daí trazemos o Antropoceno para o início da nossa conversa. Até porque é nele que emerge o que muitos têm chamado de primeira grande utopia desse período: o desenvolvimento sustentável. (Trecho Cap. 3, p. 37, Branco; grifo nosso)

[...] **desenvolvimento sustentável** é um caminho que busca conciliar o crescimento econômico com a preservação do meio ambiente e o bem-estar social. É uma abordagem que reconhece que os recursos naturais são finitos e precisam ser utilizados de forma responsável, garantindo que as gerações futuras também tenham acesso a eles. Basicamente, trata-se de entender como podemos vivenciar o presente e, ainda assim, garantir que existirá um futuro. Um dos principais pilares do desenvolvimento sustentável é a preservação do meio ambiente. Independentemente da sua idade, do nível de experiência profissional ou da posição corporativa, você já deve ter ouvido falar de efeito estufa, água como recurso finito ou impacto ambiental. A palavra preservação nunca esteve tão em alta. Sendo assim, é urgente adotarmos medidas para reduzir as emissões dos gases de efeito estufa, proteger as florestas, conservar a biodiversidade e cuidar dos oceanos. (Trecho Cap. 1, p. 17, Maia; grifo nosso)

[...] A ciência ecológica nos ensina que existem diversos tipos de relação entre espécies e entre os indivíduos de uma mesma espécie. Tais relações podem ser de três grandes tipos: positivas (como a cooperação, o cuidado, o mutualismo), negativas (como a competição, a predação, o parasitismo) e neutras (quando o modo de vida de um dado organismo ou uma dada espécie não é afetado por outro dado organismo ou outra espécie). Contudo, para a longevidade de qualquer comunidade multiespécies, seja ela local ou planetária, o saldo dessas relações precisa necessariamente ser positivo para que essa comunidade possa se perenizar. Como já vimos, nosso saldo anda tão negativo que tem até nome: Antropoceno. A vaidade humana nos fez esquecer que a natureza não é algo que está sob o nosso controle. Somos só mais uma parte dela. Parece que não percebemos também que a natureza impõe limites. (Trecho Cap. 5, p. 69, Scarano)

TEMA 2: GOVERNANÇA E FRENTES DE AÇÃO

Nós podemos – e devemos – exercer uma boa **governança na vida pessoal**. Isso significa tomar decisões responsáveis e éticas, agindo de forma íntegra em nossas relações pessoais e profissionais. [...] Entendo que algo importante a se considerar é que ninguém faz mudança sozinho e que cada indivíduo, empresa e governo tem um papel crucial a desempenhar na busca por um futuro mais sustentável. A seguir, trago o que acredito serem as **principais frentes** em que precisamos pensar quando discutimos desenvolvimento sustentável:

1. Cidadãos: pequenas ações, quando somadas, têm um grande impacto. Podemos adotar práticas simples, como economizar energia em casa, reduzir o desperdício de alimentos, usar transporte público ou bicicleta sempre que possível e separar o lixo orgânico dos materiais recicláveis. Além disso, podemos apoiar iniciativas e projetos que promovam a sustentabilidade em nossa comunidade.

2. Consumidores conscientes: nossas escolhas como consumidores também têm um poderoso efeito sobre o desenvolvimento sustentável. Ao optar por produtos e serviços de empresas que se preocupam com o meio ambiente e a responsabilidade social, estamos incentivando práticas mais sustentáveis na indústria.

3. Empresas: as empresas têm um papel fundamental na transição para um modelo econômico mais sustentável. Elas podem adotar práticas de produção e gestão mais sustentáveis, reduzindo seu impacto ambiental, buscando eficiência energética, promovendo a reciclagem e a reutilização de materiais, e investindo em tecnologias limpas. Além disso, as empresas podem incorporar políticas de responsabilidade social, garantindo condições de trabalho justas, promovendo a diversidade, a inclusão e apoiando a comunidade local.

4. Governos: os governos são essenciais na criação de políticas e regulamentações que incentivem e orientem a adoção de práticas sustentáveis. Eles podem estabelecer metas ambiciosas para redução de emissões de gases de efeito estufa, promover o uso de energias renováveis, criar incentivos fiscais para empresas sustentáveis e implementar programas de educação ambiental. Além disso, é responsabilidade dos governos garantir que as leis sejam cumpridas e que haja uma fiscalização adequada para evitar práticas prejudiciais ao meio ambiente e à sociedade.

5. Educação e conscientização: a educação representa um elemento-chave na construção de uma sociedade mais consciente e comprometida com o desenvolvimento sustentável. É importante promover a educação ambiental desde os primeiros anos escolares, capacitando as novas gerações a entender a importância da sustentabilidade e adotar práticas responsáveis em suas vidas.

Em meio a todas essas reflexões e compreensões, somos levados de volta à questão central: futuro para quem? Se todos nós – como cidadãos, consumidores, empresas, governos e educadores – somos partes fundamentais desse complexo ecossistema de desenvolvimento sustentável, então é essencial que sejamos também guardiões vigilantes da diversidade e inclusão. Que tipo de futuro estamos construindo se não garantirmos espaço para todos? Se não reconhecermos e celebrarmos todas as vozes, os talentos, os sonhos e as aspirações? Desenvolvimento sustentável que não incorpora a diversidade e a inclusão é, na verdade, insustentável.

Portanto, enquanto avançamos nesta trilha, cabe a cada um de nós questionar: estamos construindo um futuro equitativo e inclusivo para todos? Ou estamos, inadvertidamente, reservando o futuro apenas para alguns? A escolha, e a responsabilidade, está em nossas mãos. E agora, qual será a sua decisão? (Trechos Cap. 1, p. 20, Maia; grifos nossos)

TEMA 3: VISÃO SISTÊMICA, VALORES, CONCEITOS E PRÁTICAS

[...] Modelos mentais (mentalidade): certamente a dimensão que fundamenta todas as demais mudanças necessárias. Aqui estamos falando da necessidade de ampliar nossos paradigmas de percepção da realidade. De uma visão de mundo reducionista e fragmentada, que nos separa de nós mesmos, dos outros e da natureza, precisamos migrar para uma visão sistêmica e integradora, que nos permita lidar com um mundo cada vez mais complexo e interdependente, além de nos fazer sentir verdadeiramente parte da teia da vida. (Trecho Cap. 3, p. 45, Branco)

[...] apenas uma visão sistêmica do planeta pode superar o pensamento e as práticas desenvolvimentistas da modernidade. Desde a década de 1990, o pós-desenvolvimento é elaborado a muitas mãos, com grandes contribuições de pesquisadores de todo o mundo, e a pluralidade de visões tornou-se central para o amadurecimento do conceito. [...] alguns valores são centrais e/ou indispensáveis para o pós-desenvolvimento. Entre eles é possível destacar: diversidade, autonomia e independência, solidariedade e reciprocidade, ética coletiva, valorização da relação intrínseca entre humanidade e o restante da natureza, simplicidade, dignidade e inclusão, justiça e equidade, direitos e responsabilidades, sustentabilidade ecológica e não violência. Por meio do pós-desenvolvimento surge ainda uma sensibilidade antiautoritária e não hierárquica que permite que configurações humanas coletivas imensamente variadas possam existir – muitas das quais não seriam alcançadas por intervenções “de cima para baixo” que não costumam ser associadas ao desenvolvimento e suas diferentes “embalagens”. Práticas pós-desenvolvimentistas podem ter origem em diferentes movimentos e filosofias, inseridos em contextos geográficos e políticos diversos, mas existem duas linhas de pensamento predominantes nas quais essas práticas e visões podem ser classificadas. São elas:

1) a renovação de cosmovisões originárias de populações ancestrais e indígenas – visões e práticas tradicionais;

2) os conceitos que vêm de movimentos socioambientais recentes. Por exemplo, o muito discutido *buen vivir* (“bem viver” em português) é conhecido como o alcance coletivo de uma vida plena ou da vida em plenitude, baseada nas relações harmoniosas com toda a natureza. Sua origem são as populações ancestrais andinas, e ele já foi reformulado diversas vezes de acordo com os discursos políticos nos quais é utilizado.

Por outro lado, o conceito de **decrecimento** (*degrowth*), que significa diminuir a produção e o consumo para melhorar o bem-estar humano e as condições ecológicas, tem ganhado força na Europa, principalmente por meio de manifestações sociais. Existem outros movimentos que estão surgindo e/ou ressurgindo. O **ubuntu** (vindo da África subsaariana) enfatiza tanto a condição de ser humano quanto o processo de se tornar humano. É uma filosofia que sugere que a humanidade de cada pessoa é idealmente expressa na sua relação com os outros. Já o **ecofeminismo**, vindo do Norte global, resalta as conexões históricas, materiais e ideológicas entre a opressão da mulher e a dominação da natureza, se posicionando em favor da libertação de todos em relação às consequências do patriarcado. A **ecologia profunda**, por outro lado, entende a humanidade como parte integrante e inseparável da natureza, desafiando a visão antropocêntrica, ou seja, aquela que considera o ser humano o elemento central do universo. A **Felicidade Interna Bruta (FIB)**, praticada em Butão, surge como resistência ao neoliberalismo e propõe uma abordagem multidimensional de desenvolvimento que busca alcançar o equilíbrio harmonioso entre bem-estar material e as necessidades espirituais, emocionais e culturais da sociedade.

A busca por alternativas pós-desenvolvimentistas nada mais é que a busca pelo bem-estar planetário, ou seja, pela oportunidade para humanos e não humanos terem seus desejos satisfeitos agora e no futuro, privilegiando a reintegração do ser humano com o resto da natureza – assim como consigo mesmo.

O entendimento de que não temos um único futuro nos ajuda a estar abertos a novidades, reforçando a crença na imaginação coletiva de que outras possibilidades existam. Será cada vez mais necessário ampliar os diálogos para a criação do chamado pluriverso (um mundo no qual caibam muitos mundos). (Trechos Cap. 4, p. 52, Carneiro; grifos nossos)

TEMA 4: CUIDADO, DIÁLOGO E UTOPIA

[...] Da discussão até aqui, três palavras emergiram para mim como uma “cola” que conecta todos esses assuntos: cuidado, diálogo e utopia. No latim, nos lembra Leonardo Boff, *sustentare* significa cuidado. A vida requer cuidado. Uma vez que tudo está interconectado, a vida é por definição interdependente. Vidas dependem de vidas. Para a vida ser sustentável, é preciso ter cuidado com o mundo: com os elementos humanos e não humanos, vivos e não vivos da natureza. Isso significa uma ética do cuidado com o outro (pessoas ou não) e conosco. Assim, qualquer regime político-econômico, seja o capitalismo ou qualquer outro, estará fadado ao fracasso se a ética do cuidado não estiver presente.

[...] O futuro está dentro de nós, e é a imaginação que o ativa. Se o peso do presente limitar a nossa imaginação, o futuro terá sido colonizado, e mudanças desejáveis não emergirão. Como dizia Gandhi, precisamos ser a mudança que queremos ver no mundo. Se queremos que aflore uma ética do cuidado, devemos ser cuidadosos com o mundo.

[...] Pala-se em diversas transições – energética, verde, econômica e sustentável. Contudo, acredito que se não fizermos uma transição de comportamento e espiritual, nenhuma dessas outras transições poderá ser justa. O lado bom dessa constatação é que a mudança está ao nosso alcance, porque efetivamente começa em nós. Se cotidianamente nos pautarmos por uma ética do cuidado – com quem vive, com as memórias e com quem ainda não nasceu, seja humano ou não –, será que o capitalismo se tornaria sustentável? Talvez a melhor pergunta seria: se nos tornarmos pessoas melhores, mais cuidadosas e amorosas, faria diferença sob qual regime político-econômico estamos vivendo?

A vaidade humana nos fez esquecer que a natureza não é algo que está sob o nosso controle. Somos só mais uma parte dela. Parece que não percebemos também que a natureza impõe limites. Não precisamos abraçar uma onça, mas é nossa responsabilidade respeitar seu espaço e modo de vida para que possamos coexistir. Ninguém deveria viver numa cultura que não seja a sua, ou que não seja apreciada, ou a contragosto. Então, precisamos encontrar meios que possibilitem que diferentes culturas coexistam, sem que um modo de vida implique apagamento dos demais. Para traçar tais limites é necessário diálogo.

[...] O espírito do diálogo aqui proposto teria mais a ver com a dialética de Platão: uma terapia para a alma que leva ao conhecimento, superando a ignorância patológica. Esse seria um estado de descoberta, de curiosidade e acolhimento ao “outro”, às diferenças – que não precisam se homogeneizar numa síntese, mas sim coexistir, em respeito e admiração mútuos.

Num mundo constantemente imerso em guerras e violência, “cuidado” e “diálogo” parecem ser desejos utópicos. Sendo que “utopia” é a terceira palavra-cola desse texto. Nos dias de hoje, essa palavra frequentemente remete a ilusão, sonho, ingenuidade até, mas com uma conotação negativa: como algo desconectado da “realidade possível”.

Desejar um mundo melhor para todos os seres, humanos e não humanos, ainda é a maior utopia de todas. Esse desejo, porém, pode assumir um caráter pragmático, cotidiano: todo dia, ao acordar, podemos seguir a resolução de sermos um pouco melhores que ontem e, além disso, tentarmos contagiar outras pessoas com essa disposição. Utopia, portanto, não é um ato passivo, mas algo que se nutre de uma esperança ativa. Uma fé na vida. Sei que é difícil, mas tenho a impressão de que se conseguirmos abraçar essa atitude diariamente, a vida será mais sustentável, com ou sem o capitalismo. (Trechos Cap. 5, p. 60, Scarano)



www.emcantar.org

